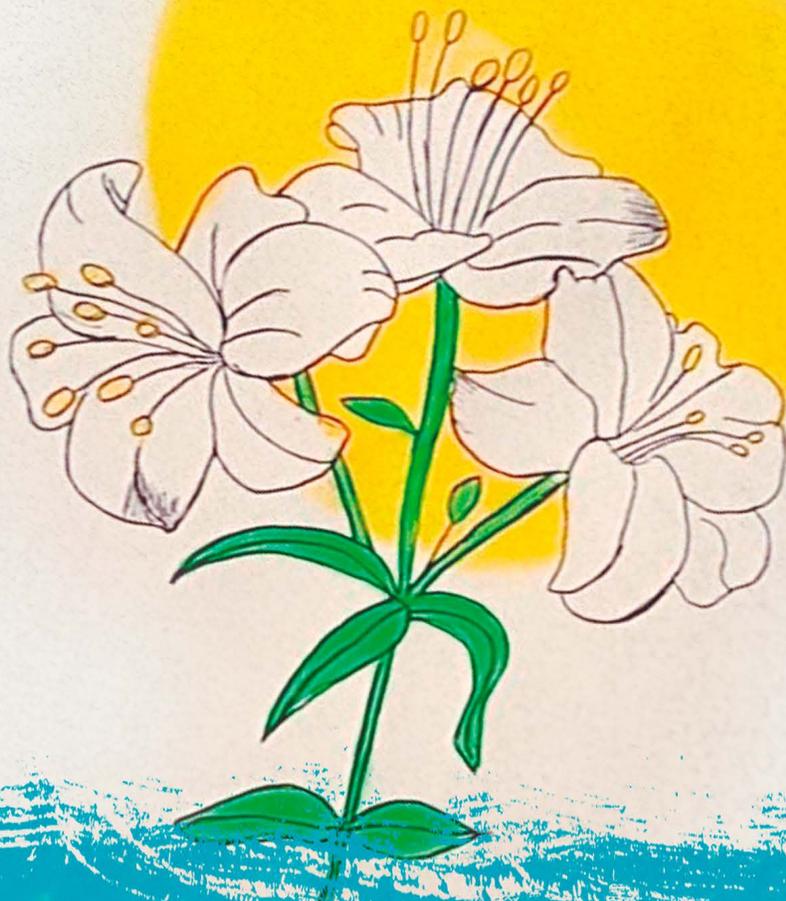


LITERATURA EM PANDEMIA

Epos - Cronos e Estações Brasil



Org.

Kátia Cilene Silva Santos Conceição
Jean Marcel Oliveira Araújo



Pedro & João
editores

LITERATURA EM PANDEMIAS

Epos-Cronos e Estações Brasil



Pedro & João
editores

Kátia Cilene Silva Santos Conceição
Jean Marcel Oliveira Araújo
(Organizadores)

LITERATURA EM PANDEMIA

Epos-Cronos e Estações Brasil



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Kátia Cilene Silva Santos Conceição; Jean Marcel Oliveira Araújo [Orgs.]

Literatura em pandemia. Epos-Cronos e Estações Brasil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 539p.

ISBN: 978-65-5869-283-6 [Impresso]

978-65-5869-284-3 [Digital]

1. Literatura. 2. Pandemia. 3. Projeto NEPLLI. 4. IFPR/Palmas. 5. Escrita criativa. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design com desenho de Janaina Camargo Roncen

Fotos: Luciano Barfknecht

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Este livro foi idealizado em homenagem a todos aqueles que sucumbiram à ferocidade do Corona Vírus, SARS Covid-2.

Sumário

PREFÁCIO.....	23
UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO.....	23
Flávia Aninger de Barros.....	23
APRESENTAÇÃO	28
Literatura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil.....	28
Kátia Cilene S. S. Conceição.....	28
Jean Marcel Oliveira Araújo	28
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS.....	36
PARTE I	37
EPOS-CRONOS.....	37
CAPÍTULO I.....	39
CRÔNICAS DA VIDA (EXTRA) ORDINÁRIA.....	39
PREFÁCIO.....	41
Aline Cristina de Oliveira	41
A coisa.....	45
Suzete Verginia de Souza Reiter (Palmas-PR).....	45
A crônica pandemia.....	47
Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS)	47
A gaiola.....	51
Silvana da Silva Spíndola (Porto Alegre-RS).....	51
Aglomeração.....	52
Ricardo França de Gusmão (Rio de Janeiro-RJ).....	52
Andar pelo Rio.....	55
Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG).....	55

COVID-19: ou "nos encontramos", ou estaremos "perdidos"!	58
Cleusa Piovesan (Capanema-PR)	58
Dias melhores sempre virão	61
Diego Roberto da Silva Apulinario (Palmas/PR)	61
Diálogos à beira do “coma”	65
Celso Lopes (São Paulo – SP)	65
Dois lados e o final.....	67
Suelen Catarina Duarte dos Santos (Clevelândia-PR).....	67
Ela entendeu.....	70
Jéssica Karina Kalsing (Planalto-PR).....	70
Facções da crise	72
Jefferson Reis (Salvador-BA).....	72
Fast Food	74
Matheus Zucato Robert (Monte Sião-MG).....	74
Figurações de um novo tempo.....	76
Jeniffer Yara Jesus da Silva (Belém-PA)	76
<i>Flash</i> do cotidiano em um lar socialmente isolado	79
Evandro Valentim de Melo (Brasília-DF)	79
Foi preciso um vírus.....	81
Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)	81
Humanidade	83
Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)	83
Incertezas	85
Renato José de Oliveira (Renato Massari – Rio de Janeiro-RJ).....	85
Invisível à humanidade.....	88
Vitória de Lara Trevizan (Capanema-PR).....	88
Liberdade Mais Igualdade	89

José Eduardo da Costa Pereira Brum (Juiz de Fora-MG)	89
Marie Kondo Mágica!	91
Soeli Tiegs (Curitiba-PR)	91
Namoro normal e comum em uma pandemia.....	93
Sarah de Campos de Macedo Costa (São Gonçalo-RJ).....	93
Não sei se dou um like, ou compartilho!.....	95
Luiz Renato de Souza Pinto (Cuiabá-MT)	95
O Beijo	100
Antonio Rogério Cazzali (Santo André-SP)	100
O vendedor.....	103
Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)	103
Ode ao Repúdio	104
Ricardo Lacava Bailone (São Carlos – SP)	104
Otimismo	106
Jeane Tertuliano da Silva (Campo Alegre-AL).....	106
Outros tempos.....	108
Maria Fernanda Socovoski Ferragem (Realeza-PR).....	108
Pôr do Sol.....	109
Guilherme Palmeiras Brasil (São Paulo-SP)	109
Presente de pombo	112
Pedro Panhoca da Silva (Americana-SP).....	112
Pressentimento de mãe	115
Kátia Cilene Silva Santos Conceição (Palmas-PR)	115
Quanto Custa Um Chafariz?	117
Edson Amaro de Souza (São Gonçalo-RJ).....	117
Quarentena	119
Francisco Carlos Rocha Fernandes (São José dos Campos-SP).....	119

Recomeço	122
Alex Alexandre da Rosa (Jundiaí-SP)	122
Reticências.....	125
Maira Bastos dos Santos (São Paulo-SP)	125
Sem fim à vista	128
Gabrieli Ribeiro de Lima (Palmas-PR)	128
Solidarização face aos augúrios.....	129
Márcia da Silva Martins (Niterói-RJ)	129
#SomosTodosTartarugas	133
Rafael Duarte Caputo (Curitiba-PR).....	133
Tempos difíceis.....	137
Mônica da Silva Costa (Jacarezinho-PR)	137
Um belo anel	140
Marcos Antonio Campos (Natal-RN)	140
Uma questão de aproveitar o tempo	142
Ana Julia Graeff de Souza (Palmas-PR).....	142
Uni duni tê	143
Rhayssa Isabelle Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)	143
Viver e sonhar em tempos de pandemia	144
Ronaldo Dória dos Santos Júnior (Sepetiba-RJ).....	144
CAPÍTULO II.....	147
EPOS-CRONOS: ARTE COMO NECESSIDADE	147
PREFÁCIO.....	149
Alana Freitas El Fahl.....	149
A fotografia.....	153
Guilherme Giublin (Curitiba-PR)	153
A hora fatídica	156

Josafá Paulino de Lima – Josafá de Orós (Campina Grande-PB) ..	156
A mídia e a informação.....	157
Ana Júlia Gaeff de Souza (Palmas-PR)	157
A Mosca	159
Matheus Zucato Robert (Monte Sião-MG).....	159
A quarentena na quitinete	165
Giordano Salustiano Batista (Teresina-PI).....	165
A Sala de aula que descobriu o essencial	186
Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)	186
A salvação na angústia	189
Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS)	189
A viagem de Rebeca	191
Fábio Machado de Almeida (Rio de Janeiro-RJ)	191
Bento Mulengo, a primavera quântica e o vírus	204
Ricardo França de Gusmão - Françoá Vaz (Rio de Janeiro-RJ)	204
Cabelo Vermelho versus Madame	208
Pedro Diniz de Araújo Franco – Pedro Franco (Rio de Janeiro-RJ)	208
Coração em quarentena.....	211
Agnes Izumi Nagashima (Londrina-PR).....	211
Covid: morte honrosa.....	214
Ivo Antonio Pegoraro (Francisco Beltrão-PR).....	214
Desassossegos da quarentena	218
Luciane Martins Monteiro (Curitiba-PR)	218
Duelo sobre a mesa	221
Celso A. Lopes da Silva - Celso Lopes (São Paulo-SP)	221
Era uma vez uma pedra que.....	226
Laércio Peixoto do Amaral Neto (Fortaleza-CE)	226

É só desligar o aparelho.....	230
Diego Santos de Quadros (Porto Alegre-RS)	230
Enfim na rua, no mundo e além	233
Alessandra Cysneiros (São Luiz-MA).....	233
Era uma vez na pandemia	234
Rhayssa Isabele Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)	234
Estrelas	238
Ricardo Luigui Živko (Capanema-PR)	238
Eu tive um sonho	246
Jefferson Reis (Salvador-BA).....	246
Flores elétricas.....	254
Juliana Berlim (Rio de Janeiro-RJ).....	254
História contada poeticamente	257
Cleusa Piovesan (Capanema-PR)	257
Lúcia! É uma cilada	258
Ana Carolina Aparecida Pomorski Silveira (Palmas-PR)	258
Mais uma história de amor	261
Maira Bastos dos Santos (São Paulo-SP)	261
Menin@s	267
Flávio Theodósio Junkes (Biguaçu-SC).....	267
Na calma do domingo.....	269
Peterson Nogueira (Areia Branca-RN)	269
O Cientista Louco.....	274
Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)	274
O conto da quarentena	277
Ana Luiza Silva Nunes (Birigui-SP)	277
O Devorador de Almas	280

Edna Alencar Rivera (São Paulo-SP)	280
O eremita.....	285
Joaquim Bispo (Odivelas-Portugal).....	285
O Estudante e a Pandemia	287
Pedro Alves da Silva (Campo Grande-MS).....	287
O legado de um herói.....	293
Alex Alexandre da Rosa (Jundiaí-SP)	293
O músico isolado	295
Kíssila Muzy (Nova Friburgo-RJ)	295
O resgate	300
Ricardo Lacava Bailone (São Carlos-SP).....	300
Os profetas estão cansados.....	302
Julia Helena Rathier (Francisco Beltrão-PR)	302
Quando as raparigas desciam ao Pireu	316
Luís Palma Gomes (Amadora-Portugal)	316
Quarentena	323
Marcos Antonio Campos (Natal-RN)	323
Rascunhos de uma vida que se quer vivida.....	325
Kátia Cilene Silva Santos Conceição (Palmas-PR)	325
Realidade afiada	332
Maria Fernanda Socovoski Ferragem (Realeza-PR).....	332
Scopum Singula	333
Naly de Araújo Leite (Sorocaba-SP).....	333
SÔNIA.....	338
Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG).....	338
Tampões	342
José Eduardo da Costa Pereira Brum (Juiz de Fora-MG)	342

Ultimamente.....	349
Luís Henrique Leiria Pinheiro (Porto Alegre-RS).....	349
Um Café por dia.....	354
Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)	354
Venceslau Cubas.....	356
Schleiden Nunes Pereira (Campo Belo-MG).....	356
PARTE II	363
ESTAÇÕES BRASIL.....	363
CAPÍTULO I.....	365
OUTONO.....	365
PREFÁCIO.....	367
Jean Marcel Oliveira Araújo	367
A flor do capital	377
Janielson Araújo da Silva (João Pessoa-PB)	377
A volta do vírus.....	378
Ivo Antonio Pegoraro (Francisco Beltrão-PR).....	378
Antipatite.....	379
Ricardo Luigui Zivko (Capanema-PR).....	379
Amor pela vida.....	380
Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)	380
Ditadura.....	382
Vinícius de Sousa (Palmas-PR).....	382
Penetra devastador	383
Richard Zajaczkowski (Francisco Beltrão-PR)	383
Pausa	385
Graziela Barduco (São Paulo-SP)	385
Saudades não doem	386

Giordano Salustiano Batista (Teresina-PI)	386
Quartetos.....	387
Igor Salomão Monteiro (Rio Claro-SP).....	387
Quarentenei-me	389
Claudia Lundgren (Teresópolis-RJ)	389
Prisão sem grades.....	390
Rhayssa Isabelle Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)	390
Precisa-se de calma	391
Vitória de Lara Trevizan (Capanema-PR).....	391
Sentimentos distantes.....	393
Agnes Izumi Nagashima (Londrina-PR).....	393
Quarentena	394
Luís Palma Gomes (Amadora-Portugal)	394
CAPÍTULO II.....	395
INVERNO	395
PREFÁCIO.....	397
Rodrigo Batista de Almeida	397
(Anti)Locomoção	403
Soeli Tiegs (Curitiba-PR)	403
À sua saúde.....	404
Nestor Lampros (Atibaia-SP)	404
Atmosfera.....	406
Elieni Caputo (São Paulo-SP)	406
Corona vírus – A grande implosão	407
Celso Lopes (São Paulo-SP).....	407
Coronavítimas.....	408
Ricardo Mainieri (Porto Alegre-RS)	408

Do micro ao macro, do macro ao micro.....	409
Alan Santos (Palmas-PR).....	409
Feliz Ano Novo!.....	410
Marilha Barreto Caldas (Cruz das Almas-BA)	410
(Iso)lamentos.....	412
Evilásio Júnior (Santa Inês-MA)	412
Máscaras mortuárias.....	413
Ricardo França de Gusmão (Rio de Janeiro-RJ)	413
Morte.....	419
Esmeralda Nóbrega da Silva (Conde-PB).....	419
No banco onde eu esperei em vão.....	420
Ítalo Rafael Lima Dourado (Sobral-CE)	420
Reconstrução.....	421
Carlos Carvalho Cavalheiro (Sorocaba-SP)	421
Um único som.....	422
Cleusa Piovesan (Capanema-PR)	422
Da escravidão à luz	423
Teresinha Nóbrega da Silva (Conde-PB).....	423
CAPÍTULO III.....	429
PRIMAVERA	429
PREFÁCIO.....	431
Érica Azevedo	431
A necessidade de uma pandemia.....	436
Amanda Paloma da Cruz (Mangueirinha-PR)	436
Acortinado gris	437
Marven Junios da Costa Franklin (Tartarugalzinho-AP)	437
COVID-99	439

Jair Lisboa dos Santos (Rio de Janeiro-RJ)	439
Depois da pandemia	441
Mônica da Silva Costa (Jacarezinho-PR)	441
Incerteza	442
Laize Almeida de Oliveira (Bom Jesus do Tocantins-PA)	442
Nem sempre	444
Jefferson Reis (Salvador-BA).....	444
Onde o medo habita.....	445
André Telucazo Kondo (Taubaté-SP).....	445
Ora o Mundo	446
Schleiden Nunes Pereira (Campo Belo-MG).....	446
Os novos dias.....	448
Carlos Eduardo Pereira Theobaldo (Rio de Janeiro-RJ)	448
PAN	449
Flávio Theodósio Junkes (Biguaçu-SC).....	449
PANDEMIA – Sem medo.....	451
Getúlio Soares Pereira (Vitória-ES).....	451
Passagem da chuva	452
Fernando Henrique Franco de Aquino (Recife-PE).....	452
Brisa	453
Renato José de Oliveira (Rio de Janeiro-RJ)	453
Poema real.....	454
Robervânio Luciano (Belo Jardim-PE).....	454
CAPÍTULO IV	455
VERÃO	455
PREFÁCIO.....	457
Josemeire dos Santos Brazil	457

Caderno em branco	463
Sérgio Bernardo (Sérgio Corrêa Miranda Filho-Nova Friburgo-RJ)	463
Na escuridão.....	465
Jeane Tertuliano da Silva (Campo Alegre-AL).....	465
O essencial.....	466
Juna Maria Costa Guimarães (Contagem-MG).....	466
O estandarte encarnado do Jaguar	467
Rafael Augusto Costa de Oliveira (Vitória de Santo Antão-PE)	467
Outro mundo.....	469
Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS).....	469
Relatos de um porto seguro	472
Ana Luiza Santos Sena (Salvador-BA)	472
Renúncia.....	474
Nívea Pimenta Braga (Brasília-DF).....	474
Vai-se o bonde.....	477
Fernando Machado dos Santos (São Paulo-SP).....	477
A Santa Florence Nightingale, Mãe da Enfermagem.....	478
Edson Amaro de Souza (São Gonçalo-RJ)	478
In memoriam COVID-19	479
Glauber Santiago (Goiânia-GO)	479
Titular do Amor	480
Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG).....	480
Leitura: alimento pra mente no isolamento social	481
Reginaldo de Sousa Venâncio (Altaneira-CE)	481
O Brasil na palma da mão.....	485
Marcos Antonio Campos (Natal-RN)	485

Tempos depois	487
Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)	487
CAPÍTULO V	489
OUTRAS ESTAÇÕES.....	489
PREFÁCIO.....	491
Karen S. S. Conceição.....	491
Rafaela Viana Sêrpa.....	491
A arrebatadora vontade de estar junto.....	494
Gabrieli Ribeiro de Lima (Palmas-PR)	494
Aldravia.....	495
Francisco Carlos Rocha (São José dos Campo-SP)	495
A lição do corona	496
Josafá de Orós (Campina Grande-PB).....	496
Alegorias do novo mundo	497
Augusto Barioni Gaspar (Ribeirão Preto-SP)	497
Cerca.....	499
Tainã do Nascimento Rosa (Alvorada-RS)	499
Continue	500
Maria Fernanda Socovoski Ferragem (Realeza-PR).....	500
Contrário.....	501
Guilherme Palmeiras Brasil (São Paulo-SP)	501
Escalada	502
Luiz Renato de Souza Pinto (Cuiabá-MT)	502
Escuridão	503
Valter Garcia Chanes Junior (Sorocaba-SP)	503
Hoje é o último dia de carnaval.....	504
Rodinei Vilela (Palmas-PR).....	504

Imagine a equação ginásial	505
Eduardo Aleixo Monteiro (Recife-PE).....	505
Intensidade.....	506
Gerson Rossi (Bueno Brandão-MG).....	506
Iso-lamento.....	507
Thiago Henrique Fernandes (Uberlândia-MG)	507
Livres para pensar	509
Silvana da Silva Spíndola (Porto Alegre-RS).....	509
Maligno.....	510
Patrícia Cacia Vieira (Palmas-PR).....	510
Nós.....	511
Jéssica Ione dos Santos Oliveira (Brumado-BA)	511
O velho e o novo.....	512
Fábio Machado de Almeida (Rio de Janeiro-RJ)	512
Pandemia reflexiva	513
Alex Alexandre da Rosa (Jundiá-SP)	513
Quando dias melhores irão chegar?.....	514
Ana Luiza Silva Nunes (Birigui-SP)	514
Quarentena	516
Antonio Archangelo (Rio Claro-SP).....	516
Questão da fome	517
Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)	517
Se fosse como antes de ontem	519
Lucas D' Bruno Ancini (Palmas-PR).....	519
Sobre o mundo no depois	521
Renata de Castro Strino (Rio de Janeiro-RJ)	521
Tempos de Pandemia.....	522

Janielson Araújo da Silva (João Pessoa-PB)	522
Uma estação sem fim?	523
Kátia e Kennedy Conceição (Palmas-PR)	523
POSFÁCIO – Remate	525
Kátia Cilene Silva Santos Conceição	525
SOBRE OS ORGANIZADORES	527
SOBRE OS COLABORADORES	529

PREFÁCIO

UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Flávia Aninger de Barros¹

Todas as experiências da vida parecem exigir uma primeira aproximação, exatamente como tocamos as coisas ao nosso redor, quando crianças, sondando o mundo com nossos dedos. Talvez nos lembremos da primeira vez que fomos ao cinema, ou da primeira vez que vimos o mar. Em todas essas situações, foi necessária uma abertura para que aquele evento tivesse espaço dentro de nós, ou que alguém nos levasse pela mão e nos mostrasse a beleza ou a força daquela experiência.

Um prefácio cumpre a tarefa da primeira aproximação. Mas este primeiro passo em direção ao livro muitas vezes não se realiza, pelo fato de se considerar o prefácio, no senso geral e comum, como algo dispensável à experiência da leitura do livro. O que se deixa de considerar é que o prefácio pode funcionar como uma interlocução ou uma ponte, entre o leitor que abre o livro e seu conteúdo, para ele ainda desconhecido. Algo como uma antessala ou um trailer de cinema. Se o livro a ser lido fosse um lauto jantar, com pratos variados, o prefácio seria o aperitivo, destinado a abrir o paladar especialmente para aquela refeição. Mas é possível comparar o prazer de uma refeição deliciosa com o prazer do texto?

Infelizmente, a leitura não tem sido tratada como uma experiência agradável; pelo contrário, ao longo dos anos, ficou esmagada e estigmatizada como obrigação escolar, em enormes textos sem ilustração, coisa que meus olhos sempre procuravam primeiro nos livros, quando eu era criança. “Tem figura?”, eu perguntava. Era meu critério para “avaliar” o livro e decidir se leria ou não. Muitos anos depois, descobri que as figuras podiam ser desenhadas pelas palavras e tomar forma na minha imaginação, enquanto lia o preto e branco da página. Daí, vinham emoções, ideias, sustos, surpresas e

¹ Professora Dra. Adjunta da UEFS-BA

com o passar do tempo, muitas compreensões sobre a vida, sobre os outros, sobre o ser e estar no mundo.

Grandes narrativas brasileiras e estrangeiras têm prefácios com interlocuções do próprio autor ao seu leitor, como Machado e Alencar fazem com seus leitores, como o grande Mário de Andrade fez com seu famoso “Prefácio interessantíssimo”, já em seu tempo, chamando ironicamente a atenção para o potencial desacreditado dos prefácios, ao mesmo tempo que contextualizava seus pensamentos para os leitores. Guimarães Rosa traz não apenas um, mas quatro prefácios para seu último livro, Tutaméia, posicionando-os como bem entende ao longo do livro e depois sugerindo que sejam lidos também como contos.

Daí podermos entender que um prefácio funciona como uma conversa inaugural, um olhar panorâmico sobre a paisagem que depois se vai desfrutar, caminhando sobre ela.

No caso deste volume, preciso dizer a você, leitor, que este livro que você tem nas mãos é resultado de uma experiência conjunta que nasceu da vontade de formar leitores e de trazer a escrita literária para um lugar de realização e prática. Pessoas que se dedicam à formação de leitores se uniram para aproximar estudantes da literatura e da escrita criativa.

Isso só se tornou possível porque uma instituição acadêmica olhou para fora dos seus muros, cumprindo uma de suas funções mais importantes: alcançar a comunidade, não como um grupo que é vazio ou que carece de conhecimento, mas como um grupo que tem seu próprio valor cultural e humano e que pode se beneficiar dessa ligação, favorecendo o crescimento de todos. É o que se chama de Extensão universitária, que ligada às atividades de pesquisa, gera um círculo de produção e de oferta de conhecimento, que deve sempre estar aberto para todos.

Por conta da dura realidade da pandemia e das limitações que dela ainda decorrem, precisamos como nunca da Literatura. Ela contém o denominador comum da humanidade; nela estão nossas percepções do mundo, nossas expectativas, medos e desejos. A Literatura traz um conteúdo que nunca se esgota: o ser humano. Se lemos os mitos e lendas, encontramos perguntas primordiais sobre o mundo e temas fundamentais como a morte e o amor. Se lemos contos e crônicas contemporâneos, podemos refletir sobre

os problemas do viver em sociedade, sobre o esfacelado “eu” pós-moderno, sobre a relatividade das verdades, sobre nossas antigas ou mais recentes esperanças. Se lemos poesia, as imagens nos fornecem finas percepções da realidade, complexidades se delineiam na escolha das palavras e surpreendem nosso intelecto com uma nova compreensão.

Ao identificar-nos com a narrativa literária, é possível sublinhar situações, fatos marcantes que podem ser como tomadas de consciência, insights que nos esclarecem sobre partes de nós mesmos, que permitem uma “decifração da própria experiência do mundo”, como afirma Michèle Petit (2013). Outro aspecto importante, também conforme a autora francesa, é que “o texto fecunda o leitor”, faz surgir palavras e ideias, e especialmente, permite que o leitor comece a dizer “eu” – que formule, entre as linhas do texto, suas próprias linhas. A literatura é capaz de gerar novas autonomias de pensamento.

Nestes dias em que vivemos, também precisamos cada vez mais de espaço interno, espaço para pensar, para criar, para liberar nossas ideias e tensões. A escrita criativa provê esse espaço. Nela, aquele que escreve olha para dentro de si e para fora, busca na memória e na imaginação os instrumentos de sua expressividade e de sua humanidade.

Para que outras iniciativas - como a que se relata neste livro – continuem a se concretizar, os governos precisam reconhecer que ainda fazemos pouco pela educação. Que apesar de todos os esforços válidos realizados até agora, ainda há muito a fazer. Quanto mais acesso aos livros e a um letramento literário de qualidade nossos meninos e meninas tiverem, mais poderão conhecer e aceitar suas identidades, mais respeitarão as identidades de outros.

Infelizmente, a responsabilidade exercida pelas escolas e universidades em formar novos leitores competentes muitas vezes não impede que a relação que os estudantes estabelecem com a leitura seja superficial. Entre os muitos textos a respeito, temos a história de Pinocchio (1883), de Carlo Collodi, em que o boneco de madeira, depois de aprender o alfabeto e ler a cartilha, ainda é incapaz de aplicar a leitura dos livros à sua própria experiência, como nos mostra Manguel (2009) em “Como Pinóquio aprendeu a ler”.

Quando decide que vai dar atenção à escola, em vez de procurar diversão, é humilhado pelos colegas, que não veem sentido no que é difícil ou

demorado. Seu desejo de tornar-se um “menino de verdade” não encontra ajuda nos outros “mestres” que aparecem, como a Fada Azul ou o Atum. Não há, da parte deles, nenhum conselho para a reflexão do que pode significar ser um menino. A Fada Azul afirma que, para ser feliz, é necessário ser “sensato e bom”; o Atum, junto com Pinocchio na barriga de um monstro marinho, pede que aceite a situação e se prepare para ser digerido. Esses discursos se parecem com os manuais escolares de Pinocchio, que finalmente aprende a ler, mas que atribui aos livros um lugar neutro, de onde pode extrair apenas a mesma moral convencional da Fada Azul. Para entender o que significa ser “sensato e bom”, Pinóquio precisaria perguntar a si mesmo se esse comportamento que a sociedade deseja dele, confirma sua humanidade, ou se o torna ainda mais como um boneco de madeira.

A literatura não oferece verdades rígidas, não estabelece dogmas. Tudo pode ser discutido. Assim, ao ler literatura, o leitor tem a oportunidade de confrontar suas próprias ideias, concepções ou valores. Se o universo de leitura de nossos alunos não contiver ambiguidades, incertezas, perguntas, proporcionadas pelo texto literário, de que modo estabelecerão seu próprio juízo ou sentido ao texto?

Manguel (1997, p.113) nos relata a experiência de Kafka, o grande autor tcheco, escrevendo a seu amigo Oskar Pollak: “No fim das contas, penso que devemos ler apenas livros que nos mordam e piquem. (...) Um livro tem de ser um machado para o mar gelado de dentro de nós. É nisso que acredito.”

Desse modo, ao nos deixar tocar pela literatura, ao deixar que nos atravesse a escrita de alguém, ao olhar para alguns grandes incômodos e perguntas, estamos construindo nossa capacidade de ver o outro, tão diferente de nós e ao mesmo tempo, tão igual. Para Bosi, ler é refazer, em nós, a experiência simbólica do outro. Escrever é expressar a nossa própria experiência do mundo, gestada e afetada por nossas leituras.

Obrigada por se permitir essa aproximação ao livro, através desse prefácio. Quando estiver lendo os poemas, narrativas e crônicas escritas por estudantes, servidores do IFPR-Palmas e participantes do concurso literário, permita-se ver o mundo pelos olhos deles e delas.

APRESENTAÇÃO

Literatura em pandemia: Epos-Cronos e Estações Brasil

Kátia Cilene S. S. Conceição
Jean Marcel Oliveira Araújo

O livro que entregamos agora ao público leitor é resultado das atividades do projeto Núcleo de Ensino e Pesquisa em Língua e Literatura (NEPLLI), do Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus Palmas, coordenado pela professora Kátia Cilene S. S. Conceição. O projeto conta com três livros publicados sobre escrita criativa, compostos especialmente por produções de estudantes, servidores, população local de Palmas-PR e região.

Para o presente volume, a organização foi feita, em sua maioria, a partir de produções enviadas para participação no *Concurso Literário Mariana Cazzela Maciel*, de maio de 2020, em plena pandemia da COVID-19. O concurso literário se deu pelo desafio do IFPR de serem promovidas ações pelos servidores com fins a contribuir para amenizar os efeitos do isolamento social na comunidade, entre outros objetivos. Assim, o principal intuito desta ação consistiu em promover, a partir da escrita criativa, meios de externalizar poeticamente os sentimentos desencadeados pela pandemia da doença, mas também pela pandemia de intolerância, de falta de empatia e alteridade que se estabelece no mundo a partir de então.

Todavia, pensar uma escrita em meio a uma situação de dor, medos e dúvidas sobre o futuro, não só pessoal, mas também global, não é tarefa fácil, tanto para quem escreve quanto para quem organiza a coletânea destas produções. Para tanto, buscar as parcerias para somarem nesta empreitada foi uma solução para o sentimento de solidão que nos abatia desde o início da pandemia, e ainda nos abate. No momento em que finalizamos a organização desta coletânea, estamos completando um ano de pandemia da COVID-19, com a perda de mais de 300 mil pessoas que poderiam estar na companhia de seus entes e amigos, mas que tiveram

suas vidas brutalmente interrompidas por um vírus desgovernado. Assim, através dela, da cultura que se encontra em momento de invisibilidade, fomos buscar respostas, mergulhar na solidão de nós mesmos, para encontrar companhia e cumplicidade no eu coletivo que nos habita e que nos ajuda a enfrentar situações difíceis.

Entre tantas situações aterradoras que temos vivido nesse período, não poderíamos deixar de mencionar também as diversas manifestações de solidariedade de grande parcela da população que sofre e chora a cada perda irreparável. Não somos todos ignorantes! Neste sentido, o nosso gesto de solidariedade se dá aqui, na materialização deste livro, apesar da implosão que sofre a expressão cultural. Por meio da literatura, em coautorias, buscamos registrar e divulgar a nossa dor, indignação, críticas e esperanças compartilhadas por autores de diferentes localidades do Brasil, que se unem ao nosso projeto de escrita literária para narrar poeticamente situações experienciadas em si ou no outro. Nomeamos essas situações de *Literatura em pandemia*, com o subtítulo *Epos-Cronos e Estações Brasil*, nomenclaturas que vamos brevemente elucidar nesta apresentação.

Como as produções do concurso literário resultaram em extenso material, explicitamente sobre a pandemia ou não, organizamos um volume dividido em duas partes, tendo ambas em comum um prefácio no início de cada seção. Como destaca de maneira brilhante Flávia Aninger, no prefácio principal, os prefácios que abrem as seções e capítulos buscam fazer uma primeira aproximação dos leitores e leitoras aos diálogos que encontrarão a respeito da pandemia da COVID-19 e sentimentos diversos produzidos no período de isolamento social. Os prefácios também evidenciam as peculiaridades poéticas e perspectivas teóricas de cada prefaciador, ao lançarem seu olhar para as produções presentes nesta coletânea.

Epos-Cronos, portanto, corresponde a duas seções de prosa: crônicas e contos organizados por ordem alfabética, para dar ênfase aos títulos, evitando a hierarquização de autorias. Os capítulos são prefaciados por Aline Cristina de Oliveira e Alana Freitas El Fahl respectivamente.

A utilização do termo Epos se dá por pensarmos no que trata M. Bakhtin em “Epos e romance”, principalmente no que concerne ao entendimento de tempos diversos e de suas expressões: “tempos já

envelhecidos”, “de ossatura dura e calcificada”, e do tempo contemporâneo, que corre à luz do nosso olhar. Consideramos que cada tempo com seu aspecto histórico se torna fundamental para alimentar a poética, tanto nos seus temas quanto na grandiosidade de suas narrativas, que podem exaltar momentos ou figuras elementares de um período findo, ou indagar o estado de coisas ainda em processo de acabamento, metamorfose.

A nosso ver, não temos como pensar em literatura sem vincular sua produção à história, por exemplo, como o que fomenta a ficção. Mas não nos referimos àquela relação determinista com a história, condicionada aos gostos e valores vigentes ou favoritismos ideológicos de cada tempo. Falamos da história que provoca a ficção, semelhante ao que propõe o canadense Northrop Frye em seus famosos ensaios sobre uma crítica literária inteligente, polêmica, sem relativismos e sem ilusões de verdade ou de certo e errado como medida de valor da arte literária. A verdade aqui é inventada!

Desta forma, a nossa alusão a Epos se dá no contraponto de um conjunto de narrativas que remetem a um povo, de um momento dado, seus feitos, lutas, ao mesmo tempo em que narrar é inspiração “nascida e alimentada” pela experiência atual. E assim, ousamos falar desse tempo, vencer sua efemeridade, superando este momento crítico vivido por estas gerações, momento que dá título a esta produção e move as ideias que confluem neste livro para que a história não seja ignorada.

As manifestações poéticas, vindas de onde vieram, de muitos lugares desse nosso Brasil, de sujeitos localizados e posicionados, não foi para festejar, porque o momento não permite, mas para nos trazerem discursos que parodiam, que estilizam um tempo de sentidos diversos. Assim, neste livro, os leitores e leitoras encontrarão não os heróis dos tempos épicos, mas os desse tempo, com vícios e virtudes, “traços positivos e negativos, inferiores e elevados, cômicos e sérios”, como destacaria Bakhtin, e podemos evidenciar em contos como “O legado de um herói”, entre outros que revelam os sujeitos do nosso tempo e suas incertezas.. Encontrarão também as agruras e as resistências, as mazelas e as denúncias, bem como o desvelar de um povo que já lutava contra a fome e as desigualdades e que agora enfrenta um inimigo invisível, que não

escolhe idade, gênero, etnia, condição social, mas que atinge com maior peso os mais desassistidos. Não conseguimos respirar!

Por outro lado, se falamos de Epos, podemos falar de Cronos, metáfora perfeita para um tempo suspenso semelhante a este em que estamos vivendo. Tempo que é cronológico e que segue, mas também permanece pausado a espera de um recomeço. Todavia, a partir do heterodiscurso que buscamos representar neste livro, com a personagem principal que é a pandemia, o tempo que urge é o tempo das metamorfoses, mudança de hábitos, de posturas, de medidas e crenças. Também é tempo de aflorarem as minúcias humanas causadas pelo vírus e que se revelam no padrão veloz das contaminações e no modelo paradoxalmente estático da vida que se impôs neste período vivido em isolamento. Estamos em estado catatônico nas dobras de um tempo que insiste em não querer passar, e por isso também a relação ao Cronos, do tempo pausado, congelado, da inércia, para pensarmos em quantas alternativas podem ser criadas para reverterem essa ordem de estagnação.

Assim, ainda na perspectiva do Epos, subversivamente o Cronos também se impõe com o movimento, exigindo novas possibilidades de viver este tempo para superação da paralização em que nos encontramos, quase desprovidos de iniciativas, não fossem as insistentes resistências nas frentes de luta contra o vírus inimigo. Além do mais, estamos ilhados num mundo virtual. Observamos o mundo por meio das telas digitais, assistindo a pessoas com ações semelhantes, identificando-se como um único rosto na representação das máscaras, imersas num só enredo, vivendo uma só realidade, coincidindo em suas problemáticas de superar o imobilismo deste tempo pausado que nos impede de desapegarmos do presente e vislumbrarmos o futuro, essencial para nos realizarmos.

As metáforas do Epos e do Cronos assumidas nas narrativas e poemas desta coletânea, buscam, portanto, ressignificar a realidade que tem literalmente sufocado nossas populações, para que possamos avistar outros tempos, outros enredos, diferentes destes que estamos vivendo, para que a vida volte a ter sentidos para além das nossas janelas virtuais e da morte que nos cinge.

Se na prosa, o nosso tempo pandêmico é marcado por um Epos-Cronos, a poesia modula este tempo em estações, relembrando mais uma vez o trabalho de Frye, no ensaio em que aborda figuras de sentidos fundamentadas nas estações do ano. Mas como seria possível captar essas modulações neste tempo pausado, estático, em modo de espera? A resposta estaria no canto de diferentes eu-líricos que encontram motivos para continuar resistindo, mesmo nas dobras deste tempo que insiste em não querer passar. Se sabem que um dia poderão estar mudos, mais nada, cantam agora para completar não apenas suas vidas, mas também daqueles que procuram algum sentido para seguir em frente.

Desta maneira, a seção de poesias da presente coletânea intitula-se “Estações Brasil”, onde as estações do ano, outono, inverno, primavera e verão, vão estabelecer uma relação íntima com os estados de ânimo de um “eu-lírico” no tempo de enunciação. O leitor ou leitora poderia achar que, em que pese toda licença poética, cometemos um erro de concordância. Sim, mas ele foi intencional e, por isso, a gramática normativa nos respalda. Assim como Guimarães Rosa com seu paradoxo em **Grande Sertão**: veredas, procuramos chamar a atenção para a pluralidade na unidade ou mesmo uma unidade plural no conjunto de referências estabelecidas pelas estações do ano.

Falar de Brasil não é fácil! Um vasto território habitado por um povo de muitas faces, muitas cores. A tarefa pode ser abrandada quando a convite de um edital de concurso, aquele já mencionado, pessoas dos quatro cantos se mobilizam para atender ao chamado. As produções poderiam ser apenas alocadas em um arquivo para serem impressas para esta coletânea, mas resolvemos percorrer outro itinerário. Levando em consideração os ensinamentos do mestre Bakhtin, para quem os discursos carregam a dialogia como marca, resolvemos agrupar as produções por temática. Para a seleção temática, levamos em consideração os sentimentos que a pandemia da COVID-19 suscitou em nós, segundo, por conseguinte, as características das estações do ano, subvertendo, em certa medida, as especificadas nos estudos de Frye – primavera: comédia; verão: romance; outono: tragédia; inverno: ironia e sátira – mas não a sua significação.

Para cada estação foram selecionados 14 poemas, escolhidos e ordenados segundo a impressão daqueles que os leram com fins a prefaciá-los: Jean Marcel, e convidados para esta tarefa, Rodrigo Batista de Almeida, Érica Azevedo e Josimeire Santos. Os leitores e leitoras poderiam se perguntar que concurso foi esse que recebeu a conta exata de 56 poemas. Pelo contrário, literatura não é como matemática, muito menos a vida. Embora queiramos sempre sair quites com ela, como o fez um famoso narrador que volta depois de morto para contar suas memórias, muitas foram as produções a ponto de ser possível criar uma outra estação, para além daquelas conhecidas, cuja responsabilidade de organizar e prefaciá-la foi compartilhada por Karen Silva Santos Conceição e Rafaela Viana Sêrpa.

Assim, com exceção do capítulo *Outras estações*, que simboliza ainda mais a fuga das dobras deste tempo pandêmico, as seções que compõem o conjunto de poesias organizam-se com 14 poemas, fazendo analogia ao período de quarentena. São 14 reflexões para 4 momentos de um ano. Não é à toa, mas um ano se passou. Há um ano estamos vivendo a recorrência do Epos-Cronos.

Vale ressaltar, que o vocábulo estações, além de tempo, remete para a ideia de espaços praticados, de lugares de onde se parte, mas também se chega. Os lugares, como fora dito, são os mais variados, assim como também serão os pontos de chegada desses discursos carregados de sentidos, que, em formato de livro, impresso ou digital, configuram-se uma poética de muitas vozes, cuja arquitetura dilata-se temática, estilística e composicionalmente num todo hierarquicamente organizado, fazendo da arte solitária, coletiva.

Não podemos esquecer de que toda obra, por mais aleatória que pareça sua composição, tem um sentido primeiro idealizado por seus organizadores, com escolhas feitas mesmo antes de pôr mãos à obra. Nesse sentido, destacamos a criação da ilustração da capa do livro, por Janaína Camargo Roncen, bem como as fotografias de abertura dos capítulos, por Luciano Barfknecht. Temos no grupo de escrita criativa mantido a rotina de atribuir algumas tarefas aos nossos participantes do projeto. Portanto, Janaína é uma das responsáveis pelas ilustrações. A

ideia foi desenvolver uma capa que dialogasse sensivelmente com o tema da pandemia, o que, na nossa visão, se deu com o lírio branco, em homenagem a todos que perdemos durante este período e, com o sol, que se debruça sobre ele, ensejando vislumbrar uma luz no fim do túnel, como expectativa de novos tempos para os que ficam. Das fotos, dedicadamente selecionadas por Luciano, buscamos criar diálogos com as seções, expandindo as metáforas nesta coletânea. Cabe ao leitor ou leitora criar suas metáforas e os seus diálogos.

Sobre, ainda, o título desta coletânea, cabe destacar a ambiguidade da preposição “em”, para simular o tempo da escrita e, também, o estado de espírito em que se encontravam os escritores no momento de produção. Como cada escritor e escritora se relacionou com o tema, os leitores e leitoras vão descobrindo à medida que se aproximam mais de cada um/a. Terão seus preferidos e aqueles que vão se distanciar das suas perspectivas, mas certamente ao realizarem a leitura, o encontro estará concretizado.

No mais, das tantas parcerias, os agradecimentos são infindáveis por fazerem com que este projeto se materializasse. A um acaso maior, o agradecimento por estarmos ainda aqui, hoje, e podermos contar um pouco do que vimos e sentimos durante este tempo, esperando superar o Epos-Cronos, onde ainda estamos imersos nesse tempo de pandemia. Para tanto, te convidamos, caro/a leitor/a, para atravessarmos as estações deste tempo para, enfim, chegarmos a uma outra estação possível.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao grupo de escrita criativa de 2020 do projeto NEPLLI do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas:

Alan Tiago Santos

Aline Cristina de Oliveira

Ana Carolina Aparecida Pomorski Silveira

Diego Roberto da Silva Apulinário

Gabrieli Ribeiro de Lima

Janaina Camargo Roncen

Karen Silva Santos Conceição

Luciano Barfknecht

Manoela Viana Sêrpa

Patrícia Cácia Vieira

Rafaela Viana Sêrpa

Rodinei da Silva Vilela

Marina Cazzela Maciel, escritora homenageada do nosso II Concurso Literário

E ao Instituto Federal do Paraná – IFPR-Palmas

PARTE I
EPOS-CRONOS

CAPÍTULO I
CRÔNICAS DA VIDA (EXTRA) ORDINÁRIA

PREFÁCIO

Aline Cristina de Oliveira¹

O ordinário da vida foi sempre meu material preferido. Bom, pelo menos durante toda minha infância e adolescência foi assim. A história do meu nascimento é controversa e já rendeu muita polêmica entre estudiosos. Uns dizem que sou grega, outros insistem que não é possível precisar minha nacionalidade ou mesmo minha idade. Acho ótimo! Não me importo com esses detalhes insignificantes, até porque a minha trajetória é tão longa que acho mesmo que sou atemporal e talvez até imortal! Mas verdade seja dita, o mundo me conheceu e me amou foi mesmo quando um sujeito francês decidiu revolucionar a imprensa da sua época. Embora o nome do seu jornal não tivesse nada de inovador, o tal *La Presse* foi onde eu surgi, tímida, confesso, lá nos rodapés daquelas páginas cheias de assuntos chatos. Era tanta política e economia que eu acho mesmo que os leitores da época não tinham muito como fugir do famigerado “mal do século”. A vida, essa que acontece no mais comezinho dos dias, vejam só, não era assunto de jornal!!! Onde já se viu uma coisa dessas? Não é à toa que os jornais não vendiam!

Muito tempo depois de eu atravessar o oceano e vir parar nos trópicos, um poeta brasileiro disse que eu era necessária porque ninguém aguentava passar o dia pensando em coisas sérias e lembrando das pedras que ficam no meio do caminho. Eu acho que ele estava coberto de razão, afinal, quem quer andar de braços dados com uma dama que só pensa em negócios? Ou que só quer saber a quem pertence o poder? Eu não! Sempre gostei da vida como ela é! De estar por todos os lados, seja na conversa sobre os vestidos da estação ou noticiando os livros recém-lançados. Mas quem me imagina fácil e descartável, não prestigiou minha evolução ao longo dos séculos! Sim, eu mudei, amadureci e, devo dizer, aceitei que

¹ Professora Dr^a EBTT do Colegiado de Letras do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas.

tudo pertence à vida ordinária, até...vá lá...política e economia! Mas não perdi minha essência simples e carismática. Quem quiser minha companhia, terá que conhecer as delícias e as desventuras do útil e do fútil. Ah! Esqueci de dizer que lá do rodapé do jornal francês eu subi, LI-TERAL-MEN-TE! Isso mesmo! Fui ganhando espaço e acabei por estar até na primeira página! E assim permaneço, gloriosa e assertiva, fazendo rir ou chorar, por entre a genialidade de tantos que me conheceram e em mim encontraram uma forma de expressão que a todos agrada. Fui parar nos livros, mas ainda frequento as redações de jornal, porque do mal da ingratidão nunca sofri, mesmo sabendo da roda gigante que é uma vida jornalística. Sou amada hoje, comentada amanhã e depois esquecida, para renascer na semana seguinte, como a fênix que sou!

A vida nos livros é mais calma, mais segura, mais perene. Mas não tem a emoção das páginas diárias. Paciência. Nada é perfeito. Nem eu. Deve ser por isso que estou aqui, porque num momento onde calma e segurança é o que todos querem, a perenidade do livro vai abrigar a loucura que se tornou a vida cotidiana. São tantas notícias sobre esse novo mal do século, esse SARS não sei das quantas, que o jornal nem tem dispensado espaço para mim. Todo mundo está aflito, ansioso e morrendo de medo. Tanto que foi preciso estar sob isolamento para que a escrita se tornasse uma válvula de escape desse redemoinho.

E foi assim, ao correr da pena, ops! Ao correr dos teclados, porque sou uma senhora antenada, diga-se de passagem, que o extraordinário da vida se tornou cotidiano. O que parecia algo passageiro, virou notícia, mas o papel impresso não virou embrulho de vendedor no dia seguinte e cá estamos, soterrados em incertezas e vivendo crises existenciais. Ainda bem que eu amadureci e não penso mais em viver só o hoje e o agora. Quero ser aquela que viveu e lutou, à sua maneira, pela vida; não só aquela que a gente vive todo dia, mas a vida que respira, que existe, que ama e sofre. Doe-me, então, porque sou democrática, a estes ilustres amigos da arte da simplicidade, que me escolheram e souberam transportar-me por entre o inusitado desses tempos sombrios. Resistiremos, eu sei, porque já vi, nessa minha longa vida, a desventura dar lugar a novos tempos. Eu juro, e tenho este livro como garantia, que serei testemunha do que virá. Tempo eu tenho de sobra, aliás,

outro esquecimento imperdoável! Esqueci de me apresentar! Meu nome é Crônica, do grego, Khronos, deus do tempo. Muito prazer!



A coisa

Suzete Verginia de Souza Reiter (Palmas-PR)

O tiquetaquear do relógio segundo após segundo, e de repente o soar do despertador, no horário definido na noite anterior, para não perder a hora. Perder a hora pra fazer o que, já que não é preciso sair para o trabalho? Então volta a dormir. Dormir? Quem nos últimos tempos tem conseguido dormir. Eu me refiro a dormir de verdade, sabe? Ter aquele sono tranquilo, que minha finada avó materna costumava chamar de “o sono dos justos”. Ah esse sono sim! O sono de quando a pessoa chega em casa exausta por conta daquele dia cheio de situações e problemas de trabalho para solucionar. Sim, isso é que é vida! Conhece aquela velha afirmação – “eu era feliz e não sabia”? Bem assim que me sinto, pois a vida não está mais a mesma. Esse turbilhão teve início ainda no ano passado quando se via, ouvia e lia nos mais diversos meios de comunicação, sobre “essa coisa contagiosa” que andava causando males e mortes entre as pessoas lá longe, num país que não vou mencionar, pois você já conhece essa história, logo sabe do que estou falando.

O que quero falar é que “a coisa contagiosa” parecia jamais ter a capacidade de criar pernas para chegar até aqui, mas ela teve, e veio a passos muito largos, correndo. Correndo não, voando! Você já percebeu que os seres “humanos” têm por hábito acreditar que certas coisas só acontecem com os outros? A metáfora do telhado de vidro cabe aqui como uma luva! A “coisa contagiosa”, agora mais pegajosa do que nunca, foi criando pernas cada vez maiores e chegando em todos os lugares “inatingíveis”, contagiando, pegajoseando e atingindo a muitos, entre eles conhecidos, anônimos, amigos, familiares, pobres, ricos, bons (?), maus (?)... todos, simplesmente sem escolher o perfil das suas vítimas. E quantas vítimas! Fato é que “a coisa” não mata a todos os atingidos, e que o processo de recuperação apresenta adjetivos iniciados pela letra D: deficitário, delicado, demorado, difícil, doloroso, duvidoso, desconhecido entre outros que não me ocorreram durante essa escrita.

E Eles? Aqueles que têm o poder e a capacidade para encontrar uma solução pra essa “coisa”? Claro, Eles! Ah, Eles estão por aí fazendo o que sabem muito bem: desviando, gatuneando, ilicitando, contratando, destratando, exonerando, defendendo (os seus interesses), fingindo estar preocupados com o extermínio da “coisa”. Deus que me perdoe, mas parecem estar adorando ter a “coisa” por aliada. Se me permite a ousadia, eles têm feito muito com a ajuda da “coisa”. Ela, a “coisa”, virou uma estratégia para realizar os seus desejos mais íntimos, Ela também tem servido de cortina de fumaça para desviar a atenção de todos os passantes e ficantes para “outras coisas”, pois acredite, esta não é a única, mas a mais (im)popular “das coisas” atualmente.

Todas as pessoas estão muito ansiosas pra que tudo isso acabe logo e que possam voltar à sua rotina habitual antes que seja tarde demais. Sim, tarde demais, pois “a coisa” está devastando tudo, sem deixar muitos rastros. Os únicos rastros por ela deixados, têm sido os rombos infinitos nas caixinhas de recordações e nos cofrinhos onde tinha-se por hábito guardar as economias, poucas bem verdade, mas vez ou outra guardava-se. “A coisa” leva muito consigo, mas não tudo, isso não podemos permitir. Ficam as expectativas para quando ela ir-se embora (será quando, meu Deus?), os sonhos, as lições aprendidas durante a estada “da coisa” entre nós e também a certeza de que não seremos mais os mesmos após a passagem “dessa coisa” pelos mais (in)finitos lugares.

A crônica pandemia

Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS)

A pandemia do coronavírus pegou a todos de surpresa, afinal, não deu tempo de entender direito o que estava acontecendo, quando, de repente, teve jogo de futebol com estádio sem torcida e logo o cancelamento de partidas dos campeonatos pelo mundo afora.

O relato de alguém aficionado por futebol pode ser transposto para quem adora uma festa, um baile, encontros de terceira idade, shows, eventos de toda ordem, também a quem ama almoçar em restaurantes, frequentar pizzarias, juntar-se em igrejas para cultos religiosos, ou em casa mesmo para um joguinho de baralho. Nem mesmo sentar numa roda de amigos ficou permitido, e palavras novas se tornaram a tônica nos noticiários de televisão, rádio e sites da internet: coronavírus, Covid19, quarentena, distanciamento social, *home-office*, infectados, mortes na China, Itália, Espanha, EUA, Brasil, grupos de risco, morbidade, leitos hospitalares, máscaras, testes, respiradores, solidariedade.

Sempre houve pandemias, causadas, principalmente, por vírus provocadores de doenças graves, como gripe espanhola, ebola, gripe H1N1, entre outras. “Nunca, em tempo nenhum, um medo tão grande se instalou no mundo, do que agora” diz a avó de 90 anos, quando foi se vacinar contra a gripe, dias atrás. “Se eu morrer por causa da Covid19, vai acontecer o que nunca esperava, eu não poder presenciar um bom número de pessoas despedirem-se de mim no velório. Nem meus filhos poderão me ver morta porque estarei em caixão lacrado, sequer a missa de corpo presente, tudo que protelei até agora e é capaz de nem acontecer” conclui a velhinha entre risadas e face meio triste.

Sozinho em casa, o viúvo Hortêncio não fala com alguém há mais de uma semana. Assim que soube do início da quarentena, não teve dúvidas: providenciou de tudo que precisaria por um bom tempo, enchendo a despensa, a geladeira e o freezer com aquilo que imaginava necessário para a sobrevivência sem sair de casa. Já com seus 77 anos, problemas de pressão

alta e sempre tossindo muito com qualquer resfriado, o homem entende que precisa se cuidar. Como álcool em gel e máscaras estavam em falta logo após as primeiras notificações no Brasil, ele se preveniu com muito sabão, pois ao menos poderia lavar as mãos a cada contato com qualquer superfície, ou quando receberia algo pelo *motoboy*, principalmente seus remédios prescritos e que recebe do governo pela farmácia popular. Ele lê notícias na internet, assiste bastante à televisão e fica por dentro do que acontece no mundo ou que dizem que esteja ocorrendo. Normal seu Hortêncio ficar cada vez mais introspectivo, pois é nada fácil ficar preso na própria residência para quem tinha o hábito de sentar nos bancos da praça a fim de falar com amigos e conhecidos, desconhecidos também, observar os voos das pombinhas, a corrida de alguma lagartixa, a alegria de cãezinhos levadas por suas donas – essas que se autoproclamam de mães – quando chamam seu pet de bebê. Agora, sentado na frente do computador, olhando, nas redes sociais – a que aderiu há não muito tempo – tantas opiniões, tantas maneiras de passar o tempo, muitos comentários provocadores de quem apoia o presidente, e de quem o condena pelo que faz e que fala... Hortêncio não morre de amores por partidos políticos, nem mesmo por tipos de religião, mas, no fundo, tem suas preferências e sofre por não poder, nem querer, dizer algumas verdades a certas figuras que se acham donas da verdade e não admitem, e nem respeitam, opiniões contrárias às delas. Ele já cansou tanto que pensa em romper com seu isolamento. Por que morrer de tédio? Por que desaprender a falar em voz alta, se dá para morrer de Covid19 e nem precisar ficar esperando passar o velório para ser enterrado ou cremado?

Nas pandemias há sempre muitas histórias, mas o problema desta do coronavírus ultrapassa qualquer outra de que é possível ter lembrança. Logo, as histórias casuais são tantas quantas há pessoas para contá-las. A necessidade de se cuidar ao máximo para que pessoas dos grupos de risco não sejam infectadas e precisem, em massa, de leitos nas unidades de tratamento intensivo – UTI – é primordial. Ficar depressivo, como o caso de Hortêncio, principalmente de pessoas solitárias, é quase inevitável. Primeiro, há a possibilidade de se divertir escutando música, assistir a filmes na televisão e em plataformas pagas, além de ver vídeos no celular e computador, esses, geralmente, enviados por amigos das redes sociais e

compartilhados em grupos específicos; depois, tudo isso começa a ficar tedioso, e a pessoa perde a paciência, principalmente se ela não tem alguma tarefa especial que possa desenvolver sozinha e que distraia, traz entretenimento adicional, se possível, até rentável.

Nem todos têm o espírito da velhinha tomando a vacina da gripe. Nem todos conseguem ficar somente em casa pelo fato de não haver alguém que possa resolver suas pendengas.

Nas pandemias é comum acontecer de os governos tomarem providências diversas, publicarem decretos para normatizar comportamentos e tentarem prevenir que o mínimo de pessoas seja atingido pela doença em questão.

Um dos dramas da pandemia do coronavírus é a preocupação com a falta de renda em função da parada de muitas das atividades econômicas, principalmente ocorrendo com pessoas de pouca, ou nenhuma, posse, que não sabem de onde prover seu sustento. Mesmo com o governo providenciando em ajudas monetárias diversas, ainda assim, essas, com certeza, não suficientes para a maioria dos atingidos, de forma repentina, pelo desemprego em massa.

Sair da pandemia causada pela doença não significa voltar tudo ao normal. Muita gente precisará reinventar sua maneira de viver. De repente, a forte urbanização precisará ser afrouxada e haver uma migração de volta ao campo, onde há enormes extensões de terra ocupada por apenas proprietários de fazendas de produção animal e vegetal em grande escala e que talvez não tenham a quem vender essa produção por o mundo inteiro ter enfraquecido economicamente. Voltar ao interior, produzir itens de subsistência alimentar por conta própria em pequenas áreas, que poderão ser disponibilizadas por leis governamentais, talvez, quem sabe mesmo, será a solução contra a fome que certamente estará no horizonte de muitos quando acabar a grana que o governa está desenterrando e distribuído aos necessitados.

Pequenas e grandes empresas terão a necessidade de repensar suas atividades e seus processos de produção. Depois desta pandemia, muitos governantes vão pensar duas vezes antes de gastarem fortunas com a construção de prédios de todo tipo em detrimento de aplicações em saúde, educação, segurança e emprego e renda. Hospitais, antes de estádios, médicos,

enfermeiros, sanitaristas e professores serão profissões que receberão mais destaques e valorização do que nunca nos recentes tempos passados.

Que mentes iluminadas tenham mais vez do que meros interesseiros por poder político apenas!

A gaiola

Silvana da Silva Spíndola (Porto Alegre-RS)

Eu acordei numa manhã dessas com uma cantoria diferente, notei que os sons vinham do quarto da minha filha – do meu ninho vazio -.

À medida que eu me aproximava a “sinfonia” aumentava e eu pensei ser impossível no nono andar que tal situação acontecesse. No parapeito da janela um casal de pássaros! E a fêmea (logo conclui pelo meu limitado conhecimento em ornitologia) era a que mais alto cantava.

Estavam radiantes e pouco se importaram com a minha presença, pude então entender a importância do isolamento social nesta pandemia.

Aprendi à custa de muitas dores, que a prioridade é preservar nossa espécie e nossos amores. Deixei-os ali, voltei para minha gaiola e fui dormir.

Aglomeración

Ricardo França de Gusmão (Rio de Janeiro-RJ)

- Querida. Temos que tomar uma decisão.
- O que foi amor?
- O cobertor está curto? Quer dormir em cobertor separado? Tudo bem...
- Não amor. Temos que decidir. Ou você ou eu iremos dormir no sofá.
- Mas estamos de quarentena. E não estamos com o vírus. Por que isso? Tá fazendo frio... E aqui embaixo do edredom tá um calorzinho tão gostosinho...
- Amor, foi divulgado agora no telejornal. O prefeito mandou evitar aglomeração. E colocou a Guarda Municipal em estado de alerta. Eles estão monitorando os sinais dos nossos telefones celulares.
- Mas amor, isso é só para quem sai da quarentena horizontal... E nós estamos horizontais...
- Amor, o governador disse que o isolamento é uma atitude de amor para com o próximo. E, nesse momento, você é a mais próxima de mim. E eu sou o mais próximo de você. Temos que obedecer.
- Coração, você não está radicalizando, não?
- Você está com máscara?
- Claro que não, querido! Que paranoia!
- Cadê o álcool em gel?
- Na cozinha.
- Deixa que eu pego. Não me segue. Estarei no sofá, para o seu bem. E o meu também.
- Sabe o que é isso? É o dia inteiro de quarentena assistindo jornalismo na TV por assinatura! E você não sabe que estão faltando máscaras?
- Então o cenário aqui em casa piorou.
- Como assim?
- Estamos expostos.

- Sim, querido. Estamos nus. Somos marido e mulher, em posição horizontal na cama, em pleno outono. O cenário mudou e vai mudar mais ainda quando chegar o inverno!
- Ouça. É sério. Você precisa se vestir.
- Me vestir? Você quer dizer, camisola? Calcinha, sutiã?
- Não. Tá vendo a minha mochila?
- Sim. O que tem nela?
- Há duas máscaras cirúrgicas, luvas, aventais impermeáveis e óculos de proteção individuais.
- Você pirou de vez? Não vai ter mais 'nenhenhem' não?
- Mulher, o 'nenhenhem' ajuda a disseminar o corona. Há um vídeo no YouTube que ensina um novo protocolo de 'nenhenhem'. Amanhã nós veremos juntos, é um paliativo. Mas resolverá se mantivermos pelo menos a um metro e meio de distância.
- 'Nenhenhem' a um metro de distância? Isso é pior do que sexo por telefone! Nossa! Estou até suando!
- Amor, você está exalando fluidos corporais?
- Puta que pariu!
- Temos que evitar, já disse, aglomerações...
- Mas só somos nós dois!
- Essa é a idéia. Temos que continuarmos assim. O 'Nenhenhem' faz neném. Aí seremos três, depois quatro... A China começou assim. Dizem. Olha, eu comprei uns livros para você passar o tempo...
- Romances?
- Nada de romances. De primeiros-socorros.
- Romance está proibido também?
- Está na lista do Ministério da Saúde de artigos dispensáveis nesse período.
- E por que primeiros socorros?
- São instruções básicas. Em casos de obstruções das nossas fossas nasais.
- Querido, você é médico?
- Você sabe que não. Sou mecânico de computador.
- Mas você até ontem era mecânico de automóveis!

— Com o home office, o mercado de informática está expandindo. Novos tempos. Temos que ser resilientes.

— Entendo... Ser resiliente? Ok. Sabe que esse porteiro novo é um senhor 'pedaço'?

— 'Pedaço'? De quê?

— De carne! Lembra? Carne? Homem? Mulher? Carne com carne?

— Mulher, você está em devaneio. A porta e as janelas estão lacradas.

— Você está querendo me manter em prisão domiciliar? Isso é ciúme, é?

— Não. É quarentena. Querida?

— O que é?

— A sua perna esquerda suada está encostando na minha perna direita desprotegida.

— Por acaso, você está 'saindo do armário'??? Acho que esse COVID-19 está mais para um 'bode expiatório' do que um 'vilão' da espécie humana!

— Você vai se acostumar. Pode ser quatro meses, mas pode durar 40 anos...

— O que??? Ah, não! De jeito nenhum! Quero o divórcio! Já!

— É? E você vai para onde? E com quem?

— Vou com o primeiro infectado que passar na calçada!

— Então aproveita.

— Quem? O infectado?

— Não, querida. As cosquinhas iniciais que o Coronavírus fará em suas vias respiratórias. Pode deixar que hoje eu inauguro o sofá...

Andar pelo Rio

Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG)

Andar pelo Rio é viajar na poesia, nas canções e no cinema de tantas obras que tem o Rio como tema ou cenário.

Primeiro tem o FALAR CARIOCA.

Parece que todo carioca nasceu com vocação para ser locutor, tamanha sonoridade desua voz

Mas podemos ouvir o “carioquês” em vários “dialetos”.

Tem o estilo Alexandre Frota, Mc Bill e Mc Catra, que são aqueles que falam parecendo que estão chupando uma bala ou bebendo uma dose de vodka.

Tem o carioca “resfriado”, que falando lembra muito a galera de BH.

Quem se lembra do Juninho Play. Ou do seu Boneco? Nos trens urbanos você verá e ouvirá muito desse estilo. E eu vou pra galera!!!

E tem o carioca “anordestado”. Estilo Romário. É isso aí parceiro!!!

Mas em todos os dialetos têm o famoso shhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh, aquele “S” mais arrastado, mais chiado.

Pois bem, é mais uma faceta do mundo carioca.

E quanto ao roteiro turístico e urbano da cidade... andando pelo Rio lembramos das inúmeras obras literárias, musicais e cinematográficas que tiveram a cidade como tema.

“Do Leme ao Pontal” (Tim Maia), “Carioca” (Chico Buarque), “Cidade Maravilhosa” (André Filho e Aurora Miranda),

“Rio 40º” (Fernanda Abreu), “Garota de Ipanema” (Vinicius de Moraes e Tom Jobim), “Cariocas” (Adriana Calcanhotto), “Solteiro no Riode Janeiro” (Toni Garrido), “Ela é Carioca” (Tom Jobim).

E quantos aos filmes:

Há os filmes bem antigos como Alô, amigos (1942) –, o filme de Walt Disney que apresenta o personagem Zé Carioca ao público brasileiro, e "Em Ritmo de Aventura"(1967), que mostra Roberto Carlos sendo perseguido por um grupo de mafiosos na estrada do Corcovado.

Há o filme da série do personagem James Bond - 007 – Contra o Foguete da Morte (1979), que teve cenas gravadas no cabo do Bondinho do Pão de Açúcar.

Os estrondosos sucessos brasileiros Central do Brasil, de Walter Salles, com atuação primorosa de Fernanda Montenegro (1998), e Cidade de Deus (2003), de Fernando Meirelles.

E os mais recentes filmes de ação como Os Mercenários, de Sylvester Stallone (2012), O Incrível Hulk (2008), dirigido por Louis Leterrier, e Velozes e Furiosos 5 – Operação Rio (2011), com Vin Diesel e Paul Walker no elenco. Além do famoso clip da música They Don't Care About Us, gravado por Michael Jackson em 1996.

O Rio de Janeiro é realmente uma cidade cheia de “encantos mil”. Conhecendo a cidade, entendemos o carinho e a inspiração de artistas e poetas como Noel Rosa, Pixinguinha, Tom e Vinicius.

Por todos os cantos do Rio, do Leme ao Pontal, é possível lembrar de trechos de sucessos da MPB, bossa nova, funk, samba...

“Do Leme ao Pontal” - ao ler as placas indicando Flamengo, Botafogo, Urca e Praia Vermelha, não tem como não lembrar do sucesso de Tim Maia.

“Garota de Ipanema” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) – como passear em Ipanema não se lembrar desse sucesso mundial?

Pelo trem, metrô ou mesmo a pé, viajamos por episódios e nomes familiares.

Lembramos das Escolas de Samba, dos times de futebol...
...Central do Brasil e a Conexão Japeri, Vigário Geral, Candelária, Padre Miguel, Madureira, Botafogo, São Cristóvão, Tijuca, Cantagalo, Cinelândia, Estácio, Maracanã...

Ah sim, o calor demasiado nos remete à música “Rio 40 Graus” (Fernanda Abreu).

Agora, Copacabana é um capítulo à parte. A “Princesinha do Mar”, segundo Dick Farney.

Chega a dar emoção caminhar naquele calçadão. Viajamos no tempo ao ficar em frente ao COPACABANA PALACE.

E a Lapa e seus arcos. Andando pelas ruas, a gente chega a sonhar em poder tomar uma com Noel, Pixinguinha ou Vinicius.

Conhecer o Rio é realmente viajar em vários espaços. O clássico, o moderno, o histórico e o musical. RIO MARAVILHA!!!

COVID-19: ou "nos encontramos", ou estaremos "perdidos"!

Cleusa Piovesan (Capanema-PR)

Depois de dois meses dedicados a cuidar, especialmente, de mim, estou sentindo que posso fugir ou me perder de mim mesma, pois já não vejo a realidade, como de fato é, trancafiada em casa como um animal acuado a espera do predador. E cuidar de mim apenas não basta, tenho que cuidar das pessoas do meu convívio, mesmo que seja à distância. E cuidar de meus compromissos, que agora são *on-line*, e criaram uma linha tênue entre o real e o virtual, que tem de ser ultrapassada, ou a “ultrapassada” serei eu.

Minha prisão não se constitui apenas em estar dentro de um espaço limitado, consiste em estar impotente diante da proporção incontrolável de um vírus, diante da crueldade de pessoas que, em momento tão grave, levam na brincadeira ou tentam tirar vantagens financeiras, e de um governo que privilegia a minoria, os empresários, tratando a maioria, o povo trabalhador, como peça descartável dentro do sistema capitalista. E médicos chegando ao ponto de exercer o papel de “deuses”, determinando quem vive ou quem morre, quem tem direito a um respirador, ou mais chances de sobrevivência, tornando a população idosa quase descartável, na competição com um jovem.

Minha impotência vem das informações não confiáveis que recebo pelas mídias, que me dão ciência de que a humanidade não está preparada para catástrofe de tal proporção, pois lhe falta entender o sentido do vocábulo "humanidade", aquele sentimento e modo de ser que nos torna, verdadeiramente, humanos!

Estou aqui, perdendo-me em conjecturas... e em mais leituras... estou no décimo quarto livro (antes não havia tempo para isso) e, quiçá, possa conviver com essa visão infernal que estou tendo da atual situação. Um pouco de fantasia para me arrancar da crueldade da realidade que vivenciamos. Nem Dante descreveu tão bem o "inferno"! Um inferno provocado por um inimigo invisível, manipulado por outros inimigos, visivelmente interessados em ocultar dados estatísticos, criando além da

pandemia, um pandemônio de Fake News, não bastasse o acúmulo de más notícias diárias.

O COVID-19 apresentou o lado mais mórbido do ser humano: o individualismo. Apresentaram-se os heróis, dispostos a enfrentar o problema, alguns com seu conhecimento especializado; outros, com sua solidariedade. E apresentaram-se os covardes, aqueles que buscam um culpado, sem pensar que a causa nesse momento não precisa ser atacada, combatida ou contida, a preocupação maior deve ser com as consequências, que não serão poucas e nem inexpressivas.

Somos seres gregários, por isso teremos não só uma população vítima de uma doença viral, mas uma população vítima de uma doença social, derivada da falta de interação e de conscientização de que o enfrentamento é necessário e de que todos têm de sacrificar-se um pouco, por um bem comum e maior do que qualquer “chilique” que alguém possa ter por conta do isolamento social: a vida!

Seremos vítimas da quebra do sistema econômico, pois não é o momento de adquirirmos bens supérfluos; as necessidades básicas vêm em primeiro plano, embora nunca tenha havido tantas promoções e tantas facilidades nos sistemas de venda *on-line* e *deliveries*. A economia se recupera de uma falência temporária; as vidas perdidas nessa pandemia não! Há controvérsias? Sim. O futuro nos dará as respostas, mas para isso precisamos manter-nos vivos.

E ainda seremos vítimas da depressão mental, fenômeno da modernidade, cuja cura encontra-se dentro de cada um. E quem não souber lidar com a situação de isolamento social, de caos em todos os setores a sua volta, fomentará a agenda de consultórios de psiquiatras e de psicólogos, perdidos dentro de si, tentando encontrar um sentido para continuar vivendo, tentando entender os males que um cárcere privado, que a falta de liberdade, de convivência social provocam, mesmo nas mentes mais sadias. Todos tentando se encontrar, num mundo que perdeu a noção do tempo, um tempo que era tão raro e que, agora, muitos não sabem o que fazer com ele.

Banalizar a gravidade do COVID-19 é brincar de Deus, ou considerar-se um *haighlander*, crendo no vazio de uma imortalidade

impossível. A fantasia, a mitologia, as crenças têm de dar lugar à ciência para que se encontre logo um meio de conter a proliferação desse vírus, e todos estejam em segurança, mas, nessas horas, vejo que Sartre tem toda razão "o inferno são os outros". Não nos tornemos o inferno dos outros!

Dias melhores sempre virão

Diego Roberto da Silva Apulinario (Palmas/PR)

Ele acordou cedo, por volta das 13 horas. Para muitos, esse horário já é tarde, mas para quem trabalhou até de madrugada ainda era cedo. Olhou-se no espelho, tomou um banho, um banho desses que você demora, que você esquece que precisa proteger a natureza, um banho largado. Olhou-se novamente no espelho, já não era o mesmo de outrora, comeu qualquer coisa e que coisa, o maldito relógio já marcava a hora de novamente ir trabalhar.

Sem nenhuma vontade arrastou-se até a parada de ônibus, subiu no “busão” e seguiu o seu destino trivial, aquele árduo caminho. Ele ignorava as pessoas ao seu redor, perdido em seus pensamentos só constata o quão desanimado estava com aquele fardo chamado trabalho, mas aí ele reconsiderava: “é ruim, mas é melhor que nada”. E assim, os dias iam se passando e nada de novo acontecia e ele naquela agonia... Que vontade louca de gritar, de chorar, sair correndo. Que saudades loucas dos tempos de infância, tempos que já não voltavam mais...

E então, ele acordou tarde, por volta das 10 horas da manhã, para muitos é cedo, mas para quem não fez nada na noite anterior (era domingo, dia de folga) aquele horário já era tarde. Ele passou direto pelo espelho, foi até a cozinha, fez um belo café da manhã, um café desses de novela com muita coisa e pouca pessoa para comer, mas era um belo café da manhã. Perto do meio-dia saiu para dar uma volta, comeu pastel de feira, tomou caldo de cana e seguiu para o trabalho. Por incrível que pareça seguiu animado, tinha uma intuição, coisas boas aconteceriam...

Ao chegar à empresa foi direto para sua sala, muitas coisas para organizar e longas horas sem fim estavam apenas começando. Não demorou muito e logo seu chefe apareceu, papo vai, papo vem e do nada a chefia informa que devido aos muitos problemas sociais que assolavam a vida de todos a partir daquele dia ele poderia ficar em casa, pelo prazo de um mês, até que tudo se estabelecesse. Ele até estranhou um pouco, ele

tão novo de empresa e já poderia ficar em casa, mas não questionou, guardou suas coisas e foi embora no primeiro ônibus.

Sem dúvidas aquele período de isolamento social seria tudo de bom, sem faculdade, sem ter que trabalhar, sem nenhum tipo de compromisso, a única coisa que ele teria que fazer era simplesmente nada, nada além de fazer coisas nas quais sentisse prazer. E assim foi, passou os dias lendo, vendo filme, séries, escrevendo bobagens e ignorando completamente tudo o que acontecia do lado de fora de sua casa, se preocupar para quê? A sua vida não poderia estar mais perfeita.

Passado um mês, novamente ele acordou tarde, por volta das 13 horas, tomou banho, comeu e seguiu com muita má vontade para o trabalho. No ônibus ouvia pessoas comentando sobre crise, sobre desemprego, sobre tantos assuntos mórbidos que o melhor a fazer era aumentar o volume e curtir uma boa música, afinal não havia tempo para ouvir lamentações alheias. Ao chegar à recepção da empresa o seu crachá deu bloqueado e bloqueado e bloqueado, até que pediu ajuda e a recepcionista com muita má vontade liberou sua entrada e informou que ele deveria ir direto ao RH para ver o que estava acontecendo. E então, ele com mais má vontade ainda foi, sem dúvidas o pessoal apenas havia esquecido que ele voltaria naquele dia a trabalhar, enfim, errar e esquecer são atitudes humanas.

Bufando de raiva ele passou pela porta do RH, explicou tudo o que estava acontecendo e eis sua resposta: não havia engano, não havia esquecimento, a única coisa que havia acontecido é que ele tinha sido demitido. Sim, ele tinha sido demitido, pela primeira vez em sua vida. A empresa explicou que devido à pandemia, a baixa saída de produtos era necessário fazer corte de pessoal e como ele era o mais novo de empresa teria que ser ele. Ele simplesmente não ligou para isso, afinal ele não gostava do trabalho e em sua opinião uma pessoa formada jamais ficaria sem emprego, saiu dali muito satisfeito e até comemorou o que havia acontecido.

No primeiro mês após sua demissão não se preocupou com nada, continuou sua vida como sempre, gastando e mantendo o tão adorado padrão de vida. No início do segundo mês percebeu que o dinheiro começava a terminar, mas mesmo assim manteve o seu orgulho e

continuou a viver como de costume. Mas nada na vida são flores e nada dura para sempre, a partir do terceiro mês, as contas começaram a chegar e a carteira estava vazia, completamente vazia, então ele colocou-se a procurar emprego, mas não queria qualquer coisa, “uma pessoa formada não poderia trabalhar em qualquer coisa”, esse era o seu pensamento.

E os dias iam passando, as contas se acumulando, a carteira vazia e a comida acabando. Aí ele se deu conta de que era só mais um no meio de tantas pessoas que estavam sofrendo durante aquele período. Mas ele não queria se dar por vencido, pedir ajuda para a sua família jamais, seria muito humilhante, preferiu contar com os amigos. Mas infelizmente, os seus amigos também não puderam ajudar. Pela primeira vez ele se sentiu sozinho, perdido, pela primeira vez ele se sentiu uma pessoa normal, livre de privilégios.

Os dias foram ficando cada vez mais angustiantes, o desespero bateu, as lágrimas caíram dos seus olhos... Do que adiantava morar em uma casa tão confortável se ele já não podia mais pagar por ela? Do que adiantava ter roupas tão caras se a barriga estava vazia? Do que adiantava ser tão mal-educado com os seus vizinhos se ele não era ninguém? Aí então ele lembrou-se de sua mãe, aquela mesma que há muito tempo ele havia abandonado no interior, lembrou-se dos seus irmãos, aqueles que ele julgava inferiores por não terem estudado como ele, enfim, lembrou-se que um dia ele também foi um sonhador.

Tomado por essa nostalgia, não hesitou e ligou para sua mãe, chorou horas no telefone, confessou que a dor era tanta que talvez morrer fosse a melhor saída, mas ela com toda a sua humildade, não o agrediu, não o condenou, pelo contrário, fez com que ele lembrasse do menino sonhador, batalhador e com vontade de vencer na vida, suas palavras foram: “Filho, lembre-se da pessoa que você foi, recupere sua essência, aproveite esse período conturbado para renascer, pois dias melhores sempre virão.”

Quando desligou o telefone, ele chorou mais um pouco, sentiu vergonha, raiva, sentiu-se traído pela vida, mas guardou as palavras da sua mãe e definitivamente precisava fazer alguma coisa. No dia seguinte saiu cedo de casa, cumprimentou os vizinhos e decidiu procurar qualquer emprego, afinal de contas o importante era ter dinheiro para comer.

Os dias foram incertos, a sola do sapato gastou, os “nãos” ouvidos foram muitos e quando ele já estava quase desistindo eis que surge uma luz no fim do túnel: ele conseguiu um emprego. Não era de acordo com sua formação, mas era um emprego, seria por apenas um período, até que todo aquele caos passasse e sem dúvidas a partir daquele dia, dias melhores estavam por vir, agora, com ele sendo uma nova pessoa e compreendendo que o importante não é a sua riqueza material e sim a sua riqueza emocional, aquela que só com amor se pode comprar.

Diálogos à beira do “coma”.

Celso Lopes (São Paulo – SP)

No filme, *Fale com ela*, (Hableconella), do diretor Pedro Almodóvar, os personagens masculinos (enfermeiro e jornalista) e os femininos (bailarina etoureira), estabelecem uma relação intensa no hospital, onde ambas se encontram em coma. Marco, o jornalista, acredita que elas estão mortas. Benigno, o enfermeiro, que cuida da bailarina (Lydia) aposta num “milagre” e aconselha Marco: “Fale com ela”... “Fale com ela”... e é o que ele fará, de certa forma, dialogando com o longo silêncio de Leonor (a toureira).

Esse, digamos, monólogo, que no filme ganha contornos de diálogos, pode, apropriadamente, tornar-se uma “ferramenta essencial”, também nesses tempos de pandemia. Imagine-se como um paciente terminal. Você está internado, próximo ao fim, mas você ainda escuta. De repente, ao seu lado alguém diz: “ - *Farei o possível pela sua vida!...*”

Até aí, alguns pontos a considerar: primeiro, esse alguém, o médico ou profissional intensivista, poderia estar fisicamente ali, desde que fosse possível, e com todos os cuidados de um não-contágio, especialmente, frente a um vírus pandêmico, como é o caso do recente *coronavírus*. Segundo ponto, o médico ou o Atendente especializado, estaria acompanhando você, via equipamentos de “Telemedicina” – com uso de som e imagem de vídeo; com a ressalva de que, até pouco tempo, esse procedimento sofria certo viés contrário, uma vez que, culturalmente, exigíamos dos profissionais de saúde um estreito contato com o paciente. Digamos que, quanto mais melhor, acredito que era assim que todos nós pensávamos. Mas há uma outra consideração que salta com relevância neste enfoque.

E vem de uma experiente profissional no trato com Cuidados Paliativos; um enfrentamento habilidoso, entre médico-paciente, diante de doenças dolorosas e incuráveis. Tendo à frente, doentes que não podem receber visitas, a médica Ana Cláudia Quintana, tema desse texto, adianta

que a importância do profissional de saúde nessa hora, alcança uma conexão fundamental e de extrema confiança ao paciente. Para a doutora, - no momento da nossa maior fragilidade, em que estamos morrendo, e todas as medidas de sobrevivência já foram tomadas, não respondemos mais aos estímulos, mas ouvimos de um profissional ao nosso lado: “*Farei o melhor que puder pela sua vida. Você é muito corajoso!...*”

Para Ana Cláudia, esse gesto cuidadoso ganha proporções de reflexão sobre a nossa finitude, tornando, não-necessariamente, a morte digna, mas sim, a vida digna. Por isso, acrescenta: “*Se a última coisa que você ouvir na sua vida for isso, vai ter valido a pena. Não é nem para salvar a sua vida, mas (fazer) o possível pela sua vida.*”. A abordagem da médica, entre outros pontos importantes, avança, com propriedade, para esse momento restritivo imposto pela “pandemia” causada pelo Coronavírus, em particular sobre o impedimento presencial junto aos leitos, de familiares ou mesmo, de profissionais de Saúde, numa fase delicada da perda do ente querido. Em sua ótica, quando se vê o corpo, a gente sepulta, chora, faz missa, faz rezas, esse ritual cria e garante uma estrutura de segurança a quem fica; é como se fizéssemos uma trilha sinalizada. “*Sem essa ritualização, a emoção da perda é arrebatadora*” – conclui.

Médica com grande reconhecimento na sua área, e autora de livros como “*A morte é um dia que vale a pena viver*” e “*Histórias lindas de morrer*”, Ana Cláudia Quintana parece construir, e constrói, cuidadosamente, aquele “milagre” da narrativa do filme, apostando todas as suas fichas, sabiamente e humanamente, nesse aparente e improvável “diálogo” entre os médicos e pacientes.

Fonte: Mariana Alvim - @marianaalvimDa BBC News Brasil em São Paulo (12/abril/2020).

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52238892>

Dois lados e o final

Suelen Catarina Duarte dos Santos (Clevelândia-PR)

Há quem diga que as melhores coisas da vida são as não planejadas, pois acontecem com mais intensidade. Mas, quando pensamos nisso, sempre é algo relacionado à positividade e com muita alegria. Ninguém planeja enfrentar tristezas, isolamento e muito menos uma pandemia”. Com o desabafo dessas palavras escritas em um caderno de anotações pessoais, Margot só desejaria ser mágica por um instante e em um estalar de dedos acabar com todo o sofrimento que o Covid-19 está causando no momento, mas o inimigo invisível é muito mais forte, infelizmente.

Margot, cabelos compridos, olhos castanhos, um metro e setenta e um de altura, e tem como o seu principal passa tempo o estudo das plantas, e a prioridade nesse momento é o bem da sua saúde mental. São informações sobre mais uma pessoa no mundo, mas como cada pessoa é única e como o próprio momento causado pelo coronavírus diz, cada detalhe interessa.

Era três horas da tarde, Margot levantou-se, já era tarde, mas não havia pressa. Escovou os dentes e verificou o armazenamento de comida, ela tinha o suficiente para não ir para as ruas em uma situação desnecessária.

Já estava sentada a meia hora com um livro nas mãos, uma das palavras do título era “believe”, quando o celular tocou ela não conteve o sorriso, mas quando viu o contato de quem atrapalhava sua seção de leitura, a expressão em seu rosto entregava o desânimo, era ela, que não era o coronavírus, mas que tinha como principal função atrapalhar a vida alheia, a Lucimar, que se fizesse comparação com o nome seria a luz da radiação e um mar dez vezes mais salgado.

Margot até pensou, mas acabou atendendo:

— Olá, Lucimar, tudo bem?

— Margot. Querida, que voz é essa? Estou a duas quadras de sua casa, logo chego ai!

Margot não acreditando no que ouvia, devolve para Lucimar palavras em tom alterado, que o mundo inteiro já sabe:

— Na rua por quê? Fica em casa! A cidade, o Brasil, a América, o planeta em colapso, e você querendo me fazer uma visita como se nada tivesse acontecendo. Já ouviu falar em empatia?

Lucimar um pouco assustada com o tom de voz do outro lado da linha, devolve:

— Mas, mas, você acredita realmente nisso tudo que está acontecendo? Olha, eu respeito sua opinião, mas na nossa cidade não há nenhum caso de coronavírus, pra tudo tem limite, eu acho que não precisa de tanto exagero, né, Margot, querida, vamos relevar, o que custa aceitar minha visita?

Margot não acreditando no que ouvia, retoma a voz e:

— Decepcionante. Você sabia que em cada cidade que está tomada pela pandemia já teve seu primeiro caso? E que esse caso pode vir de qualquer um de nós se não cumprimos com as medidas necessárias de prevenção? Até mesmo de você. Estamos vivendo em uma época que devemos deixar de lado o “eu acho” e confiar em quem realmente vai nos salvar a ciência, e ela nos diz que devemos ter consciência.

Lucimar, já a uma quadra da casa de Margot, já tinha seu argumento pronto:

— Está bom, então. Eu só queria uma das suas receitas, daquele livro antigo que sua mãe lhe deu, mas, não tem como eu passar aí mesmo? É só um abraço, um café que eu sei que não vai me recusar, um beijo de leve no rosto, e eu vou embora.

Margot já pensava em trocar o nome do contato de Lucimar para “Espirradeira”. Ela como uma boa entendedora de plantas, sabia que se tratava de uma planta tóxica com efeitos de irritação, e que nesse momento de vírus, as espirradeiras deveriam ficar longe. Mas enfrentou Lucimar:

— Não desiste mesmo. Eu poderia ficar horas conversando sobre como as pessoas não são imortais, e que a gente nunca espera que aconteça conosco. Mas, já que você pediu uma receita, eu tenho certeza de que minha mãe iria concordar com essa que eu vou te passar, mas você tem que prometer, jurar que você irá agora mesmo para casa e vai seguir a receita totalmente como ela é, pode ser?

Espirradeira ou Lucimar, que seguia suas promessas e era fiel a elas logo concordou:

— Eu prometo. Já cheguei em casa, e estou sentada confortavelmente em minha poltrona, e só saio daqui com a receita, vamos lá, pode começar.

Margot, olhando para o espelho e vendo que seu dia vai valer pena, começa:

— Primeiro você vai precisar de uma boa xícara de bom senso, colheres de sopa de empatia, um grande copo de amor-próprio, pitadas exageradas de união, e colocar tudo isso em uma forma redonda representando o planeta nesse momento. E como toda boa receita não se faz na rua, você precisa ficar em casa.

Lucimar entendendo o recado de Margot, diz:

— Ok, eu entendi, você sabe muito bem como eu cumpro com minhas promessas.

Margot, vendo que seu plano deu certo, só diz:

— Tchau, Lucimar, e um grande cheiro de álcool em gel pra você.

Margot, continuando se olhando no espelho, acabou pensando que ela não fez isso para afastar uma amiga indesejável para longe de si por um momento, mas fez isso porque o mundo precisa, não fazendo mais do que sua obrigação, se sentiu uma heroína.

Um pequeno tempo se passou e o afastamento de Lucimar salvou a vida de quatro pessoas, entre elas a de Margot.

Ela entendeu

Jéssica Karina Kalsing (Planalto-PR)

E lá vai ela, a garota dos sonhos, para seu último dia de trabalho, antes de tudo acontecer. Mas, ela não sabia.

Enfrentara aquele dia como outro qualquer. Trabalhava de recepcionista em uma grande empresa, e, entre um atendimento e outro, ela refletia e até pesquisava o significado do que sonhara na noite anterior.

Tal sonho a atormentava muito. O que significava sonhar com um bebê nascendo em meio a palha? O que ela encontrava nas pesquisas era ótimo, ela estava entusiasmada com a ideia de que, apesar dos momentos difíceis na sua vida, logo surgiria algo bom. Isso ela sabia.

Antes de terminar seu expediente naquele dia, teve uma importante reunião com seus superiores... seria o prenúncio daquilo que sonhara. Mas, ela não sabia.

Um desconhecido e letal vírus, que se tornou uma pandemia global, foi anunciado e a empresa onde ela trabalhava foi fechada por tempo indeterminado.

Ela entrou em pânico, logo se desesperou: como ficaria isolada dentro de casa afastada da sua rotina corrida: enlouqueceria? Como poderia evitar interagir com as pessoas, se era isso que estava acostumada a fazer, era disso que gostava e precisava, ela iria enlouquecer definitivamente.

E aquele sonho não lhe saía da cabeça... Seria um emprego novo? Seria um relacionamento amoroso? Seria uma mudança de endereço? Ela acreditava nisso, mas depois da notícia que recebera parecia não fazer mais nenhum sentido.

Passaram-se muitos dias de aflições e angústias, e ela não sabia lidar com esses sentimentos... eram muitas emoções que nunca havia sentido e que não conseguia lidar, nem mesmo explicar. O barulho do telefone chamando, tão habitual para uma recepcionista, fazia falta e não o ouvir com constância causava um imenso vazio. Não ter o movimento das pessoas entrando e saindo, solicitando coisas o tempo todo, era muito, muito difícil.

A dimensão de tempo já havia se perdido conforme os dias passavam, mas a percepção de seu desespero aumentando era real e avassaladora. Até que na trivialidade de dias iguais, navegando pela sua rede social viu a seguinte frase: “A importância do desenvolvimento da inteligência emocional”. Tratava-se da oferta de um curso rápido, posto ali, lhe chamou atenção e, a segunda etapa de seu sonho entrou em cena. Mas, claro, ela não sabia.

E ela, para sair do tédio, resolveu fazer o curso. Não que se interessasse, ou sim, talvez fosse apenas uma válvula de escape para preencher o tempo ocioso, ela não sabia dizer.

Com sua habitual organização, disciplina e dedicação colocou em prática tudo o que lhe foi ensinado no curso. E em pouco tempo depois, estava emocionalmente transformada, sentia-se mais calma, mais forte e mais dona de suas emoções. Surpreendeu-se com esse controle e passou a conseguir enfrentar a situação com maior facilidade.

Foram dois meses que a empresa ficou fechada, ela conseguiria se desenvolver a ponto de entender o seu sonho e ainda conseguir lidar com a pressão do isolamento que tanto lhe afetou inicialmente? Finalmente havia entendido.

O isolamento lhe possibilitou um autoconhecimento inimaginável, revelou uma possibilidade de ressignificar tudo que viveu e com isso iniciou uma nova realidade. Finalmente compreendeu que mais importante do que o crescimento material é o autoconhecimento e o bem-estar espiritual.

Entendeu, que seus sonhos servem de conselhos para lidar com as diferentes áreas da vida. Mas, pela pressa de terminar o dia sem nenhuma pendência de atividades, nunca deu atenção para aquilo que seu inconsciente gritava. Como pudera viver tanto tempo assim? Perguntava-se.

Foi necessário uma pandemia para que ela realmente pudesse aprender a gerenciar seus pensamentos e suas emoções e conseguir perceber que viver está muito além de ter, mas que para isso, é necessário se autoconhecer e perceber a realidade para além da rotina maçante e destrutiva.

Facções da crise

Jefferson Reis (Salvador-BA)

Diante de um cenário que em algum momento do futuro sempre será atual, observa-se a lisura e idoneidade da incompetência humana, com poucas e verdadeiras –para o tamanho da conjuntura – ações que, realmente, capacitam tais seres a receber a insígnia de "humanos". Estourou mais uma pandemia, epidemia, surto, caralhodemia, e "bum", afinal estourou, né? Então o mundo se divide em facções que o habitam desde sempre, mas que se sobressaem nesses períodos. São algumas delas (há várias outras):

A) a dos desesperados que proliferam algo pior ou similar ao vírus: a ignorância e opânico; em suas pesquisas superficiais, em suas postagens e mensagens repassadas na velocidade da luz. Daí, você pede um nudes ou manda tomar no cu, a pessoa te bloqueia, fica brava. Vá entender! Mas para espalhar desgraças, falsas notícias (boas e ruins) e pânico, faz em mala direta;

B) a dos fodões, que são imunes a tudo, exceto à peste de suas próprias insciências. Esses estão em todos os lugares, dizendo que tudo é frescura, presepada, e expondo todos às contaminações mental e viral. O pior, é que realmente parece que esse tipo tem uma imunidade maior...;

C1) a dos ocupados ricos, que não tem tempo para acompanhar "baboseiras do mundo". Eles seguem suas vidas no fluxo normal de suas reuniões, aeroportos, transações, grifes e chiques, bolsa de valores, e clonazepam sublingual, até ter alguém próximo afetado, ou pior, ter um dos seus negócios prejudicados pela tal "coisa da moda";

C2) é quase a mesma categoria da facção anterior, com a sublime diferença, de serem pobres, classe média, operária, trabalhadora. Esses, sequer, têm tempo para se informar verdadeiramente, ou ler tudo pelo que são bombardeados a todo tempo. Apenas ouvem e leem muito

rapidamente o que chega, entre o despertar do relógio e os bateres do ponto, entre o horário do lanche e a condução para casa, caso consigam ir sentados;

D) a dos astutos, que consiste naqueles que pouco falam, se informam de verdades, por meio de canais sérios, e diante de todas as outras facções beiram o infarto, AVC, rodam os olhinhos ou distribuem voadoras, muitas vezes necessárias. Alguns desses são tão chatos quantos os de outras facções;

E) a dos práticos, que simplesmente não leem ou acompanham nada, apenas segue o fluxo, faz o que sugerem e deixam de fazer o que não recomendam. Sentam, abrem uma cerveja e aguardam o apocalipse ou a bonança;

F) a dos profetas do que querem. São aqueles que usam da religiosidade ou da sua falta, para justificar tudo e, inclusive, para decidir o que vai acontecer com o mundo. "Deus proverá!", "Está tudo escrito na bíblia!", "Orem, rezem, deem o cu! Salvem suas almas", "Vamos emanar boas energias, pois só assim...", "Eu quero é que se foda!", "Tudo vai piorar!", são apenas algumas dos mantras dessa facção;

G) a dos messias, consiste naquele povo que tem a solução para tudo, seja na área política, infraestrutura, educação, saúde. Sempre vão ter uma carta na manga acompanhada de extensos conselhos e discursos de como é fácil resolver a situação. Esses, aguardam certificados de seus egos e do Google.

Ciente de todas essas características, os dias seguem como se você estivesse vivendo dentro de um enorme presídio, no qual se tem que aprender a lidar com cada um desses grupos sem ser ofensivo ou defensivo demais, e assim, se manter longe de tretas e perturbações desnecessárias. Com um pouco de sorte, morando só, não ligando a TV nem a internet, talvez, você consiga, não ter que exercer seu direito de "mandar alguém ir à merda!" ou não necessite ter que filiar seu espírito, corpo e mente em algum alinhamento faccional da crise. Boa sorte!

Fast Food

Matheus Zucato Robert (Monte Sião-MG)

Abre a comporta de água feita de carne. Olha só quanta água pintada de sangue jorra do grande cano prateado que se instalou rápido e rápido sumirá daqui. Olha quanto suor escorre no chão; quanta calma deixada pela manhã; olha quanto atraso, quanto desespero! Desespero-me ao ver que anda como que engrenada por ligações químicas, toda aquela água. Veja como é estranha a velocidade da busca pela vida ganha sem se ganhar tanto assim com isso. Veja-os caminhando como que por batimentos cardíacos produzidos por um coração invisível escondido em algum lugar dos subterrâneos. Ah, eles me carregam e, no entanto, não encostam em mim! São como imãs que me atraem e que movem meus pés com uma propriedade sobre meu corpo que ultrapassa em muito a minha própria. Veja só como meu corpo já se virou e de repente estou me afogando no meio daquele rio de carne quente pingando sem um pingo de tempo para doar, pois já o venderam completamente de sua vida, e suas vidas já não são mais suas, são da empresa, do patrão, dos boletos, das reuniões, das ruas, da misericórdia dos que assaltam, do trânsito, são do ar que os consome, por dentro, todos os dias. Veja como suas vidas são de tudo aquilo que forma a metrópole da garoa ácida, menos suas. Olha como o rio corre e divide-se em vários e vários fragmentos que, sem importância alguma, buscam deixar o nome marcado na história. Sou carregado. Quero parar. Quero admirar a placa de indicação; o mapa colorido; os que pedem esmola; a sujeira do chão; as paredes coloridas; as lojinhas variadas; quero admirar tudo isso, mas não posso, a multidão não permite paradas: o rio deve seguir seu curso natural, para que viva, em cada um de seus milhares de fragmentos, a maior *inaturalidade* possível, que só pode ser proporcionada pela grande máquina metropolitana. O rio corre e, se eu ao menos penso em parar, o pensamento que vem logo atrás esbarra no meu e tropeço os pés, caio, e quem sabe sou pisoteado por milhares de pés que me confundirão com o chão da estação. Sinto que a única saída é entrar no

jogo. Vejo que, sem querer, quero. Permito-me a submersão: lentamente, sou transformado em mais um dos corpos mortos que flutuam nesse fluxo de vidas do amanhã. Do amanhã de que nada me resta, uma vez que o *hoje*, na metrópole, já não é *hoje*, mas é *amanhã*, e que, quando penso no *amanhã*, naturalmente ele já é o *depois*. Afinal, quem sabe quando sairemos realmente dos subterrâneos da vida modernizada?

Figurações de um novo tempo

Jeniffer Yara Jesus da Silva (Belém-PA)

Tenho todo o tempo do mundo nas mãos. Às vezes o pego entre a palma e os dedos, outras, escorrego entre eles ou deixo que se vá, jogando-o no ar. O tempo de antes não existe mais. Há um novo contraste entre tempo e espaço, sob cores mais subjetivas, menos cronometradas, entremeadas de ócio, trabalho e lazer. O sol já não se põe às seis horas da tarde, o dia não termina às seis, ele se expande, se indetermina e, quando percebo, ele já se foi, ao mesmo tempo que demorou tanto pra passar. Tenho em mim a estranheza das medidas. Os sessenta segundos conhecidos não fazem mais sentido, os sessenta minutos já não se completam, tudo se esvai, cada vez mais, como nos relógios de Dalí, incoerentes e sem sentido. Há mais de cem dias o mundo parou, como num *pause* em algum filme *trash*. Alguns dizem que já era esperado, outros creem que foi a mando de deus, os céticos e os crentes iniciaram os debates e hoje nem eles mesmos sabem justificá-los mais. O mundo parou. O ar está contaminado. As praças estão vazias. As ruas desertas. Os supermercados cheios. E os hospitais mais ainda. Há um barulho caótico, ensurdecidor, para quem está neles, coisa que não dá pra ouvir daqui, de onde estou, no silêncio das casas urbanas, rodeada apenas pelo ronronar dos gatos e pelos gritos de uma criança hiperativa.

O barulho não é ouvido daqui, conheço ele através dos jornais, na televisão, nos vídeos virtuais, nos papéis descartados após leitura. Nenhum ruído me transpassa até então. Será essa sensação de dor apenas virtual? Será um espectro de mundo que eu não tocarei e nem sentirei? O medo paira justamente aí, na aproximação desse barulho, dos choros surdos, das lamúrias, na dor transformada em gritos, no ar sufocado da pele quente doente e sem esperanças de vida, causada por um intruso invisível e mortal. A morte bate à porta e a dúvida se chegará até à minha é o que paralisa e faz tudo flutuar em uma nuvem de incertezas e pavores. Sinto-me presa em uma tela. As cores tenebrosas se insinuam, as

expressões abrem-se para o espanto, para o horror, as mãos tornam-se trêmulas, e as pupilas dilatam de anseio por boas novas que nunca chegam.

Nos disseram “não tenham pânico”, “vamos passar por isso juntos”, “todos os esforços estão sendo tomados”, mas os dias se arrastam, e as dificuldades aumentam. O cavaleiro de armadura branca e olhos claros não existe, o gênio cientista descobridor da cura milagrosa e espontânea não surge. Temos apenas o capitão da morte, transfigurado em um corpo pretensamente atleta, com uma faixa presidencial no peito, bradando contra

tudo e todos que desejam viver, por cima dos seus, em uma montanha de esqueletos humanos, urge para seguirmos para a ponta do penhasco.

O tempo já não é o da produção. O tempo é de espera. De que a onda exterminadora logo cesse, de que a morte venha, de que a vida permaneça no mesmo lugar. O futuro tem traços e pinceladas de cores ainda inatingíveis, como uma tela em branco somente com os rabiscos a lápis de um desenho qualquer, exercício refeito todos os dias, após uma nova previsão de desgraça ou contentamento. Seguimos inertes, como um receptáculo de notícias ruins, entremeadas de algumas que aquecem o coração e aliviam a esperança de dias melhores.

Há um mundo se regenerando em meio ao extermínio de tantos corpos, traduzidos em números em contagens que não cessam. Quem permanece na terra do pecado, quem sobe ao paraíso ou quem desce para os campos de fogo eterno são atualizados diariamente em seus destinos. Quem decide essas trajetórias? Quem distribui esses números possuidores de nomes, corpos, famílias e amigos? A quem devo reclamar pela quantidade absurda na contagem mortífera?

Não há um único ser a quem culpar. Talvez alguns contribuam como coveiros governamentais, mas as origens da calamidade são muito mais ambíguas e subjetivas. A terra parece ter uma linguagem própria, um movimento particular, de repulsa, enojo e estagnação. Devemos respeitar sua vontade?

O que Darwin diria sobre isso?

“A ciência não evoluiu tanto assim, caros cientistas. Colocaram barreiras para ela e a encheram de calúnias para que fosse desacreditada”.

Que diria Mefistófeles sobre isso?

“Meu verso finalmente se elevou, em solo livre, finalmente, ver-me-ei em meio a um povo livre”.

Conjecturas a parte, não vejo outra saída senão vislumbrar um tempo em que sairemos de nossas cegueiras da razão, rodeados dos devastamentos que fizemos, para um outro mundo, vivendo em uma imortalidade antecipadora das consequências de nossos atos, provocadora de outra cegueira, a cegueira branca e limpa em compreender quem somos, para onde vamos e o que queremos.

Flash do cotidiano em um lar socialmente isolado

Evandro Valentim de Melo (Brasília-DF)

Pausa vespertina do teletrabalho, modalidade laboral a que boa parte dos trabalhadores se submeteu, a fim de achatar o tal pico da curva de contágio da COVID-19. Obrigo-me a parar às 16h. Momento ‘sagrado’ de meu ritual dedicado ao café.

À mesa, durante o lanche, conversávamos, eu e minha filha, acerca de determinadas celebridades que encantam a atual geração de “aborrecentes” – ela está nessa faixa etária.

Sobre uma dessas efêmeras pseudo celebridades - pouparei seu nome -, garanti que daqui a um ou dois anos, ninguém mais lembraria da existência.

— Duvido! Disse ela.

Reforcei a assertiva elencando algumas das celebridades de meu tempo e de passados ainda mais longínquos. No que se refere à música, por exemplo, além dos nomes de artistas geniais, mostrei a ela a quantidade de músicas regravadas de meus ídolos pelos cantores, cantoras e bandas atuais, que ela gosta.

Minha filha permaneceu irredutível, teimosa como o são os adolescentes. Afirmou que a atual celebridade a que me referira, que seria esquecida, ao contrário do que eu pensava, era conhecida em todo o mundo e faria sucesso sempre.

— Faço uma previsão “nostradâmica”: esse cara será esquecido logo, logo.

— Previsão o quê? – Estranhou ela.

— Nostradâmica! Não me diga que nunca ouviu falar em Nostradamus?

— Não, é algum cantor do seu tempo – falara com trejeitos faciais.

Este pai passara a explicar sobre Nostradamus, esse sim, verdadeira “celebridade”. Nascido no século XVI, é constantemente lembrado até hoje, por suas previsões futurísticas.

— E assim ele permanecerá, por muitos séculos ainda.

O tédio dela com tudo o que eu lhe contara era de desencorajar qualquer conversa. Como era o fim de meu intervalo, voltei ao quarto, a fim de teletrabalhar.

Fim do tele-expediente, não consegui me lembrar do título de uma série que minha filha mencionara durante nosso lanche. Resolvi perguntar.

— Filha, qual é mesmo aquela série que você mencionou, hoje à tarde.

Ela nada ouvira. Retirou de uma das orelhas o fone de ouvido. Então, eu repeti:

— Qual é a série que você falou ser bem legal hoje à tarde, antes de eu lhe falar sobre Nostradamus?

— Pai, o quê que é Nostradamus?

Foi preciso um vírus

Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)

A partir do momento que o Coronavírus (Covid-19) começou a espantar o mundo e matar aos milhares, pudemos perceber o que o ser humano está fazendo contra ele mesmo. O vírus Covid-19 mostrou a pequenez e as limitações do progresso desumano. Colocou a olho nu as deficiências dos sistemas de saúde pública, a falta de condições de trabalho para os profissionais de saúde, os invisíveis socialmente, o despreparo de alguns governantes e até mesmo nossa falta de higiene e cuidado com a vida.

Na corrida pelo acúmulo de riquezas e bens materiais o homem faz o impossível para ter sempre mais, sem perceber que está se auto prejudicando, a sua própria raça está sendo colocada em perigo. A exploração exagerada, o trabalho forçado e a ganância doentia rouba a felicidade que o ser humano tanto procura.

O Coronavírus (Covid-19) colocou na mesa comum da humanidade o produto do descaso humano. Com a crise sanitária de saúde gerada pelo vírus, as brechas da idolatria ao dinheiro se escancararam e mostraram a dura realidade de quem sobra nesse sistema vigente.

No mundo acelerado que vínhamos vivendo antes da pandemia do Coronavírus (Covid-19) a preocupação era ter mais e mais. Veio a pandemia e mostrou que nessa busca esquecemos o essencial, o outro ser humano, o outro eu, ele está em todo o lado, morrendo nas filas do sistema público de saúde, buscando um auxílio para sanar sua fome, precisando de educação de qualidade para se formar como cidadão, enganado pelas promessas politiquieras desengavetadas a cada pleito eleitoral. Eles estão aí, são muitos os esquecidos pelos poucos que gozam das maravilhas do mundo individualista.

Enfim, o Covid-19 vai servir para a humanidade perceber que o essencial está sendo perdido. Sim, foi preciso um vírus para mostrar que o outro é mais importante que o acúmulo, que um abraço vale mais que o

ouro, que um beijo não tem preço, que uma despedida não realizada gera uma ferida que dinheiro algum comprará sua cura. Confio que o amor voltará a ser importante, que o rosto do outro será mais visto, que as discussões serão para encontrar meios de evitar e não para corrigir, que as desigualdades serão revistas, que a fome será sanada, que o valor da vida estará acima de qualquer conquista monetária.

Humanidade

Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)

Um rato que olhava pelo buraco na parede, alegrou-se ao ver o fazendeiro e sua esposa abrindo um pacote. Ele imaginou se seria queijo, pão, frutas ou outros alimentos que poderia devorar.

Quando percebeu o que era, sua alegria acabou e ele sentiu seu coração bater mais forte, pois no pacote havia uma ratoeira.

Correu ao pátio da fazenda e avisou a todos.

— Há uma ratoeira na casa, uma ratoeira na casa, estamos perdidos!

A galinha sorriu e respondeu.

— Desculpe-me, rato, eu entendo que isso seja um grande problema para o senhor, mas quanto a mim, isso não me prejudica em nada, o problema é seu.

Ele foi até o porco.

— Há uma ratoeira na casa, uma ratoeira!

— Desculpe-me, mas não há nada que eu possa fazer. Fique tranquilo, você será lembrado nas minhas orações.

Pálido, o rato dirigiu-se à vaca e ela abusou do animal.

— O quê? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!

Sem ter a quem mais recorrer, o rato voltou para casa abatido e naquela noite ouviu-se um barulho, a ratoeira pegou sua vítima.

Na alta madrugada, a mulher do fazendeiro correu para ver o que havia acontecido, mas estava tão escuro que ela não percebeu que a ratoeira acertou a cauda de uma cobra venenosa. Em uma noite trágica, o animal picou a mulher.

O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital, onde cuidaram dela. Após os procedimentos, voltou com febre e para alimentá-la, nada melhor que uma canja de galinha nessa situação. O fazendeiro pegou seu

machado e foi providenciar o ingrediente principal, o animal que recusou ajuda ao rato.

Como a doença da mulher continuava, os amigos e os vizinhos vieram visitá-la e para alimentá-los, o fazendeiro matou o porco.

Infelizmente, a mulher não melhorou e faleceu.

Devido a todas as pessoas que vieram para o funeral, o fazendeiro teve de sacrificar a vaca para alimentá-los.

E restou apenas o rato.

Essa historinha de autor desconhecido vem a calhar para o problema que enfrentamos atualmente, a pandemia chamada COVID-19.

Negros, brancos, amarelos, ricos, pobres, homens, mulheres, americanos, asiáticos etc., são apenas características de pessoas da mesma raça, a humanidade é uma só. Claro que ao longo do mundo existem costumes e tradições diferentes, mas no fim somos todos iguais.

Como dito na história, é muito fácil ver o próximo sofrer com o frio, por exemplo, e não fazer nada para ajudar enquanto você está em sua cama quentinha. Temos que ter em mente que não é pela atitude fácil que a raça inteligente deve ser guiada, é pela atitude certa!

O problema de um é de todos, já que somos todos parte de algo maior chamado humanidade. Ainda que não goste de máscaras, ficar em casa ou as outras recomendações, obedeça pelo seu bem e do seu próximo. Vai que você não liga para a ratoeira e a sua família acaba pisando nela!

Não existe gordo ou magro, grande ou pequeno. Nós somos todos uma só grandeza que foi capaz de descobrir a imensidão escondida no céu e brilhar tanto quanto ela.

Estamos todos no mesmo barco e não é somente nas pandemias que devemos nos unir, pois juntos venceremos qualquer problema. Como em milhares de anos até hoje, nada foi capaz de parar a nossa união.

Incertezas

Renato José de Oliveira (Renato Massari – Rio de Janeiro-RJ)

Naquele dia abafado de abril, depois da Páscoa, eu voltava das compras. Era alguém, só não sabia quem. Um vento seco soprava nas ruas de Copacabana, levantando poeira e folhas amareladas, cheias de carunchos. Encostado à grade da grande loja de lingerie, ao lado do cachorro que não o deixava, o mesmo pedinte estendeu a mão, mas não havia no meu porta-níqueis uma moeda sequer que pudesse lhe dar. A última, eu lhe dera nesta terça-feira, antes de ir ao mercado. Ou hoje seria quinta-feira? A incerteza fustigou-me a mente outra vez. E quanto ao pedinte? Poderia ele dizer quem ainda é ou o confinamento na pobreza já lhe roubara há tempos tal prerrogativa?

Quando entrei no Morada da Fênix, prédio em que moro, e fiquei a esperar pelo elevador, vi um homem. Ele estava em frente ao painel luminoso envelhecido e já quase submerso no mar de ladrilhos verdes da parede oposta à portaria. Tinha nas mãos um jornal cuja manchete destacava o aumento do número de casos da Covid-19 no país. Vez por outra, olhava para o mostrador do painel: o elevador permanecia parado no décimo andar. Eu não conhecia o homem, como talvez ele também não me conhecesse. De todo modo, dirigiu-me a palavra:

— Ei, você é um conhecido? Quem?

— Não posso lhe responder – disse eu – hoje não sei bem quem eu sou. Sei apenas que sou alguém com máscara.

O homem ficou em silêncio, observando-me. Uma curiosidade infantil transbordava dos seus olhos enquanto esperávamos. No hall do edifício, por causa da quarentena, não havia quase movimento. Um porteiro gordo, devidamente uniformizado, brincava com o celular e não tinha olhos para nós. Relaxado em sua cadeira, suave muito. Sobre a mesa escura na qual ele apoiava os cotovelos, o pequeno ventilador parecia não dar conta do enorme calor que sentia. Talvez tenha se passado mais um

minuto sem que o elevador, esquecido de si no décimo andar, desse qualquer sinal perceptível de vida. Somente eu e o homem o esperávamos.

— Isso parece estranho, – disse ele, quebrando finalmente a quietude agitada em que ficáramos, os olhos curiosos me examinando de cima a baixo – também tive essa dúvida ontem.

— Ontem? Não foi hoje?

— Por que ontem?

— Existe diferença entre ontem e hoje? Ou os dias estão sendo iguais?

— Acho que estão...

De novo, o silêncio derramou sobre nós a mesma longa espera pelo elevador que não vinha. O homem, então, voltou seu olhar para o porteiro disposto a ignorar nossas presenças, suado e entretido com o celular que não tirava das mãos. Seu corpo largo quase não cabia na cadeira de escritório que se movia um pouco sobre o piso encardido, graças aos rodízios brancos. Ao menos ela se move, pensei, enquanto esse elevador... Saberia o porteiro por que ele demorava tanto a renascer das cinzas? Se soubesse, sua resposta não responderia às minhas inquietações. Também não sei se responderia às do homem. Valeria a pena, mesmo assim, perguntar? Sinceramente, eu não sabia se era melhor ter alguma informação ou permanecer esperando que algum anjo ou demônio fizesse a máquina se mover. Na verdade, tudo ao redor esperava. Tudo era estático: o pedinte e seu cão, o porteiro relaxado na cadeira, as notícias cinzentas do jornal, o descaso de alguns governantes com relação à pandemia. E ainda a brutalidade dela. Na verdade, como o elevador, o planeta estava parado no décimo andar da falta de zelo dos seus senhores, que sempre souberam quem são. Em meio às tantas incertezas, essa me pareceu ser uma coisa bem certa. Pelo menos, tão certa quanto a observação do homem, que voltou a falar:

— Ele não usa máscara – disse um pouco espantado, referindo-se ao porteiro.

— Talvez saiba que é alguém – respondi sem maior convicção.

— Quem seria?

— Não tenho ideia. E você? Sabe quem é quem no mundo?

— Boa pergunta! – Exclamou o homem com entusiasmo – Quem pode nos responder?

— Alguém. Ou ninguém – completei, indo em direção às escadas de serviço. O homem e seu jornal continuaram sozinhos em frente ao elevador; ele, talvez, com as mesmas incertezas que eu.

Invisível à humanidade

Vitória de Lara Trevizan (Capanema-PR)

Ruas vazias. Pessoas em casa. Comércio fechado. Hospitais lotados. Assunto principal nos noticiários. É o cenário caótico que não só o Brasil, mas o mundo está enfrentando.

O Coronavírus é uma doença respiratória causada por uma família de vírus, que teve início na China em dezembro de 2019. Chegando ao Brasil em fevereiro deste ano, nos obrigando a lidar com uma realidade nunca vista, a parar, a dar uma pausa, a deixar para depois coisas fúteis que levávamos como prioridades.

O período de isolamento social é uma fase de confinamento que busca evitar a proliferação do vírus, nos proteger e proteger quem amamos. E acredito que um dos nossos maiores desafios, principalmente pela necessidade de tentar manter nossa saúde mental saudável em meio às inúmeras perguntas sem respostas.

Portanto, quem puder fique em casa, use esse tempo a seu favor, aproveite o momento para se encontrar ou reencontrar com aquilo que você é de verdade, acorde tarde, tome sol, teste receitas novas, cante, leia um livro, assista a filmes, ligue para amigos distantes, escreva e faça tudo aquilo que ama. E mais do que tudo, aprenda, pois isso tem muito a ensinar.

Liberdade Mais Igualdade

José Eduardo da Costa Pereira Brum (Juiz de Fora-MG)

Durante as férias, acompanhei de longe a situação da minha cidade em relação à delicada pandemia. Absorvi o embate acalorado entre os que sofrem com cancelamentos de CPF e os que se preocupam com finalizações de CNPJ. Seria eu um utópico por continuar acreditando numa ponderação, num equilíbrio sem polarizações? Ou estarei fadado a desapontar?

Por via de regra, perguntas fizeram o mundo rodar. Entretanto, numa época de excessivos pontos de vista vazios, o espalhamento de elucidações comprovadas torna-se imprescindível contra a neurose e o apavoramento coletivos. Quem dialogou comigo sobre dilemas e evoluções do homem fora Yuval Noah Harari por meio do *bestseller* “Sapiens” – Uma breve história da humanidade”, cuja narrativa explica o percurso pelo qual dominamos o globo. É uma obra que literalmente esclarece o que significa reiterar costumes.

Numa palhinha, o ser humano é uma justaposição de aquisições. A mente ainda segue as urgências de caçador-coletores, preocupados em comer. Em contrapartida, os alimentos repetem os alcances da revolução agrícola. Abandonamos uma dieta rica e variada pra uma alimentação repetida de poucos nutrientes. Acelerando a marcha, cá nos inserimos num universo cientificista e consumista com potencialidades, mas imersos em segregações e infelicidades bem arraigadas.

A tecnologia figura como uma das catalisadoras do desajuste. Reféns de celulares e da internet, colhemos estresse, ansiedade. Largou de ser extensão e virou parte integrante. A grande maioria do conteúdo replicado ataca e perturba. Nas férias, deveria eu desacelerar num outonal repouso. Contudo, andei na corda bamba devido às mensagens pululantes.

O mundo atual mostra-se fértil em trazer antagonismos na esteira dos benefícios. O tempo natural e as sazonalidades são desrespeitados. O “Sapiens”, em tantas passagens, aporta o quanto mudanças, previamente para melhorias, acabam escravizando. As ferramentas tecnológicas

facilitaram o contato e, por outro lado, além das infames *fake news*, banalizaram a relação. Antes, quando tínhamos as cartas e a duradoura espera, escolhíamos com primor o que seria rememorado.

No último Dia das Mães, percebi que a avó buscava parentes pelo telefone, ouvindo focada. Ela se permitia longos minutos de vínculo. Eu, bem moderno, dispersei mensagens iguais de três linhas para as amigas, gastando poucos instantes. Pude, então, sentir que a seletividade garante excelência. Primeiro os e-mails, depois os aplicativos, nos deram a rapidez. Sacrificamos, porém, a unicidade, a especialidade. Teremos como voltar?

De acordo com o professor Harari, não mesmo, pois é impossível abandonar o patamar virtual. Já em relação à constante dicotomia de um grupo contra outro, há mais chance, uma vez que a tendência mundial é de unificação. Somos uma economia global com o credo único capitalista. Tendemos a virar uma só massa.

Por isso, ainda acredito num equilíbrio entre igualdade e liberdade. O próprio “Sapiens” ressalta serem sistemáticas contraditórias. A primeira requer que permissões individuais daqueles em melhores condições sejam diminuídas pelo todo, enquanto a segunda rechaça a divisão uniforme, garantindo o ímpeto de se fazer o que desejar. No fundo, não se trata de defender se a vida vale o sacrifício de empresas ou vice e versa, se devemos escolher morrer de contágio ou defome. Intui-se por solidarizar-se, resguardar, estender a mão e fazer diferenças. Isso é ser/ter a verdadeira humanidade.

Marie Kondo Mágica!

Soeli Tiegs (Curitiba-PR)

Acabo de ler A mágica da arrumação, de Marie Kondo.

Segundo a autora, “A emoção profunda que sinto ao dispensar coisas que cumpriram sua função, a felicidade intensa de descobrir o lugar perfeito para um objeto e, acima de tudo, sentir o ar puro e fresco que preenche um ambiente que acabou de ser colocado em ordem são coisas que transformam um dia comum, sem nenhum acontecimento especial, em um dia esplendoroso.”

Exageros à parte, eis um desafio interessante para nossa realidade consumista.

Vejo que fiz uso do método KonMari já na pré-adolescência. Ao esperar o sono chegar, além de reler A bíblia para as crianças (só possuía este livro), ficava organizando mentalmente o pátio, o paiol e, principalmente, a casinha que continha o forno à lenha.

Desde organizar as formas de pão e cuca sobre ele, levar as cinzas sob este para a horta, empilhar a lenha de mesmo tamanho de um lado, os gravetos do outro, maravalha mais acima, a pregar tábuas para fechar o fundo, e construir uma porta frontal. Tudo isto para garantir lenha seca em dias de chuva, pois odiava a fumaceira, e o fogo apagava e o feijão e a mandioca não cozinhavam, e palito de fósforo podia riscar um só...

Se você divide um quarto em três, com uma porta de guarda-roupa para cada (Casa da Estudante), ou mora em um apartamento de trinta e dois metros quadrados, ou muda de imóvel uma vez por ano (época da inflação) certamente é mais organizado do que alguém que vive em moradia de três quartos ou mais, ou habita a mesma casa há, digamos, trinta e três anos.

Deixemos de elucubrar: a japonesa sugere não o tradicional “jogue fora tudo o que você não usa há um ano”, mas tem como ponto principal a técnica do descarte. Para decidir o que manter e o que jogar

fora, você deve segurar os itens um a um e perguntar-se: isso me traz alegria? Caso positivo, pode manter o item.

Todavia, abarrotar o banheiro com xampus especiais me traz alegria? E os distintos cremes para cada pedacinho do corpo? Se bobear, enchemos um armário, e ainda nem chegamos na seção de maquiagem. De qualquer forma, ter noção de quantos itens de cada categoria dispomos é orientativo para não sair adquirindo mais.

Levanta a mão quem comprou uma roupa que amou e depois nunca usou?

Este questionamento agora é passado!

Namoro normal e comum em uma pandemia.

Sarah de Campos de Macedo Costa (São Gonçalo-RJ)

Tenho um namorado. Maneira estranha para começar um texto... A princípio, ter um namorado é algo comum, normal e até bonito, se olharmos pelo viés romântico das relações humanas. Tal qual a normalidade de uma pessoa namorar é o fato de termos nossa rotina de encontros, de saídas para diversas programações a dois, como ir a um barzinho em uma sexta à noite, fazer uma trilha em algum parque no domingo de manhã, dormir juntos, estar juntos sempre que nos for possível ou quando a saudade bater.

Mas agora a saudade está batendo. Se antes a saudade que eu sentia da presença dele era morta em questão de dias, hoje, a saudade já dura alguns meses. Quando isso ocorre entre o casal, o comum e o normal é pensarmos que um dos dois precisou viajar por algum motivo... Porém, eu sigo namorando à distância há meses, sendo que geograficamente, o meu querido está na casa onde mora em um bairro vizinho ao meu.

Pronto! Acabou-se a normalidade de nossa relação. Seria estranho se só nós dois estivéssemos passando por esta situação estranha, um namoro à distância de distâncias geográficas incrivelmente curtas. Só que, hoje, isso é o normal e comum. Nós dois e milhões de pessoas ao redor do mundo passamos pelo mesmo problema devido a uma pandemia. De um lado, ele morando com os pais idosos e suscetíveis aos piores quadros da COVID-19. Do outro lado, eu, também pertencente ao grupo de risco por conta do histórico de problemas respiratórios. O mundo inteiro passa por isolamento social devido essa doença virológica de contágio fácil e sem tratamento efetivo.

Não há escapadinhas para encontros. Há a saudade enorme, como já mostrei. Não há o abraço, mas há as mensagens repetitivas sobre nossos afazeres, totalmente iguais e sem novidades como ontem, anteontem, semana passada...

Não há beijos, nem na boca ou na testa. Existem os GIFs de beijo, os apaixonados, os de dinossauros (que usamos para brincar um com o outro) e todo tipo de imagem animada e criativa que a internet é capaz de nos ofertar para dar um pouco mais de vida às palavras... Ah, mas o humor continua! Meio oscilante, às vezes decadente, se arrastando, mas há o esmero em fazer o outro gargalhar alto.

É inegável a insegurança. Acho que todos os casais que não compartilham o mesmo endereço tenham um pouco de insegurança, ou medinho de perder um ao outro em tempos comuns e normais... Mas acho que, agora, o normal e comum é um tanto de gente naturalmente fragilizada, já que além do temor natural pelo o que a doença possa causar, há o medo da apatia, o medo que o coração esfrie ou que o outro esqueça...

Como lidamos com essa distância de distâncias geograficamente curtas e sem data para acabar? Lembramos que chegamos juntos até aqui, hoje, enquanto tantos outros meses já se foram. Podemos usar a seguinte frase: “Se prova de amor, hoje, é manter-se distante, logo eu amo e sou amado.”

Não é uma solução nem a mesma coisa. Talvez, seja um truque psicológico, embora eu ouse dizer que, tecnicamente, estamos normalizando esse momento, impondo novas regras sociais e de comportamentos amorosos, somando o fato de ressignificar a incerteza quanto à data de término do isolamento social: não sabemos quando o isolamento acabará, mas sabemos que irá acabar e que a máxima sobre se manter distante por amor é temporária.

A certeza que temos é que o novo normal e comum o deixará de ser para que os encontros comuns e normais de todas as demais relações ocorram, tais quais sempre ocorreram. Breve, o normal, comum e bonito voltará a ser estarmos junto dos nossos, com nossos respectivos namoros presenciais. Quanto a mim, continuarei a ter meu namorado, da maneira mais comum e normal como antes, e, assim como antes, morando no bairro vizinho, cuja distância geográfica é incrivelmente curta.

Não sei se dou um like, ou compartilho!

Luiz Renato de Souza Pinto (Cuiabá-MT)

Os processos de escrita criativa que têm se expandido por todo o país são antigos nos Estados Unidos da América. O poeta e prosador Edgar Allan Poe é apontado como um de seus iniciadores. “A filosofia da composição” é um texto clássico desse conjunto. Um ponto importante nesta reflexão é a relação da leitura com a escrita, a partir da perspectiva da construção dos gêneros literários. O diálogo com as plataformas contemporâneas e outras manifestações artísticas faz dos processos locais de encontro de novas alternativas que servem para toda a produção o de conhecimento.

Se não há solução para a crise fora do ambiente constitucional, é preciso que se perceba que o conhecimento não seja confundido com instrução normativa e que “caminha em uma perspectiva emancipatória [que] envolve a sabedoria da convivência, da ética, da partilha” (GOMES, 2008, p. 153). O papel da escola em momentos como esse não pode ser apenas o de reprodução do conhecimento, mas o de encaminhar discussões de alteridade que avancem para além das disciplinas isoladas, esse artifício neopositivista que produz e reproduz zonas de conforto entre os agentes educacionais. É preciso que se “Ensine a questionar a linguagem. A linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos” (ADICHIE, 2017, p. 35).

O trabalho com a leitura de mundo não deve ser apenas dos professores de linguagem, das ciências humanas e sociais, mas também de outras áreas que, muitas vezes, se colocam de graus acima superestimando sua valorização por modismos tecnológicos que não garantem superioridade. “A profissão e o estudo, as formas de amar e desejar, as modalidades de governo e de família, sobretudo, o corpo e a cultura, devem ser pensados como determinados por opções construídas e não naturais. Nelas não há nada de essencial, compulsório ou coercitivo” (DUNKER, 2017, p. 16-7).

Parece inadmissível ostentar orgulho de pertencer a grupamentos reacionários atuando em meios democráticos para criticar a liberdade de expressão, tanto do jornalismo, das artes, quanto do cidadão comum. É preciso se dar um basta a esse comportamento hostil, sobretudo no âmbito escolar. A escola pública é laica, apartidária e deve se debruçar sobre o que é verdadeiramente importante na vida. “O regime da verdade é o da produção da crença, do real, do que consideramos certo e seguro, substancial e ontológico, ou melhor, do que deve ser percebido desse modo” (TÍLBURI, 2017, p. 109). A corrida para marcos decisórios agressivos em nome de calendários acadêmicos defasados não se justifica. Não se fará uma escola melhor com a corrida deslavada aos mecanismos virtuais para não nos perdermos em um calendário já prejudicado.

Não há formação continuada de qualidade para a docência. As universidades têm formado deficitariamente os professores de licenciatura nas últimas décadas. Os institutos federais formam técnicos e tecnólogos, mas sabem que não há geração de emprego para a grande maioria dos formandos. Vemos um governo comandar pelo twitter, agora com o dobro de caracteres para a digitação, ao invés dos cento e quarenta iniciais, como se isso dobrasse a competência. Sabemos que as “redes sociais são valorizadas como meio de produção de exposição da verdade, mas essa exposição já é sua própria produção. Uma nova ontologia, necessariamente, está em jogo” (TÍLBURI, 2017, p. 114).

Vamos falar com quem sobre meios e modos de produção? Conteúdos de base marxista são perigosos, não é mesmo? A retomada do controle não passa primeiramente pelo domínio das novas tecnologias, e sim de um investimento individual na própria formação. Não tenho vergonha alguma da profissão escolhida, pelo contrário, o que me incomoda é a maneira como muitos levam o seu trabalho, sem envolvimento com os projetos da escola, sem se ocupar da interação social e da socialização de suas práticas para que o coletivo, de fato, se sobreponha aos interesses de cada um.

Com o isolamento social e o conjunto de medidas restritivas de circulação por longo período, alguns problemas ganham maior projeção, como feminicídio, acidentes domésticos com crianças e até mesmo maus

tratos para com idosos. Há toda uma conjunção favorável para que essas anomalias ganhem protagonismo maior. Quero discutir um pouco do universo feminino, até pelo excesso de trabalho nesses tempos nebulosos, sobre cujos ombros ainda recaem o acompanhamento de estudos on-line de seus filhos e o arbítrio de diferenças familiares em tempos de confinamento.

O trabalho de Joseph Campbell acerca de mitos serve de base para um sem-número de profissionais de diversas áreas, no que diz respeito à compreensão da quebra de alguns mitos em torno da mulher. Beatriz del Picchia e Cristina Baliero fizeram uso com muita propriedade da palavra do mestre quando se uniram para escrever “O feminino e o sagrado”, obra de que se nutrem estudiosos da relação mitológica e elementos do sagrado, seja isso o que for. Logo ao prefácio, uma síntese do que vai se encontrar no livro nos vem como elemento iniciático nessa viagem: “uma existência é composta de várias jornadas, e só a morte põe um fim à nossa aventura” (ELEK, 2010, p. 9). Ao tratarem da busca, primeiro estágio da aventura, as autoras nos lembram de que a pessoa tem de escolher e aceitar tornar-se cada vez mais ela mesma.

Ser fiel a si mesmo e aos seus anseios mais profundos não é uma tarefa fácil. A cultura de massa, de busca de modelos externos de perfeição, as fórmulas padronizadas e idealizadas de sucesso, a pressão para conformar-se conspiram, impiedosamente, contra isso (PICCHIA; BALIERO, 2010, p. 16).

A construção de uma identidade se faz com nossas escolhas, e aprendemos a nos responsabilizar por elas. O cotidiano de homens e mulheres desde a mais tenra idade se faz possível da mesma maneira. O olhar de Beatriz e Cristina foi magnetizado pelo de Campbell para trazer à tona a realidade das entrevistadas, suas angústias, buscas e conquistas. “Descobrimos que algumas etapas acontecem para todas, são inerentes ao caminho: *o chamado à aventura, a travessia do primeiro limiar, a bliss, o caminho de volta, o ressignificado e a dádiva ao mundo*. As outras etapas podem ocorrer ou não: a recusa, a travessia de novos limiares, o mestre, o encontro com o mestre, o aprendizado e a situação-limite” (ELLECK, 2010, p. 23).

Podemos caracterizar o chamado à aventura como o centramento do olhar da mãe/esposa/amiga na condução do cotidiano alterado em

função da pandemia. Um tempo de transformação que deixará feridas abertas que levarão um tempo para cicatrizar. Relações entre pais e filhos, maridos e esposas, patrões e empregados, vizinhos, são algumas das quais sofrerão impactos profundos no pós-pandemia.

Estive em Curitiba há dois anos para um evento literário em que conheci um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, o idealista e sempre revolucionário João Silvério Trevisan. Adquiri por lá e li um tempo depois seu livro “Pai, Pai”, em que trata de um acerto de contas póstumo com a memória do pai. Publiquei uma crônica sobre o livro e o marquei no *facebook* para que lesse. Dias depois recebo um *feedback* que me foi impactante. Transcrevo abaixo, a título de argumento de autoridade para o que estou discutindo, um fragmento de seu texto, intitulado “O APRENDIZADO SEM FIM DO ESCRITOR”, publicado no site www.cidadaocultura.com.br:

Li e fiquei surpreso, até mesmo comovido, ao constatar que ele me revelava coisas que eu deveria já conhecer. Primeiro, ele me ensinava a ler meu livro. Mostrava aspectos pouco notados por mim mesmo e presentes ali na minha própria escrita. Em consequência, me ensinava também coisas elementares sobre mim, sobre minha trajetória. Que sensação boa de não estar só (...) Sim, reafirmo o que já escrevi anteriormente: quanto mais escuro o entorno, maior é o brilho dos vagalumes. Agradeço e agradeço sem fim à Poesia, que nos permite brilhar através das suas revelações. Minha convicção: a demência não resiste à luz que criamos. Há luz, há luz no Brasil!

Estávamos no então ano de 2018, às vésperas da eleição presidencial que ainda não sabíamos que fim teria. O Brasil vê crescerem assustadoramente os números da doença. O Novo professor Corona nos tem ensinado a olhar o entorno, a dividir o pão, a sermos pessoas melhores, embora muitos insistam em não crer e preferem atirar pedras, enquanto os corpos são empilhados, os doentes rejeitados, hospitais simbolizando descaso com o erário público, superfaturamento de respiradores e subnotificações de contágio. Faltam testes e sobram provas que incriminam gestores sobre a malversação do dinheiro público.

Não estamos sós, esse aprendizado devemos levar para a vida toda. É preciso que esteja claro para todos que o momento em que estamos deve se caracterizar por um rompimento do centro, da dinamização e disseminação do conhecimento para as margens, desenraizando do centro o controle sobre tudo. O conceito de margens vem sendo trabalhado incessantemente pelas ciências humanas e sociais, mas também pode/deve ser pensado em outras áreas do saber. “Para a margem literária, digamos assim, falando em causa própria, a internet foi uma benção inestimável” (TEZZA, p. 18).

Referência

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**. Um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: **Ética e pós-verdade**. LEÃO, Manoela (org.). Porto Alegre-São Paulo: Dublinense, 2017.
- DEL PICCHIA, Beatriz. BALIERO, Cristina. **O feminino e o sagrado**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 2010.
- ELECK, Edith M. Prefácio. in: PICCHIA; BALIERO. **O feminino e o sagrado**. 2. ed. São Paulo: Ágora, 2010.
- GOMES, Nilma Lino. Algumas palavras finais. In: **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES; JORGE, Miram Lúcia dos Santos (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TEZZA, Cristovão. **Literatura à margem**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- TÍLBURI, Márcia. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: **Ética e pós-verdade**. LEÃO, Manoela (org.). Porto Alegre-São Paulo: Dublinense, 2017.

O Beijo

Antonio Rogério Cazzali (Santo André-SP)

O avô de Caio havia lutado na Segunda Guerra Mundial e sempre lhe falava sobre aqueles tempos difíceis na Europa, em que o isolamento tinha durado vários anos, restringindo a liberdade e os sonhos de muitas pessoas. O rapaz ouvia aquelas histórias com uma atenção enorme, e sempre ficava com uma pontinha de frustração, pois, no fundo, queria ter participado dessa guerra de alguma forma. Imaginava-se pulando em trincheira, enfrentando o inimigo, salvando companheiros ou interceptando mensagens secretas.

Até que chegou 2020 e, de repente, um vírus que surgiu na China mudou o hábito do mundo todo. Caio, com seus 19 anos, experimentava pela primeira vez um isolamento de verdade. Ele que tinha até então uma vida social intensa, agora não podia mais frequentar a escola, os parques, as festas. O rapaz que sempre se gabava de sua beleza, agora estava com sua vaidade abalada ao se ver diante do espelho, sozinho, com aquela máscara estranha. Ele não era mais especial. Era agora só mais um carente de multidão e de abraços.

Foram meses difíceis aqueles, com as notícias de números crescentes de mortes, hospitais de campanha montados em estádios de futebol, batalhas a serem vencidas contra o Covid-19, trabalhadores em atos heroicos, distantes de suas famílias e com a possibilidade real de também morrerem no *front* durante mais um exaustivo plantão. Médicos e cientistas que se empenhavam para encontrar um tratamento eficaz contra a doença e uma vacina salvadora. E sempre pairava no ar aquele medo do contágio, da transmissão, ou de ambos. O inimigo agora poderia estar escondido no elevador, na rua, na fila do banco, no ar, na maçaneta do carro, no pacote de bolachas ou até num simples “Vai, Corinthians”, dito num corredor de supermercados.

Com o passar dos dias, Caio foi entrando em parafuso. Ao medo do contágio passou a se somar em sua cabeça a enxurrada de informações

falsas sobre a pandemia espalhadas nas redes sociais. O rapaz morava com seu avô e as atenções tinham de ser redobradas com ele, que já beirava os 100 anos. Pela TV, Caio ouvia perplexo as instruções desencontradas dos líderes políticos e as notícias de superfaturamentos nas compras de respiradores artificiais usados para tratar os infectados pelo Covid-19, armas importantíssimas nessa batalha contra a morte.

Entretanto, em quarentena ele também tinha mais tempo para ouvir os relatos de seu avô, ainda bastante lúcido, sobre a Segunda Guerra e seus tempos de *pracinha* na Itália. Caio era apaixonado pelo tema e colecionava objetos, fotografias e publicações sobre esse período importante da história mundial. Foi então que ele decidiu imaginar sua própria guerra ou uma edição atualizada daquela terminada em 1945, tendo agora como companheiro de regimento seu avô. Assim conseguiria lidar melhor com o confinamento, com o tédio e o medo. Além do que, de alguma forma, viveria, nem que fosse só na imaginação, um pouco da guerra de que seu avô tanto falava.

Depois que o rapaz entrou nesse mundo do *faz de conta*, ficar dias quase estagnado era como se ele e o avô integrassem uma companhia aliada que, escondida em algum ponto da Europa, aguardava silenciosamente a aproximação das tropas alemãs para pegá-las de assalto. Também foi durante a quarentena que Caio conseguiu colocar em ordem todas as suas coleções sobre o assunto.

Até que então, em determinado dia, depois de longo isolamento, ele enfim ouviu na TV o apresentador do telejornal dizer com a boca cheia que a pandemia havia sido controlada em todo o mundo e que os cientistas já tinham desenvolvido uma vacina para combater o Covid-19.

Como o avô dormia um sono profundo naquele momento, ele não se aguentou de emoção, abriu a porta do apartamento e correu para a avenida para comemorar. Todos ali gritavam, choravam, se abraçavam, riam. E para Caio, que durante a quarentena havia vivido sua “guerra particular” no confinamento, logo lhe veio à mente aquela imagem icônica do marinheiro beijando a enfermeira em plena *Times Square*. Instante mágico captado pelo fotógrafo Alfred Eisenstaedt em Nova Iorque, logo

após a notícia de rendição do Japão, o que resultaria no fim da Segunda Guerra Mundial, dias depois.

Caio então não teve dúvidas, agarrou e beijou num rompante a primeira enfermeira que avistou na avenida, sem antes jogar longe a máscara que ela ainda usava. Após o beijo, levou um tapa no rosto e teve de pedir desculpas à moça pelo ato impensado. Ela aceitou. Trocaram olhares e telefones, sorriram e se foram, cada um para um lado.

Contudo, alguns dias depois, Caio começou a passar mal. A enfermeira também. É que ela já estava com o coronavírus na ocasião do beijo e acabou contaminando o rapaz. Por ironia do destino, os dois foram parar na mesma UTI, um ao lado do outro. Passaram maus momentos, precisaram de respiradores, entraram em coma induzido, mas superaram a doença. E quando começaram a melhorar, os olhares entre eles ficaram mais intensos. Ele numa cama, ela em outra, cheios de aparelhos, mas com uma paixão convalescente no ar. Até que tiveram alta após vários dias de internação e decidiram iniciar um namoro, que logo virou noivado. Devem se casar no final deste ano, se não houver mais nenhum imprevisto, e o avô de Caio certamente será um dos padrinhos do moço.

E todos aqueles que ficam sabendo da história desse romance e de suas peculiaridades se arriscam a dizer que ele terá fôlego para durar a vida inteira, mesmo que, por vezes, a relação precise de respiradores artificiais para sobreviver, e que os dois, vez ou outra, tenham de vestir suas máscaras para suportar as pequenas guerras do cotidiano que normalmente surgem em várias fases na vida de um casal.

O vendedor

Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)

Um ser não pode ficar parado esperando a vida melhorar, tem que lutar, fazer valer o sangue que corre em suas veias, não deixar que o padrão social sobressaia sobre seus desejos, e para isso, tem que agir como um vendedor, mostrar seu produto e serviço, perante todos e todas, valorizando cada aspecto, detalhe, levando o cliente a acreditar que aquilo é a melhor coisa do mundo, mas, espera, quem é esta pessoa? A vida, ela é seu consumidor, supervisor, chefe ao mesmo tempo.

Ode ao Repúdio

Ricardo Lacava Bailone (São Carlos – SP)

Dolorida é a vida, depois de amanhecida, lida batida, d'uma caminhada sofrida. Num mundo absorto, em estágio semimorto, cruel no agir, incrédulo como um falso faquir. Retrógrado e atual como Maquiavél, não se importando com a sequela, preferindo Ustra a Marighela, Euclides da Cunha a Conselheiro, Olavo de Carvalho à Paulo Freire, Gentili a Duruvier. Sofra a quem sofrer! Doa a quem doer!

E isto não é comédia!

Cor obscura das profundezas, que incidem em nossas entranhas, seria normal, não fosse as artimanhas, destas criaturas frias e estranhas, mentirosas e profanas, preferindo Damares a Dandara, Lalaurie a Garibaldi, IlseKock a Madre Paulina, Hasselmann a Dorothy Stang, Amélias a Rosários, Zambellis a Marielles. Achando que a vida é verde e amarela! Mulheres de peito, mulheres de guerra!

Pesadelo que se faz presente logo ao amanhecer, advindos d'um mar de estupidez, sementes germinadas em pútridos solos, aplaudidos pela ignorância e insensatez. O Início do fim, preferindo Maria I a Joaquim, Coppola a Cortella, Fleury a Lamarca, Narloch a Nassar. Sem pestanejar, na luta do bem contra o mal!

Patriotas!

Até mais do que Cipriano Barata!

E o sufrágio é motivo de piada! De mau gosto.

Competição desleal, com os olhos cegos pela névoa, confundidos pela ignorância, deixando de apoiar o bem, crente ser o mal! Preferindo bala à caneta, presídio à escola, indiferença à união, escopeta à uma bola, degradação à natureza, submissão à igualdade, brutalidade à gentileza, prepotência à humildade, dúvida pela certeza, mentira à verdade!

Disfarçados de benfeitores, exigem tratamento de doutores, permitindo-se viver de rendas, enquanto cortam o dinheiro das merendas. Circo de horrores! Fatos ou lendas? Preferindo Mainardi a Greenwald,

Feliciano a Betinho, Plínio Salgado a Prestes, Waak a Wyllys, MBL a MR8 (Quem mata mais?), Lobão a Chico Buarque. Levantando o estandarte, de uma bandeira suja de sangue!

Com aumento da indiferença e da rejeição! Dando náusea e indigestão! Sons sinistros na madrugada, mas os que me assustam são os vivos, pois não vivo num conto de fadas, embora encontre a verdade nos livros. Será eterna a guerra entre o bem e o mal? Com mentiras nas entrelinhas do jornal? Sem pudor ou prestígio, preferindo Sérgio III a Francisco, Torquemada a Candura, Macedo a Frei Betto, Hitler a Lula!

Esta é a dor que pulula, de um peito ansioso, num processo sem sensatez, repúdio, a todo tipo de estupidez!

Otimismo

Jeane Tertuliano da Silva (Campo Alegre-AL)

Sem fornecer um aviso prévio, um pandemônio entranhou-se nas nações trazendo consigo a degradação emocional que se alojou em nossos corações. Fomos tirados da nossa zona de conforto e obrigados a enxergar o óbvio que ignorávamos por mero descaso com a nossa realidade. E sim, há pessoas que foram mais afetadas que outras ao terem um vislumbre do que sucedeu após os primeiros impactos. Eu não ousei dizer que não as compreendo, pois eu sinto a aflição delas quando me vejo enclausurada em minha residência e me questiono se a condição atual irá se prolongar por muito tempo.

Esses dias, encarei o meu reflexo no espelho e percebi que havia olheiras abaixo dos meus olhos. Eu sabia que não estava cansada fisicamente, inclusive, até havia dormido bem na noite anterior. É como se o meu padecimento mental estivesse, por fim, transpassando a pele. Perceber isso, me deixou num estado meditativo tão intenso, que pus de lado a preocupação com os meus afazeres. As nossas mentes carecem de serem zeladas tal como os nossos corpos, senão, ambos sucumbirão. Concluí.

Após a resolução, eu decidi que mudanças seriam feitas para que eu pudesse estar de bem comigo mesma ainda que estivesse na peleja contra a pandemia do Covid-19 e outros problemas não tão terríveis quanto o primeiro. Tudo parece ser imensuravelmente miúdo diante da presente situação... mas não é permitido que nós fiquemos aterrorizados, pois o que rouba a nossa paz, acaba nos privando da saúde. Tudo o que menos queremos é arranjar doenças, certo?

À medida que eu tento convencer o outro de que tudo irá ficar bem, o meu cérebro processa tal informação como verdadeira e a calma vai se achegando lentamente ao meu ser, tornando quase fácil imaginar que somos detentores do poder que irá nos tornar vencedores nessa guerra. Ah! Posso confidenciar uma verdade inegável? Nós somos de fato capazes de lançar o nosso nêmesis por terra. Precauções, determinação e otimismo:

cá estão os três componentes que podem e vão erguer muralhas ao redor de nós que não serão derribadas.

Outros tempos

Maria Fernanda Socovoski Ferragem (Realeza-PR)

Nos tempos em que uma pandemia se estabelece, são apresentadas diversas inovações e perspectivas diferentes no mundo.

Um vírus não escolhe suas vítimas pela classe social, pelo dinheiro, ou pelo objetivo de vida, pois, se assim fosse, o cenário seria distinto do qual nos é apresentado.

Individualmente, um vírus não escolhe, mas nós podemos nos adaptar para combatê-lo, mudando o estilo de vida diariamente.

Em tempos de ruínas como o presente 2020 vê-se o aumento da inovação do pensamento humano, pois, em meio a tantas dúvidas, a humanidade acaba por encontrar a si mesmo. A companhia, os abraços e as conversas simples do dia a dia, agregam mais valor do que o trabalho mecânico, as dívidas e os contratempos.

A tecnologia, que em outros tempos distanciava, aproximou as pessoas, potencializando a sua capacidade.

Novas formas de emprego e empreendedorismo foram criadas, novas formas de renda foram encontradas. A adaptação se fez necessária conforme a realidade e necessidades de cada um.

Há quem diga que, em um futuro próximo, quando o vírus se desinstalar, o mundo será completamente novo. E, ao parar e refletir sobre isso, afirmo que a mudança é constante e em épocas difíceis a criatividade, a empatia e a compaixão transformam a percepção do que antes nos escapava o olhar.

Pôr do Sol

Guilherme Palmeiras Brasil (São Paulo-SP)

Ultimamente tenho notado um fenômeno interessante: só consigo escrever ao pôr do sol. Não é proposital, juro que tento desde a tarde, mas parece que as palavras se melindram na claridade. Somente quando o céu se amarela é que elas amadurecem e me batem à porta, vindas sabe-se Deus de onde, carregando aquele cansaço fascinante que trazem os viajantes. Mas se o dia é um caminho em branco para o que vem de mim, pro que vem dos outros é via movimentada, como se meus textos me enviassem telegramas pela boca de quem levo no coração, anunciando sua chegada. Por exemplo, meu compadre, homem sério como um sabiá, durante uma prosa virtual, contou-me de uma antiga amizade sua, com uma senhorinha que morreu aos cento e quatro anos, em 1989 - e aqui confesso que os únicos impulsos matemáticos que realmente tenho são fazer porcentagem de cabeça e descobrir o ano em que as pessoas nasceram. De resto, sou orgulhosamente lamentável, para o desespero dos meus pais e de algumas ex-professoras.

1885! Quando aquela mulher nasceu, o Brasil ainda governado por Dom Pedro II! Então minha mente desembestou a traçar a linha de tempo da tal senhora, naquele *frrrrr*frenético de quem roça o polegar pelo miolo de um livro ao entreabri-lo. Aquela mulher assistiu ao fim da escravidão, à Proclamação da República, à chegada do bonde elétrico e dos automóveis. Ela viu a Guerra do Paraguai, a Gripe Espanhola, a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra, a revolução chinesa, Vietnã e a crise dos mísseis em Cuba. Ela viveu a ArtNoveau, ArtDeco, a semana de arte moderna, a chegada do cinema, do rádio, da TV, do computador e do homem na Lua. Ela assistiu ao nascimento do Blues, do Jazz, do Rock, da Bossa Nova, da Tropicália, Elvis Presley, Carmem Miranda, Raul Seixas, Woodstock. Ela viu a Guerra de Canudos, a revolução de 1932, a era Vargas, o Golpe Militar, as Diretas Já, a nova constituição e por pouco não pega a queda da União Soviética... Que vida, meus amigos, que vida.

E conversando sobre isso com a patroa (uma das poucas benesses da quarentena, poder tomar café com meu benzinho na sacada, durante o dia) me veio outro telegrama, mote verdadeiro de toda essa reflexão:

— Que vida interessante a daquela mulher, eu disse. Quantas revoluções no conhecimento, na cultura, na moda e nas próprias relações sociais esta pessoa não teve a chance de viver?

— Vivendo a vida é fácil esquecer que estamos vivendo a história. Este período de quarentena com certeza entrará nos livros.

Aquiesci, pensativo, tentando me lembrar da última vez que vi um movimento tão singular no mundo. E a palavra é justamente essa, *singular*, porque o mundo vive exatamente o mesmo problema, em camadas diferentes. Por exemplo, esses dias retomei contato com minha “mãe temporária”, uma senhora vermelha e valente, que me abrigou em sua casa por onze meses, no interior do Estados Unidos, há quase vinte anos (falando em história, eu estava lá no onze de setembro). Ela é enfermeira e recentemente lidou diretamente com pacientes infectados pelo COVID 19. Por isso, para preservar sua família, decidiu quarentenar-se em um trailer, na frente de sua casa, numa fazenda em Hindsville (uma vilazinha que tem apenas sessenta e nove pessoas). Foi por amor que ela se conformou com apenas falar ao telefone com sua família, olhando-os de longe. Enquanto isso, no Brasil, muita gente faz a mesma coisa, assim como na China, na Itália ou na Argélia. De repente o temor e o sofrimento ficaram maiores do que as fronteiras e o mundo tornou-se um grande campo de refugiados de si, fugindo de uma guerra onde o inimigo pode se esconder em quem amamos, invisível, inclemente. Eis a singularidade histórica (e irônica) deste momento: quanto maiores nossas barreiras, maior é nossa conexão.

Por isso, assim como a amiga matusalênica do meu compadre, temos hoje a chance de viver um vértice da humanidade. Se as futuras gerações aprenderão sobre este período pelos registros, nós aprenderemos pelo olhar, pois os capítulos desses dias estão sendo escritos na nossa pele, semana após semana, sem intermédio, sem tradução. E o mais interessante é lembrar que a História que será contada sobre essa época é diferente do que a que vivemos de fato, porque falar sobre um acontecimento depois

que sabemos do desfecho muda o sentido que damos ao relato. E note que, mesmo estando aqui, neste momento, vivendo tudo isso, também nossas memórias se ajustarão e serão apenas uma versão do que passamos. Por isso, essa oportunidade de presenciar este trecho da história é tão notável, porque muitas coisas só ganham a justa notoriedade e espaço postumamente, como Van Gogh. Porém, ao tomarmos consciência deste.

Agora, podemos efetivamente mergulhar no curso para onde a Vida nos leva, para além da superfície de notícias e neurastenias que nos tentam afogar. Se o momento é de suspensão, que a gente aprenda a parar e observar. Se a rotina é maçante, que a gente relembre o prazer nos pequenos hábitos, na despreensão. E se o futuro carrega o medo, que tenhamos a consciência de que nossas dores, hoje, são irmãs. Tudo bem, irmãos brigam, às vezes se sabotam, mas também se perdoam, também se auxiliam. Que estes tempos sombrios nos ajudem a desvelar o que se esconde por trás do suor nosso de cada dia. Que este isolamento nos ensine que pontes são melhores do que muros e que a gente perceba enfim a preciosidade deste momento, pois se o sol do que sabemos está se pondo, em breve as estrelas nos mostrarão um novo caminho.

Presente de pombo¹

Pedro Panhoca da Silva (Americana-SP)

Dizem que há males que vem para o bem. Isolado em minha própria casa, recebi o que muitos acreditariam ser um sinal divino: a construção de um ninho feito por um casal de pássaros.

Com o ódio das aulas remotas e síncronas que fui obrigado a ministrar e gravar, meus inquilinos aviários não poderiam ser pombas brancas da paz. Eram cinzas mesmo. Não faço a menor ideia de que espécie sejam, e esse é o problema de quem cresceu na cidade grande. Natureza para mim é rato, barata, pomba, às vezes mosquito. Capivara é lenda urbana.

Não acreditei quando vi aquele ninho evoluindo dia após dia. Tirava fotos diárias como se fosse guardar num álbum no estilo “antes e depois”. O casal trabalhava duro e em sincronia. Em poucos dias, o ninho estava pronto, e muito parecia com o doce sírio que eu tanto gosto de pedir com minhas esfihas de sexta-feira. Era, pois, um ninho de pistache, sem o pistache. Que incrível semelhança das disposições dos galhos! Que matemática noção de espaço interno! A natureza é realmente sábia.

Quando terminado, o esperado: mamãe-pássaro não saía de dentro, e provavelmente já havia posto seus primeiros ovos. Em poucas semanas, acordava com a gritaria dos bebês de asas pedindo comida. Até repartia com a família animal minhas sobras de arroz, que a mamãe mais comia para si e pouco dava aos filhotes.

Eles cresceram e se mudaram. Claro, o ninho ficou. Deixei-o lá, pois sei apreciar uma obra de arte natural. Outras mães-pássaros tiveram suas maternidades facilitadas pelos pioneiros construtores: se apossavam do ninho pronto e utilizavam-no durante a gestação. Perdi a conta de quantos casais de pássaros, de diferentes cores e espécies, usaram

¹Baseado na ideia e incentivo de uma colega de universidade.

este refúgio. Até cheguei a acreditar que o ninho carregava uma espécie de bênção consigo. Tinha ótimos sonhos todas as noites, e a troca do despertador do celular pelo canto dos pássaros fazia eu me sentir um morador de um paraíso moderno.

Eis que minha última colega de sacada – onde o ninho ficada – foi uma velha conhecida: uma pomba. Logo de cara, deu à luz a dois filhotes. Por azar, foi a família mais nojenta que passou por lá, e deixou a maior sujeira quando foram embora. Essa família, híbrida de pássaro com porco, nem me deu trabalho para a limpeza do local, pois o ninho da prosperidade (era assim que eu o chamava) virou um banheiro de terminal rodoviário, e deveria ser descartado.

Estava com pesadelos desde que a família pombo chegou, mas não sabia por quê. Seria mau agouro? Ou estou comendo demais à noite durante essa pandemia? Sonhava que canibais me mordiam, e mesmo eu correndo e desviando desses monstros outros apareciam e me tiravam pedaços com mordidas de raspão. Acordava me coçando, mas só podia ser culpa dos mosquitos. Conheço a fauna urbana. Essas pestes entram debaixo do meu lençol e me esperam dormir para picarem. Preciso ser mais sábio que a natureza. Estão sobrevivendo à poluição. Na próxima ida ao mercado, tomaria providências drásticas.

Foi quando peguei a frágil moradia dos pássaros que me deparei com a surpresa deixada pela família pombal. Uma infestação de piolhos de pomba. E eu com meu preconceito para cima dos mosquitos. Foram dias de produtos com o sufixo “-cida” com a casa cheirando a vinagre. Minha pele bege cheia de picadas dessa praga ironicamente combinava com meu pijama de bolinhas, desbotado com o tempo.

Com isso, adivinha qual foi o meu grande aprendizado nessa quarentena? Não, não foi aprender a dar aula online. Isso eu aprendi na primeira semana. Não, também não foi a utilizar técnicas para combater piolho de pomba. Os vídeos da internet e recomendações de colegas pelas redes sociais me resolveram o problema em alguns dias de intenso combate ao exército invasor. Sonhos premonitórios? Ora, isso é para os místicos, não tenho a menor ideia do que eles significam, e acredito, sim,

em coincidências. Minha epifania nesse tempo todo foi ter visto, com meus próprios olhos, como são filhotes de pombo.

Aos curiosos, posso adiantar que essa experiência tem um preço bem caro.

Presentimento de mãe

Kátia Cilene Silva Santos Conceição (Palmas-PR)

Sempre achei curiosa e até divertida essa concepção quase universal de que mãe acha que tem presentimentos. O interessante é que eles se manifestam das mais diversas formas, como quando ela sonha com a gente (ou inventa que sonhou) e conta tudo em detalhes; vai que alguma parte possa acontecer: já está avisado! “Depois não diz que não avisei!”

Quando mesmo longe da gente, do nada, ela quer saber o que a gente andou aprontando; quando apesar d'a gente já não ser mais criança, ela continua falando como se fôssemos, repetindo as conhecidas frases que parecem mesmo previsões:

“Não esquece o casaco.”

“Leva o guarda-chuva”

“Já escovou os dentes?”

“Come tudo!”

“Estuda, menina!”

Tudo jeito dela de dizer “Eu te amo.”

Nesses tempos de *lives*, tenho encontrado com a minha mãe mais do que durante muitos anos de distância. Nesses encontros ela fala e sorri, mas não reconhece meu rosto, tampouco sabe meu nome, e acha graça da estranha que a chama de mãe...

Não me importo mais que ela não se lembre de sua própria filha. Tudo agora é mais ou menos como ela fazia, fingindo que não escutava a gente chegar tarde em casa, depois de trabalhar o dia todo e estudar à noite: “Mãe, cheguei, tô em casa, boa noite!” Ela não respondia, mas só então conseguia fechar os olhos e dormir. Ela fingia que não estava lá, mas a gente sabia que ela estava esperando.

Na sua memória já tão comprometida, “Mãe” foi a única lembrança que restou; é por quem ela pergunta todos os dias, como se reivindicasse aquele cuidado primeiro, de quem ela confiava e a quem amava mais que tudo.

Não é uma despedida, mas a possibilidade dela angustia, inquieta a gente... como quando ela dizia enfática se desconfiava de alguma coisa: “um dia você vai ter seus filhos”... “um dia, quando você for mãe, você vai entender...” Mais uma vez o pressentimento foi certo! Vejo tudo que ela fazia se repetir nas minhas ações hoje com meus filhos, principalmente agora, que a pandemia nos distanciou mais ainda.

Acho que ela já sabia que esse tal pré-sentimento é só uma estratégia de mãe de querer antecipar e evitar, se possível, qualquer mal aos filhos. Ela também já sabia que quando a gente vira mãe, entende que pressentimento é muito mais que palpite ou intuição, mas é, na verdade, uma declaração de amor, disfarçada no instinto de proteção.

Talvez por isso, quando a gente se despede nas *lives*, ela ainda diz: “se cuida!”

Quanto Custa Um Chafariz?

Edson Amaro de Souza (São Gonçalo-RJ)

Onde fica o chafariz mais próximo? Tem chafariz na sua cidade? Se não tem, você sabe quantas pessoas na sua cidade têm água em casa? E quantas não têm casa?

Não sou religioso, aliás, não tenho paciência para seguir as regras de nenhuma religião. Só tenho mesmo vontade de fazer o bem. E essa vontade me fez colaborar com um grupo de católicos que regularmente saem às ruas para aliviar as dores de quem não tem uma moradia – não, não são moradores de rua, porque ninguém mora na rua; são pessoas em situação de rua – e nas cidades todas em que pessoas de todas as idades dormem nas ruas, quantos imóveis há (muitos deles públicos, pertencentes à administração municipal, estadual ou federal) que estão vazios e poderiam abrigá-los, como prevê o Estatuto da Cidade, lei sancionada no já distante ano 2000? –. Mas, voltando à vaca fria, passei a colaborar com um grupo católico – sempre que posso faço doações e me junto a eles para ser solidário com quem tem menos que eu; digo que esses são meus dias de Irmã Dulce.

Naquela noite de março de 2020, o Brasil enfrentando o pesadelo do coronavírus que já destroçava a Itália – quantas lágrimas verti cantando “Fratelli d’Italia, L’Italia’è desta” como uma oração pelo país dos meus sonhos? –, nossa tarefa era andar pelas ruas de Niterói distribuindo a cada irmão de rua um copo de água mineral, uma quentinha contendo macarrão, feijão e salsicha e um pacote com um rolo de papel higiênico e um sabonete – quando encontrássemos crianças e idosos daríamos também um outro pacote com uma maçã, um pacote de biscoito e um pedaço de bolo. O copo de água mineral – houve até uma sexagenária que pediu ao diácono que benzesse o dela – já revelava uma preocupação do grupo: onde os desvalidos encontrariam água? Dar-lhes um sabonete para que lavassem as mãos e se precavessem contra a epidemia era um grande otimismo.

Não sei de chafarizes nas praças de Niterói nem de Itaboraí. Em São Gonçalo, tem um na Praça Zé Garoto (oficialmente Praça Stephania

de Carvalho, mas todo mundo chama Zé Garoto) e essa praça, gradeada, nem sempre está aberta. A cidade que conheço que tem um chafariz bem no Centro, a pouca distância da rodoviária, é Cachoeiras de Macacu. – Dado o nome da cidade, é melhor exibir abundância do precioso líquido. – E não sei se a água que de lá escorre provém da empresa estatal de saneamento ou se é de alguma nascente próxima.

Uma lembrança feliz que tenho quanto a chafarizes é que, quando visitei Ouro Preto pela primeira vez, em 2007, havia vários jorrando uma água que me revigorava nas longas caminhadas que fazia o dia inteiro pelas ladeiras coloniais. Quando voltei lá, em 2013, só encontrei um deles jorrando noite e dia, os outros calaram seu generoso e cristalino ruído.

Não é difícil encontrar em qualquer cidade do Brasil imóveis pertencentes à administração pública, seja municipal, estadual ou federal, trancados, jogados às moscas, que poderiam abrigar quem não tem um teto e imóveis privados que poderiam ser desapropriados para se transformarem em moradia popular, como manda o Estatuto da Cidade, lei sancionada no já distante ano de 2000, cuja existência os governantes fingem ignorar.

Sem chafarizes jorrando nas praças públicas nega-se água a quem já se negou moradia. Como salvar esses infelizes de uma epidemia?

Quarentena

Francisco Carlos Rocha Fernandes (São José dos Campos-SP)

Nestes últimos dias, a gente acorda e de cara, ainda com remelas nos olhos, logo percebe como sua vida mudou, seu bairro mudou, sua cidade, seu país e, surpreendentemente, o mundo inteiro mudou. Eu, por exemplo, acordo e não penso mais em que dia da semana estamos ou que dia do mês é hoje (exceto, as contas que continuam chegando nos mesmos dias, para nos lembrar). Logo que abro os olhos de manhã, faço aquela recapitulação mental quase instantânea e concludo: oitavo dia de quarentena... Décimo dia de quarentena... Vigésimo sétimo dia de quarentena... Nem sei até quando saberei contar os dias de quarentena usando números ordinais... O que vem mesmo depois do septuagésimo nono?

Como estou trabalhando em casa, desde que foi decretado o isolamento social, o dia da semana não faz mais tanta importância ou tanta diferença. Sou professor e tenho passado a maior parte dos dias preparando e postando aulas virtuais pelo portal do colégio, elaborando atividades e exercícios para os alunos, tirando dúvidas online, fazendo reuniões pedagógicas (o celular chega a ficar quente em algumas reuniões mais acaloradas pelo *Zoom*). Na verdade, praticamente tudo o que já fazia antes, preparar aulas, corrigir exercícios, aplicar atividades... O que mudou foi o formato. Tudo à distância. Tudo virtual. (Nada real?). Tudo agora parece ter assumido um caráter menos natural, menos pessoal.

Tudo parece que perdeu um pouco a cor, o viço (apesar de o céu parecer mais azul, sem a fumaça dos carros, que pararam de circular). Perdeu o encantamento. Como a sensação insubstituível de estar entre os alunos (tá certo que tem aulas que eu queria mesmo é estar em uma ilha deserta), entre os demais professores (principalmente entre os de Matemática, que não ficam falando tanto de política quantos os de História), até mesmo entre os transeuntes anônimos, que costumo cruzar no caminho para a escola... O virtual até agiliza muito algumas tarefas e tem uma abrangência e uma velocidade incomparáveis. Porém, viver não

precisa ser de imediato, urgente. A vida tem que fluir no seu ritmo próprio, para dar tempo de se entrelaçar com outras vidas.

Mas agora, nem sair de casa podemos...

Eu sei que, mesmo sábado e domingo são agora dias úteis para mim. Pelo menos, estou tentando fazer com que pareçam mais úteis... Mas procuro fazer coisas diferentes das que faço nos dias de semana, ligadas ao trabalho. Já arrumei a gaveta de meias. Até achei aquele pé com um furinho, que estava perdido há dias, ou, melhor dizendo, desde o terceiro dia de quarentena.

Já remontei um quebra-cabeça dos canais de Veneza, que (re)encontrei quando fui arrumar o armário. Coisa que não fazia há muito tempo (arrumar o armário e o montar quebra-cabeça). A arrumação do armário, óbvio, ficou pela metade. Montei as quinhentas peças em dois dias (entre o décimo primeiro e o décimo segundo dias de quarentena). Pena que faltou uma peça. Não sei como sumiu. Procurei em todos os lugares (inclusive na gaveta das meias). Não achei. Quase não dá pra notar que o rosto do gondoleiro foi feito à mão.

Já fiz muita palavra cruzada. Tinha até uma com a seguinte direta: “*Período de isolamento*”, com dez letras. Deu vontade de colocar um palavrão, mas tinha doze letras. Já assisti oito séries na NETFLIX (deveriam apressar o lançamento de próximas temporadas). Aprendi a fazer haicai (coisa para japonês mesmo, que tem muita paciência). Aprendi a fazer *ratatouille* (demorei mais pra aprender a soletrar o nome do prato do que para preparar). Super fácil e delicioso. Foi quase um jantar de gala no vigésimo primeiro dia de quarentena, tirando o *petitgateau*, que não deu certo (preciso procurar outra receita no *YouTube*). Aprendi a fazer bolo de coco sem farinha e sem açúcar (e sem graça). Fiz aulas de aeróbica no meio da sala. Comecei um curso de mosaico, um de italiano, um de origami. Estou me reinventando (não que já não seja uma invenção única da natureza).

Pela primeira vez, dei até uma “espiada” no BBB, acho que no décimo nono dia de quarentena. Mas, realmente, qualquer passatempo é melhor. Depois de menos de dez minutos assistindo, agradei a Deus por estar confinado sozinho aqui e não na casa mais vigiada do Brasil.

E assim têm sido esses dias de isolamento social... “distanciamento social”, “*home office*”, “EPI”, “coronavírus” “pandemia”, “achatamento da curva”, “hidroxicloroquina” (essa foi difícil de aprender). Quantas palavras e quantos termos novos incluímos em nosso dicionário cotidiano.

Mas vamos em frente, com a esperança de que esses períodos difíceis de mudanças, mas de grande aprendizado, terminem... e outras palavras e termos, como “solidariedade”, “fraternidade”, “distribuição de renda”, “assistência médica e saneamento básico para todos”, passem a fazer parte permanente do noticiário e, principalmente, do nosso vocabulário. E que, logo, possamos voltar a acordar de manhã e pensar se é segunda ou quinta... Mas que venha logo, senão vou ter que reaprender que número vem depois do septuagésimo nono...

Recomeço

Alex Alexandre da Rosa (Jundiaí-SP)

2020 teve um começo digno de filmes hollywoodiano. Primeiro; rumores e tensões sobre uma possível terceira guerra mundial, quando os ânimos pareciam se acalmar, uma bomba explodiu no mundo inteiro, não uma bomba nuclear e atômica, mas infecciosa.

De repente, a OMS declara situação de pandemia, e país após país vão declarando estado de emergência ou calamidade pública diante de um vírus que se espalha de forma descomunal. A partir da perspectiva de estar sob um novo inimigo e, sem defesas ou ataques eficientes, a população se vê em pânico junto a um governo que também não sabe direito o que fazer.

Quarentena. Pronto, está decidido; todo mundo em casa para conter a propagação o vírus. A princípio, ninguém levou muito a sério, teorias surgiam aos montes, mas com as situações críticas na Itália, na Espanha e nos Estados Unidos fizeram com que o povo entendesse a gravidade da situação. Temia pelos mais velhos, pelos seus, pela vida, por um caos iminente. Se o vírus se espalhar não haverá leitos suficientes, hospitais, aparelhos respiratórios... Muitos morrerão sem sequer conseguir um tratamento. Então; casa. Futebol, Fórmula-1, esportes em geral, comércios, shopping, escolas, shows... Tudo parado.

Alguns dias depois e, conseqüentemente, outro caos é instalado com sucesso; a economia. Pessoas precisam trabalhar. E quanto aos autônomos? A economia? Empresários? Trabalhadores? Os estados vão quebrar e haverá muito mais mortes; fome, suicídios, latrocínios... O país vai entrar em colapso, precisamos trabalhar. Tudo isso, é claro, sob a perspectiva de especialistas, a saber; economistas, médicos, empresários, biólogos, influencers digitais, intelectuais, alguns com certo embasamento, outros com nenhum critério de respeito, ancorados apenas pelo oportunismo, dentre os quais, muitas vezes confundem mais do que ajudam. Todo mundo junto, todo mundo separado, panelaço, crítica ao governo, apoio, usa máscaras, tira, precisamos trabalhar, devemos ficar

em casa... Cientistas políticos surgem aos montes. Todos com suas teorias e fatos que lhes convêm. A narrativa sempre é conveniente. Quando, na verdade, devia-se prezar por um bem comum.

Precisamos de um líder. Alguém que tome decisões sábias. Não há. Os estados e a nação parecem discordar um do outro. Todos estão perdidos, pudera! Nunca passamos por essa situação. Se, por um lado, metade apoia o governo, por outro, há quem o critica com os mesmos ímpetos. De certa forma, estamos todos alienados a nossas causas. Queremos apenas que a alienação do outro se torne a nossa. Quem está certo? Devemos sair? Ficar em casa? Vamos quebrar financeiramente? Haverá muitas mortes? Devemos ser calculistas? Humanos? Para mim, a vida vale muito. O que me leva a outro embate: de que forma trará menos impacto, menos mortes? Não dá pra saber. E também não tenho as respostas. Cada um escolhe a melhor forma de viver e a qual o faz feliz. Porém, cabe a nós termos responsabilidade social, se esse vírus se espalhar será catastrófico – e olha que não estou apontando a direção e qual caminho a seguir, apenas mostrando o problema e os dois lados –, mas há coisas que fogem de nossa ossada e outras que podemos fazer. Criticar e julgar é desperdício de energia neste momento. Uma coisa sei: tanto o vírus como os bancos, estes sim, são frios e calculistas. Não há negociação com eles.

Vi uma frase na internet que me marcou muito: “Tempos de crise nos leva a ver coisas que não notamos no dia a dia” – pena não saber o autor. Ficar em casa gerou muitas coisas. Para uns, a oportunidade de ficar com a família, fazer coisas que nunca tiveram oportunidades, para outros, estresse, angústia, depressão... Cada um tem seus anseios e o que funciona para um, pode não funcionar para outro.

Temos que comer, pagar contas, viver... A crise traz diferentes óticas, enquanto alguns ajudam e fazem de tudo para tornar o fardo mais leve, outros tiram as máscaras e mostram quem realmente são, pensam somente em si mesmos. Cada um reage conforme o é. O que nos leva ao clichê; devemos mudar primeiro a nós mesmo. Cabe a nós passarmos por isso de forma íntegra. Mas – sempre tem o “mas” –, não evoluímos sozinho nem retrocedemos. Há algo que se chama alteridade, ou seja,

nossa interação com o outro. Evoluímos juntos à humanidade por meio da interação. Então, sim, podemos ter a utopia de mudar o mundo, pelo menos, o nosso, da pessoa ao lado, do cachorro que não tem a ideia do que está acontecendo, mas, com certeza, está feliz em ter você em casa.

Depois que tudo isso passar, quero abraços, apertos de mãos, sorrisos, cumplicidade, quero humanidade, afinal se esta crise se espalha de formas apocalípticas, quase nada do que você considera valioso fará diferença, “Hemingway fala: que quem está ao seu lado na guerra importa mais do que a própria guerra”. Então, para que possa

haver abraços depois, precisamos passar por isso junto, e, por agora, mais do que nunca, devemos nos unir. Quem for para ficar em casa, fique. Quem for para trabalhar, trabalhe com amor, pois há trabalhos essenciais. Albert Camus dizia que devemos cuidar do nosso jardim primeiro, concordo em partes, afinal como ajudaremos o próximo se não estivermos bem. Neste caso, devemos evitar com todas as forças, adquirir o vírus para não o transmitir a quem amamos.

É a hora de confiarmos nas autoridades, na ciência, de colocar nossa fé em ação. Ter sabedoria – o que é muito diferente de inteligência –, dar o nosso melhor e assim construiremos um futuro mais digno. Devemos usar esse momento para evoluímos, não para retrocedermos. O orgulho ainda é nosso pior inimigo.

Neste momento, não há esquerda nem direita, cristão ou ateu, rico ou pobre, e, sim, uma união entre todos, temos que entrar em um consenso, pois se as diferenças forem maiores, é provável que naufraguemos de vez com cada qual sustentando sua crença e vaidade.

Reticências...

Maira Bastos dos Santos (São Paulo-SP)

É incrível como um sinal de pontuação tão pequeno pode fazer um estrago inigualável. Sei, caro leitor, que você vai me dizer que isso é porque sou professora de português... Ledo engano.

Era uma aula normal, não esse normal que você imaginou: alunos sentados aguardando ansiosamente pela professora com os cadernos abertos e ansiosos para aprender... Isso é, na melhor das hipóteses, utopia... Esse normal era bolinha de papel voando, adolescentes gritando, corre-corre pela sala, mochila fechada nas costas... a visão do inferno. Disposta a pôr um basta nesse quadro apocalíptico, gentilmente eu dei dois gritos, três tapas na mesa e uma ordem clara.

- Abram os cadernos agora, hoje eu vou ditar a lição e quem não fizer vai para a coordenação. (Não era para rimar, mas em momentos de grande estresse não dá para pensar muito na construção linguística).

Então, calmamente, comecei a ditar um texto curto, tarefa aparentemente fácil... (só que não). Depois da terceira palavra, metade da sala já estava perdida no texto e a outra metade nem sabia em que planeta estava, nem fazendo o que...

Mais dois gritos desesperados e três tapas na mesa.

Pronto!!! Todos os cadernos estavam abertos, embora alguns ainda não soubessem quem eu era, o que eu estava fazendo ali e porque deveriam abrir o caderno. Não se iluda, não era fevereiro, era maio, e mesmo depois de quase quatro meses juntos uma parte da sala ainda não sabia meu nome, muito menos a disciplina que eu lecionava. Não que isso seja um grande problema, se tem pai que mora na mesma casa e não sabe o nome completo do filho nem a série em que o anjinho está matriculado, seria até pedir demais que eles soubessem quem eu sou depois de poucos meses juntos, de segunda a sexta, seis aulas por semana...

Mas voltando à história...

Cadernos abertos, canetas na mão e eu recomecei o ditado pausadamente, palavra por palavra, quase soletrando...

Ufa!!! Depois de quase cinco minutos, ditei o primeiro parágrafo inteiro (4 linhas). Senti-me aliviada, enfim estava dando certo... Mas no meio do caminho tinha um sinal de pontuação, tinha um sinal de pontuação no meio do caminho...

Comecei a ditar o segundo parágrafo no ritmo de uma tartaruga atordoada, tão devagar que eu quase dormia entre uma palavra e outra, mas eles estavam copiando, estavam conseguindo acompanhar o ditado, até que eu ditei “reticências”.

Foi uma chuva de interrogações:

— O quê?

— Que palavra difícil...

— Nossa professora, o que é isso? É de comer?

Com paciência de Jó, eu acalmei os ânimos e expliquei que reticências não era uma palavra que eles deveriam escrever, mas um sinal de pontuação.

— Pessoas, reticências são aqueles três pontinhos. — disse eu, me sentindo a fada da língua portuguesa.

— Ah!!!! E por que a senhora não falou três pontinhos? — bufaram meus angelicais estudantes, carinhosamente.

Depois dessa singela explicação, grande parte da sala se encontrou e fez o que deveria ser feito, mas uma aluna ainda permanecia com o lápis nos lábios, olhando para mim com um ponto de interrogação estampado na testa.

— Milena, o que foi?

Ela levantou-se graciosamente e, desfilando através das inúmeras carteiras, foi até a lousa.

— Três pontinhos assim? – disse ela desenhando três pontinhos, um sobre o outro, como uma torre de pontinhos na vertical.

Exasperada, apaguei rapidamente aquela nova definição de reticências.

— Não, assim ...

A sala toda caiu no riso, perdi a batalha. Não adiantou gritar, bater na mesa, fazer ameaças, os três pontinhos assombravam aquele ambiente causando pânico na Milena e riso em todos os outros. Desse dia em diante, a aluna virou “a mina dos três pontinhos” e a reticências acabou com seu último ano de ensino fundamental.

Sem fim à vista

Gabrieli Ribeiro de Lima (Palmas-PR)

Não lembro, ao certo, que dia foi que meu isolamento começou, mas era março. Era estranho, no seu começo. Mudei muitos hábitos. Passei a dormir mais tarde e a acordar mais cedo. Lia muito menos, muito menos, é engraçado isso - antes eu queria mais tempo para ler. A casa estava sempre limpa, suja, depois limpa. Me virei sozinha.

Todos os dias, desde março, penso muito em como vou sair dessa pandemia.

Primeiro, me acostumei com a solidão, ela é, agora, uma condição essencial (mas quero ver gente, sim, e muitas!).

Segundo, não aguento mais lavar louça, e fico feliz que, ao contrário de mim, muita gente leu mais.

Terceiro, caibo mais em mim, aprendi a escutar os outros e mais a mim, bem mais.

Quarto, não permanecerei isolada para sempre. Me sinto faminta de afetos, afetos ferozes.

Último, o antes jamais voltará (e eu nem quero!) porque eu me transformei. Sem fim à vista, virei minha amiga.

Solidarização face aos augúrios

Márcia da Silva Martins (Niterói-RJ)

Esta crônica nasceu de um desejo de solidarização com o humano que está vivenciando esta intempérie chamada “Corona Vírus”.

Este tal Covid 19 implantou na sociedade um, até então desconhecido, modo de nos colocarmos frente ao cotidiano.

Face a essa pandemia, estamos vivendo uma época nunca dantes experimentada, como se estivéssemos vivenciando abalos sísmicos tal qual placas tectônicas a squais se reintegram, se recolocam, sistemática e continuamente em função dos abalos decorrentes da voz da natureza. Natureza que nos fala em silêncio, embora em movimento.

Até bem pouco tempo o que tomava conta dos noticiários eram a revolta das águas, das marés, tormentas, a revolta do fogo devastando áreas por nós habitadas, a economia e a política de cada país.

Hoje é ele, o Covid, que nos leva a nos ressignificar em todo e qualquer sentido, seja emocional, social, seja profissionalmente.

Fomos conduzidos a reinventar nossas relações e a cuidar como, nunca dantes, da nossa saúde e de nossos pares. O que virá? Essa pergunta nos engasga nesse novo tempo.

É desejável que diante desse quadro brutal experimentado mundialmente, sejamos criativos a ponto de sabermos extrair algum ensinamento positivo. De nos colocarmos antes de qualquer julgamento no lugar do próximo – quem divide um cômodo com mais de cinco ou seis pessoas, por exemplo, e não tem nem mesmo água em casa para exercitar a própria higienização tão necessária, especialmente demandada pela ocasião.

Como conduziremos a nossa vida desse episódio para frente – pós pandemia – vai depender da nossa capacidade de resiliência - passar por uma situação difícil, conseguindo fazer o que fazia antes sem perder o seu foco.

Na atualidade os seios familiares, ruas, hospitais e avenidas dão panos para a manga. Nunca, nem mesmo os de mais idade, foram testemunhas dessa espécie de acometimento.

Está sendo travada uma guerra com o invisível, se proliferando sem sabermos ao certo como.

Poucos eram sabedores do significado da palavra quarentena. Imagine, então, fazer parte desse contexto inusitado em que lavar as mãos e os pacotes de alimentos passou a ser questão de sobrevivência, condição sinequanom para se ter saúde boa. Sem falar na saúde mental das pessoas, vulnerável em decorrenciado isolamento imposto pela Organização Mundial de Saúde.

Outra questão relevante são as políticas e os posicionamentos dos governantes à frente de seus países conduzindo um vai e vem de pontos de vista reverberantes. Enquanto isso, entre nós, povo, uns calam e deprimem, outros encontram nessa revolução, prazer em rever crenças e posições frente à vida.

Embora pareça paradoxal, é viável extrair desse mundo de sensos e contrassensos prolixos ocasionados pela doença, uma nova ordem mundial. Um novo sentido para nossas vidas. Estagnados ou deprimidos não vamos a lugar algum.

Tomara, a lucidez se faça presente nas mentes dos que lideram – presidentes, governadores, prefeitos, parlamentares, juízes, médicos, enfermeiros, jornalistas, caminhoneiros, trabalhadores de serviços essenciais - para que possamos vencer este obstáculo invisível evitando um nível estratosférico de mortes e sequelas das mais variadas ordens.

Sem falar na educação que diante dessa parada abrupta, deixou os planos de tantos estudantes – crianças, jovens, adultos – pendurados, sabe Deus até quando.

Mas cabe a quem está conseguindo manter-se sereno face ao exposto, compartilhar com esse mundão de Deus, boas perspectivas para um futuro próximo, quem sabe, que nos aguarda.

Temos que acreditar que a superação é factível e será alcançada, ainda que a duras penas. E vivam aqueles que estão em movimento, ainda que de modo limitado, tentando espalhar afeto com grandes ou pequenos gestos.

O coração do ser humano é “ambidestro”!!! É pau pra toda obra! A capacidade de superação das populações, seja desse ou daquele país, cresce proporcionalmente a suas experiências e ao legado da sua terra natal.

Nós, enquanto gente do povo, saberemos nos reorganizar, após esse confinamento que se instalou nos cinco continentes.

As marcas deixadas pela pandemia serão aos poucos, com o passar dos anos, se tornando cada vez menos contundentes e nos tornaremos mais benevolentes. Não é a primeira vez que uma crise profunda se aboleta causando mortes a torto e a direito. Cabe lembrar, por exemplo, da gripe espanhola que se espalhou pelo mundo e matou quase cem milhões de pessoas inocentes entre 1918 e 1919. O surto aproveitou-se da Primeira Guerra Mundial e espalhou-se pelo mundo ocasionando muitos óbitos. Aqui no Brasil ela espalhou-se, sobretudo, por Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, levando para outro plano um sem-número de viventes.

Diante da situação em que nos encontramos, necessário se faz acreditarmos piamente na possibilidade de os pesquisadores inventarem uma vacina que virá anos livrar dessa pandemia.

E viva a ciência e aos que nela investem e se doam em nome do bem-estar do próximo. Viva também a fé de cada um – independente de religião – que é tão fundamental quanto o isolamento a que estamos expostos.

Sejamos fiéis a todos os mandamentos que convergem para o bem de todos.

A nós todos que estamos testemunhando esse número enorme de desacertos ocasionados pela crise, que nos alimentemos e nos resguardemos pois num futuro não longínquo vamos nos ver livres desse tal vírus que se propaga exponencialmente, disparando desconforto descabido no nosso planeta terra, em todas as suas esferas.

Deus nos ajude a dar continuidade a nossos velhos e novos planos, pois não há sobressalto que não possa vir a ser deposto.

Não há barbárie tal como a que estamos vivendo, que não possa ser vencida, com discernimento, estudo, investimento na ciência e na complacência de cada indivíduo para consigo, para com seu amigo, para com o seu próximo e para como planeta que nos acolhe de modo tão generoso – nos brindando com céu, sol, mar, ar e tantas benção que não teria meios de elencar.

O sofrimento visita os povos de tempos em tempos, mas a força do homem é bem maior do que os transtornos e, ainda bem, a fé nos torna mais repletos de bons sentimentos para que possamos compartilhar com os que nos são caros.

#SomosTodosTartarugas

Rafael Duarte Caputo (Curitiba-PR)

Ano passado, visitei Florianópolis. Também chamada de Floripa, a ilha da magia. Realmente, o lugar é mágico. Fui com minha namorada. Lá, conhecemos o Projeto Tamar. Você já deve ter ouvido falar, é uma das mais bem-sucedidas iniciativas de conservação da vida marinha. Em especial, no que tange à preservação das tartarugas. Ficamos admirados. O trabalho que eles desenvolvem vai desde Santa Catarina até o Ceará, abrangendo grande parte do litoral brasileiro.

Vale lembrar que os seres humanos são bem mais evoluídos do que as tartarugas. Aprenderam a criar e a manusear o fogo, desenvolveram ferramentas, construíram casas, carros, inventaram um monte de remédios etc. Possuem grande capacidade intelectual e artística. Você nunca verá uma tartaruga, de qualquer espécie que seja, dirigindo um automóvel ou tocando um instrumento, por exemplo. Ainda assim, por algum motivo, esses animais são fascinantes e despertam grande curiosidade. Hoje, sabemos quase tudo ao seu respeito.

As tartarugas possuem sangue frio, têm escamas e colocam ovos. Todas essas características as definem como um réptil. Contudo, algumas pessoas acham que elas são anfíbias. É certo que ambos possuem semelhanças e, como os anfíbios, algumas delas podem viver tanto na água como fora dela, mas também existem grandes diferenças. Os répteis possuem pele seca e escamosa, depositam seus ovos na terra e respiram pelos pulmões, assim como os humanos. Característica intrigante. Já os anfíbios têm pele lisa, colocam os ovos na água e respiram por brânquias (quando ainda são larvas) e só depois é que usam pulmões (fase adulta). No ranking da escala evolutiva, os répteis estão um patamar acima. Entretanto, ser classificada como réptil ou anfíbio não muda em nada a vida da tartaruga, que sequer tem conhecimento de tal classificação. Isso porque elas podem até sentir a presença do homem, mas não fazem a menor ideia de sua existência, como pensam, o que comem ou qualquer

outra coisa do tipo. Literalmente, não sabem nada sobre a raça humana. Se soubessem, ainda assim, não compreenderiam. Já o contrário, é bem diferente. Dezenas de pesquisadores monitoram esses animais dia e noite. Conhecem seus hábitos alimentares, sua biologia, ciclo de vida, como se reproduzem e muito mais. Existem centenas de tartarugas que agora mesmo, nesse exato momento, estão sendo monitoradas. Esses animais possuem grande capacidade migratória e de forma inteligente aproveitam as várias correntes marítimas para se locomoverem por grandes distâncias. Fazem isso muito bem. São capazes de percorrer quilômetros e quilômetros pela imensidão do oceano só para desovarem em uma praia distante, longe dos predadores. Possuem um senso de orientação tão eficaz quanto qualquer GPS.

As tartarugas marinhas, por exemplo, arrastam-se pela praia até um lugar livre das marés. Ali cavam a areia (sessenta centímetro de profundidade por um metro de diâmetro), e enterram seus ovos (cem ou duzentos de uma só vez). Um feito incrível! Depois disso, tapam o buraco, alisam a areia e voltam para o mar. Após quinze dias, fazem tudo de novo, mais ou menos no mesmo lugar. Você sabia que é o sol que se encarrega de incubar os ovos? Pois, é! As tartarugas terrestres, chamadas de jabutis, e as de água doce, os cágados, fazem o mesmo nas margens do rio e pântanos, ou entre as folhagens. Depois de três meses, nascem as tartaruguinhas, bem pequenininhas. Logo que nascem, correm direto para o mar.

Nas áreas de reprodução, as praias de desova são monitoradas por pescadores contratados pelo Tamar. Eles são chamados de tartarugueiros. É realizado patrulhamento ostensivo durante a noite para flagrar as fêmeas, observar seu comportamento durante a desova, registrar dados e coletar material biológico para posterior análise genética. Os pesquisadores também monitoram os ninhos nos próprios locais de postura, ou transferem alguns, encontrados em áreas de risco, para locais mais seguros na mesma praia ou para cercados de incubação, expostos ao sol, em praias próximas às bases de pesquisa. Os pescadores são, ainda, orientados a salvar aquelas que ficam presas nas redes. Verdadeiros anjos. E as tartarugas nem desconfiam.

Nas ilhas oceânicas, como em Fernando de Noronha e Atol das Rocas, é realizado um programa de captura, marcação e recaptura, através do mergulho livre ou autônomo. Tanto nas áreas de desova como de alimentação, os animais encontrados vivos recebem um anel de metal nas nadadeiras dianteiras, para identificação e estudo de seu deslocamento e de hábitos comportamentais, além de dados sobre crescimento e taxa de sobrevivência. As tartarugas nem se dão conta do adereço. Muito menos do sistema de telemetria fixado, em muitos casos, nos seus cascos.

Justamente, graças a esse sistema, foi possível resolver um grande mistério que ocorreu recentemente. Toda a população de tartarugas, do nada, desapareceu. Simplesmente, sumiu. Não foram vistas em lugar algum. Nem por pescadores, mergulhadores, banhistas, ninguém. As praias já conhecidas como ponto de desova, ficaram totalmente vazias. Fato que causou espanto.

O mais estranho foi saber que, na verdade, elas não tinham sumido. Estavam apenas paradas, imóveis. Por algum motivo, até então desconhecido, pararam de se locomover. Permaneceram assim: estáticas, em um mesmo local, por meses. Subiam à superfície, apenas para respirar. Logo em seguida, retornavam para dentro d'água. Como isso era possível? O Tamar sempre estudou o deslocamento das tartarugas por meio do monitoramento por satélite e nunca registrou nada parecido. Só para você ter uma ideia, sabe-se que muitas tartarugas que trafegam pela costa brasileira nasceram ou frequentemente aparecem na costa de outros países, tanto do continente americano quanto do africano, uma comprovação do grande potencial de locomoção desses animais, que como eu disse: são fascinantes. Como, então, de uma hora para outra, eles decidiram hibernar? Tartarugas não hibernam, só animais de sangue quente fazem isso. No máximo, alguns jabutis, que vivem em climas tropicais, quando chega o inverno, cavam o terreno e entram em letargo, uma espécie de sono profundo, que é diferente da hibernação. Sendo assim, o que estaria causando esse comportamento tão peculiar?

Técnicos e pesquisadores do mundo inteiro se uniram. Criaram uma força-tarefa a fim de investigar a fundo o problema. Diversos cientistas, de várias nacionalidades, foram chamados: húngaros, franceses, alemães, russos,

americanos, israelenses e até brasileiros. Os países não mediram esforços e enviaram seus melhores biólogos, ambientalistas, oceanógrafos e diversos outros especialistas. Até quem não se interessava pelo estilo de vida desses animais ficou preocupado, ou, no mínimo, curioso. Diversas embarcações, grandes e pequenas, partiram rumo ao local onde as tartarugas se concentravam. Todos atrás de respostas. Não demorou para que elas percebessem que não estavam mais sozinhas. Passaram a se incomodar um pouco com a presença daqueles seres estranhos em seu território, acima e abaixo da superfície. Algumas ficaram assustadas. Outras, perplexas. Todas, sem entender o que estava acontecendo.

Contei essa história a um amigo meu hoje cedo. Por videoconferência, lógico! Foi logo depois que ele compartilhou em suas redes sociais uma série de notícias publicadas recentemente: “Pentágono divulga oficialmente vídeos mostrando OVNI”, “Luzes misteriosas aparecem piscando no céu e intrigam a web (e estudiosos)”, “OVNI gigante e triangular faz terceira aparição em três meses”. Ele me pareceu um tanto paranoico com todo esse lance de quarentena, pandemia etc. Começou a me mandar vários áudios falando sobre extraterrestres, aparição de objetos voadores em várias partes do globo e coisas assim. Daí você vai me perguntar: mas o que toda essa história tem a ver com o assunto? Eu te respondo: querendo ou não, nós é que somos as tartarugas.

Tempos difíceis

Mônica da Silva Costa (Jacarezinho-PR)

É estranho que antes da pandemia, levávamos uma vida louca como escravos do relógio, do trabalho, do estudo, dos projetos e, pior, da ânsia pelo dinheiro. Podíamos reservar um tempo para visitar nossos familiares e amigos, mas não o fazíamos. Estávamos ocupados demais trabalhando, estudando e pagando as nossas contas.

Com a chegada do novo coronavírus ao País, tudo mudou em poucas semanas: no trabalho não essencial, recebemos a ordem para ficar em casa, em regime de *home office*, evitando o contato com outras pessoas; nas escolas, as aulas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado; as autoridades governamentais e de saúde pareciam completamente perdidas diante de uma situação nunca antes vivenciada. Veio a recomendação para que todos evitassem saídas desnecessárias – sem passeios, visitas de cortesia, viagens de lazer, restaurantes ou lanchonetes.

Não demorou muito, o vírus começou a ceifar a vida de muitas pessoas que desenvolveram a forma grave da doença. COVID-19 chegou! Novos tempos, novos desafios, novos valores. Quem imaginou que um dia, teríamos que nos dar as mãos sem qualquer contato físico? Estado, sociedade e instituições filantrópicas uniram-se em prol dos necessitados, daqueles que foram economicamente afetados pela pandemia.

Estão proibidas aglomerações de pessoas com qualquer finalidade: festas, reuniões e outros tipos de eventos, inclusive religiosos. Nos contatos que não puderem ser evitados, distância mínima de um metro das pessoas assintomáticas e de dois metros de quem estiver tossindo ou espirrando, sem apertos de mão, abraços ou beijos, além do exaustivamente recomendado uso da máscara facial.

Numa quarentena que já dura quase oitenta dias, algumas pessoas rejeitam o isolamento e saem por aí sem necessidade, arriscando contrair o vírus e transmiti-lo a outras pessoas, principalmente àquelas do convívio familiar. Entretanto, cabe a nós julgá-las? Cada um sabe de si e deve arcar

com as consequências de suas ações ou omissões. Sabemos que a atitude não está correta, porém não é momento para guerras. Já bastam a luta contra a pandemia e todo o sofrimento que vem gerando para as famílias afetadas.

Temos visto a população dividida em dois grupos: um que defende o isolamento social para proteger a saúde, e outro que defende a volta ao trabalho para não morrer de fome. Nesse dilema, pessoas digladiam numa discussão sem fim, trocam ofensas, se magoam e algumas destilam ódio num momento em que mais precisamos de amor. É uma situação de polaridade em que ambos os grupos têm razão, cada qual com seu argumento. O que fazer? Ora, é muito simples! Fique em casa quem tiver condições financeiras para se sustentar neste período; quem não tiver saia para trabalhar tomando os devidos cuidados. Não há outra saída. Se não queremos a doença para nós nem para o nosso semelhante, muito menos desejamos que ele passe fome ou morra de inanição.

Diariamente, tenho agradecido a Deus pela saúde da minha família, mas me pergunto: serei a próxima pessoa a contrair a doença? Se sim, qual será a reação do meu organismo? Precisarei de hospital? Vou me recuperar? Essas e outras questões me vêm à mente quando penso na crise que estamos vivendo.

Às vezes, sinto tristeza ao lembrar que ninguém está totalmente imune ao vírus. Tristeza por quê? Porque sou filha, irmã, mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora, etc. Se eu tiver a doença na forma grave, não vou sofrer sozinha. Posso não significar nada para muita gente, e isso pouco me importa, mas tenho certeza de que farei falta para as pessoas mais importantes da minha vida. E, por menor que seja, dói muito imaginar qualquer sofrimento para as minhas filhas. Elas são a parte mais sensível de todo o meu ser.

É um momento estranho, triste e, por vezes, angustiante. Tenho procurado viver um dia de cada vez e não pensar muito no que ainda pode acontecer. A pandemia é um teste para a nossa fé. Ao mesmo tempo em que nos deparamos com o medo, precisamos ter coragem, porque não podemos fugir da vida.

Hoje, estamos em casa sem nos prender tanto a horários, trabalhando a distância, assistindo a aulas virtuais e vivendo com o

dinheiro que temos. Ironicamente, temos vontade de visitar nossos familiares e amigos, mas agora não podemos. Temos outra preocupação. Pelos noticiários, os casos de COVID-19 multiplicam-se a cada dia, e o número de mortes cresce assustadoramente.

Não está sendo fácil para ninguém, mas o que esta crise pode nos ensinar? Que estamos em pé de igualdade perante a nova doença. O vírus não escolhe cor, etnia, sexo, religião ou classe social. Cegamente lançado, aloja-se nos órgãos vitais que tentará destruir. Ele quer tirar o nosso fôlego, o nosso sopro de vida, mas eu vou continuar tomando os cuidados até que o avanço do vírus seja controlado. Agarro-me à esperança de uma vacina que promova a imunização global.

E você? Vai continuar arriscando a sua saúde e a dos outros também? Quer fazer algo realmente importante? Fique em casa se puder! Se não puder, use máscara, tome distância do seu próximo, lave as suas mãos e também a sua alma! Faça isso por você e fá-lo-á pela humanidade!...

Um belo anel

Marcos Antonio Campos (Natal-RN)

É um belo anel, mesmo esquecido pelo tempo dentro de uma caixinha de joias. Ele foi posto lá no exato momento, que teus olhos fugiram de mim. Fostes embora nas velas de tua nau a procura de auroras distantes. A saudade não mitigou teu nome em minha lembrança.

Este anel não me foi dado. Foi devolvido quando partistes. Não quis refratar os teus sonhos nem caminhar no teu arco-íris. Eu não queria aventuras. Tinha medo de voar e perdi a estrela que estava em minha mão.

Acordo cedo e vou trabalhar, sempre faço o mesmo percurso. Não me aventuro por caminhos desconhecidos. A aurora ainda está acordando e já vai dourando os cachos da acácia, a cor dos teus cabelos. As xananas ainda estão abrindo suas pétalas para o sol e eu vejo o teu sorriso. Os passarinhos começam a cantar e eu lembro como era melodiosa tua voz.

Atravessar o canteiro central é como ter o coração transpassado por uma flecha. As rosas vermelhas têm a cor de teus lábios, as flores têm o perfume que roubaram de ti e as pétalas têm a maciez de tua pele.

Além do anel você deixou-me também a bandeira de seu país, que na aurora desfraldada, tem a cor do teu cabelo, o azul de teus olhos e o carmim de tua boca. À noite a bandeira amarrotada cobre-me os olhos para o crepúsculo e acende minha narina com teu perfume. Acordo com os acordes da aurora. Mãos como raios de luz esquentando minha pele. O galo cantando, avisando-me a hora, os girassóis sorrindo para mim, alegrando-me o dia.

Vou navegar o horizonte, abrir minhas velas, atracar em outros caís. Talvez tu tenhas ido a Macondo voar com as araras, quem sabe estás nas montanhas de Shangri-lá ou ainda matriculada na Universidade Corânica de Tumbuctu. Certezas não as tenho, mas acredito que tu fostes procurar o nascer da aurora, desde a terra do sol nascente ao solar da Bela Vista.

Desejo ardentemente acordar nos braços de minha Aurora, seguir meu caminho livre dessa quarentena. É difícil seguir os passos de minha

gazela, principalmente quando meu corcel está a todo galope, por isso comprei uma passagem para Boa Vista.

Uma questão de aproveitar o tempo

Ana Julia Graeff de Souza (Palmas-PR)

Acordei cedo. Cheguei à cozinha e a televisão estava ligada. O que se falava nela?

Mais casos de COVID-19 e mortes. Enquanto tomava o café da manhã, planejei o que faria durante o dia. “Estudar, ler um pouco, planejar minhas metas e objetivos”. Por um instante, refleti como algumas pessoas, ao invés de usarem o período da pandemia para fazer algo útil, fazem justamente o contrário.

“É por isso que os casos de ansiedade e depressão crescem tanto”, pensei enquanto lia uma pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sobre o crescimento dos percentuais.

“O levantamento aponta que os casos de depressão quase dobraram e os de ansiedade e estresse tiveram um aumento de 80%”, li em voz alta. Pensei: “Se não cuidarmos de nossa saúde emocional, isso só tende a piorar.” Desliguei a televisão e fui estudar, era o melhor que eu podia fazer pelo meu futuro.

Uni duni tê

Rhayssa Isabelle Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)

Quem diria que esse instrumento, antes tão estranho aos olhos de estudantes ou mesmo de outras pessoas e utilizado apenas pela classe trabalhadora da saúde, estética, quem sabe relacionado à doença, seria a mais importante peça no armário da população mundial?

Uma pandemia certamente causa grandes mudanças na vida das pessoas e uma delas está sendo no vestuário. De diversos tamanhos, cores, formas e estampas, a máscara tem se mostrado muito útil, tanto para evitar a transmissão do vírus Covid-19, quanto para ornamentar (com muito estilo) as roupas utilizadas diariamente.

O isolamento social já perdura faz algumas semanas e, nesse tempo, o brasileiro já provou que pode ser criativo: existem máscaras engraçadas, fofas, assustadoras, com memes, entre outras.

Antes do período de quarentena uma das perguntas mais feitas quando se saía era “Com que roupa eu vou?”; agora é “Que máscara vou combinar com a minha roupa?”. O estilo nunca é abandonado e a roupa precisa ter sincronia com a máscara para combinar, de acordo com os aclamados estilistas.

As orelhas, coitadas, pagam o preço de tanto glamour. Entretanto, o sofrimento delas será recompensado com a saúde corporal intacta.

Não se sabe por quanto tempo a tal da pandemia durará ou mesmo até quando a máscara será considerada uma peça obrigatória. O que se sabe é que você pode passar por esse momento negativo da história mundial, utilizando as diversas estampas e formatos para adaptar ao seu look. Triste, sim; estiloso(a), inclusive.

Viver e sonhar em tempos de pandemia

Ronaldo Dória dos Santos Júnior (Sepetiba-RJ)

O ano até que começou bem. Em janeiro, tive uma crônica em 4º lugar num concurso literário promovido por uma universidade de Minas Gerais. Nada melhor para um escritor - ainda mais para os iniciantes, como eu - do que ter um texto premiado. Um passo a mais em direção ao sonho do primeiro livro.

Em fevereiro, comecei a estudar inglês e dei prosseguimento no curso de espanhol. As aulas de alemão na universidade recomeçariam em março. Terminado o semestre, eu emendaria um intercâmbio: um mês de curso em Berlim. Tudo preparado, estadia reservada. Além dos pontos turísticos principais - os Hauptsehenswürdigkeiten, adoro essa palavra -, eu já tinha preparado um tour musical, que incluía visitas às casas de Schumann, em Leipzig, e Beethoven, em Bonn. Tinha combinado encontros com amigos na Itália, Dinamarca, Sérvia...

As águas de março levaram embora todos os planos de viagem, de estudo, de lazer. De repente, o caos que víamos apenas na tevê estava batendo à nossa porta, alterando drasticamente toda a nossa rotina. Tudo fica muito mais intenso quando as coisas que ouvimos e lemos começam a acontecer perto de nós; quando um vizinho depende de caridade para se alimentar; quando nos damos conta de que o pouco que temos pode ser considerado um privilégio por muitos milhões de pessoas; quando amigos e conhecidos começam a adoecer e morrer. Infelizmente, não é só uma gripezinha.

Tenho uma vizinha, avó dos meus primos, que sempre me pede ajuda quando precisa fazer algo no celular e não consegue. Semana passada, ela teve dificuldades com o aplicativo do banco. Enviou mensagem no WhatsApp perguntando se eu conseguiria resolver. “Eu posso tentar, dona Rose. Me dá um minuto, já passo aí”. Ela me recebeu de longe, me entregou o telefone pela fresta do portão. Então, começou a chorar.

— Esse negócio de não poder sair de casa é muito ruim... — ela disse, entre soluços.

Não podia chegar mais perto, abraçá-la. Tentei dizer algumas palavras de conforto.

— Você também chora com isso tudo? — dona Rose me perguntou.

— Nós homens não temos aquela glândula que produz lágrimas, né. Então não, não choro nunca.

Respondi tão seriamente que, por uma breve fração de segundo, ela hesitou. Depois, soltou uma risada.

— Você é muito bobo! Que bobeira essa história de que homem não chora.

— Se chora, não é homem.

— Pois eu vi seu pai chorar, quando sua vó morreu.

— Meu pai? Chorando? A senhora respeite o meu pai, por favor!

Ela riu novamente. Eu saí menos triste, por ter arrancado dela algumas gargalhadas. Por outro lado, me vi pensando no quanto o isolamento social, o medo de uma possível contaminação e as perspectivas sombrias em relação ao sistema de saúde têm afetado a todos nós.

Eu tenho lido muito. Às vezes pego o violão e faço algum barulho, tento aprender alguma coisa nova no teclado. Procuo combater a sensação de improdutividade que insiste em tomar conta de mim. Uma sensação ruim de que esse será um ano perdido. Sem contar a saudade grande das pessoas queridas.

Hoje cedo, uma conhecida me mandou imagens de bolo de casamento e perguntou o que eu achava. Eram todos muito bonitos, eu respondi. Em seguida, enviou fotos de um casarão na serra, cujos donos, amigos dela, alugavam para festas. Fez comparações sobre valores, falou sobre custos de fotógrafos e bufê. Um amigo seu, pianista, ficaria encarregado das músicas.

À tarde, entrou novamente no assunto, dizendo que o casarão não pertencia mais aos amigos, mas que já estava de olho em outro local. Eu estava curioso desde o início, porque não sabia que ela era noiva, ou se tinha namorado. Resolvi perguntar.

— O que o seu namorado achou desse novo espaço?

— Olha, eu não tenho namorado, não tenho pretendente, não tenho previsão de casamento nem nada. Mas num custa nada a gente sonhar, imaginar como poderia ser...

Realmente, não custa nada. Acho até que é uma saída boa. Tantas coisas que eu quero fazer quando essa tempestade passar! Algumas quase ao alcance das mãos, outras, nem tanto. A dona dos meus versos está longe. A nos separar, quilômetros de distância e um isolamento que durará por tempo indefinido. Que os meus devaneios, então, voem leves, aparentemente sem destino, e encontrem aconchego nos braços do meu amor.

CAPÍTULO II

EPOS-CRONOS: ARTE COMO NECESSIDADE

PREFÁCIO

Alana Freitas El Fahl¹

“A literatura é uma expedição à verdade”.

Franz Kafka

Toda antologia (Do grego, coleção de flores) é uma tentativa de reunir os melhores textos de um autor ou as melhores páginas sobre um determinado tema. Muitas vezes essa reunião se torna uma tarefa inglória porque escolher é sempre arriscado e toda seleção deixa lacunas, por isso todo livro dessa natureza será sempre uma tentativa incompleta. Assim como é impossível afirmar que esses são os melhores em detrimento de tantos outros já que toda seleção será sempre subjetiva. Ainda bem que essa não é nossa missão aqui. Fui convidada pelo Prof. Dr. Jean Araújo, um amigo querido, e pela Profa. Dra. Kátia Conceição, amiga agora por proximidade (amigo de meu amigo), para escrever uma apresentação sobre essa reunião de flores que têm em mãos, ou seja, essa antologia de contos para Literatura em Pandemia.

Pensando na origem da palavra antologia, temos, portanto, em mãos um buquê de flores dos mais variados tipos, tamanhos, cheiros e cores, mas unidos por um tema invisível que atravessa todos eles de diferentes formas: A experiência abissal de viver uma pandemia. Essa experiência avassaladora de viver sob à sombra mortal do COVID 19 que nos apavora há mais de um ano e que parece sem fim próximo mudou todo o cenário a nossa volta, interferindo na nossa casa, no nosso trabalho, na nossa forma de nos relacionar, nos nossos medos, na nossa vida em todas as suas dimensões e até mesmo na forma de enterrar nossos mortos.

Descobrimos que podemos viver sem muitas coisas que achávamos imprescindíveis em nossas rotinas e aprendemos tantas outras

¹ Professora Titular de Literatura da Universidade Estadual de Feira de Santana.

lições baseadas tanto na dor que nos atravessa, como no afeto que nos comove. Todavia, uma das mudanças de comportamento que eclodiu com força nesse ano surreal está alicerçada na necessidade de nos aproximarmos da arte e de tudo que ela nos pode dar.

Mais fechados em nossas casas-casulos, nos voltamos para os filmes, para as séries, para as músicas com toda sua profusão de *lives*, para as reexibições das novelas e para o universo da literatura de forma geral. Assim como Anne Frank que, durante a Segunda Guerra, leu e escreveu muito em seu esconderijo secreto para suportar as ameaças externas, nós também nos agarramos à cultura para alimentar nossas almas tristes e temerosas.

E, além desse exercício de alento pelo afago da arte, muitas pessoas não apenas a consumiram como produziram textos a partir desse contexto insólito. É exatamente uma reunião de frutos desse cenário que o leitor tem agora em mãos...

Todas as narrativas aqui presentes tocam de alguma forma nessa atmosfera em que vivemos nos últimos meses e que ainda nos sufoca no presente. Os contos aqui enfeitados abordam diferentes aspectos, abordagens e pontos de vista de experiências pessoais com a pandemia.

Aqui temos histórias muito íntimas como as fotografias guardadas em casa e que cristalizam instantes que desejamos guardar, ou páginas que tratam da sensação de se estar sufocado quando se vive sozinho, ou ainda a sensação de estar sufocado quando o isolamento social acontece entre muitas pessoas que foram obrigadas a conviver. Histórias de casais, histórias de famílias, histórias de encontros e desencontros, histórias de perdas e histórias de ganhos que se desenvolvem no papel que busca registrar esse nosso tempo de dor, que como nos versos de Drummond, do belo e triste poema **Os ombros suportam o mundo**:

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
prefeririam (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

Mas para que a vida não seja apenas mistificação, existe a literatura. A existência desse livro talvez responda à pergunta presente na passagem de um dos contos dessa antologia, **Flores elétricas**, “Existe alguma resposta certa para a hora da incerteza?”. A arte não cura nossas dores, mas ajuda a suportá-las...



A fotografia

Guilherme Giublin (Curitiba-PR)

Agora não havia mais dúvida: ela não estava lá, estando.

Já fazia algumas semanas. Fotografava de tudo, mas sempre externo, era seu estilo, sempre foi conhecido pela forma como aproveitava a luz do dia, era sua marca registrada. Há décadas não tinha a ideia de fotografar internamente, para ver se também acontecia.

Mas dessa vez foi obrigado a fotografar uma sala, com mesa, com bolo e docinhos, aniversário de seu sobrinho. Primeira coisa que fez foi mostrar a foto para a irmã, com cuidado, não podia abordar o assunto assim, abertamente, podia ser loucura sua, ou podia assustar todos presentes.

Sua irmã nada falou, apenas um elogio, deve ter achado que ele queria mostrar sua técnica, humildade não era o forte dele. Não está vendo nada de diferente? Ela olhou surpresa para ele. Não. Nem uma pessoa diferente? A roupa da vovó é bem estranha, mas coitada, ela tem o seu problema... Deixe para lá, e ele se retirou para um canto isolado no sofá.

Me dá na boca tiú? Não pode resistir a fofura da sobrinha e o mau humor dissipou rapidamente. Deu comida para a pequena e resolveu mostrar a foto. Quem é? E apontou justamente para ela. Sim, crianças também viam, só não sabia se isso mostrava muito dele ou delas.

O que interessava é que ela existia e mais alguém tinha visto. Quem? Insistia a criança. Uma amiga do tio, já foi, faz tempo que então fala comigo, logo vai conseguir falar de novo.

É tua namorada? Por que, achou bonita? Fez que sim com a cabeça. Infelizmente não, embora possa virar, daí ela vai ficar mais tempo aqui. Tá bom, chega, tchau tiú.

Continuou olhando para a foto. Em lugares abertos havia a chance, mesmo com possibilidade quase nula, de ela sempre estar próxima do lugar onde ele apontava a câmera, talvez até seguindo ele, talvez até soubesse onde ele ia clicar, sendo assim só podia ser ela, a semelhança era

muito forte mesmo, o que o impressionava é que ninguém conseguia vê-la, só sua sobrinha de três anos.

Sim, em lugar externo ela podia muito bem existir, porém em lugar interno jamais, uma casa pequena, ele sabia todos que estavam ali, foi o primeiro a chegar para ajudar com a preparação da festa, não, lá ela não estava lá, apenas na foto.

Seria mesmo ela? Mas por que ela apareceria em suas fotos depois de sumir de sua vida? Não tinham chegado a brigar, ele amava demais ela para isso. Ela simplesmente se afastou. Ele ligava, marcava encontros, até chegavam a ir se ver, mas sempre ela tinha algo de urgente para fazer, os encontros duravam duas horas, uma hora, meia hora, quando não passou de vinte minutos ele se revoltou e resolveu dar um basta, não falar mais com aquela mulher que tanto fazia ele sofrer. Ela também nunca mais ligou, apesar que não ligava antes mesmo, deve ter se sentido aliviado por perder a obrigação de ver alguém que a convenção social obrigava a fazer com que chamasse de amigo.

Primeiro achou que tinha enlouquecido, que via coisas, delírios de amor, mas não podia ser verdade, esses delírios só deviam existir em literatura romântica, não na vida real, mas agora tinha a certeza de que ela estava lá, presente nas fotos e que nem todos podiam ver.

Será que ela queria se comunicar com ele? Pensou em ligar, mas nem convite para aniversários recebia mais. Não se falavam a o quê? Três anos? Será que ela precisaria dele? Um cavaleiro indo salvar a donzela. Mais romantismo que ele queria evitar.

Não, não iria ligar para ela, seria se humilhar demais, mas teve uma ideia, meio maluca, embora que podia funcionar. Afinal há algo mais maluco do que esse fantasma em minhas fotos?

Comprou uma polaroide, a besteira que fez foi que na pressa comprou pela internet, e agora ela demoraria para chegar. Até lá largou a fotografia e o mundo, ficou em casa, acompanhando o pedido pelo computador e xingando o sucateamento do correio. Não fazia a barba, não cortava as unhas, não escovava o dente ou tomava banho, até o dia em que ouviu o interfone. Nem teve vontade de atender. Chegou agora a

encomenda que o senhor me falou! Deu um salto de alegria e correu para a portaria do prédio.

Deixou a câmera na mesa, fez a barba, tomou banho, escovou os dentes, cortou as unhas, pôs roupas alinhadas e foi para o quarto com a câmera. Lá bateu a foto. Funcionou. O instantâneo foi revelado na hora e revelou ela ali, parada, perto da poltrona. Linda como sempre, com aquele ar desleixado que a deixava mais bonita ainda, acendeu um cigarro, era *lafemme* de um filme de Godart.

Pode se sentar. Ela obedeceu. O que você quer? Me diga você, foi você que me chamou. Só queria saber o motivo de você aparecer em todas as minhas fotos. Tua saudade, nada mais. Não tem saudades de mim? É claro que não! Fomos amigos por uns seis meses, melhores amigos na faculdade de fotografia, depois nos afastamos, mas você nunca deixou o laço se cortar completamente, sempre atrás de mim, sempre me perseguindo, você é um mala! Agora até nas suas fotos você procura um jeito de me achar, de me prender. Me deixe livre. Já falamos sobre isso, a amizade mudou, não sei o que fazer.

Ele ficou parado um tempo. Te deixo livre, mas não te deixo viver. Foi até a sacada e tirou uma foto em direção do chão, a foto se revelou, ela caía, caía na foto e na vida. Um estrondo seco foi ouvido, ele ficou esperando. O porteiro correu assim como um transeunte, tinha conseguido, ela sumiria de suas fotos e de sua vida pela sacada do sexto andar.

A hora fatídica

Josafá Paulino de Lima – Josafá de Orós (Campina Grande-PB)

Naquela madrugada, Saul, ansioso, com o coração a mil, correu para atender o telefone. Tropeçou na boneca de Ana que estava próxima à escrivaninha. Pegou o telefone, e, de forma atabalhoada, não hesitou:

— Alô!

Do outro lado, a garota do hospital, com na voz trêmula e entrecortada, indagou:

— Sr. Saul. É o Sr. Saul?

— Sim, sim. Confirmou apressadamente!!!

— Sr. precisamos com urgência de sua presença aqui no hospital ReltihEtrom.

Saul, nervoso, o coração explodindo e o suor na mão escorrendo sobre o trompete, pediu:

— Por favor, diga logo!

— ... é Senhor, isso mesmo. Infelizmente o senhor Júlio M., a senhora Fátima M., seus pais, e a sua sobrinha Ana M. devem ser procurados no necrotério do hospital.

Respirou fundo Saul, enquanto o instrumento caía aos seus pés.

Tem mais, senhor! Ao chegar, procure diretamente os chefes do cartório e dos containers para os procedimentos de rotina e a retirada dos corpos. Sim, para que eu não esqueça. Ana, sua sobrinha, antes da sedação insistentemente pediu que trouxesse Luzinha, sua boneca. Não queria seguir sem ela, mesmo depois da morte.

A mídia e a informação

Ana Júlia Gaeff de Souza (Palmas-PR)

A televisão estava ligada. Tudo o que Lucas ouvia eram notícias sobre a pandemia do Coronavírus. Todos à sua volta estavam usando máscaras, espantados com tudo o que viam. Lucas, por sua vez, encontrava-se sonolento, pois havia acordado há pouco de um longo sono que havia sido induzido após um grave acidente de carro. Era perceptível um clima apreensivo por parte de seus familiares no quarto do hospital.

Tudo o que Lucas conseguia fazer era se questionar: “O que está acontecendo?”

“Por que todos estão tão preocupados e apreensivos?” Com tantas notícias apocalípticas vindas do noticiário, ele estava começando a se sentir deprimido. Juntou forças, pegou o controle, que estava na mesa ao lado da cama, e desligou a televisão. Neste momento o olhar de todos se voltava a ele.

— Por que você desligou? — Perguntou Giovanna, sua irmã.

No entanto, ele ainda não possuía forças para falar. Todos se deram conta disso e foram procurar maneiras de fazer o tempo passar.

Passaram-se alguns dias, e agora Lucas estava mais forte. O acidente pelo qual passara fora grave. Desde o dia em que acordou, vinha percebendo que sua família andava triste e apesar de estarem juntos, estavam solitários. Sem trabalhar ou estudar, ficavam o dia todo no hospital. Percebendo essa situação, Lucas chamou Giovanna, a pessoa com a qual tinha mais intimidade, para conversar.

— Você sabe que pode contar comigo, certo?

— Sei sim.

— Preciso te pedir uma coisa: o que está acontecendo com vocês?

— Você sabe. Ninguém de nós está trabalhando, e as contas estão chegando. Confesso que estamos mais preocupados e tristes que o necessário, mas é inevitável. Eu estou perdida, e...— Neste momento começou a chorar, e foi interrompida por alguém entrando no quarto.

— Com licença — Era o Dr. Paulo, que chegava para dar boas notícias. — Bom, eu venho observando o Sr. Lucas há dias, e creio que ele já está apto a deixar este hospital. Com o apoio e ajuda necessários, ele conseguirá se adaptar muito bem em casa, mesmo com as fraturas nas costelas, que já estão melhorando.

—Tudo bem doutor — disse Marta, mãe de Lucas — iremos arrumar nossas coisas.

Já em casa, Lucas se sentia aliviado. Poderia ter mais liberdade, e não estaria mais restrito a um quarto de hospital. Querendo o bem-estar da família, falou o que estava sentindo.

— Bom, como vocês sabem, estamos passando por tempos difíceis, e não é por isso que devemos nos abalar. Sinceramente, eu passei dois meses em coma por conta de uma séria imprudências de outro motorista no trânsito e como resultado, fracturei três costelas. Não é por isso que vou ficar deprimido pelo resto da minha vida! Sei que a situação atual do mundo não é boa, mas ficar assistindo ao sensacionalismo imposto pela mídia não vai colaborar em nada! Eu não aguento mais ver vocês assim, passando a expressão de que o mundo irá acabar amanhã.

O discurso de Lucas fez efeito. Todos em sua casa, inclusive o pai Carlos, que amava assistir ao noticiário, passaram a achar outras maneiras de terem lazer. Como resultado, se tornaram bem mais unidos e fortes. Descobriram talentos e *hobbies* que jamais imaginavam ter, e o período que era pra ser de sofrimento tornou-se um período de crescimento.

Com o aumento dos casos de estresse, ansiedade e depressão no mundo, um número maior de pessoas vem sendo afetada. Com a família de Lucas não foi diferente. Marta andava muito estressada, e Giovanna, muito ansiosa. Um dia Carlos propôs:

— Eu percebi que vocês duas não andam muito bem. Eu achei um aplicativo de meditação, o que pode ajudar. O que acham de testar?

Ambas concordaram que essa era uma boa ideia. Consequentemente, aprenderam a controlar suas emoções e todos da família estavam mais felizes e esperançosos de que esse período acabaria logo. Apesar de tudo que estava acontecendo, se uniram para se tornarem pessoas ainda melhores.

A Mosca

Matheus Zucato Robert (Monte Sião-MG)

É primeiro de fevereiro, como mostram os primeiros minutos do dia que ainda é madrugada e que me impedem de dormir. Penso naquela lei universal de que só damos valor às coisas que não temos ou que perdemos — redundante. Eu, como ser humano fiel que sou, seguidora da vida, súdita bem treinada, sigo também a tal lei que não sei quem disse nem quando disse, mas que deve ser antiga já que é antigo também o materialismo do mundo e a ideia de que quanto mais eu tenho mais eu sou e mais eu quero, para mais ser. Ser o que, feliz? O que é a felicidade? Não se sabe definir; normalmente dizem ser o oposto da tristeza, mas é vago e é simples demais, pois tenta explicar coisa que não deve ser explicada e sim sentida.

Certa vez li um livro que falava sobre felicidade e ele começou dizendo as três principais causas da infelicidade humana, e aí fui infeliz porque vi que me encaixava numa das três, que tinha qualquer coisa a ver com ser querida pelos outros enquanto nem eu mesma me quero. Estou soando melancólica, mas se não for agora, nunca será, pois é de madrugada e a madrugada nos permite ser sem escrúpulos; é dia primeiro de fevereiro, os minutos não param de passar e eu esqueci que ia contar que lembrei da lei universal do sentimento de falta somente porque hoje é dia primeiro de fevereiro. E por ser dia primeiro eu me perguntei “por onde passou janeiro?”, e ninguém vai saber responder, só vai saber sentir. É o problema da felicidade todo de novo.

Vou à padaria quando for de manhã, se estiver bem disposta, para perguntar ao padeiro por onde passou Janeiro — e rimou — e ele vai me fornecer uma resposta óbvia que não vai me confortar, mas que não é culpa dele porque ele não é nem meu parente nem meu psicanalista — e diz a lenda que nem o psicanalista sabe confortar —, mas sabe fazer pães e dar respostas óbvias que fazem parte do dia a dia de trabalho; as pessoas gostam do óbvio, sabe-se lá por quê. Vai dizer algo como “esse ano está

passando depressa; já que é Natal de novo”, sei lá, vou ouvir e esquecer no minuto seguinte mesmo.

Mas é verdade, o mês se foi e eu nem me dei conta de que foi e agora fico me perguntando “por onde passou janeiro?” que na verdade significa “por onde andei em janeiro?”, já que, se não vi janeiro passando, ele também não me viu, então quero saber também de *meu* paradeiro no mês passado. Vou anunciar no jornal “já são dois os desaparecidos no mês de janeiro”, mas vai ser notícia tardia, porque agora eu sei onde estou; fevereiro me abre alas numa madrugada de sexta-feira que de festiva não vai ter nada. Eu sei bem onde estou, mas preciso explicar pois são lugares diferentes; sou como o elétron que está e não está, sou um gato de Schrödinger que ninguém sabe dizer se está vivo ou morto, e por isso pode ser/estar os dois ao mesmo tempo, brincando com as leis da física.

Quase me esqueço de dizer onde estou pois divaguei e as divagações são as distrações da seriedade. Estou na cozinha, é só isso, não há descrição nenhuma nem coisa legal nem drama, pois é uma cozinha comum de classe média. Minha outra parte está viajando por aí, ora fixando-se em Mafalda, que perdeu o filho, ora pensando no desânimo de fazer mais cinco apresentações até domingo, ora pensando que a vida não dá mais, mas que logo em seguida dá porque não sei como cheguei até aqui então quero chegar um pouco mais além; quiçá tudo se torna mais interessante: de repente o padeiro me responde que “se janeiro passou depressa o problema é todo seu e não meu”, e eu vou acabar escrevendo uma música sobre isso.

Sou musicista, sou cantora e hoje fiz uma música que vai ser *hit*, e o vai porque é óbvia e a humanidade adora a obviedade. Mas a música não sai de minha cabeça desde a primeira vez que cantei seu refrão, e agora o refrão se repete e se repete e se repete dentro de mim como se faziam nas torturas com espiões soviéticos — e eles com os capitalistas, é claro — e nessa de repetir não existe dormir até que haja exaustão, mas não a exaustão física e sim a mais perigosa de todas: a mental. Minha música ecoa pelos fundos da minha cabeça; ela está em algum lugar que não tenho acesso — não sem a ajuda da psicanalista, que não conforta, mas cutuca e

extraí o que for preciso extrair. Ela cura pela dor, diferente do mundo fragilizado de agora, que não arde e se arde é porque está errado.

Eu pareço uma romântica, que escreve com os olhos fechados, mas os meus estão bem abertos já que não consigo dormir e, portanto, escrevo. Já li o *Inventário do Ir-remediável*inteiro, e achei que fosse dormir lendo, mas Abreu me despertou por completa. Acho que estou ficando velha porque estou dormindo cada vez menos; e os velhos acordam cedo para ir à missa ou para cantar com o galo ou para caminhar — sim, existem velhos mais atléticos que eu —; e eu acordo cedo para ir à padaria ouvir as respostas óbvias do padeiro, que de certa forma fazem-me sentir mais humana e menos máquina. Ser humano é relacionar-se. As vezes não dá, mas as vezes tem que dar. Às vezes é solitário ser solitário, e na cozinha de classe média que me envolve eu sou um café quente que demora a esfriar já que faz muito calor; odeio bebidas quentes no calor; e nesse café de madrugada posso ouvir, junto à música que fiz, os ecos de mamãe dizendo “isso é hora de tomar café, depois não vai dormir” e eu só posso responder calma e sincera que “mamãe eu não durmo com ou sem café” e ela vai dizer que é culpa da vida que levo.

A música é uma distração perfeita para o mundo comum, não posso fazer nada. E os livros têm um poder-irmão cujo efeito é semelhante. Mostrei à mamãe n’outro dia em que fui visitá-la um livro chamado *Discurso da Servidão Voluntária* e ela me alertou “cuidado para não ficar louca”, e dessa vez não respondi, mas fiquei pensando que os loucos talvez tenham uma percepção mais abrangente e singular das coisas e é por isso que ficam loucos. A liberdade, de certa forma, enlouquece; é muito difícil fazer escolhas sem medo de errar ou da represália dos que ainda estão acorrentados no fundo da caverna escura. Minha psicanalista vai brigar comigo e dizer que *louco* se tornou uma designação um tanto inexata e ofensiva para os que apresentam alguma psicopatologia. Nem lembro se essa é a palavra certa. Mas divaguei novamente; a música continua a tocar e preciso fazer uma letra, uma triste, pois a música é lenta e deve ser por isso que combina tão bem com meu momento e com esse café.

Só extingo toda essa bobagem quando uma mosca decide pousar sobre a mesa. E moscas devem adorar café, pois a cozinha não tem cheiro

de comida já faz tempo, só cheira à madeira velha e cômodo estagnado. O café disfarça bem o cheiro e a mosca deve ter entrado pela janela da cozinha, que está aberta devido ao calor infernal do mês de janeiro que se transformou em fevereiro e que não vai fazer de nada para mudar essa temperatura. A mosca pousa na mesa e decide andar para lá e para cá, com suas patinhas rápidas, quase imperceptíveis; ela caminha meio sem rumo — na verdade, deve haver um — e em sua aventura talvez não tenha percebido, ainda, o ser humano sentado nessa cadeira; só percebe o café e sua quentura. Agora ela voa, voa em elipses como as trajetórias dos planetas ao redor do Sol, o café tão quente quanto à estrela que um dia alimentou as plantas que puderam criar os grãos de café que foram moídos e que passaram pelo filtro e, banhados em água fervendo, transformaram-se no centro das atenções dessa elipse. Tenho um sistema solar bem na mesa da cozinha, tenho a energia do sol debaixo de meu nariz, transformada em pó dissolvido em água quente. O café é, portanto, o Sol, e vice-versa, e quero ver um dia perguntarem-me qual a bebida mais diferente que já tomei e eu vou responder “o Sol”. Acho que é por isso que não tenho amigos. Mas na solidão da sexta-feira de madrugada o café ainda solta vapor e a mosca em sua ousadia aventureira decide sentar-se em minha caneca. Ela agora caminha com mais cuidado e atenção; a ousadia deixa a mosca em alerta. Lembro-me da música e suspiro, porque a música é calma, mas no suspiro a mosca percebe minha existência e me olha.

O tempo, que em janeiro “passou voando” — palavras do padeiro — decide, por fim, parar; e para num encontro romântico de uma mulher que está ficando velha e de uma mosca, numa cozinha de classe média que cheira a café, madeira e estagnação. A luz amarela incandescente piora o calor, mas traz uma sensação de aconchego no jantar amarelo, que de jantar não tem nada, só café, pois é o que posso oferecer à mosca. Seus olhinhos continuam bem parados a me observar num julgamento que só os bichos sabem fazer, como dizendo “você é mais bicho que eu”, como a mostrar que a felicidade da mosca está em se encontrar com uma mulher numa cozinha com um café quente numa noite quente de janeiro que se transforma em fevereiro, e que sua felicidade é, portanto, mais digna que

a da mulher com quem se encontra, pois a mulher não tem felicidade, só tem calor, cozinha, café e mosca.

A mosca é, em sua minúscula existência, feliz, e sua felicidade é, em sua maiúscula exibição, uma humilhação que combina bem com a cor amarelada que dá o tom da cena toda. A mosca é universal, a mosca é senhora de si, é exemplo a ser seguido, é calma e velocidade, é prudência e ousadia, é filha de outra mosca que foi filha de outra mosca até a primeira de sua espécie, postumamente orgulhosa que está pela perpetuação milenar de seus descendentes e também pela fidelidade destes para com a primeira, pois a mosca nunca deixou de ser mosca, nunca deixará e nem pretende deixar. A essência da mosca precede sua existência, pois não poderia de sua mãe nascer um elefante, e, portanto, a essência da mosca é ser feliz sendo mosca como sua mãe queria que fosse, pois se nascesse elefante seria menos uma na espécie e daria luz à elefantes até que um elefante desse luz a outro bicho qualquer. E, sendo feliz como mosca, ela exhibe sua vida como propriamente é, não como queriam que fosse, já que é claro que queríamos que as moscas não nos perturbassem tanto quando estamos almoçando, jantando, ou simplesmente tomando café. Queremos que a mosca não seja mosca, ignorantes e egoístas como somos já que nos foi dada a habilidade de pensar, e pensamos sobre como queremos a vida dos outros, mas esquecemos de mudar a nossa própria. Aliás, a mosca é macho ou é fêmea? Não sei da existência dessa separação de gênero, mas decido que é fêmea já que chamamos todas de “as moscas” e, portanto, isso melhora minhas chances de acertar.

Na mosca fêmea vejo a evolução, vejo os erros e os acidentes genéticos, vejo a natureza que mostra a seleção natural, que é o ancestral comum a todos os bichos do mundo, inclusive os bichos humanos pensantes. A mosca fêmea é, de certa forma, comum a mim, e os comuns a mim são normalmente os parentes, e então vejo nessa mosca fêmea um parente, um membro da família que decide tomar um café comigo, e nisso não há nada de romântico; ainda, ela prova o que eu disse e veio trazer-me palavras de conforto, diferente das respostas óbvias do padeiro que talvez eu não encontre de manhã, visto que a madrugada passa e que não tenho sono. A mosca é fêmea, e as fêmeas têm o superpoder da geração e

parto de filhotes; pergunto-me se a mosca é mãe ou ainda será, pois sua essência segue as leis naturais e eu não conheço bicho nenhum que não queira ter filhos, somente o bicho humano, que é um caso à parte da natureza: talvez aquele erro à caneta que não deu para apagar com borracha e que então decidimos entregar assim mesmo o teste. A mosca mostra-me sua maternidade na perseverança de encontrar, de madrugada, numa aventura ousada, qualquer alimento que seja de importância fundamental para que a mesma tenha energia para viver e voar, voar, voar, até ter filhas moscas que então irão perpetuar a vida. As moscas não têm filhas por opção. As moscas não exibem a cria para o mundo, ao contrário, escondem-na até que estas tenham capacidade e ousadia para voar e pousarem sobre uma xícara de café fervendo, sozinhas. Em nosso parentesco, percebo que a mosca é feita do mesmo material que eu, e que, por sermos fêmeas e por sermos galhos de uma mesma e imensa árvore genealógica, somos iguais. E, na igualdade de nossas existências percebo que somos uma coisa só. Logo, tornei-me mosca e vice-versa de novo, e assim compartilhamos da mesma existência, das mesmas angústias, felicidades e solidão.

Eu, com a mosca e ao ser a mosca, não estou sozinha, estou com ela e sou nela um ser social. Eu, moça, mosca de xícara de café, de cozinha amarela e de companhia amarelada. Marmelada... A mosca em minha xícara dá meia volta num movimento súbito que espanta toda a ilusão e leva à desilusão o tal ser social: eu. O café, impossível de esfriar, parece estar na temperatura ideal para nós duas, pois a mosca perde o equilíbrio e cai no café e se debate de susto, de dor, de instinto natural, maternal, instinto existencialista, instinto que em comunhão me leva a segurar a xícara de café fervendo e bebê-lo num só gole para dentro da garganta que queima e me leva às lágrimas instantâneas nessa noite quente de uma madrugada de sexta-feira de janeiro que se tornou fevereiro, de um tempo que talvez passe voando depressa, como uma mosca.

A quarentena na quitinete

Giordano Salustiano Batista (Teresina-PI)

Muito ainda do que se ouvia e via sobre o assunto do novo vírus corona e da doença, provocada por esse vírus, denominada covid-19, era por meio dos noticiários veiculados pela imprensa e nas mídias sociais, sem falar também nos sem-número de postagens publicadas, dentre elas as intencionalmente espalhadas de forma irresponsáveis e descontrolada, com conteúdo inautêntico, enganoso e falso, conhecidas popularmente como *fakes news*. Os crescentes casos da enfermidade, naquela ocasião, ainda permaneciam aparentemente bastante distantes, na casa dos milhares de quilômetros, no estrangeiro ou em outras cidades de outros estados do País.

As festas de Carnaval não deixaram de ocorrer, à época, pois foram autorizadas pelo Poder Público, logo, deduziu a população otimista que o tal coronavírus não seja tão mau assim. Já até se falavam e aguardavam, confiantes, as movimentadas e animadas festas juninas com o bumba-meu-boi, que seriam realizadas dentro de poucos meses, que sempre atraiu e reuniu, ininterruptamente ao longo de décadas, uma enorme quantidade de brincantes na *Ilha do Amor*, como também em outras regiões do Maranhão.

Gradualmente, frequentes imagens filmadas ou fotografadas de cenas fúnebres e números graficamente ascendentes de óbitos viam de países como a China, onde a doença se iniciou, Itália, Espanha, dentre outros por quais se alastrara o vírus, ainda não tinham sensibilizado ou despertado o extinto de precaução ou de proteção individual ou coletiva nas pessoas da cidade. Talvez a impressão de segurança por conta da distância geográfica do perigo externo tenha influenciado direta ou indiretamente a percepção das circunstâncias e na permanência das rotinas diárias dos cidadãos de São Luís do Maranhão, a *Jamaica brasileira*.

Nesse meio-tempo, Salud, prestes a completar 41 anos de idade, duas vezes divorciado, ainda não havia se situado em meio a todos os acontecimentos à sua volta e no mundo a fora, naquele momento. Salud

era funcionário de uma autarquia pública. Possuía um salário razoável e bem acima da média dos demais trabalhadores comuns do País, porém as duas pensões alimentícia arbitradas pela justiça e descontadas diretamente em seu contracheque, abocanhavam mais do que a metade de seus vencimentos e quase toda a outra metade que restava era arrancada de modo automático pelos vários descontos de empréstimos consignados e CDCs que havia contraído para poder manter a sua sobrevivência, de forma que não lhe sobrava praticamente nada para o seu sustento e despesas outras no decorrer dos 30 dias seguintes do mês corrente.

Salud tinha por moradia uma pequena edificação, constituída por um compartimento que servia de quarto e por um diminuto banheiro, a qual o locador da edificação denominava de *quitinete*.

O pagamento do aluguel dessa bendita *quitinete* representava 1/3 da já reduzida quantia que sobrava para Salud após todos os descontos (descontos esses realizados em um único dia: o do salário) serem realizados. No interior do compartimento tido como quarto havia apenas uma pia inoxidável retangular de cozinha, que era aproveitada e utilizada como mesa e porta-objetos, e sob a qual existia um pequeno armário de duas portas que servia para guardar as muitas pastas que continham uma grande quantidade de papéis e documentos que haviam sido gerados e restados durante e após seus dois fracassados casamentos. Além desse armário e pia, o quarto abrangia, arrumadas no chão e encostadas em uma das paredes, umas três pilhas de uns 60 cm de altura, compostas de livros, revistas antigas, apostilas e outros diversos papéis avulsos. Podia-se ver também algumas caixas plásticas e de papelão empoeiradas e cobertas de teias de aranha (embora limpadas semanalmente) que guardavam variados tipos de ferramentas, materiais elétricos, restos e sucatas de componentes eletrônicos e uma guitarra que fora utilizada para realização de alguns testes e experimentos por seu dono.

O quarto não media mais do que 16 m², mas dispunha de três pares de *escarpas* ou ganchos para rede, que era onde Salud dormia, descansava, ouvia, sentava, comia, chorava, rezava, lia etc. Possuía três redes que eram usadas uma após a outra, à medida que eram manualmente lavadas e secadas. Para lhe proteger de eventual noite de frio, cobria-se

(ou se *embrulhava*) com um dos dois únicos lençóis que dispunha. Realizar a lavagem desses dois artigos de dormir consistia numa tarefa penosa que lhe tomava e consumia muito tempo, esforço e energia. Na parte externa e adjacente ao quarto havia uma pequena área, estreita e comprida, cujo piso era revestido de azulejo e que era empregada como *área de serviço*; contava com uma pequena pia de lavar roupa, feita de fibra, contendo duas cubas e duas torneiras plásticas com mau funcionamento. A área era completamente coberta com telhado feito de telhas cerâmicas (de argila), portanto não havia passagem ou a incidência direta de raios solares na área, contudo ela era clareada através de uma telha de plástico transparente. Não existia também janelas ou alguma outra abertura que possibilitasse a ventilação do local a partir da entrada ou travessia de vento. Sendo assim, se não fosse a tela de plástico existente no teto, as redes e lençóis que eram tão arduamente lavados, demorariam um tempo comprido para serem enxutos, por conta de permanecerem em um espaço sombreado e sem vento.

A uns 4 passos, a partir do local onde se instalava a pia de lavar roupa, chegava-se ao banheiro da “*casa*”, cuja área possuía aproximadamente 2 m² e não tinha porta ou janela. A porta havia caído poucos dias depois da chegada do inquilino à quitinete e nunca foi consertada, apesar da promessa feita pelo locador. No interior desse cubículo havia uma pequena pia de louça branca encimada por uma torneira de plástico de curtas dimensões, proporcionais ao tamanho da pia. Na mesma parede e um pouco acima da torneira estava fixado um espelho acanhado que prestava apenas para refletir, devido ao seu tamanho, o rosto de quem o fitasse. Quase em cima dessa pia, mas na parede oposta, saía o cano do chuveiro, também de plástico, que era montado e adaptado com alguns pedaços de curvas e conexões, como joelhos. Quase abaixo também da pia ficava o vaso sanitário de louça igualmente branca, cujo tamanho tomava quase todo o espaço da largura do banheiro. Na laje superior do *wc* pendia, presa a fios elétricos de diferentes cores e expostos, uma lâmpada de baixa luminosidade que era acendida ou apagada por intermédio de um interruptor externo à parede e cujos fios que conduziam eletricidade também corriam à mostra, por fora da parede. O tal interruptor era (mal) parafusado próximo à entrada do banheiro e se posicionava a poucos

centímetros do fluxo da água que caía do chuveiro, quando este era aberto. Exigia-se muita atenção, habilidade, equilíbrio e coordenação motora para se tomar um simples banho sem morrer eletrocutado naquele banheiro. E se o choque elétrico fosse tomado, não haveria ninguém para observar e socorrer.

A quitinete onde Salud tinha por domicílio era resultado da divisão de uma grande casa em diversos pequenos cômodos para fins de locação e habitação por um ou, no máximo, dois moradores. Notava-se que o casarão possuía pelo menos uns 60 anos de construção, pois apresentava características e estilos arquitetônicos peculiares da década de 60. Podia-se perceber facilmente que a edificação nunca passara por uma reforma de revitalização que a modernizasse, ao contrário, enxergava-se em suas estruturas, em quase todos os cantos do prédio, incontáveis gambiarras, remendos e reparos improvisados na construção. Ao lado direito da grande casa existia uma casa desocupada e ao lado desta, deteriorava-se e se desfragmentava um prédio abandonado que em anos anteriores funcionou como cinema.

Os inquilinos das quitinetes eram sempre pessoas jovens, oriundas de outras cidades do Maranhão e que iam a São Luís para estudo ou a trabalho. Salud foi exceção, pois fora parar naquela quitinete, de forma fortuita, após a sua desafortunada separação conjugal.

As quitinetes tinham como proprietários o Sr. Silva e a Sra. Raimunda, que à primeira vista deveriam ter uma diferença de uns 30 anos em suas idades. A procura pelas suas quitinetes colocadas para locação era alta, haja vista a sua localização, pois se situava próximo a uma faculdade e uma grande e renomada escola. Entretanto, da mesma forma era elevada também a rotatividade dos moradores dessas quitinetes. Salud foi exceção, pois permaneceu naquele mesmo lugar e na mesma situação por seis anos, embora houvesse imaginado e intencionado inicialmente ficar ali somente por alguns poucos e rápidos meses.

O processo de locação de uma das quitinetes do seu Silva e Raimunda era precedido por uma entrevista, muitas vezes constrangedora para o candidato a inquilino, e posteriormente efetuava-se a apresentação e o fornecimento de alguns documentos, dentre os quais o principal era o contracheque ou algum outro comprovante de renda, para que o casal de

locador pudesse se assegurar da condição de pagamento do valor do aluguel pelo locatário. Na ocasião em que Salud procurou o responsável do imóvel para alugar, em meio aos diálogos para tratar da locação, foi-lhe feito questionamentos como em um interrogatório de depoimento:

— *E você é casado?* — perguntou Silva com um tom inquisidor, já esperando uma das respostas possíveis, a fim de dar continuidade ou não na locação.

— *Sou divorciado...* — respondeu Salud, de forma tímida e se sentindo constrangido.

— *Mas por que você se separou?* — perquiriu-lhe novamente, já com um ar de autoridade.

— *Conflitos... diferenças... Não deu certo...* — já sentindo incomodado e invadido, respondeu Salud a seu Silva.

— *É... Mas o certo é não separar! O homem deve permanecer casado, já que casou. É um mandamento de Deus! Não é bom o homem se separar. O homem deve ter uma família. Um homem não deve viver só. A Bíblia diz que ‘deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne’! Você não concorda comigo, hein?!* — o locador admoestou sem nenhuma preocupação.

Enquanto ainda seu Silva fazia as suas indagações e expressava os seus sermões, Salud buscava entender naquele momento, no íntimo de seus pensamentos, o porquê da pergunta sobre ser casado ou não. “*Que relação existe entre casamento e querer alugar uma quitinete?*” Questionava-se Salud consigo, ao mesmo tempo que lhe sobressaltava um sentimento de humilhação.

Salud acabara de separar de sua esposa. Foi um matrimônio que se manteve por alguns poucos anos e que gerou um filho. A separação fez com que Salud deixasse para trás tudo o que construía antes e durante o seu casamento. Saiu de casa com apenas uma velha mochila contendo algumas poucas peças de roupas e alguns documentos pessoais. A impressão que tinha era como se uma violenta, imprevisível e repentina enxurrada confiscasse tudo o que possuía, e ao qual estava apegado, arrancando-lhe à força e levasse tudo pela sarjeta abaixo, sem volta. A sensação era de que toda dedicação, trabalho e esforço realizados no

decorrer de todo aquele período anterior foram em vão. E justamente naquele momento da fatídica *entrevista* com o Silva, a fim de alugar uma simples quitinete, tal sensação se fez ressentir, e fervilhando em seu interior, lembrava-se, conformadamente como em coma induzido, do antigo adágio: “*Além da queda, o coice*”.

Passada a etapa das perguntas na entrevista, seu Silva requereu a apresentação dos documentos necessários à análise para aprovação da locação do imóvel. Salud, já precavido, entregou-lhe as cópias dos documentos de identidade, CPF e, principalmente, do seu contracheque. Para a análise mais minuciosa deste último documento, Silva foi auxiliado de perto pela Sra. Raimunda, que leu atenciosamente o conteúdo impresso na folha de papel reciclado até encontrar o que mais tinha importância: o valor do rendimento. Constatado e se certificando do valor descrito, Raimundo olhou para Silva, expressou um sinal reconhecido pelo dois como forma de aprovação, de modo que ele, com mais segurança agora, anuiu a cedência (onerosa) do uso do imóvel ao postulante. Pois bem, assim foi como Salud chegou à sua nova habitação e na qual passaria os seis anos seguintes de sua vida.

O quarto onde Salud morava ficava ao lado do compartimento onde seu Silva e Raimunda ocupavam. Na parede divisória desses dois cômodos havia uma porta que ficava permanentemente trancada. Do quarto do seu Silva e Raimunda podia se ouvir clara e nitidamente diálogos, conversas e discursões que se passavam por lá. Escutava-se também, diariamente e em volume de som elevado, programas policiais sensacionalista, programas e cultos de igrejas neopentecostais com suas orações exaltadas e com excesso de fervor e dramatização; ouvia-se cachorro latindo na madrugada, flatulências e demais sons e ruídos típicos de banheiro. Da mesma forma que se podia ouvir o que ocorria no lado de Silva, certamente poderia ser assuntado o que acontecia no lado de Salud, assim este inferia. Dessa maneira, Salud evitava, com todo o afincamento possível e a todo custo, produzir qualquer tipo de ação, movimento ou atividade que gerasse algum efeito sonoro acima de certo nível que chamasse a atenção de um dos dois senhorios, tendo em vista não despertar neles alguma suspeita ou desconfiança que motivasse perguntas e questionamentos invasivos por partes daqueles, pois isso traria a

Salud certos constrangimentos e inconveniências pelos quais não queria passar naquele momento.

Nosso inquilino se sentia bastante vigiado e monitorado na sua quitinete. Esse sentimento lhe incomodava profundamente, pois percebia sua liberdade e intimidade sendo violadas e restringidas. Essa situação era um pouco amenizada em alguns períodos, visto que Salud viajava a trabalho com muita frequência e isso lhe afastava por certos espaços de tempo do campo de visão e da vigilância cerrada dos donos do imóvel.

Parecia proposital ou um protocolo seguido à risca, mas todas as vezes que Salud saía da sua quitinete ou a ela retornava, Silva sempre era encontrado sentado em uma cadeira, próximo à porta, no corredor que dava acesso do portão de entrada às quitinetes. Com o tempo essa rotina adquiriu fácil previsibilidade. Assim que Salud saía da sua quitinete e se aproximava, seu Silva lhe perguntava a Salud em voz alta, como se tivesse dificuldade de escutar a própria voz devido à surdez:

— Vai pra onde?

— *Irei viajar a trabalho* — respondia-lhe Salud mecanicamente e com os dentes cerrados.

— *Mas e essas bagagens, essas bolsas e malas, vai fazer venda? Você é vendedor?* — O senhorio insistia intencionalmente, ainda que Salud lhe tivesse informado a sua profissão por diversas vezes.

— *Não!* — queria logo encerrar a conversa e mostrar a inoportunidade do interlocutor.

— *Vai pra Bacabal?* repetia expressamente o ancião com a impertinência de suas perguntas.

— *Não!* Responde-lhe Salud, já de costas e seguindo o seu trajeto.

O mesmo procedimento era adotado e acontecia no momento que Salud regressava e entrava pelo barulhento portão de ferro da grande casa, trancado por uma corrente grossa e um grande e pesado cadeado. Como quem já estivesse aguardando, Silva já se encontrava sentado na entrada do corredor, nas proximidades do portão, ou, por algumas vezes, corria apressadamente em direção à porta, assim que ouvia os sons da corrente e do cadeado sendo abertos. Tão logo via Salud entrar, Silva o inquiria:

— *Tava viajando?* — perguntava seu Silva, esperando atentamente a resposta.

— *Tava!* — Salud respondia-lhe sem dar atenção e já aborrecido.

— Tava em Bacabal?

— *Não!* — respondeu-lhe demonstrando desinteresse na conversa, enquanto entrava em seu quarto e fechava a porta.

— *Olha, eu também viajei muito. Eu viajei, quando eu trabalhava, para Imperatriz, para Bacabal, morei em São Paulo, fui pra Pinheiro...*

— O velho Silva falava sozinho e em voz alta para que Salud, de dentro do seu quarto, escutasse o que dizia.

Além dos dois proprietários das quitinetes, havia também uma terceira pessoa: uma senhora de uns setenta anos, bem alva e magra, cabelos brancos e olhos claros. Vestia-se sempre de saia. Era extremamente discreta. Talvez fosse muito tímida ou tivesse fobia social decorrente de algum trauma sofrido no passado. Dificilmente olhava nos olhos de quem a cumprimentava e se limitava, de cabeça baixa, apenas a responder com as mesmas palavras ao cumprimento oferecido. Ouvia-se chamar-lhe somente pelo nome “*Mini*”. Sabia-se que morava na parte superior e traseira da grande casa, área na qual Salud nunca entrou e onde os outros inquilinos das outras quitinetes residiam. Salud batia cabeça tentando deduzir que relação aquela senhora chamada Mini tinha com seu Silva, Raimunda e a quitinete. Havia duas hipóteses: ou ela era ex-mulher de seu Silva ou sua irmã ou parente, pois se via que ela possuía participação nas quitinetes. Os contratos de locação e os recibos de pagamento de aluguel eram preenchidos por essa senhora com o uso de uma velha, mas bem conservada, máquina datilográfica. Anos depois Salud soube, de forma brusca e por intermédio de Raimunda, que essa misteriosa senhora havia falecido repentinamente, vítima de câncer.

Existia ainda na grande casa uma quarta pessoa que caberia destaque. Seu nome decerto era Lucas, mas Salud sempre ouvia Silva ou Raimunda chamar-lhe de sempre de “*Luquinha*”. Era um homem que deveria estar na casa dos 40 a 50 anos de idade. Possuía baixa estatura e voz também baixa, olhos claros e corte de cabelo que o deixava completamente calvo. Muito sisudo e de pouquíssimas palavras e

companhia. Era visto de forma esporádica na grande casa. Muito provavelmente trabalhava em grandes obras de construção civil em outras cidades, dentro e fora do estado, pois era visto utilizando uniforme sinalizado com cores chamativas e vibrantes, típico de profissionais da construção. Algumas poucas vezes foi encontrado na rua passeando com a cadela vira-lata criada por Raimunda. Algumas vezes também Salud o escutou defendendo, com utilização de *spray* de pimenta, a senhora Raimunda dos xingamentos e incômodos criados por um conhecido um dependente químico que tinha o hábito de pedir (ou exigir), de forma grosseira, dinheiro ao seu Silva, o qual era considerado duramente por Raimunda e Luquinha o culpado pela situação, por ter viciado o tal dependente químico com as frequentes esmolas.

Um outro enigma que nunca foi respondido ou solucionado por Salud era também a relação que Luquinha tinha com o seu Silva, a Raimunda, a senhora Mimi e as quitinetes. Isso Salud nunca se atreveu a perguntar, limitava-se tão somente às suas hipóteses e ilações mentais para tentar obter as respostas.

Acontecia, por alguns períodos, de Salud não realizar as suas viagens a serviço, permanecendo, assim, diariamente em São Luís e, portanto, na quitinete. Ocorria que justamente nesses períodos Salud tinha mais contatos com o locador da quitinete, geralmente quando estava de entrada ou de saída, e nessas ocasiões específicas, como sempre costumava fazer, seu Silva, que no fundo tinha uma certa intenção arдил e provocativa, perguntava a Salud:

— *Você é de que religião?* — perguntou-lhe incisivamente.

— *Sou católico...* — Sem visualizar seu interrogador, Salud se pôs rapidamente a entrar em seu quarto, de forma a evitar mais perguntas que lhe provocariam mais importunação.

— *Ah, você é católico? Sabia que o catolicismo não é correto? O padre adora imagens! E Deus disse que o homem não deve adorar imagens. Imagens e santos que tem têm dentro da igreja católica são feitas de barro ou gesso e são ociosos, não têm poder nenhum! Você não quer ser crente?* — falava sozinho e com elevado tom, a fim de que Salud pudesse escutá-lo lá de dentro do seu quarto.

Salud sentia uma densa tristeza nesses momentos em que isso ocorria. Refletia solitariamente no seu quarto vazio e pouco iluminado o que poderia ter causado ou lhe carregado a experienciar aquela situação degradante na vida. Salud considerava a liberdade, a intimidade e a privacidade como valores e princípios muito importantes, por isso lhe doía e o incomodava muito quando um desses valores era ferido a ponto de sangrar. Pensava sozinho: *“Já tenho 40 anos... andei por diversos lugares; tenho adquirido no decorrer do tempo alguns conhecimentos e experiência relevantes, mas onde eu errei ou estou errando? O que devo fazer para escapar desse ciclo cármico? Nessa minha idade já não era para eu viver sob essa situação indigna, que eu acho Humilhante! Tenho me esforçado e venho pelejando fortemente, mas não tenho crescimento nem vislumbro uma saída”*.

Todavia, a taxa de propagação da pandemia provocada pelo novo coronavírus, agora também chamado de *Sars-CoV-2*, aumentava progressivamente ao redor do mundo e não custou a desembarcar nas terras de São Luís.

Como não possuía aparelho de televisão nem dispunha de acesso à internet em sua quitinete, Salud não se mantinha inteirado dos acontecimentos recentes sobre o alastramento, a gravidade e as mortes causadas pelo perigoso micro-organismo. O que sabia era por meio de conversas com pessoas no seu trabalho ou na feira pública que frequentava aos fins de semana. A essa altura, ele não havia percebido ainda a seriedade das circunstâncias, no entanto a imprensa e as autoridades de saúde já divulgavam reiteradamente o elevado grau de letalidade causado por essa síndrome respiratória aguda, bem como as medidas de prevenção de contágio dessa patologia.

No decorrer do dia a dia, e de repente, começou-se a avistar pessoas nas ruas e nos transportes públicos fazendo uso de máscaras de proteção, tal fato chamou a atenção de Salud, o qual iniciou a se dar conta, de forma inesperada, de que as coisas já não estavam em seu ritmo rotineiro ou de normalidade. Seguiu com as suas atividades, indo e voltando de transporte coletivo diariamente do seu trabalho. Salud começou a perceber que alguns padrões de comportamento do trânsito e

nos fluxos de pessoas foram alterados. Os ônibus coletivos já não trafegavam tão cheios de passageiros e nem nas ruas e avenidas da cidade não transitava mais a mesma quantidade de veículos como outrora.

Na sua repartição, todos foram surpreendidos com a determinação da suspensão das viagens a serviço, como também do estabelecimento e implantação doravante da realização de trabalho remoto, principal e obrigatoriamente por parte dos funcionários que se enquadravam no chamado grupo de risco, que era formado por pessoas com idade superior a 60 anos; pessoas portadoras de alguma doença crônica ou comorbidade e por gestantes. Salud não fazia parte desse grupo, mas constatou que a realidade havia sido realmente transformada, tornando-se crítica e isso também lhe atingia.

As viagens a trabalho na repartição de Salud foram suspensas, logo ele passaria mais tempo na quitinete... E assim de fato ocorreu.

Os cenários e o comportamento da população haviam abruptamente se modificados. O número de óbitos e de casos confirmados de pessoas contaminadas pelo vírus se ampliava a cada dia, de modo que os governos de estados e municípios passaram a divulgar contínua e diariamente esses números para a sociedade. Pelas diferentes mídias de comunicação eram noticiadas a complexidade da situação, as mortes e a grande quantidade de enterros de pessoas, existindo determinados casos em que foram realizados sepultamentos coletivos, com os caixões dispostos um ao lado do outro na mesma vala.

Ao mesmo tempo eram mostradas as controvérsias mantidas, por um lado, por defensores da completa continuidade das atividades econômicas e produtivas, e por outro, pelo grupo que abraçava e concordava com o procedimento da quarentena, do distanciamento e isolamento social, como forma de mitigar o agravamento da pandemia. Nesse contexto havia também aqueles que advogavam ferrenhamente pela adoção e uso de certo medicamento, que ainda não tinha sido comprovada a sua eficácia terapêutica com relação à covid-19; além de algumas pessoas, citadas como “*negacionistas*”, que nem mesmo acreditavam na existência da tal enfermidade. Até líder religioso foi denunciado e indiciado por comercializar carço vegetal milagroso que poderia curar a

infecção respiratória aguda. Para quase tudo se fazia manifestações, carreatas e protestos. Muito disso tudo confluía e ia despejar na voçoroca dos antagônicos e imiscíveis campos do espectro ideológico e das convicções ou preferências políticas.

Foi nesse ambiente de frenéticos e agitados murmúrios e algazarras que seu Silva acompanhou de sua janela todo o quadro do andamento da pandemia em São Luís. Ele demonstrava preocupação com a questão, estava dentro do grupo de risco para a doença, era idoso e diabético, além de outros fatores que lhe tornavam mais frágil e suscetível à essa infecção.

Do seu quarto, vez ou outra Salud ouvia seu Silva em discussão com Raimunda. Ela dizia bem alto, de forma irônica, que ele iria morrer de covid, mas ele a respondia enfaticamente que não:

— *Eu não vou morrer, porque Deus não vai deixar!* — gritava Silva com uma voz firme, mas sabia-se que no fundo ele estava com muito medo e preocupação.

— *Vai sim! Você vai pegar sim o vírus e vai morrer rapidinho!* — Em outro cômodo e concentrada nos afazeres domésticos, Raimunda lhe dizia em voz alta e em tom de zombaria.

— *Eu estou com Deus e Deus está comigo! E esse vírus ou essa doença não tem poder sobre mim!* — o idoso rebatia já agitado.

Silva deixou de sair de casa, mantendo-se em distanciamento social. Passou a circular por diversas vezes ao dia pelo interior da casa grande, como se tivesse inspecionando o local.

Quando não estava realizando as suas rondas pelas dependências do prédio, seu Silva ficava sentado em sua cadeira de plástico, típica de bar, próximo ao portão de entrada do imóvel. Permanecia ali por períodos maiores do que costumava passar anteriormente. Parecia estar vigiando o local.

Devido à suspensão das aulas nos estabelecimentos de ensino na cidade e ao fechamento do comércio e do setor de serviços não essenciais, determinadas pelo poder público para conter a pandemia, todos os inquilinos que residiam nas quitinetes de Silva retornaram aos seus municípios de origem, exceto Salud, que ainda realizava algumas poucas

e rápidas atividades em sua repartição, às quais necessitava ir até o seu local de trabalho.

Como não possuía ou dispunha de qualquer eletrodoméstico em sua quitinete, Salud era obrigado a sair de sua casa para poder satisfazer a maioria de suas necessidades. Era preciso ir ao mercado público para comprar as suas refeições já prontas, pois não possuía panelas, fogão ou outros utensílios para cozinhá-las em casa. O mercado público, que era o lugar mais próximo onde se podia comprar almoço, ficava a mais ou menos um quilômetro de distância da quitinete e esse trajeto era percorrido a pé por Salud, sob o forte sol das 11h30 em São Luís. Essas saídas ocorriam pelo menos três vezes por dia, para que tivesse o seu café, almoço e janta, além de saídas rápidas e específicas para comprar água para consumo ou algum lanche.

Essas constantes saídas à rua feitas por Salud, que agora era o único inquilino presente nas quitinetes naquele período de quarentena, começou a chamar a atenção do dono dos aluguéis e, de certa maneira, a lhe gerar preocupação ou até incômodo. Silva passou a permanecer mais tempo em seu posto de sentinela, detendo-se com mais constância junto ao portão de entrada da grande casa e observando com mais astúcia e atenção a rotina e os horários de chegada e de saída feitos por Salud.

Em pouco tempo de observação, o senhorio já conhecia a hora em que seu locatário entrava ou saía de casa e não tardou, como de praxe, a fazer suas deslocadas e desagradáveis perguntas:

— *Você está indo pra onde?* — O idoso em campana perguntava a Salud todas as vezes que este saía de casa.

— *Vou comprar almoço.* — respondia-lhe Salud em voz baixa e, de forma notória, sem lhe dar atenção ou importância.

— *Escuta!* — persistiu provocando, embora Salud já estivesse de costas e a certa distância — *Você não tem medo dessa doença que tá tendo por aí não e que tá matando todo mundo?* — Silva perguntou em voz alta e capciosamente.

— *Não!* Respondeu-lhe Salud em voz quase inaudível e sem se virar para trás para fitá-lo, seguiu rapidamente o seu caminho.

Enquanto caminhava ao seu destino, Salud se lembrava das perguntas feitas pelo inconveniente Silva e de suas atitudes e começou a suspeitar de que estava sendo vigiado pelo velho Silva, “*mas talvez isso só seja maluquice do seu Silva, pois ele já tem muita idade*”, pensou Salud a respeito e continuou o seu trajeto.

Algumas horas depois, quando Salud retornou de sua saída, seu Silva estava no mesmo lugar, em sua guarita, como que estivesse aguardando pela volta do inquilino. Assim que este se aproximou do velho portão de ferro a fim de abrir o cadeado que trancava a corrente ao portão, o idoso olhou incisivamente nos olhos de Salud, perguntando-lhe:

— *Está vindo de onde?* — perguntou austeramente a Salud.

— *Fui comprar meu almoço.* — Declarou Salud, passado pelo locador sem olhá-lo, mas aborrecido, mentalmente dizia: “*isso não é da sua conta, seu velho chato e inconveniente! Vê se me deixa em paz!*”. Também planejava dizer com rigor a Silva, caso fosse novamente interpelado: “*Por que você não se tranca dentro do seu guarda-roupa e fecha a porta do quarto? Assim você não pega a doença! Você que tem de se isolar e não eu!*”.

Salud se dirigiu com pressa para a porta do seu quarto, com intuito de evitar qualquer possibilidade de diálogo com aquele senhor tagarelador. Abriu a porta com rapidez, mas o Silva, de onde estava, disparou mais essa pergunta dissimulada:

— *Olha! Por que você não pede por telefone a sua comida? Sabia que eles veem entregar em casa? Assim você não tem que sair!* — sugeriu com um volume de voz elevado, de modo que Salud pudesse escutá-lo de dentro do seu quarto.

Não havia muitas opções disponíveis para Salud. Muitas vezes não tinha dinheiro para comprar alguma das três refeições do dia, dessa forma ele era forçado a ir ao mercado público, onde, em um restaurante de um conhecido, podia comprar o seu pão de cada dia e pagar dias depois.

Essa situação se repetiu por pelo menos uma semana. Salud já estava irritado com as implicâncias e perseguição praticadas pelo proprietário das quitinetes. A cada entrada ou saída de Salud, Silva se encontrava a postos, próximo ao portão de ferro da casa grande. Salud não

suportava mais aquela situação de constrangimento e humilhação, como a considerava. Antes de sair da sua quitinete, tinha o cuidado de observar ou buscava escutar algum indício da presença de Silva no corredor ou junto ao portão, para que saísse apenas se ele não estivesse naquele lugar de sempre. Da mesma maneira, quando retornava de algum local e ia se aproximando da sua casa, Salud rogava aos céus para que Silva não estivesse em seu lugar habitual, uma vez que tinha receio de perder a calma e a tolerância e discutir seriamente com Silva, pois seu limite de paciência já fora atingido.

Entretanto, seu Silva estava empenhando, a qualquer preço, com o seu objetivo, que era fazer com que Salud não saísse da quitinete e fosse para a rua, nem mesmo que a saída fosse para atender às necessidades básicas ou para a própria sobrevivência de Salud. Tal objetivo era fruto do medo de um factível contágio da doença que poderia ser-lhe fatal, do orgulho e da ignorância. Salud ensaiava as possíveis respostas que poderia dar às intervenções inapropriadas de Silva, mas temia as prováveis consequências que lhes seriam desfavoráveis e prejudiciais, caso houvesse uma reação negativa e impetuosa por parte do senhorio, como a plausível “expulsão” da quitinete, o que traria a Salud muitos problemas, caso isso ocorresse justamente naquele período de dificuldades causadas pela pandemia e o isolamento.

Certa ocasião em que Salud retornava do mercado público trazendo o seu almoço, seu Silva, como já previsto e temido, achava-se sentado à porta, decididamente esperando por Salud. Ambos estavam prontamente com as falas gravadas na ponta de suas línguas. Ambos já anteviram aquela situação, mas desconheciam o seu desfecho. No exato instante em que Salud abriu o portão, já aguardando o que Silva iria lhe falar, este imediatamente emendou:

— *Você não tem mesmo medo de ficar doente não, né?* — perguntou Silva pela outra vez, mas com um tom mais sério agora.

— *Tenho não! Deus está comigo! Confio em Deus!* — retorquiu firmemente e com segurança, passando direto ao seu quarto e sem olhar para Silva.

— *O quê? O que? Você não tem medo da doença? Deus está contigo? Se for pra você ficar doente, Deus não vai te ajudar não! Sabia? Você pode estar doente e nem sabe que tá e tá passando a doença pras outras pessoas! Quando você entrar aqui, você tem que tirar o calçado e ir tomar banho!* — levantou-se exaltado e falou com euforia após Salud já ter-lhe virado as costas.

O inquilino abria com a chave a porta do seu quarto, realizando um grande esforço para não perder o equilíbrio e partir para discussão de forma agressiva com Silva, mas este continuou com seus sermões, dizendo: *“Tem que tirar o calçado na porta e entrar descalço!”*. Salud, instantânea e impulsivamente, retrucou-lhe:

— *Nada disso! Eu não vou tirar meu calçado e entrar descalço nesse corredor sujo! Coloque então desinfetante ou água sanitária aí na porta, para que se possa desinfetar a sola do calçado!* — respondeu-lhe com feição zangada, como que dissesse que a partir daquele momento o tratamento seria diferente.

Salud entrou no seu quarto, enquanto o seu opositor continuou com os seus discursos, e se empenhou em não dar ouvidos àquela pessoa. Lembrou-se de um conselho recente dado por um colega no mercado: *“Esqueça isso! É apenas um idoso com idade avançada e que está com medo da doença! Não ligue pra isso não!”*. Salud tentava se manter calmo e não mais pensar nas palavras de Silva, enquanto comia seu almoço, a fim de evitar sentir alguma emoção forte que lhe pudesse fazer algum mal.

O inquilino passou o resto do dia refletindo acerca de quais motivos Silva passara a implicar com ele. Buscar entender tais motivos seria um fundamento para que Salud não experimentasse alguns sentimentos deletérios e insalubres para si. Pensou em encontrar alguma saída amigável e civilizada para a situação, pois não admitia passar os dias seguintes naquela quitinete, tendo aquela relação desconfortável com Silva. Imaginava: *“Irei falar com ele e perguntá-lo por qual motivo agir com tanta implicância comigo?”*. Também pensou em explicar-lhe que as suas saídas eram por necessidade, pois não tinha como preparar suas refeições na própria quitinete e que também era obrigado a sair para ir trabalhar. Precisava mostrar-lhe que não havia alternativas ou escolhas.

Durante seis anos Salud viveu naquela quitinete tentando ao máximo não desencadear qualquer tipo de desentendimento ou rusga com os proprietários ou com algum outro morador da quitinete. Manteve-se sempre reservado e discreto em todos os momentos naquele lugar. Efetuava os pagamentos mensais do aluguel sempre antes da data de vencimento. Buscou continuamente uma convivência guiada pela educação, urbanidade e cortesia com todos que ali residiam. Frequentemente meditava, lembrando-se de suas ações e decisões que realizara no decorrer de sua vida até aquele instante e que ter-lhe-iam desencadeado aquela circunstância de vida. Chegou até mesmo a contemplar e considerar possíveis causas e consequências sob a ótica do campo metafísico. Filosofava se haveria algum propósito, diante de grandes perdas e sofrimentos, para aquilo tudo que passara e continuava a passar naquele momento e naquele lugar. Elucubrava “*o porquê de Silva ter cismado comigo depois de tanto tempo morando e convivendo aqui e própria e justamente nesta abstrusa e atribulada conjuntura de pandemia causada por esse coronavírus?*”.

Os dias futuros se apresentavam nebulosos aos olhos da mente de Salud, era-lhe extremamente difícil fazer qualquer previsão sobre o que viria no dia seguinte. Tudo girava e mudava de posição como em um redemoinho de incertezas. O que necessitava fazer, antes de mais nada, era contornar aquela situação com relação a Silva, que tanto lhe afligia, pois a questão poderia se agravar ainda mais e não ter um final feliz. Esse estado de hesitação e perplexidade o angustiava noites e dias, visto que se sentia desorientado e sem rumo. “*O que vou fazer?*”, cogitava e, embora constantemente, não vislumbrava uma resposta ou solução com o passar dos dias.

E no mesmo transcurso dos dias, o endurecimento das medidas sanitárias estabelecidas e a determinação de um conjunto de ações mais restritivas impostas aos cidadãos, decorrentes do recrudescimento da conjunção da covid-19, que intencionaram elevar os índices de isolamento social e diminuir a disseminação do novo coronavírus, refletem em Salud e o deixam ainda mais acuado, e ao mesmo tempo, exposto e suscetível à antipatia de Silva, eclipsando qualquer feixe tênue de luz que ainda poderia existir ao final do túnel.

Encravado bem no olho desse vórtex de intricados embaraços e agitações e desprovido de qualquer perspectiva de algum horizonte, o inquilino e funcionário público recebeu uma notícia, de cuja raiz já havia se esquecido. Recebida por e-mail, a notícia dizia respeito a uma mudança de lotação ou local de trabalho, para a qual Salud havia se inscrito e candidatado no ano anterior. A correspondência eletrônica informava que ele havia sido contemplado no concurso de remoção, ocorrido internamente em sua autarquia, com a sua transferência de São Luís para Teresina, a sua cidade natal e onde se encontrava a sua família. O advento dessa boa-nova trouxe luz e esperança para a vida desbotada de Salud, que já se encontrava em quase total esgotamento.

A partir daquele momento, como se fosse uma largada de corrida, Salud precisava se apressar e correr contra o tempo, a fim de chegar em Teresina e se apresentar na nova repartição dentro do prazo regulamentar estipulado. Era necessário providenciar a pequena mudança; encaixotar os seus livros, documentos e ferramentas; finalizar as atividades que ainda estavam em andamento e inconclusas no seu trabalho, assim como pagar algumas pequenas dívidas que havia contraído no mercado para que pudesse se alimentar. Tudo era feito com a máxima rapidez, mas sem realizar barulho, tendo em vista não alarmar ou chamar a atenção dos donos da quitinete, pois estes poderiam criar algum tipo de empecilho para a saída do inquilino.

Todos os objetos da mudança foram divididos e contidos em apenas três caixas de papelão, cujas dimensões não excediam a 50 cm nas larguras como na altura. Todas as suas roupas couberam em uma única bolsa de viagem de tamanho médio.

Os trabalhos de arrumação da mudança e de desocupação da quitinete foram executados solitariamente por Salud com muito esforço físico e máxima rapidez possível, mas sem, de forma alguma, atrair a atenção dos donos da quitinete, pois estes poderiam inventar algum tipo de empecilho para a saída do inquilino.

Com a arrumação no imóvel, foram produzidas bastante poeira e sujeira e isso, juntamente com o desgaste físico despendido, fez com que Salud adquirisse um resfriado que, mal-cuidado, evoluiu rapidamente para

um quadro de virose, que lhe fez imediatamente manifestar febre e calafrios; dor no corpo, cabeça e garganta; cansaço, diarreia, tosse seca e coriza. Dos sintomas característicos da covid-19, felizmente só não sentiu falta de ar ou dificuldade em respirar. Aquela situação de enfermidade fez o abatido Salud pensar: *“Será se o velho tinha razão e eu não deveria sair de casa? Será que estou contaminado pelo coronavírus? E agora, meu Deus, o que eu faço, já que sou só, não tenho dinheiro pra remédio nem plano de saúde?”*.

Um dia de trabalho foi perdido devido à situação de prostração em que o inquilino se encontrava. Permaneceu naquele estado por 24 horas, deitado em sua rede, com febre e sentindo intensos e repetidos calafrios. Tudo lhe doía e não possuía forças nem mesmo para se levantar, tomar banho ou até se alimentar. Com o lençol, Salud abafava com intensa pressão a sua boca por vezes seguidas para que Silva ou Raimunda, ou outra pessoa qualquer, não escutasse as suas frequentes crises de tosses e espirros, pois, certamente, julgar-lhe-iam como infectado com o medonho e maldito vírus.

No dia seguinte, porém ainda debilitado, Salud se pôs a continuar o trabalho de acondicionar os seus pertences para a viagem. Ele não havia comunicado ainda aos seus senhorios sobre a sua saída da quitinete, pois temia naquele momento a imposição de dificuldades e exigências, principalmente financeiras, para a finalização do contrato do aluguel. Felizmente, justamente naquele mesmo mês o contrato venceria.

Ao tempo que a embalagem dos objetos se finalizava e as caixas eram fechadas, a duras penas por Salud ainda estar em convalescência, ele tomou conhecimento, por meio de uma rede social, que o transporte rodoviário interestadual de passageiros havia sido suspenso em razão da crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19. *“E agora?”* — suspirou Salud com esmorecimento.

Com as linhas de ônibus, e até mesmo aéreas, suspensas, Salud foi forçado a continuar na quitinete até que a situação dos transportes se restabelecesse. Enquanto isso, se o mês seguinte entrasse, teria que pagar mais um mês de aluguel. Teria ainda gastos com a alimentação e demais despesas do dia a dia, além de ter que sair de casa, pelo menos três vezes ao dia, e ter que enfrentar em diversos momentos as animosidades de

Silva. Para Salud restou somente deitar em sua rede, balançar-se e aguardar passivamente.

No entanto, passado apenas um único dia esperando em sua rede, Salud recebeu incomumente uma mensagem pelo *WhatsApp*, enviada por um antigo amigo, o qual há anos não mantinha contato, que residia em São Luís e que estava com viagem de ida agendada para Teresina.

A viagem foi rapidamente marcada para o dia seguinte, assim que o sol raiasse, pois fora também divulgado que haveria barreiras de controle de veículos na entrada e saída da Ilha, a partir das 8 h, o que impediria o deslocamento dos dois viajantes. Assim, era urgente preparar a sua partida. A operação da viagem foi combinada e Salud pediu a seu amigo que fosse logo apanhar a sua bagagem, visando que no dia da viagem, não mais perderiam tempo com bagagens. Salud então lhe passou a localização precisa da quitinete por um aplicativo de mapa.

Algumas horas depois, o amigo chegou à quitinete e Salud, que já o aguardava com certa ansiedade e apreensão. Os dois se cumprimentaram, meio sem graça, com um toque de cotovelos, seguindo as recomendações das entidades de saúde, a fim de evitar o contágio e a propagação do corona. No justo momento em que os dois amigos transferiam as caixas da mudança do quarto de Salud para o porta-malas do carro de seu amigo, Raimunda apareceu inesperadamente e com uma visível feição de surpresa e espanto ao vê-los carregando as caixas pesadas para o veículo. Salud também se espantou com a presença da senhora ali, pois ainda não havia lhe comunicado sobre a sua saída da quitinete e o término do contrato, dado que receava alguma forma de represália por parte dos proprietários. À vista disso, preferiu lhes contar da sua decisão no momento mais adiante possível.

Pela reação de Raimunda, ficou muito claro e evidente para Salud que ela acabara de descobrir, de uma forma acidental, que ficaria sem um dos seus inquilinos. Ele tentou, bastante encabulado, fingiu que não lhe havia visto e continuou concentradamente na tarefa que realizava com a ajuda de seu amigo. Depois que os objetos foram todos alojados no carro e seu amigo ter ido embora, Salud resolveu enviar à senhora Raimunda uma mensagem por aplicativo, informando e explicando-lhe a saída e os

seu motivo. A resposta da senhora retornou algumas horas depois, mas, para a alegria de Salud, o teor da mensagem foi favorável e positiva. Conforme a previsão contratual, Salud teve que arcar com o pagamento de apenas um galão de tinta acrílica, de cor branco neve, para a manutenção da quitinete que havia sido ocupado por ele nos últimos seis anos. Assim, tudo foi pacificamente resolvido.

Antes das 5 h da manhã do dia seguinte, enquanto Salud ainda tomava banho, seu amigo o telefonou, avisando que já o aguardava na porta da quitinete. Aprontou-se com muita velocidade para não deixar o amigo esperando sozinho e no escuro que ainda estava lá fora. Recolheu alguns pequenos objetos que estavam em cima da pia, que ainda havia ficado no quarto, e os guardou em sua bolsa de viagem, mas tudo sem provocar barulho para não acordar seu Silva ou a senhora Raimunda, que em princípio estariam dormindo no quarto ao lado. Por derradeiro, fez uma varredura visual, passando a vista por todo o local, inspecionando para verificar se não haveria esquecido alguma coisa por ali. Não se despediu e nem houve tempo suficiente para que florescesse algum sentimento de reminiscência, bom ou ruim, dos seis anos, não se sabe se longos ou curtos, que viveu ali. Só queria ir e partir. Recomeçar do zero uma nova vida aos 41 anos de idade. Prendeu e segurou firmemente sua vontade de tossir, para que o casal ou amigo não o escutasse tossindo. Apagou a lâmpada. Abriu com muito cuidado o cadeado e a corrente; passou silenciosamente pelo portão de ferro da casa grande, trancando-o em seguida com igual cuidado e se foi.

A Sala de aula que descobriu o essencial

Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)

Em um tempo de grandes descobertas científicas, vivia numa cidade dentro de um prestigiado colégio, uma Sala de aula, muito orgulhosa de seus feitos. Afinal, nela acontecia o desenvolvimento intelectual de grandes personagens sociais, reza a história que até mesmo o melhor médico da cidade tinha frequentado aquela Sala de aula. Certo dia, aconteceu algo inesperado, era para ser mais um dia comum em sua história orgulhosa, com muitos alunos, professores, aulas, experiências... como todo dia sediava naquele nobre colégio. Neste dia, o único de sua existência que chorou, não veio ninguém, o silêncio tomou conta do espaço, passou quinze dias e, finalmente alguém. Chegaram as colaboradoras e limpavam ela com muito cuidado utilizando um produto diferente nunca antes usado, chamado álcool em gel. Sem entender, depois que a limpeza foi feita, ela pergunta para a Mesa do professor: - Onde está a professora que soltava os materiais em cima de você? A mesa, tristemente respondeu: - Eu não sei!

A Sala de aula não se continha em prantos, há mais de duas semanas não era o mesmo espaço dos grandes feitos do ensino e da aprendizagem, o que alimentava seu orgulho. No dia seguinte, no silêncio que pairava em seu interior entre as Mesinhas e Cadeiras, inesperadamente o Lixeiro, normalmente esquecido atrás da porta, falou: - Querida sala de aula, deixaram um papel em mim com o seguinte recado: “Queridos (as) alunos (as): Nos próximos dias, por tempo indeterminado, cancelaremos as aulas presenciais e nos comunicaremos através da internet, precisamos tomar devida providencia para conter uma pandemia ocasionada pelo Coronavírus (Covid-19), que está presente em nosso país. Tenham todo cuidado possível na higiene e não saiam de casa, apenas se necessário!” Diante deste recado a sala de aula compreendeu o porquê não era mais o lugar de encontro entre professores e alunos. Logo, tratou de pensar em uma estratégia para ajudar, ser útil novamente.

Durante alguns dias ela pensou, pensou e teve uma brilhante ideia, convocou uma reunião extraordinária com todos os membros do espaço que comportava. Chamou a Lousa, o Lixeiro, as Mesinhas, as Cadeiras e um velho Cartaz pendurado em sua parede com a seguinte frase: “Não viva para que a sua presença seja notada, mas para que a sua falta seja sentida” (Bob Marley). No horário marcado a Sala de aula iniciou a reunião agradecendo a presença de todos, logo foi ao que interessava: pessoal, segundo o Lixeiro, nós temos um grande problema assombrando os humanos, eles estão enfrentando um grande perigo sobre um vírus que se chama Covid-19. Sem os humanos nós não temos sentido nessa vida, precisamos deles, são nossa alegria, nosso orgulho de vê-los crescendo em sabedoria, precisamos ajudar de alguma forma, mas logo já vou avisando que não podemos sair, eles não estão recebendo visitas e é pra sair somente para o essencial, como por exemplo: ir ao mercado ou farmácia. O que vamos fazer para ajudá-los? Abriu a discussão.

O lixeiro, desconsiderado por conter somente o supérfluo, logo se expressou: Como todos puderam entender, o recado que eu guardei é sério, trata-se de uma pandemia, muitos humanos estão correndo sério risco de vida, embora eu tenha conhecimento que muito do que vai para o lixo poderia ser reaproveitado e infelizmente os humanos desperdiçam muitos alimentos e não sentem a dor de quem passa fome, sugiro que nos coloquemos à disposição para ajudar a coletar alimentos para os mais vulneráveis. Em seguida, em nome de todas as mesinhas, a Mesa do meio disse: - Realmente, a situação é grave! Que tal confeccionarmos máscaras para as pessoas usarem? Prontamente, a Mesa do professor concordou. A Lousa, por sua vez, ponderou: - Podemos usar da tecnologia em nosso favor, vamos arrecadar alimentos pelas redes sociais marcando determinado lugar para levarem, isso não gerará aglomeração, neste lugar deixaremos as máscaras para utilizarem quando saírem. Restava, o cartaz se pronunciar, indagado a falar pela Sala de aula, ele disse: - Meus queridos, podemos realizar tudo o que sugeriram e muitos mais, mas não podemos esquecer a mensagem que trago escrito em mim, nossos alunos eram importantes para nós, sentimos sua falta, nossos professores eram nossos amigos de jornada, tudo fazia sentido, mas carregávamos dentro de nós um orgulho individualista para ver quem era mais

importante, agora podemos perceber que a união, o amor, a entre ajuda, o companheirismo, o trabalho em equipe, a solidariedade, o coletivo, o diálogo... é o essencial e que as coisas mais importantes estão dentro de nós. Um silêncio tomou conta do ambiente.

Até que a Sala de aula fez suas conclusões: - Queridos companheiros, quando tudo está bem não damos o devido valor às coisas simples da vida, agora podemos perceber que a felicidade está naquilo que fazemos aos outros e não em nosso orgulho de querer ser o maior, o primeiro, o melhor e o mais importante. Vamos todos, nos comprometer em ajudar os humanos, vamos arrecadar alimentos, confeccionar máscaras, dispor álcool em gel, para combatermos essa pandemia do Coronavírus. Pois a lição foi nos dada, de nada vale nosso orgulho, individualismo e acúmulos, vamos focar nossas vidas naquilo que é essencial, a dignidade, amor e fraternidade entre todos. E, quando vencermos esta pandemia, deixando para trás nossos ranzinzos orgulhos, vamos viver uma nova época, novos dias viveremos, com seres humanos “rehumanizados” com mais amor, solidariedade e dignidade a todos.

A salvação na angústia

Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS)

A rua deserta me desanima. Preciso de alguma viv'alma para me comunicar, pois já faz três dias que só falo com a esposa, sempre com mais de dois metros de distância. Em toda a região são pouquíssimos casos de *Covid19*, no entanto, tudo parado, um medo enorme reinando nas casas. Nem o sino da igreja eu ouço tocar mais.

Como vai terminar tudo isso, com o direito de ir e vir tolhido por decretos. É certo que preciso me cuidar, afinal, idoso, diabete – comportada, porque cuido muito e obedeço rigorosamente a minha aluna, agora médica endocrinologista – com uma mola *stend* próxima do coração. Vai que um safado de um *coronavírus* se enfie dentro dela e tranque o sangue circular; seria meu fim em esquite lacrado, sem presença de gente no velório e enterro.

Olho pra rua e – ó milagre – uma moça bonita passa na frente de casa. Olho o quanto a vista alcança. Parece muito tranquila, não deve estar em grupo de risco. Eu é que estou! Será que ela voltará por aqui? Não volta, ao menos enquanto fico sentado na cadeira de balanço da área em frente da casa.

Depois do almoço, recolho-me para a costureira sesta. Se a moça não voltou, pode ser que aproveite esta hora só para eu não a ver de novo. Como é triste ficar sem ver gente!

Não é que pego no sono! Um enorme, monstruoso, colorido entre vermelho e roxo ser arredondado aparece na minha frente. Quero recuar, mas sinto-me preso ao chão; enquanto vejo, na rua, a garota passando, perseguida por vários desses monstros que estão ao seu encalço, quase a alcançando. Quero gritar para alertá-la, porém a voz está presa, e a enorme monstruosidade na minha frente impede que eu vá para a porta. Penso em quantas teorias absurdas surgiram recentemente, até a de que a terra é plana. Se fosse plana, por que haveria empresas trabalhando com terraplanagem. Eu queria uma máquina dessas para remover o monstro da

minha frente. O pior é que ele não tem rosto, não tem pernas, flutua tentando chegar perto de meu rosto, mas me viro e penso no álcool em gel, na água quente da torneira e no sabão que sempre uso para lavar as mãos. Um estranho ruído, um tipo de ronco de cachorro, misturado com um miar de gato parece vir do monstro. De repente, a cena se apequena, fica cada vez menor até ser tão minúsculo que só a posso imaginar e temo que esteja querendo entrar pelo nariz, pela boca, ou até pelos olhos. Sinto uma comichão no nariz e dou um espirro que soa pela casa toda. Com o barulho, minha esposa chega à porta do quarto e fala: – O que foi isso, você está bem?

Uma vez bem acordado e consciente, sento na cama e começo a rir, respondendo: – estou bem, algum sinal de problema?

– Você não percebeu o espirro que deu? Quase derrubou a parede!

– Ah, sei! Espirrei o monstro pra fora. Encoste-se a nada por perto daqui, ele ainda pode estar vivo.

– Que é isso, meu amor? Parece que teve um pesadelo em plena luz do dia!

– E que pesadelo! Nem queira saber! Um monstro de vírus, eu acho que um corona, muito da cara que postam na internet, onde quase não falam de outra coisa e na TV onde nem a terra plana é mais notícia!

– Já que foi só um sonho, vou continuar a passar roupa.

– Passar roupa pra sair? Tá todo mundo proibido a sair de casa, é decreto, pode até dar multa!

Ela não respondeu e seguiu a tarefa já iniciada. Tive vergonha, levantei e fui olhar pra rua. Bem na hora, aquela moça estava voltando, levava duas sacolas de supermercado. Meu olhar acompanhou-a até onde foi possível, depois fui ao computador para escrever um conto; um livro estava ganhando corpo. Quando a quarentena terminar, quero ter, no mínimo, uns vinte contos para que a obra passe um tanto de cento e vinte páginas, o que já dá um belo formato à obra. Na capa, imagem de um coronavírus.

A viagem de Rebeca

Fábio Machado de Almeida (Rio de Janeiro-RJ)

Rebeca começou a voar pelo céu claro e sem nuvens e abriu um largo sorriso enquanto estava no ar. A brisa era quente, mas mesmo assim agradável. Havia tempo que ela sabia como voar, mas ultimamente ela aprendera a técnica perfeita e agora parecia uma verdadeira gaiivota pelos céus.

A sensação de liberdade e alegria a fazia rodopiar, dar voos rasantes na rua e voltar até o céu. De repente, se deu conta que chegara a um aeroporto sem perceber, entupido de pessoas. Por um momento, o calor em seu coração deu lugar à um sentimento estranho e à uma sensação ruim.

"Por quê todas essas pessoas estão indo embora?" - Pensou, enquanto olhava a fila gigantesca para embarque.

Desceu ao solo e percebeu que a fila era para o mesmo voo. Por algum motivo que ela não soube explicar, ela também entrou na fila. A sensação de desconforto crescia, conforme a fila demorava mais e mais para andar. Sentiu-se invisível e não conseguia interagir com ninguém. Finalmente, uma mulher que parecia trabalhar no local, organizava a fila e pedia para as pessoas andarem. Rebeca tentou falar com ela e finalmente ouviu uma resposta de volta. A mulher parecia preocupada e acelerada. Olhou para Rebeca com estranhamento, como se soubesse que ela não deveria estar ali.

Desceu voando pelo o outro lado da colina e decidiu captar mais imagens daquele dia lindo. Rodou por vários bairros e decidiu passear pela praia. O sol da manhã na orla a fez fechar os olhos e absorver aquela energia tão poderosa. Feliz e leve, fez um voo rasante pela areia e encontrou uma humilde senhora preparando seu milho para vender no dia, mesmo aquela praia estando estranhamente vazia para aquele dia tão lindo. Rebeca voou tão perto da moça, que precisou desviar de sua gigante panela de água fervente que cozinhava o alimento amarelo, seu preferido em matéria de praia desde quando era uma criança. O cheiro da mistura

do milho com a manteiga derretida, característica das praias cariocas, fez Rebeca voar com ainda mais alegria.

Passeou por bairros como Humaitá, Ipanema, Lagoa, Rio Comprido, viu de perto o Maracanã em seu sono profundo e foi até mesmo ao Cristo Redentor. Mas de repente, sentiu-se cansada. Muito cansada.

Quis ir para casa desesperadamente. Mas por mais que tentasse, não encontrava a Gávea, bairro onde residia. Entrou em um túnel que pensou que daria em seu destino, mas sem sucesso. Conseguia ver pessoas correndo ou voando abaixo dela, mas nenhuma delas interagiu com ela. Mesmo se ela tentasse iniciar uma conversa.

Quando entrou no segundo túnel, a situação piorou e Rebeca começou a sentir um aperto em seu coração.

"Estou perdida! Não encontro minha casa" - pensou em seu desespero.

Quando já não aguentava mais voar pelo Rio de Janeiro, perdida e sem destino, encontrou um terceiro túnel. Dessa vez resolveu perguntar para um homem com vestes escuras que corria para se exercitar.

— Olá, você sabe como eu chego no bairro da Gávea? Estou perdida há muito tempo.

O homem pareceu não a escutar e nem mesmo perceber sua presença. Mas para sua surpresa, um homem de vestes brancas ao seu lado olhou nos seus olhos, e Rebeca teve certeza que esse outro homem percebia sua presença ali.

Mas foi o homem de vestes escuras que resolveu responder:

— Para chegar à Gávea, você precisa continuar por esse túnel

Rebeca não confiou naquela informação, sem saber o motivo. Antes que pudesse pensar mais naquilo, o corredor de roupa branca resolveu se pronunciar:

— Na verdade, para chegar aonde você quer, precisará sair desse túnel e seguir um outro caminho.

Rebeca sabia que ele falava a verdade. Rapidamente, deu meia volta, saiu do túnel, e logo viu a Gávea. Palpitando de emoção, voou o mais rápido que pôde e viu seu corpo dormindo. Finalmente despertou.

Ouviu a voz de sua mãe distante, mas não conseguiu responder. Estava extremamente cansada do sonho que teve. Não era a primeira vez que fazia um desdobramento, enquanto dormia. Mas dessa vez a experiência fora mais intensa que nunca, e Rebeca não conseguiu levantar, e nem abrir os olhos.

Rebeca teve medo de adormecer novamente. Sentia algo estranho envolta de sua aura. Da sua cama, sentiu-se levantando do próprio corpo, consciente como nunca. Foi transportada para casa de seu tio e sentiu medo. O lugar estava escuro e a sua sensação era de pavor. Fechou os olhos, mas não conseguia acordar. Mas pelo menos conseguiu sair daquele lugar. Estava agora na sua casa, mas o pavor não foi embora. Uma grande mão branca atravessou sua mente e ela tentou gritar, sem sucesso.

Aquela foi a pior noite da vida de Rebeca. Sentiu-se sendo disputada por duas forças ocultas, mas a força negativa parecia estar ganhando a batalha e todo seu corpo passava por uma sensação ruim. Por poucos segundos, conseguiu finalmente abrir os olhos e viu um pé bem na sua frente. Fechou e abriu os olhos e novamente o pé estava na sua frente, apenas em uma posição diferente. Tentou gritar por sua mãe, mas nenhuma palavra saía de sua boca. Nenhum movimento saía de seu corpo. Tentava fugir daquela realidade, mas sentia que a perseguição continuava. A sensação de pavor e escuridão voltou a dominá-la e Rebeca usou toda força de sua mente e corpo para se obrigar a acordar. Tudo que conseguiu foi abrir um dos olhos e ver uma forma disforme atravessar sua vista. Rebeca tinha certeza que era uma forma humana, mas seu medo não a deixou ver mais nada e ela caiu novamente no sono profundo.

Dessa vez, estava em uma grande concentração com muitas pessoas em um lugar fechado. Não se divertia e queria sair dali. Percebeu a fila para ir embora e lembrou-se do aeroporto.

"Terei que passar por isso de novo?"

A fila era interminável. Ninguém parecia estar feliz de estar ali. E ela não conseguia adivinhar onde daria. Ninguém ali parecia querer interagir com ela. Quando o pavor começou a dominar sua mente novamente, viu uma pessoa que reluzia uma luz branca indo por um caminho que ninguém mais ia. Rebeca não teve dúvidas em seguir aquela

alma. Mantendo certa distância, subiu uma escada e se afastou de todas as outras pessoas que esperavam na fila.

"Será que estou indo pelo caminho certo?" - Pensou enquanto virava a esquina de um corredor.

O que viu a seguir foi horrível. Uma espécie de hospital de campanha com centenas de doentes por covid-19, a doença causada pelo coronavírus, que travavam uma feroz batalha a favor da vida.

— Triste, não é? - Disse o espírito que emitia a luz branca.

— Quem é você? E o que é tudo isso? - Perguntou uma confusa e assustada Rebeca.

— Vou começar pelo meu nome. Sou García, e trabalho como médico no plano espiritual. Como você pode ver, estamos tendo muito trabalho atualmente.

— Eu não conseguia raciocinar isso na minha cabeça, mas eu sabia dentro de mim que estava em outro plano.

— Sim, Rebeca. Você sempre teve a sensibilidade necessária para visitar o plano espiritual e depois lembrar vagamente da experiência. A pandemia do coronavírus expandiu ainda mais esses seus canais. Você agora está mais aberta para essas experiências. O que você vê agora é um grande hospital de desencarne. Aqui, e em muitos outros lugares do plano espiritual, almas lutam pela sua vida terrena, embora nem todas conseguirão vencer essa batalha.

Rebeca e García andavam no meio daquele pandemônio e a jovem se sentiu no verdadeiro inferno. Enfermeiros e médicos corriam de um lado para o outro, pessoas gritavam pedindo ajuda, outras apenas dormiam um sono agitado. Rebeca chegou perto de um homem, que deveria ter por volta de 60 anos. Ele, diferente da maioria, parecia em paz em seu sono silencioso. Quando Rebeca fez menção de se aproximar mais do homem, uma luz saiu de seu corpo e sua alma seguiu um caminho em que ela não pôde seguir.

— O que eu estou fazendo aqui? O que significa tudo isso? - Perguntou assustada

— Você está aqui para ajudar. Se assim desejar, claro. Estamos recrutando. Precisamos de ajuda para transferir pessoas entre os planos.

Precisamos de mãos para ajudar os doentes ao salvamento. E, também, para ajudar aqueles cujo destino já está decidido.

— Mas por que eu?

— Porque você tem a capacidade, Rebeca. Porque você tem a habilidade. Porque você quer ajudar. Porque você não quer ser dominada pelas outras forças. Sim, eu sei a batalha que trava em seus sonhos. Seus canais expandidos não atraem apenas espíritos de luz. Há muitas entidades que aproveitam momentos como esse para seus próprios motivos escusos. Ou algumas que não sabem o que estão fazendo, mas mesmo assim podem levar você a um caminho horrível. Isso depende de você, Rebeca. Para qual caminho você vai se abrir?

Rebeca pensou em como tudo aquilo parecia uma loucura e fazer tanto sentido ao mesmo tempo. Ela realmente não se sentia mal perto de García, como se sentira antes com outras presenças. Na verdade, apesar daquele lugar parecer o verdadeiro inferno, ela não sentia energias negativas ali.

— Eu sei o que eu quero. Eu quero ajudar como eu posso. Só não sei como.

— Não se preocupe, menina. Você saberá na hora certa

Rebeca acordou muito cansada e mais uma vez não conseguiu se levantar. Na verdade, mal conseguia abrir os olhos. As noites de desdobramento cobravam seu preço. Sua mãe tentava conversar com ela, mas Rebeca não conseguia prestar atenção e nem ouvir. Imersa na sua nova missão, ela ansiava pelo o que aconteceria em seu próximo sono.

Não demorou a chegar. Rebeca conseguiu sentir de forma plenamente consciente sua alma saindo de seu corpo. O pavor a dominou novamente e sentiu que a presença negativa estava de volta. Sentiu como se o seu corpo automaticamente estivesse doente. Quis chorar e gritar, mas não conseguia sair daquele estado.

Viu García e sua luz se expandiu até onde ela estava.

"Eu tomei minha decisão" - murmurou, sem saber se ele a escutava.

García a pegou pela mão e a tirou dali. Aos poucos, Rebeca foi sentindo-se melhor e novamente respirar era agradável. Na verdade, mais agradável do que o normal.

Olhou à sua volta e pensou se não estava no verdadeiro paraíso. À sua frente um grande oceano com uma água hipnótica fazia seus olhos se arregalarem. O sol batia naquele mar e a luz que refletia em Rebeca, aquecia seu coração, deixando-a no mais perfeito estado de paz. A areia daquela praia era branca como a neve. Um grupo de pessoas interagia lá embaixo. Rebeca conseguiu sentir a energia positiva do grupo mesmo do alto da montanha em que ela estava.

García estava ao seu lado, sorrindo e rindo. Rebeca se juntou ao riso e virou para trás. O que viu foi incrível: a montanha subia até onde seu olho não podia alcançar e o verde era a cor predominante naquele relevo. Apesar disso, Rebeca viu flores que nunca havia visto. Flores de todas as cores, algumas delas pareciam até mesmo sofrido alguma bela mutação, deixando-as com uma mistura de tonalidades encantadora.

Rebeca não quis perguntar à García onde estavam. Não precisava. Eles não conversaram por horas. Apenas se permitiram ao estado de contemplação completa daquela paisagem magnífica. Rebeca soube naquele momento que tomara a decisão certa.

García desapareceu de repente e ela mesma foi transportada para um outro lugar. Não tão bonito como aquele, mas igualmente pacífico. Enquanto caminhava por uma floresta, ouviu um choro de uma mulher e se aproximou para ver o que havia de errado. A mulher não conseguia falar e Rebeca resolveu simplesmente sentar ao lado dela e esperar. Rebeca esperou por meia hora, até que resolveu se pronunciar.

— Nem sempre as coisas acontecem como queremos, não é? - Disse oferecendo um abraço.

A mulher aceitou o abraço e desabou em mais lágrimas. Balbuciava e chorava, mas Rebeca conseguia entender o que ela dizia:

— E-eun- não estou pronta. Eu quero ver minha filha crescer. O que será dela sem mim?

— Nem sempre estamos prontos. E é por isso que você e eu estamos conversando aqui agora. Mas eu sinto olhando para você que sua

filha ficará bem. E você também. Sua nova vida está começando. E você verá sua filha crescer. E ela saberá que sua mãe estará por perto.

O choro da mulher foi minguando, conforme Rebeca foi falando. As duas se abraçaram e a mulher parou de chorar.

— Acho que pelo menos estou pronta como é possível estar.

— Está, querida. Nossos caminhos não se cruzaram à toa. Vá em paz.

A mente de Rebeca voltou de repente para o hospital de campanha da noite anterior e se viu ao lado de um leito. A mulher da floresta estava ali deitada. Uma luz saiu de seu corpo e Rebeca conseguiu sentir a poderosa força que vinha daquela alma.

García estava ali também e a olhou com ternura:

— Eu disse que você saberia o que fazer.

Rebeca se mostrou uma grande ajuda no desencarne em massa que acontecia na Terra. Transporte de almas se tornara sua especialidade, mas ela também aprendera a ajudar os doentes, cujos destinos eram permanecer no plano terreno. Trabalhou e conheceu outros espíritos e todas as noites voltava ao hospital.

Um dia caminhando pela floresta que circulava o hospital, Rebeca encontrou um casal. Eles não falavam nada, mas notaram a presença dela.

— Pode se aproximar, menina. Vem ver o pôr do sol com a gente.

O casal fez questão de colocar Rebeca entre os dois, o que a deixou desconfortável. Mas sua insegurança foi logo embora ao olhar a vista. Deveria ser a melhor vista da floresta. Em cima de uma pedra ladeada por árvores de sequoias gigantes, que Rebeca nunca havia visto. Na sua frente, o sol mostrava a sua mais bela face e a sua mais agradável intensidade de calor.

— Estamos nos despedindo - disse o homem

— Vocês vão se separar? - Perguntou Rebeca

— Sim, vamos. - Respondeu a mulher estranhamente resignada e feliz ao mesmo tempo - Cada um de nós vai para um plano diferente. Estamos felizes que um de nós vai poder criar nossos filhos. Ela está mais feliz, né. Sou eu que vou ficar na Terra - disse o homem rindo no final.

A mulher respirou fundo e continuou a apreciar o pôr do sol. Rebeca percebeu que não estava ali para ajudar. Apenas para presenciar.

García a esperava atrás dos arbustos e a levou de volta ao hospital.

— Tenho uma missão mais difícil para você agora, Rebeca. Talvez você queira acordar e ir embora. Mas peço que tente ajudar essa alma. Sua missão na Terra não acabou, mas ela quer desistir.

Rebeca voltou ao hospital de campanha do seu sonho eterno, e viu um homem de braços que sofria com a doença. Ele parecia aceitar aquele sofrimento, fazendo parecer que a doença era mais forte do que realmente era.

Rebeca não entendeu aquilo de primeira, mas logo percebeu que o homem queria morrer. Em algum momento, um enfermeiro entrou e virou o paciente de frente. Para sua surpresa, o homem estava consciente.

— Olá, me chamo Rebeca. Estou precisando de uma companhia nesse momento. Posso ficar aqui?

O homem não respondeu nem que sim nem que não. Mas Rebeca continuou a conversa.

— Você acha que essa doença realmente está te vencendo ou você a está deixando vencer?

O homem deu uma risada que comprovou a tese de Rebeca.

— É difícil às vezes acreditar, mas eu não acho que você vencerá essa batalha. E eu digo vencer a batalha da morte. Porque é isso que você quer, derrotar sua própria vida. Mas não chegou sua vez. Eu fui até o aeroporto, você não estava lá. Você ainda tem o que fazer lá embaixo.

Pela primeira vez o homem resolveu falar:

— Eu detesto quem eu sou. Tudo que fiz na vida foi errado para mim e para todos que amava.

— A consciência é o primeiro passo para a redenção. Você não se sentiria melhor mudando isso e vivendo o que você projeta dentro de você como ideal de vida? Não é a hora de você morrer ainda. A não ser que você queira.

O homem não respondeu mais uma vez, mas uma lágrima caiu do seu rosto. Rebeca sentiu que estava na hora de atender outro paciente.

García era cada vez mais ausente nas suas andanças. Rebeca sentia como se não fosse mais uma estagiária. Apesar disso, via o velho amigo ajudando almas para lá e para cá de vez em quando.

Depois de muitas noites de sonhos, García reapareceu para Rebeca, enquanto ela olhava o pôr do sol que descobriu no dia que conhecera o casal.

— Vejo que está indo bem, minha cara

— Eu já sei o que está acontecendo, García

— Sabe mesmo?

— Sim. E sei que no momento não depende da minha vontade. Acho que aprendi com as pessoas que tenho conversado que é uma questão apenas de aceitar o seu próprio caminho. Seja ele qual for.

— Você sabe seu caminho?

— Não, mas sei meu propósito. Você me mostrou e depois eu mesmo senti isso no meu coração.

— Você está prestes a passar pela sua maior provação. O seu maior teste. Antes disso, quero pedir sua ajuda uma última vez. Uma última alma que precisa de nós.

Rebeca sentiu um certo arrepio na espinha, em ambos os planos em que estava. Chegaram a uma parte do hospital mais reservada. Rebeca começou a pensar em palavras como "afastada" e "isolada". O caminho era mais escuro do que os outros lugares em que esteve. O próprio ar era mais difícil de respirar por ali. Rebeca começou a se sentir ofegante e logo começou a ouvir gritos, que ficavam cada vez mais fortes e desagradáveis. Eram gritos de pessoas desesperadas. Rebeca sentiu todo tipo de energia naquele lugar. Era uma grande reunião de almas em conexão e ao mesmo tempo em desarmonia.

García e Rebeca entraram em um quarto em que um homem em seus 50 anos gritava desesperado que não queria morrer. Sua dor parecia insuportável. Os enfermeiros que estavam perto precisaram se afastar. García tomou à frente e tentou estabelecer contato com a alma atormentada.

— Me levem de volta! Me levem de volta!!! Eu quero voltar!

— A maioria quer. Mas será que você está pronto?

— Seu merda! Me tira daqui. Você não entende nada. Eu tenho muita coisa para fazer. Tenho filho para criar. Empresa para administrar. Não posso morrer agora!

— Isso você não pode saber. A única coisa que você pode saber é como aceitar qualquer destino que lhe seja o seu.

O homem se levantou e estapeou fortemente García no rosto, que caiu no chão atordoado.

— Só você pode decidir seu futuro agora - agiu rápido Rebeca.

— Sua garota de merda. Me fala como saio daqui!

— Você não pode. Não desse jeito. A primeira coisa que você precisa fazer é confiar no plano que lhe foi traçado. E quem disse que sua vida não vai continuar?

— Eu não quero essa vida de morte — O homem começou a chorar e deslizar lentamente pela parede até atingir o chão.

— E o que é a morte para você? Sua saída do plano terreno? Imagina você recomeçar uma nova vida com a consciência que você tem hoje? Todos os mistérios que lhe aguardam. Todas as pessoas que você ama que estão ansiosas para te rever.

O homem foi parando de chorar. Seu coração começou a desacelerar. Até demais. Rebeca sentiu que o homem havia parado de respirar. Assustada, tentou reanimá-lo, mas foi parada na hora por García.

— Você já cumpriu seu objetivo, jovem. Você não vê? Era o destino dele partir, mas ele se negava e sua angústia e sofrimento aumentavam cada vez mais. No final era uma alma atormentada. Mas você conseguiu levá-la ao outro plano como uma alma pura e liberta. Rebeca sentiu orgulho de si, mas imediatamente começou a sentir uma dor aguda no peito. Uma dor física. García percebeu:

— Está pronta?

— Para minha revelação? Bom, é o que eu venho esperando. Sei que não é normal o que ando fazendo. Quero saber qual é o meu caminho também.

— Veremos isso agora. Mas primeiro vamos visitar sua mãe.

Rebeca e García voaram pelos céus até o lar de Alice, sua mãe. No sofá, ela chorava sentada como se estivesse fazendo isso há horas. O

celular tocou na hora e Rebeca se assustou com a rapidez que ela atendeu. Depois da ligação ela começou a chorar ainda mais. E Rebeca finalmente entendeu tudo.

— Seu destino não está decidido ainda. Mas está totalmente ligado à sua mãe. Ouça sua voz.

Alice

O hospital nunca ligava na hora que dizia que ia ligar. Aquilo já estava deixando Alice irritada com a equipe médica. Mas mesmo assim precisava se controlar. A vida da sua filha estava nas mãos deles. Entubada aos 28 anos por covid-19, sua filha nunca apresentara nenhum problema de saúde. E mesmo assim o vírus a havia feito como uma de suas vítimas mais impactadas. Sua vida desmoronara. Vivía seus dias contando as horas pela ligação dos médicos. A crueldade do coronavírus não permitia nem que ela pudesse se aproximar de sua filha.

No dia anterior os médicos haviam dado notícias terríveis. O estado de Rebeca havia piorado. Em coma induzido, só seu próprio sistema imunológico poderia salvá-la agora. Alice ia um pouco mais além e todas as noites pedia para que anjos evoluídos a salvassem, mas a cada dia sua fé ia diminuindo.

Falava o nome de Rebeca constantemente. Rezando, almoçando, chorando. Sua filha era tudo para ela. Sua única família. Seu único motivo de viver.

Era um domingo quando recebeu a pior ligação desde então. Sua filha estava entre a vida e a morte. Desesperada, implorou para que os médicos fizessem uma vídeo-chamada para o quarto onde sua filha estava.

David, o médico plantonista, nem pensou em recusar o pedido. Já vinha chorando algumas noites por causa daquela pandemia, mas a jovem Rebeca prestes a morrer era o que deixava seu coração mais arrasado.

Uma equipe de seis pessoas, incluindo médicos e enfermeiros colocaram o tablet em frente da menina entubada e ninguém na sala conseguiu conter as lágrimas:

— Minha filha linda. Minha doce Rebeca. Sei que me ouviu. Nos meus sonhos vejo você andando feliz por uma floresta. Tenho chamado você, mas você não me ouviu. Mas por favor, ouça agora. Você representa duas vidas nesse momento, a sua e a minha. O meu amor por você é o núcleo da minha existência. Sem você eu não existo. E não é só porque você é minha filha. É porque, além disso, você é um ser humano maravilhoso. Tudo que pedi em minhas orações era para ter alguém como você na minha vida. Volte para mim. Volte para que duas vidas sejam salvas. Volte pelo meu egoísmo. Eu prometo que esse egoísmo será revertido em puro amor.

A mensagem acabou com Alice chorando copiosamente e o clima no quarto era de um funeral. Ninguém conseguiu ficar bem com aquilo. A mãe se despediu e o médico plantonista avisou que ficariam totalmente atentos com sua filha durante a noite.

Estranhamente, Alice conseguiu dormir naquela noite. Voltava à mesma floresta dos últimos sonhos. A cada sonho via sua filha, às vezes sozinha, às vezes acompanhada. Mas ela nunca a escutava. Dessa vez tentaria de novo.

Andou até chegar à um belo lago. Colocou a mão na testa para se proteger do sol, enquanto olhava para cima, e viu no topo de uma colina uma figura conhecida. Seu coração palpitou, pois sentiu sua energia. Era sua filha!

Temia pela possibilidade de Rebeca não notar sua presença novamente, mas ao chegar no topo do monte, ouviu a voz de sua filha.

— Oi, mãe.

— Filha? Minha filha! - Disse abraçando e beijando como uma mãe faz com sua cria.

— Desculpe não ter respondido antes. Eu não estava ouvindo. Mas agora estou aqui.

— Filha. Você voltará para mim?

— Nem eu posso saber disso, mãe. Mas sinto que nos encontrarmos aqui é um bom sinal. Eu gostaria muito de continuar vivendo com você.

— Você ouviu minha mensagem?

— Do tablet? Sim. Foi a primeira vez que te ouvi de verdade. Eu ando sentindo dores, mas depois do vídeo, eu me senti melhor, sabia?

Alice chorava de emoção com o relato da filha. De repente, seu coração se encheu de esperança.

— Bom, mãe. Espero te ver em outro plano. Seja ele qual for.

Alice acordou suando e tentando conectar todos os pontos. Precisou pegar uma caneta e papel para escrever palavras chaves, antes que sua mente esquecesse de tudo. Enquanto anotava, o telefone tocou e ela se irritou. Rapidamente, a irritação virou expectativa e depois de semanas de angústia, ouvia boas notícias dos médicos.

Sua filha apresentara melhora em seu estado. Seu corpo reagia positivamente à doença. Alice dançou pela casa, gritou pela janela e finalmente ouviu música depois de tanto tempo. Mais dois dias se passaram e Alice recebeu mais uma ligação feliz: Rebeca havia sido desentubada. Em poucos dias, ambas testando negativo para o coronavírus, poderiam se rever.

Em uma sexta-feira de 22 de maio de 2020, Alice chegou ao hospital com seu coração pulando pela boca. Entrou no quarto, olhou nos olhos de Rebeca e recebeu um sorriso de cumprimento. Alice abraçou sua filha e a beijou como sempre fazia.

— Eu te ouvi, mãe. Eu te ouvi!

Após mais uma semana, as duas saíram do hospital juntas e fizeram uma comemoração particular em casa. De noite, Rebeca dormiu e sonhou com García. O seu velho amigo não disse nada no sonho, mas Rebeca sentiu sua poderosa energia sempre presente e dormiu em paz.

Bento Mulengo, a primavera quântica e o vírus

Ricardo França de Gusmão - França Vaz (Rio de Janeiro-RJ)

ASSIM FOI A VISÃO DO XAMÃ que cego assistiu a chegada do invisível inimigo. Quando não haveria país, governo, monarquia ou aldeia indevassável a ele. A jornada do herói, pois, seria solitária. Mas seu corpo estaria fechado e o porvir, guardado, cuidaria do amanhã, dentro do seu coração. Essa foi a profecia do Xamã. Até que esse dia chegou.

A noite armazenava ecossistemas de esquisitos mistérios. Nas gavetas da sua escuridão— em germinação — à esquerda da Primavera, portal das flores em cores nos ventres das cavernas. Era assim porque ouviu-se falar e se ouviram é porque de certo falaram sobre tal portal interlúdio do tempo esferográfico de vidas. Portanto, a Primavera, registre-se, é nascimento. Foi assim que surgiu, então. Em meio à circunstância dos polens a imaginação sonhava pterodáctilos datilografados esquecidos em foguetes submersos para

l

e

l

e

p

í

p

e

d

a

m

e

n

t

e

eternizar

num futuro que viria: a ida do homem à Lua, a mãe da noite dos curumins.

Enquanto isso, tudo tamborinava nos jardins, nas tabas, chocalhos e atabaques anunciavam: Bento Mulengo Marrom, filho do tempo e da regeneração, jovem negro- índio, filho das matas ancestrais à Primavera de Angra dos Reis, atravessará a floresta do medo, para ser o Bento-arquipélago das 365 ilhas tupinambás, como uma flecha de permanência e amor. Vai, Bento valente, ser aquele o qual o destino planejou, a jóia da tribo guerreira dos Kiririntibóias!

Mas como cumprir a profecia sem fingir de maldade a sua cara caçara de bobo ocular pois para conquistar teria que ser revolucionário e ele, sozinho, gostava de mar e do cantar dos passarinhos? Teria, Bento, que ser 'Maligno', em vez de Mulengo, para afugentar as assombrações permanentes armadas na Ilha da Carne do Sol?

E, naquela noite, então, a Primavera visitou Bento Mulengo Marrom e perfumou sua luz com a essência de todas as flores de Angra dos Reis — a cidade que viria nascer — e Mulengo despertou ao clarão do solstício. E o ideal passou a ter sentido. E a coragem passou a ter sentido. Bento agora não era o caçara de carne e osso de outrora. Bento era um estado quântico. Ser que as enciclopédias e as leis não podiam explicar.

Partiu Mulengo Rumo ao seu destino, antes da noite acabar em sulco. Estava num manguezal onde crocodilos esperavam amigos, na escuridão que a tudo revelara: O momento retangular do canto da Airupiara incandescente magia floral matinal, que abria as luzes do dia e trazia “boa sorte”. Era o que dizia a tribo dos Kiririntibóias em lenda contada de geração para geração.

E Bento Mulengo paralisou, mulato, ao eco dos tambores que, em sua verdade, tanto o atingiram. Respirou fundo, vestiu-se de compromisso e cobriu os passos do seu caminho. O mapa indicava que corações puros o encontrariam e teriam a resposta: causa perseguida, inquietação, coisa que falta, pedaço ausente: desafio. Marrom Bento Mulengo Valente, Guerreiro forte, sentimental, apaixonado, amigo dos bichos do mato, ele sofria. Coisa que faltava em seu coração fogueira. Seria uma viagem infinda? E enfrentava exércitos de bichos a cada pesadelo. Dormir já não era descanso, mas luta e mérito.

.....

.....

Os Kiririntibóias ecoam tambores, as suas verdades e olham com respeito para o espírito da mata circunspecto. A verdade de cada homem é a verdade de cada homem. A água corre-pula-pelas-pedras, no seu curso. Bento Mulengo sorve uns goles — perscrutador — e senta para apreciar a bola vermelha ao descer da tarde, que começa a colorir o céu.

"A sabedoria vem do silêncio, do ecológico oxigênio, da simplicidade das simples situações. A vida vem via veia em velocidade incessante, cada vez mais emocionante, como um foguete espacial."

Dizia uma língua estranha tatuada numa folha mágica que caiu e sumiu na imensidão dos esconderijos...

Era sempre assim, só a natureza usufrui sem preocupação. Mas por que não sabemos? Ora, pois, porque não curamos ainda a fisiologia do câncer das guerras. Ainda há vasto caminho a percorrer. Além da bolha 'Sapiens', há a ciência religiosa dos pajés. Bento permaneceu instantes invadido de êxtase, ante a cumplicidade da natureza que desplantou-se da terra: o abrir caminho de uma fila de formigas que estocavam alimentos. Ali, ouviu delas, suas conversas. Aceitou seus conselhos sobre provisões. E, finalmente, partiu na sua busca, mais feliz, estimulado. Bento seguiu o mesmo caminho percorrido pela folha às águas à beira do riacho. O que dele era ausência despercebida de uma futura, longínqua e breve carência de liberdade corporal. Aos poucos se fazia notar na compreensão do labirinto-discernimento. "Bento Mulengo!", "Bento Mulengo!". "Sua causa, assim como a de todos os homens, está presa à sua pressa de felicidade!", assobiava o vento.

Já atravessas-te a floresta do medo (o enigma maior deste segredo), agora constrói o alicerce dessa cidade. 'Em bases de aço', Bento Marrom, em 'bases de aço!' Ecoou o vento que percorre os quatro cantos do mundo, colidindo em cada vértice. Mulengo Bento compreendeu. Já havia se debatido e acumulado ferimentos. O vento zuniu em seus ouvidos com o mesmo zunido da infância que zunia com os medos e nos vestia de liberdade. Atravessar a floresta do medo significava superar os próprios

medos. Vencer as correntes que nos amarram a carne e nos amedrontam quando perdemos a infância E nos tornamos irascíveis. Bento Mulengo Mulengo Bruto queria gritar. Mas gritar era insuficiente e dispensável. Era hora de viver. Retornar ou prosseguir não era mais o conflito e Bento Mulengou respirou uma pestana embalado pela temperatura morna e despreziosa da tarde. Estava em paz.

Ave de metal surgiu (era a consciência ou um avião?) e refletiu seu substrato de forma perfeita. Bento Mulengara por ocasião dos aprendizados: a íntima percepção decimal de si. Notara a cor de sua raça e o propósito de seus objetivos. Marrom Mulengo não era mais fugitivo. Desentreçara todos os esconderijos, como dizia a profecia dos Kiririntibóias. Vencera o dragão de fogo habitante da Ilha da Carne do Sol. E multiplicou no astro todas as esperanças, quando a noite satelitezava a Lua, que chegava em berço azul.

O estômago roncava e a saudade do arroz e da tapioca doía. As panelas de barro transparentes começavam a incomodar, coçando a fome. Mas Bento Mulengo quântico, agora dormia. E finalmente sonhava antes de nascer das flores o perfume da Primavera. "A cura está em seu sangue", sussurrava um anjo curumim. E o vírus não mataria mais a sua gente. Bento era a vacina da vida. Uma dádiva concedida pelo Planeta Terra.

Cabelo Vermelho versus Madame

Pedro Diniz de Araújo Franco – Pedro Franco (Rio de Janeiro-RJ)

Ricas e por dois meses ficavam na pousada, para fugir do calor do Rio. Eram hóspedes VIPs, uma já há dez anos e outra há nove. Cabelo Vermelho comemorava risonha a vitória de mais um ano, com a graça que lhe era peculiar. Não posso dizer que as duas se davam bem, nem mal. Logicamente que Cabelo com seu jeito afável, comunicativo, tentara por dois anos estabelecer maior contato, só que seus esforços foram em vão. Madame era educada com Cabelo, só que monossilábica, respondia os bons dias e sucinta e polidamente dava respostas definitivas e que faziam abortar qualquer continuação.

Depois de dois anos de tentativas Cabelo capitulou e ficaram nos cumprimentos triviais, o mínimo que os bons modos ditavam. Nas conversas com todos Cabelo de modo sutil gozava Madame e o vice-versa não havia. Boas gorjetas, ainda que Cabelo fizesse com mais aparato e Madame com discrição. Madame usava envelopes para as mesmas, o que a boca pequena era motivo de piada para Cabelo. _ Frescura, money is money, o resto é pura afetação.

Veja-se logo que Cabelo tendia à fofoca e, para ser verídico, Madame a discreto esnobismo. Ambas com carrões e motoristas. O de Madame, se saía da pousada em função, fato raro, vestia terno. O outro saía muito, que sua patroa era agitada, usava apenas calça jeans e camisa polo. O camisa polo, um rapaz com algo do gênio agitado da patroa, dirigia um Mercedes prata. Madame tinha um BMW. Muitas visitas para Cabelo, algumas bem barulhentas e quem mais bebia era a anfitriã, que dava gargalhadas e vida à Pousada. Logicamente que outros aspectos das duas e vidas sexuais devem estar sendo questionados. CV baixa, magra, pele enrugada no rosto, boca de lábios finos para risos prontos, batom vermelho meio borrado. Suas roupas coloridas e às vezes estapafúrdias. Madame era clássica, de acordo com o campo, isto é, às vezes, abusava da discrição. Recebia poucas amigas e um senhor muito educado, que chegava antes do

almoço, almoçava na pousada e à tarde seu motorista de Audi o levava de volta ao Rio. Conversavam muito e se tratavam com respeitosa amizade. Já as más línguas diziam que já flagraram o motorista por duas vezes saindo de madrugada do bangalô de Cabelo. E cada ano um motorista diferente e da mesma categoria, imitação da patroa, dirigia o Mercedes. Já Madame só trocou de motorista uma vez, por aposentadoria do primeiro, que colocou irmão, muito parecido, no seu lugar.

E se falei em marcas de Automóveis, os de Cabelo eram trocados de dois em dois anos e com ampla notícia do fato, enquanto o de Madame de cinco em cinco e sem alarde. Madame lia muito e livros policiais de autores brasileiros, Joaquim Nogueira, Garcia-Roza, e Raphael Montes eram leituras habituais nos últimos anos, antecédidos que foram por livros de Georges Simenon, Conan Doyle e Andrea Camilleri. Já Cabelo tinha o livro do momento em mãos e pouco lia. Ao contrário do que possa ter demonstrado, a hóspede dos cabelos vermelhos era muito mais benquista na pousada, que Madame. Cerca de 90% contra 10 %. Esta com seu jeito de ser e comportar-se, sem querer, talvez traçasse distâncias e a outra com seu bulfício, modo alegre, comunicativa e, porque não dizer, fofqueira, era apreciada por noventa por cento dos funcionários da pousada e os hóspedes sempre a procuravam, quando voltavam à pousada. Uma morava em mansão no Jardim Botânico, outra em badalado condomínio na Barra da Tijuca. E se Madame vinha por dois meses e só voltava no verão seguinte, de quando em quando, Cabelo Vermelho voltava por período e muitas vezes com grupo de amigos, bancando despesas, que alardeava.

E veio tragédia. Chuvas de verão, deslizamentos e uma das camareiras, casada com o jardineiro da pousada, perdeu casa, com tudo dentro e só não perdeu filho, pois estava na casa da avó. Abriu-se lista para ajudar e quem a abriu foi CV e com dois mil cruzeiros. Na lista e todos estranharam, não havia o nome de Madame. E se Cabelo Vermelho mostrou seu repúdio à falta da assinatura, teve que por a viola no saco, porque casa em local seguro e com tudo que a vítima do deslizamento tivera, fora logo providenciada pelo Senhor, que visitava Madame e era seu procurador, como fora do Embaixador, que deixara Madame viúva. Quando a faxineira Fábria deixou escapar a doação e contra a vontade de

Madame, Cabelo Vermelho soube, reclamou da ostentação da outra e sua gargalhada não foi ouvida por dois dias. Depois tudo voltou a ser como dantes, neste doce quartel de Abrantes, ainda que nem assim Madame passasse dos 30% de aprovação. A pousada, não se esqueçam, fora plantada em terras brasileiras e a Sra. de Cabelos Vermelhos parecia saber ser demagoga, como os patrícios adoram. E por absurda coincidência as duas morreram no mesmo ano, vítimas do COVID 19, no mesmo mês e Cabelo Vermelho dezessete dias antes de Madame, logo morrera primeiro. E as duas fizeram falta à pousada e de várias formas. Ninguém foi mais o mesmo depois da pandemia.de 2020.

Coração em quarentena

Agnes Izumi Nagashima (Londrina-PR)

Da varanda do primeiro andar, ela observou o amanhecer e a revoada dos pássaros a lhe desejar bom dia. O vazio nas ruas, sem a celeridade cinza de carros ou as cantigas de rodas das crianças, deixavam-na ainda mais solitária. Resolveu ligar para seu amigo para preencher seu coração:

- Vamos ver um filme juntos? Claro, cada um na sua casa, mas ao mesmo tempo. Falando nisso, já vimos tantos filmes e séries sobre o fim do mundo. Apocalipse, zumbis, poucos sobreviventes no mundo, pandemias. Sempre algo que nos parecia ficcional, no entanto, agora estamos vivenciando uma pandemia viral, um agente que nem ao menos podemos ver. Coronavírus pelo microscópio parece que tem uma estrutura de coroa, mas não deveria reinar. Um caso surgiu, espalhou-se pelo mundo e agora a maioria está em quarentena.

Desligou o telefone, sentou-se no sofá, abraçou a almofada pensando nele e começou a ver o filme.

A cada dia percebia o quanto estava em amores pelo seu melhor amigo. Permanecer em contato, apenas por troca de mensagens e ligações, intensificou ainda mais o sentimento. Tentava se declarar quando comunicavam pelas chamadas em vídeo, mas não conseguia.

Procurou escape nas vidas alheias. Observou primeiramente as pessoas ao seu redor, o dia a dia de cada vizinho. Alguns viam lives, outros cozinhavam e postavam os pratos na rede social, outros da área da saúde distantes da família, outros em teletrabalho. Ficou comovida com uma senhora da casa ao lado do prédio, avó, que no portão acenava e gritava para seus netos o quanto os amava. Foi de entristecer mais ainda seu coração. Outras vezes por não ter muito o que fazer, olhou o prédio da frente e inventou histórias para cada uma das janelas.

Além disso, escreveu muitos versos de poema para tentar extravasar a sensação. Abriu a gaiola e a janela, e viu seu passarinho azul ganhar voo no céu. Pegou o pequeno aquário e mergulhou seu peixe na

banheira plena de água. Olhou-se no espelho. Lágrimas escoaram em sua face a refletir o emaranhado de sua solidão.

Antes de adormecer, admirou a lua emoldurada na janela do quarto. Pensou nele, se estaria a se encantar pela lua no mesmo instante. A lua majestosa era um alento para seu solitário coração. As duas tinham fases que refletiam suas diferentes faces.

Seu coração confrangido, moroso e combalido de palpitar procura um abrigo para escapar. Sem conseguir dormir, com papel e caneta na mão, começou a redigir a carta:

“Dizem que escrever e ler é mergulhar em outro mundo. Dessa forma, resolvi redigir esta carta para você. Pode ser que nem venha a ler, mas meu coração maltrapilho está em colapso emocional por não lhe dizer.

Antes que o caos seja generalizado afora desejo uma vida como outrora. Você é meu melhor amigo, jornalista, sabe melhor do que eu retratar a vida em palavras, por isso te confesso meus sentimentos.

Passo o dia todo em meu apartamento. A maior parte observando da janela. Com uma ínfima esperança de que o aviste a chegar em meu portão. Sua última mensagem foi como um soco na face, um disparate, esfarrapado coração.

Estar do seu lado e não poder te abraçar, conversar sem poder dizer o quanto amo você. Pensar no seu olhar e sorriso. É tão clichê, mas verdadeiro.

Clamo para que esse isolamento acabe e encontrem uma vacina. Fico no sonho de que as pessoas se convertam em melhores porque nada mais será como antes. Sem multidões a cantar e para que a nossa existência seja vivida e não se transforme apenas em um retrato.

Como disse que se cansou de ficar apenas no celular ou computador, do mundo virtual, escrevo estas palavras com caneta no papel. Talvez demore a receber e responder, mas fica a expectativa de que não obtive resposta por algum extravio.

Enfim, espero que tenha lido, porque assim juntos estaremos em um outro mundo, bem distante deste da pandemia, um mundo só nosso. Venha logo me socorrer com um beijo, senão estarei solitária em outro mundo a brilhar feito estrela no céu.”

Lágrimas borraram a tinta azul nas últimas palavras, coração não convalescente, chorou e adormeceu.

Covid: morte honrosa

Ivo Antonio Pegoraro (Francisco Beltrão-PR)

Na visão dos pais, Zaqueu teve uma infância normal. Magrinho, mas tinha boa saúde, alimentava-se bem, gostava mais de rezar do que estudar. Os irmãos se queixavam que ele demorava pra fazer as coisas, costumava se afastar dos outros, diziam que era assim de preguiçoso. Pensativo? Não. Era distraído, arredio. Mas não brigava com ninguém, embora se irritasse com facilidade, exigia respeito até do Adão, o mano mais velho. E preferia ouvir a conversa dos grandes do que a algazarra das crianças. Seu sonho era ir num velório, mas os pais não permitiam. Então queria ouvir o que falavam, na volta do enterro de um vizinho. Um dia viu a foto de um defunto. Estava bonito no caixão, bem-vestido, e muita gente ao seu redor.

O que o deixava impressionado, quando ia no catecismo, eram aquelas histórias de Dilúvio, Sodoma e Gomorra, os dez mil filisteus mortos pelo futuro rei Davi. Na adolescência, quando já tinha televisão em casa, horrorizou-se com a tragédia provocada por Jim Jones, na Guiana*. Um extermínio de quase mil pessoas, entre suicídios e assassinatos, incluindo perto de 300 crianças.

– Que coisa triste! – ele comentava com a mãe. – Todo mundo enterrado junto, que nem galinha morta de peste.

– Tem que rezar e ser obediente pra não acontecer isso com a gente – dizia-lhe a mãe.

E ele comentava, como se fosse adulto:

– Quando nasce uma criança fazem festa, tem que fazer também quando morre, né, mãe.

Aquelas lembranças da infância vieram depois de muitos anos. Começou no dia de uma palestra do Setembro Amarelo. À medida que uma senhora ia falando do trabalho daquele grupo de voluntárias que trabalhavam para evitar suicídios, ele foi revendo o filme de sua vida e não demorou para concluir que era um suicida em potencial. E não sabia. Ou nunca se dera conta.

Lembrou de outra palestra, faz muitos anos. Falavam de cada um planejar sua vida, sonhar com realizações pessoais não só de curto mas também de médio e longo prazo. Pegaram no seu ponto fraco. Para Zaqueu, a vida deve ser vivida como ela é. Pra que ficar imaginando e esperando isso ou aquilo? Só pra sofrer? Mas ele sofria no sentido contrário. De tempos em tempos sentia um vazio interior, quando lhe pediam coisas que ele não estava disposto a fazer. O mundo conspirando contra ele. A vontade era de sumir, morrer, mas de que jeito?

A palestrante alertava que é preciso ficar atento porque uma pessoa com tendência ao suicídio passa muito rápido de uma para outra de três fases marcantes: idear, tentar e efetivar. Se todos dessem mais tempo entre imaginar e executar um plano de morte, o mundo não teria no suicídio um mal que leva mais defuntos para o cemitério do que o trânsito.

Foram muitas as vezes, nesses anos todos, que Zaqueu pensou em se matar, e por que não se matou? Por que ele era tão desinteressado pelas coisas que não se dava ao trabalho nem de arquitetar um plano de enforcamento? Ou porque ele pensava também no pós-morte? Ele pensava, pensava e concluía que "tudo bem": já vivera que chega, mas acabar a vida daquele jeito, sem missa na igreja, sem comentários da vizinhança? É como aqueles mortos de guerra, de dilúvio, de suicídio coletivo. É morrer como ratos que se suicidam quando o instinto lhes diz que há excesso de população.

Os anos passaram, muitos anos, Zaqueu tornou-se dependente do cuidado dos outros. Ainda bem que cuidam dele. Já foi advertido por deixar de tomar seus remédios. É um jeito de ir se matando. Mas morrer de fraqueza, doente, esquelético, esquecido por todos no fundo de um asilo, isso ele não quer. Admite, enfim, que não é um suicida perfeito, exige demais.

Passou o Setembro Amarelo (contra o suicídio), depois o Outubro Rosa (contra o câncer), o Novembro (doenças do homem), Dezembro (contra a aids), e aí começava um ano fatídico, o 2020 pandêmico do novo coronavírus.

Em janeiro vinham notícias da China, em fevereiro o vírus se espalhava pela Europa e em março chegava no Brasil. Todo dia tinha notícias. No dia que foi noticiado o primeiro caso brasileiro, Zaqueu viu

aquilo mais como uma comemoração do que uma desgraça. Puxa, até que enfim! E se chegou no Brasil, vai chegar no Paraná e em Francisco Beltrão também. Vejam só – ele pensou –, que tal morrer de coronavírus! Claro, se for depois que morrerem dezenas, centenas por dia, aí é igual dilúvio, Sodoma e Gomorra, guerra, suicídio coletivo: mortos transportados em caminhonadas e enterrados em valas comuns. Mas se for o primeiro, não. Quem sabe? – perguntou-se Zaqueu, soltando um de seus raros sorrisos.

Durante a noite ele tossiu algumas vezes. Levantou-se, olhou-se no espelho. O que seria? Abriu a janela para entrar um ventinho, pois estava quente, e lhe veio um espirro. Ainda antes do café da manhã, entre uma tosse e outra, convenceu a sua cuidadora que devia ser levado para a Upa. Voltou decepcionado, não era nada.

Em abril, quando o prefeito baixou decreto exigindo o uso de máscaras e distanciamento social, ele ficou preocupado: como se contagiar, sem ter contado com ninguém? Ainda mais pra ele, idoso. Se dá um passo na rua, alguém grita "vai pra casa, velho!"

Mesmo assim, uma intuição, uma voz distante, algum prenúncio lhe dizia que ele acabaria sendo o primeiro. E ele ficava comparando. Porque mortes acontecem todos os dias, mas ninguém dá muita importância, faz parte de uma vetusta rotina. Mesmo as mortes no trânsito e os assassinatos não parecem tão relevantes. Agora, morte pelo novo coronavírus, essa preciosidade importada da China, essa sempre tem destaque. Vítimas dessa doença se consagram, ele pensava.

Sim, a vítima sofre, sente falta de ar, precisa de respirador, tem que tomar antibióticos, vai para a UTI, os médicos fazem de tudo para o sangue não coagular, mas enfim, como dizia seu pai, "morrir de grotá, morrer de ronha, morrer bisonha" (morrer de sujeita ou de coceira, morrer é preciso). O que não pode é se matar, como aconteceu, nesses dias, com um homem octagenário. Zaqueu não quer que falem dele o que falam desse e de tantos suicidas. Ele acredita que a força pode ser evitada, desde que tenha outra opção, e uma opção honrosa, como a morte pelo coronavírus, essa doença nova que chamam também de Covid-19.

Tudo bem, tudo bem, porém... a esperança de Zaqueu morreu antes que ele. Dia 19 de maio saiu a notícia de que Francisco Beltrão já

tinha sua primeira morte de Covid-19. Zaqueu ouviu tudo atentamente pelo rádio, conferiu na internet. No outro dia, quando soube o nome pelo jornal, desabafou:

– Adão!** Tinha que ser Adão, outra vez, o primeiro. E eu, com esse meu nome de Zaqueu, tô no final da fila. Até chegar minha vez, vão enterrar todos os mortos do dia, como na Itália, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Manaus, em vala comum. Minha mãe que era tão religiosa, tão leitora da Bíblia, por que não me batizou de Aarão, Abdias, Abner, Abraão, Absalão?

*1978

**Adão Nonato Ribeiro – 11-5-1947 a 19-5-2020

Desassossegos da quarentena

Luciane Martins Monteiro (Curitiba-PR)

Trancou-se em casa com seu silêncio. Cerrou portas e janelas, encerrou contratos e adiou prazos. Espiou a rua pela fresta da cortina: os vizinhos também se trancaram, as ruas receberam apenas folhas dançantes trazidas pelo vento. As casas fingiam-se de mortas, espiando a coagida mansidão do lado de fora. A vida pareceu se calar alguns instantes.

No prédio de quatro andares onde morava, os corredores sussurravam palavras incompreensíveis e não mais os passos insistentes, incessantes, dissonantes. Desejou muitas vezes aquele silêncio, sim, desejou impacientemente.

Sentou-se atenta e engoliu as mortes anunciadas pela TV. Então sentiu o medo sentar-se ao seu lado e se encolheu no canto do sofá para lhe dar lugar. Porém ele foi se instalando sorrateiro, arrastando-se pelas paredes, espalhando-se pelas almofadas, derramando-se no carpê. Viu quando escapou pelos beirais da porta.

Calou a TV, mas o mundo virtual escapou da tela e as vozes foram ficando cada vez mais audíveis em sua mente. Calou as redes sociais, pois percebeu que o vírus era também virtual, de modo que foi atingida pelo ódio, pelas contendidas, e levantou-se zozza pelos golpes recebidos. Calou a palavra. Silenciou de vez.

Começou a ficar angustiada com a solidão, pois o esposo nunca vinha. E, por um surto de segundos, esqueceu que ele nunca viera, pois nunca mais se entregara ao amor. O amor é para tolos, decidiu depois da última espera, depois da última morte de sentimentos.

O passar dos dias em isolamento aproximou desavisados e revelou verdades dissimuladas. O álcool entrou nas casas, entrou ainda em maior quantidade em goladas, subiu enlouquecido em mentes já transtornadas. À certa altura, as paredes não mais sussurravam, mas deixavam escapar gritos ensandecidos do casal do quarto andar.

Pensou ter ouvido um pedido de socorro, mas convenceu a si mesma que estava ouvindo demais. Quem sabe um grito abafado? Devia averiguar? Sim, questionou-se, mas temeu que o vírus pudesse invadir ínfimas brechas e calou a voz que quis clamar por justiça.

O isolamento não acabou, mas a vizinha sim, sufocada por seu agressor. Desconfiou pelo movimento no prédio, confirmou pela circular por debaixo da porta, a que se abaixou para ler com medo de tocar o papel. Caminhou de um lado para outro e correu lavar as mãos. A partir daquele dia, as paredes sussurravam sangue em seu ouvido, e lavava as mãos constantemente. Covarde, dizia-lhe uma voz latente no seu silêncio. Calou a consciência e foi lavar as mãos outra vez. Podia ter agido, mas não agiu, gritaram as paredes. Podia ter sentido, mas não sentiu. Calou a empatia. E foi novamente lavar as mãos.

Nesse meio tempo, não soube mais do vizinho do andar de baixo. Era um rapaz solitário, esquisito, que ela evitava. Ele talvez estivesse tão sozinho quanto ela, pensou, mas teve preguiça de carregar mais um peso. Calou a voz da solidariedade e ouviu apenas um estampido.

Não soube de mais ninguém, esquecia-se das refeições, seus raciocínios eram inexatos. Há quanto tempo estava trancada mesmo? Ela às vezes se perguntava. E por quê? Não sabia quanto tempo se havia passado, mas compreendeu que ninguém dela se lembrara. Pensou que, um dia, esqueceriam a vizinha morta também, pois viriam outras, e outros agressores e outros gritos sufocados, transformados em silêncio. Lembrou-se do jovem solitário que logo também passaria apenas a fazer parte das estatísticas. Lavou as mãos com muita força de dessa vez, e a água quente fez com que a pele descamasse, como ela própria se sentia descamando em partículas de si mesma se perdiam todos os dias. Já não sabia por que estava isolada. E, por isso, desceu em direção à rua. Antes de alcançar a porta do prédio, lembrou-se do senhor que morava sozinho no primeiro andar. Parou em frente à porta, fez menção de bater, mas acovardou-se em sua egoísta platitude. E calou a oportunidade de redenção.

A guerra acabou, disse a si mesma, sem saber quem havia vencido, pois não lembrava mais qualquer motivo para tanta escuridão. Não reconheceu aquela cidade, o mundo havia acabado. Não para a

humanidade, mas para ela, cuja mente rompeu-se em bolhas fatigantes de distorcidos raciocínios que já não mais se conectavam. Foi apenas mais uma, a quarta moradora de um prédio qualquer, a romper a barreira da sanidade nos desassossegos da quarentena.

Duelo sobre a mesa

Celso A. Lopes da Silva - Celso Lopes (São Paulo-SP)

Um dos peritos, impressionado pelo fulgor do embate, chegou a citar, textualmente, “*o caótico rio de pedras*”, narrado pelo escritor Umberto Eco*. E não sem razão; há de se acreditar, insistia o perito, que no auge desse enfrentamento imperioso, o interior de ambos seguia em contínua ebulição, revelando uma torrente furiosa, tal qual uma “correnteza de grandes rochas informes, placas irregulares e cortantes como lâminas, e amplas como pedras tumulares (...).

Aos olhos do perito, fora assim o duelo entre Dona Branca e o Professor Pio. Quem os conheceu no dia a dia informava que as desavenças entre ambos, não raro, surgiam após um silêncio profundo; nessas horas o ar ficava pesado e fazia brotar, às claras, um rancor íntimo desencavado. Acredita-se, informam os peritos, que esse conflito pode ter sido acentuado pelo toque de se recolherem ao lar, uma vez que integravam o grupo de risco imposto pela Pandemia. Foram encontrados, ali, sentados, frente a frente, na mesa da sala; cada qual em seu canto com a cabeça curvada e apoiada sobre o braço; o olhar de cada um deles parecia, certamente, dirigido ao outro. Lá estavam, inertes, até a descoberta. Cansado de ligar para os pais, o filho informou ao Zelador do prédio, e este, pressentindo algo estranho, levou o caso à polícia, que, instantes depois, solicitou a abertura do local e posterior autópsia.

O casal vivia há muitos anos naquele prédio do bairro. Ela, uma antiga professora de história; ele, ex- chefe de laboratório de biologia da faculdade, onde se conheceram ainda bem jovens. A perícia técnica apresentou anotações, laudos, infográficos e fotos, destacando um considerável número de Palavras Cruzadas abertas; um Volume *sisudo* de cor marrom; dois Dicionários que, pelas digitais, disseram os peritos, o Caldas Aulete seria o da Mulher, e o Aurélio, o do Homem. A perícia indicou que as sandálias da Mulher deixaram rastros. Observou-se que teria se deslocado até à cozinha, onde tomara café na térmica; depois,

deteve-se na estante da sala, de onde retirou o Volume marrom, que destacava na página interna: *“Instrumentos de Guerra da Antiguidade”*. Segundo a perícia, tratava-se de relatos sobre estratégias dos antigos exércitos, como o *“Apito da morte”*, descrito, ali, como *“um objeto sonoro criado pelos Astecas, que simulava estridentes gritos de pessoas em sofrimento, induzindo os adversários a um estado de transe desesperador.”* Apanhado o livro, Dona Branca se dirigira à mesa do embate. Então, ali, o duelo teve início para ambos. Cada qual com os seus compêndios de Cruzadas.

Segundo os peritos, era quase possível “ver” a agilidade da Mulher no desafio das verticais e horizontais, sem tréguas ao adversário; indicaram ainda, que, em determinado instante, os olhos da Mulher foram ao encontro dos olhos do Homem. O abalo causado por esse olhar, disseram eles, fragilizara o oponente. Na praça de guerra, o espalhamento das revistas acenava com que a estratégia do Homem seguia rápida com rigorosa atenção nas armas de combate. Ao Homem, fortaleciam-lhe as publicações relativas a filmes, teatro, música, biologia e literatura química. Novamente, “pressentia-se” a voz da Mulher de forma explosiva no território da disputa. Podia se ler, com clareza, uma das perguntas: *“Animal mitológico associado à virgindade, tem a forma de um cavalo com um único chifre frontal?”*. Bingo. “Unicórnio”. Assim assinalara a Mulher. Ao Homem, restava-lhe o sofrimento frente à pergunta quase sussurrada: *“- O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo?”*.

Segundo os peritos, os sinais mostravam, vivamente, que o professor Pio estancara-se com a caneta no ar; pois sentia, naquele embate infernal, a Mulher apontando-lhe as armas de Guerra. Aquelas tamanhas e poderosas, como a Catapulta, arma de ataque capaz de quebrar barreiras dos homens, especialmente, os encastelados e protegidos em cidades muradas. Haveria de destruí-lo, caso ele persistisse. Lançaria sobre seu adversário as mais potentes armas, que haveriam de liquidá-lo no interior do palácio. Recuasse, portanto, ou então, receberia o golpe mortal: haveria de lhe atirar a maldição das esposas incompreendidas!...

Para os peritos, a mente do Homem dirigira-o para a área química. Ou ele a superaria agora ou haveria de viver a maldição das esposas

abandonadas. O Homem sussurrava, exalando suor frio. Ele sentira o baque. Doeu-lhe a força desse punho gigante da Mulher à sua frente. Por isso, olhava, agora, de dentro do seu próprio silêncio, para dona Branca, enquanto lançava mão do seu Aurélio: — *O nome de uma das sete maravilhas do mundo antigo!*... No entanto, as tentativas se mostraram infrutíferas e o silêncio fora quebrado, apenas, pela retórica ascendente da Mulher. “— *o Santo Graal também é chamado de ?*”. Neste ponto, os peritos adicionaram laudo: “*na sala avolumada de silêncio, podia ser percebido os contornos grandiosos dos olhos do Homem e da Mulher, como fossem eles, Dona Branca e o Professor Pio, os guerreiros autênticos das antigas Cruzadas, os soldados de Cristo.*” Então, enquanto a Mulher já se debruçava nos desafios da sua *Coquetel Super*, um certo vazio se instalava no ambiente.

Agora, as horizontais da *Passatempo* do Homem pediam ajuda aos deuses da sabedoria: “— *Trepadeira comumem muros - com quatro letras?*

— *A flor da idade, no sentido figurado - com nove letras?*”... Enquanto o Homem entendia a necessidade urgente dessas respostas, ela, a Mulher, garantem os peritos, ganhava distância a olhos vistos. As palavras cruzadas exigem mais que uma brincadeira — ironizava em seu silêncio — como se mostrasse a ele, ao Homem, que as Cruzadas não brincam. Então, a Mulher preparou-lhe um olhar fulminante repleto de força bruta sonora: “*Lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto, lutamos mal rompe a manhã (**)*”. E tomada pelo poder dessas palavras ditas, eis que, então, sob suas mãos, elas, as palavras, ganharam formas definidas de ataques: primeiro as pontiagudas, depois as cortantes, e por fim, as explosivas... E assim, a Mulher lançara, inapelavelmente, sobre Homem, os seus *escudos especiais*. Ao Homem, restava-lhe manter a distância adequada para não ser ferido de morte. Mas para sua festa surgiram os filmes, teatro, música, artistas e afins. O Homem sorriu largo, pois, se sentia no páreo; E assim seguiu ele, devorando com gulodice as suas anotações: — *Em que cidade nasceu Yusuf Islam (conhecido como Cat Stevens?)— Qual série de TV tinha como protagonista o Ator Peter Falk? ...* Como previsto, o Homem avançou três compêndios e cinco páginas, mas ainda era pouco. No entanto, com o *rabo-dos-olhos* ele

percebeu que a incomodara. A Mulher, ali, embatucara-se diante dos símbolos químicos. Ele ouviu, sim, a ênfase retórica, insistente, carregada de nervosismo: — Enxofre?... Lítio? A mente não lhe faltaria nessa hora — sorriu triunfante. A toxicidade das substâncias químicas dançava à sua frente, como um gás mostarda, cloro, ácido cianídrico, mas ele, ali, definira-se pelo *Napalm* - O gel pegajoso e incendiário usado nas guerras trágicas do Vietnã, Laos e Camboja porém, confessava a si mesmo que não viveria a dor do engenheiro Jeff O. Stanford — Chefe do Laboratório Químico dos USA, responsável pelo envio do *Napalm* às frentes americanas que, diante do grito antibélico do mundo, e culpando a si mesmo pelo genocídio, suicidara.

Assim, a Mulher, novamente, ganharia a dianteira:—*Península que abriga a Grécia e a Croácia? - Nome de Deuses da Mitologia Grega?... E então, decidida a trucidá-lo, sem perdão, tomou para si as armas decisivas. Com destreza e maestria, Dona Branca apossara-se dos Estrepes e Culverins; segundo os peritos, “armas medievais atiradas contra a cavalaria inimiga”. Desviando desse campo minado, o Homem titubeava em seu abecedário: — Substância encontrada em vegetais, de grande importância para o funcionamento do intestino? Os passos seguintes formariam a barreira implacável. O Homem sofria a cada pergunta que preferia não ouvir: — O maior império do mundo (em duração)? - Rei pagão denominado pelos judeus como o Messias?... As muralhas e fortificações, postas ao chão naquela guerra, levaram-no à rendição. O ar, agora, lhe faltava — disseram os legistas. Portanto, febril, cansado e ofegante, ele se acomodara sobre a mesa, com a cabeça inclinada no braço curvado, e o olhar, certamente, dirigido às pupilas da Mulher. E então, a Mulher, com sua respiração traumática naquela batalha sangrenta, em que vencera o homem encastelado, numa luta silenciosamente inumana, reconheceu no antagonista, conforme a perícia, um guerreiro, alguém de valor e à altura, o que a levava à rendição definitiva.*

A ausência do ar, agora, sufocava a ambos — disseram os exames. Portanto, também ela, Dona Branca, acomodara-se na mesa com a cabeça inclinada e o olhar certamente dirigido às retinas do professor Pio!... Fortalecendo a narrativa técnica, o perito retomaria o “*caótico rio de pedras*”, criando, aleatoriamente, um apoteótico final: “*nenhuma voz*

humana podia se fazer ouvir naquele instante fatal sobre o duelo na mesa; embora ambos, ali, tivessem o desejo de falar, de se despedirem de toda a carga de emoção que arrastavam consigo, não conseguiriam. O ‘rio de pedras’ interior que os conduzia, enfurecia-se cada vez mais, levando tudo ao redor para as invisíveis vísceras da terra, pulverizando cascalhos, blocos e rochas para exprimir, talvez, a impotência maior do Homem e da Mulher frente ao embate do vírus vencedor.”

Nota: (*) Umberto Eco – Confissões de um jovem romancista. Ed. Record/2018. (**) Versos do poema “O Lutador” – Carlos Drummond Andrade.

Era uma vez uma pedra que...

Laércio Peixoto do Amaral Neto (Fortaleza-CE)

Antes de continuar você deve estar se perguntando: “que história tão surpreendente poderia começar com – Era uma vez uma pedra?”. Ah, meus amigos! Se me fazem essa pergunta certamente não conhecem a Pedra. Não, não estou louco de pedra ainda (com perdão do trocadilho). Essa pedra tem nome com “P” maiúsculo mesmo, pois esta não é qualquer pedra.

Sua história pode até ter começado como a das outras pedras, sendo vomitada de dentro das entranhas da Terra por um vulcão com indigestão, mas, a partir daí, sua história foi bem diferente. Os detalhes da vida da Pedra foram contadas por outro, e não sou eu quem vai repetir essa história, pois esse “outro” em breve surgirá aqui, como personagem desta história. Mas, como já perceberam pela frase no início desse conto esse “outro” não é nosso personagem principal, mas sim a Pedra.

Conta-se, naquela história já escrita, que a Pedra era uma contadora de histórias, profissão que pedra alguma tivera antes. E ela era reconhecida por outras pedras. Não só por elas, mas também por muitos dos que escreviam as histórias que ela contava. Na última parte da aventura da Pedra, como contada naquela história, a nossa amiga viajante conheceu grande parte do mundo com seu amigo Paulo.

Certo dia Paulo tomava café em um lugar estranho, mas que avivou certas lembranças de Pedra. Aquela cidade estava diferente, cheia de amontoados de casas, umas sobre as outras e por todo lugar carroças barulhentas que não eram puxadas por animais. À noite, ao invés de estrelas, as ruas eram iluminadas por lampiões que funcionavam sem fogo. Tudo era muito diferente do que Pedra lembrava, quando os carros eram poucos, bondes cortavam a cidade e os postes tinham luzes alaranjadas, mas com certeza aquela era a cidade que Pedra estivera muito tempo atrás, quando ela vivia com Rachel.

E foi naquele café onde a Pedra estava com Paulo que chegou mais uma vez a hora do mineral ser passado adiante. E foi naquela cidade

quente que a Pedra foi entregue por Paulo para um homem que fazia a Pedra lembrar de todos os seus antigos amigos. Ele era meio careca como Carlos, com óculos de armação grossa como os de Rachel, sorriso e voz suaves como os de Cecília e barba com fios brancos como a de Paulo. Seu nome era Helton.

Qual não foi a empolgação da Pedra ao saber que sua aventura continuaria! Mal podia esperar para saber que tipo de histórias Helton escrevia, aquele homem que tinha um pouco de cada um dos seus amigos anteriores.

Não demorou para Helton chegar em casa e a Pedra curiosa fazer um reconhecimento do ambiente. Estantes de livros e uma mesa com vários deles empilhados eram vistos em todos os lugares. “Teria eu chegado ao Paraíso?” – Pensou a Pedra. Enquanto os outros com quem andara escreviam folhas e folhas, e possuíam alguns livros apenas (com exceção de Paulo, que possuía uma bela biblioteca) Helton tinha uma sala cheia de livros! Será que ele teria escrito todos eles? Certamente a Pedra leria coisas lindas que aquele homem escrevera.

Sua primeira experiência, no entanto, foi frustrante. Helton abrira um dos livros mais grossos sobre a mesa e apoiou a Pedra sobre ele, para que as folhas não voassem levadas pelo vento forte soprado por um aparelho de pás giratórias que balançava a cabeça de um lado para outro. Quando a pedra começou a ler não compreendeu muito bem. Aquele livro era cheio de números que indicavam capítulos muito pequenos, outros maiores, e artigos antes de frases que, aparentemente, contavam uma série de regras do que as pessoas deveriam ou poderiam fazer ou não fazer. Sem dúvida nenhuma a Pedra acabara de encontrar o livro com histórias mais chatas que ela já havia lido! Na verdade, ela nem tinha certeza se aquilo seriam histórias mesmo. Mais tarde, a Pedra aprendera que aquele livro tratava de “leis”, mas isso não fez com que a Pedra gostasse mais delas por causa disso.

A Pedra, então, ficava no quarto escuro, cercada de livros e pela primeira vez em muito tempo os achava todos chatos. Mesmo que a insistência da Pedra fosse grande, começou a baixar sobre ela um desinteresse pela leitura. Depois de ter viajado como ela fez, cada vez na mão de um escritor mais maravilhoso e com histórias tão diferentes ela

não conseguia entender como nem porque Paulo a tinha entregado para Helton, que aparentemente só tinha olhos para aqueles livros que nem histórias contavam! E mal ele percebia ou ligava para a Pedra, que também, depois de muito tempo, voltara a se sentir solitária.

Uma noite Helton aparentemente chegara cansado mas, mesmo assim, sentou em sua cadeira e começou a abrir aqueles livros de “leis” e começou a fazer anotações em folhas. “Estaria ele escrevendo uma história?” pensou a Pedra. Ela lembrou que Cecília, Pedro, Paulo, Rachel e Carlos também se inspiravam e liam outros livros algumas vezes antes de escreverem suas próprias histórias e, em mais uma tentativa de fé em Helton, a Pedra se esforçou para descobrir se, de alguma forma, aqueles livros tinham o inspirado a escrever algo. E qual não foi a surpresa da Pedra ao ver que ele simplesmente copiava aquilo que estava escrito! E não era como se estivesse transcrevendo alguns versos para escrever uma carta para alguém (a Pedra já tinha visto os outros fazerem isso, embora nunca comentasse muito sobre isso). Helton transcrevia artigos e parágrafos e adicionava anotações que incluíam muito pouco sentimento ou exigiam pouca criatividade. Naquele momento, se Helton ou qualquer um pudessem perceber quando isso acontece, ele veria que a Pedra chorava. Depois de tantas histórias e viagens a Pedra tinha parado ali, com alguém que não se interessava por histórias. Em seu desespero Pedra começou a lembrar de quando vivia com Paulo, quando contava histórias que lera para outras pedras. Lembrou de quando foi chutada pela primeira vez e tirada a força do caminho de Carlos. Lembrou de quando estava com Rachel, das agradáveis horas na casa de Cecília e nas viagens com Paulo. Enquanto divagava perdida em pensamentos percebeu que não apenas pensava, mas contava suas histórias ao vento e aos livros chatos que a cercavam. Quando olhou em volta percebeu que Helton dormira sobre as anotações e os livros e, de certa forma, ficou um pouco aliviada por ninguém ter ouvido seu lamento.

Naquele momento, no entanto, Helton se levantara de súbito. “Que sonho estranho” a Pedra o ouviu falar enquanto ele botava os óculos e procurava algo ao redor. Qual não foi a surpresa dela ao descobrir o que

ele procurava: ele procurava por Ela! Helton pegou a Pedra e disse “Acho que você tem uma bela história para contar, minha amiga!”.

Aquele foi o dia em que o quarto mudou. Helton por vezes chegava e agora conversava sempre com a Pedra “O que você me conta hoje, minha cara?”, e dizia isso enquanto ligava uma tela parecida com a de Paulo e escrevia sem parar uma história que a Pedra bem conhecia: a História dela! E a partir daquele dia Helton e a Pedra se tornaram amigos, Helton escrevia sempre as mais belas histórias e ideias, e sempre conversava com a Pedra, que não era mais apenas uma contadora de histórias. Agora era também a personagem principal da história dela própria, graças ao homem estranho que era meio careca como Carlos, com óculos de armação grossa como os de Rachel, sorriso e voz suaves como os de Cecília e barba com fios brancos como a de Paulo... e uma criatividade que lembrava a de todos eles juntos.

P.S: Se você quiser conhecer a história original da Pedra, veja no livro “E eu, só uma pedra” de Helton Pereira e ilustrações de Cau Gomez da editora Cepe.



Dedicado a um amigo de histórias e companheiro de viagens entre Inim e Eruma e àquela que, entre aqui e lá, me encoraja pacientemente para que os contos do Livreiro deixem de ser Incompletos.

É só desligar o aparelho

Diego Santos de Quadros (Porto Alegre-RS)

Desde as eleições passadas, ele resolvera cortar relações com familiares e conhecidos. Sentia-se decepcionado com o nível de imbecilidade a que algumas pessoas foram capazes de chegar na defesa de valores que até pouco tempo configuravam motivo de vergonha. Pelo bem de sua própria saúde, decidira que o melhor a fazer era adotar a prática do distanciamento social, ainda antes do surto de pandemia daquele vírus novo. E isso significava afastar-se de todos, amigos e parentes, vizinhos e colegas de trabalho. Viveria à margem da insanidade social.

O primeiro passo seria cair fora de grupos do Whats App e reduzir a quase zero o acesso em redes sociais da internet, e assim foi feito. Deletou seus perfis e só não destruiu o telefone celular a marteladas porque infelizmente necessitava do aparelho para certas tarefas, como ler livros digitais e chamar transporte de aplicativo, por exemplo. De resto, não queria mais saber de discussões, debates, opiniões furadas, notícias falsas e defesas vazias de pontos de vista. Que fossem tudo e todos para o Inferno.

Levava tão a sério as novas resoluções, que por meses evitou comparecer até mesmo a velórios. Se o morto era alguém de quem gostasse, procurava reviver na memória os bons momentos compartilhados como forma de homenagem póstuma. Mas então a covid-19 chegou para mudar certos hábitos coletivos. Quando faleceu uma tia sua do interior, vitimada pelo coronavírus, um primo distante lhe enviou por sms um aviso de que o rito fúnebre ocorreria de forma virtual, bastando que se clicasse no link disponível ao final da mensagem para ter acesso ao velório online.

Havia mais de década não tinha contato com a velha, coitada. Era provável que já nem mais soubesse que tinha sobrinhos; da última vez, disseram que ela padecia de Alzheimer, e ele não deixou de especular se, de tal forma, quem sabe, ela sofresse menos em seu derradeiro estertor. Fosse presencial, seria apenas mais um velório ao qual deixaria de

comparecer. Esse, porém, inaugurava a modalidade a distância em seu âmbito familiar. Escolhera pelo autoexílio, é verdade, mas também não era um cara totalmente insensível. Resolveu dar uma passada na cerimônia da tia para desejar o último adeus.

Desta feita, à hora constante na mensagem de celular, ele clicou no link e foi redirecionado para o site do grupo que controlava uma rede de cemitérios na cidade. Deparou-se, logo de início, com um banner avisando que se tratava de um velório online e gratuito, uma medida adotada pela empresa como forma de combater a proliferação da pandemia de covid-19. Ele fechou o banner e então abriu-se um formulário solicitando a assinatura na lista de presença antes da entrada na capela virtual. Fê-lo.

Liberado o acesso, uma mensagem anunciava a presença de oitenta e sete convidados na sala. Admirou-se com a popularidade da tia. No seu próprio velório, ainda que realizado a distância, ponderou que o número de presentes certamente não chegaria a oito. Diversos rostos alternavam-se numa barra lateral: eram os convidados que possuíam câmeras ativas em seus computadores e celulares. Reviu alguns primos, os pais (aos quais enviou um aceno tímido, quase constrangido), meia dúzia de velhinhas carolas (amigas da falecida) e inúmeros outros desconhecidos.

A imagem predominante na tela, entretanto, era o caixão lacrado da tia, amparado por dois cavaletes numa capela quase vazia do cemitério, zelado exclusivamente por um funcionário da rede fúnebre, provavelmente o coveiro, irreconhecível sob o traje de proteção contra ameaças biológicas. Era inevitável comparar a imagem às cenas de filmes-catástrofes abundantes na indústria de entretenimento, cuja temática envolve uma epidemia qualquer, tipo de vírus zumbis.

A cerimônia teria duração de uma hora, tempo máximo permitido pelas autoridades sanitárias, mas ele nem pretendia se estender tanto. Quinze minutos após ter entrado na capela virtual, sob a desculpa de ir fumar um cigarro, ele apertou a setinha do monitor touchscreen, abandonou o site e deixou para trás aqueles rostos taciturnos, lamentosos, estranhos. Deixou para trás o caixão lacrado, dentro do qual jazia o corpo inerte e contaminado da tia. Deixou para trás aquele coveiro disfarçado de

astronauta. Deixou para trás a pandemia e a morte. Deixou para trás o seu próprio passado.

Se tem algo de útil nessa nova modalidade de hábitos sociais, como vídeos online, por exemplo, é a vantagem de que para cair fora deles, basta apenas desligar o aparelho.

Enfim na rua, no mundo e além

Alessandra Cysneiros (São Luiz-MA)

Ele caminha na calçada. Primeiro dia que põe os pés na rua depois que tudo começou.

Na banca nota a manchete: Idosos eram 15% da população, agora são 8%.

Desvia o olhar contrariado. Caminha mais um pouco.

Já na praça... Ninguém.

Onde estão aqueles velhos canastrões? As mesas de concreto para damas estão vazias. Ele anda e sente as juntas rangendo.

Lembra do gosto da cachaça que lubrifica.

No boteco que sempre frequentou um cartaz diz LUTO.

Não ouve os pássaros, somente as folhas secas a cada pisada.

Umás crianças estão no balanço gritando.

Ele está sorrindo, o sol depois de muito tempo toca sua pele retocada.

Olha para cima, admira a castanheira e seus galhos.

Por entre eles, o céu azul convida. Quase vê uma escada feita de nuvens.

Em volta, carros buzinaam, pessoas batem o tapete das lojas na porta.

O mundo continua... A vida pulsa resplandecente!

Fecha as pálpebras.

Fim do passeio. Hora de voltar para triste e escura caixa que já se encontra no fundo. Os velhos canastrões estão nesse lugar, vestido de preto. Murmúrios e choro no ar.

O que ouve por fim é a pá devolvendo a terra ao buraco que cavou.

Era uma vez na pandemia

Rhayssa Isabele Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)

Olá, caros espectadores, como estão? Hoje venho lhes contar uma história muito interessante, talvez para vocês seja irrelevante, tendo em vista todas as milhões de coisas mais importantes que já aconteceram no mundo ou estão acontecendo neste momento. Porém, é uma história intrigante, de como em meio à escuridão e ao desespero, pode surgir a luz.

Não será uma narração extremamente detalhada, nem contarei como foi que interferi neste relato. Isso vocês terão que descobrir sozinhos. Mas afinal, quem sou eu?

Durante a breve existência do mundo tive muitas formas e nomes. Na mitologia grega, era conhecido por Moiras, três irmãs que me determinavam. Na mitologia romana, este nome caiu em desuso, fui chamado de Parcas. Alguns me descrevem como “ordem necessária”. Um famoso filósofo, de nome Schopenhauer, me pinta como “ação determinante”. Já outros falam simplesmente que é Sorte. Várias pessoas me utilizam como lugar para onde querem ir; algumas outras nem sequer acreditam em minha existência.

Muito prazer, a maioria me conhece como Destino.

Dizem que eu torno a vidas das pessoas uma bagunça, que estrago a vida da maioria delas. Culpam-me quando acontece algo ruim, como a morte. Também proferem que sou responsável por coisas boas, como encontrar o amor verdadeiro (naquele instante e naquele lugar). Sou o responsável por todas as vidas, mas não tenho a função de tirá-las. Esse é o trabalho da minha velha amiga, a Morte. Trabalhamos em conjunto desde os primórdios da existência.

É necessário que vocês saibam que o ano de 2020 foi muito imprevisível na Terra: um vírus surgiu e causou uma pandemia mundial, o que obrigou boa parte das pessoas a ficarem em suas casas para não propagarem a doença. Todas as escolas e faculdades tiveram suas aulas presenciais suspensas; os eventos esportivos e festivos foram cancelados;

aglomerações não eram permitidas. Nossa história especificamente se passa no Brasil. Não posso dizer como aquele ano terminou ou mesmo quantas pessoas sobreviveram, pois o que importa agora é a história que vou lhes contar.

Quem olhasse para Manuela não perceberia nada de diferente em sua aparência. Ela tinha o cabelo cacheado e ruivo, olhos acinzentados que não chamavam muita atenção. Tinha uma feição agradável e um sorriso acolhedor. O que fazia aquela garota se destacar era o seu interior. Calma, não estou falando de seus órgãos ou algo assim, estou falando dos valores que carregava dentro da alma e sua inteligência. A garota possuía uma personalidade tão excepcional e diferenciada que pouco importava a aparência. Ela era ponto de paz para muitos e nunca deixava nada estragar o seu dia; era paciente e serena.

Manuela passou em uma das melhores universidades do país, depois de muito esforço e estava cursando o primeiro ano de Ciências Políticas, vivia com seu grande gato branco em um apartamento nas redondezas da faculdade quando o fato se deu. Sua família morava em uma cidade distante e, com a pandemia, a garota ficou “presa” longe dos seus entes queridos.

No dia específico em que a nossa história aconteceu, a menina chorou de saudade dos amigos e se sentiu muito mal, gostaria de estar na casa dos pais.

Foi, então, que uma ideia passou pela cabeça de Manu: sabia perfeitamente cozinhar! Decidiu fazer um bolo, igual o que fazia para seus amigos todos os verões. Leu rapidamente a receita e percebeu que faltava o fermento.

Quando percebeu tal fato, quase desistiu de fazer a receita, porém ponderou que havia uma mercearia a uma quadra dali. Ela usaria sua máscara, álcool em gel e voltaria rapidamente. A saudade de casa voltou como um baque e a moça decidiu comprar o fermento para apaziguar a tristeza que teimava em se instalar.

Três quadras atrás do apartamento de Manuela, em uma casa bonita, vivia uma família feliz: um pai, uma mãe e dois filhos – uma menina e um menino. A garota tinha os seus 19 anos e o menino, apenas

6. Possuíam dupla cidadania, pois eram metade mexicanos. O patriarca da família tinha seus pais naquele país e, regularmente, a família visitava-os.

Naquele dia específico, a família decidiu cozinhar tortillas, um prato típico do México, mas faltava fermento para a massa, o que a mãe achou estranho, pois jurava ter comprado. De qualquer forma, coube à filha mais velha, Lupe, ir até a mercearia comprar o bendito fermento. Contra a vontade, a garota bufou, pegou o carro, sua máscara e partiu.

Se colocássemos Manuela e Lupe lado a lado, você notaria a diferença de cara. As aparências eram distintas. O que mais chamava a atenção na segunda moça era o cabelo de um azul escuro e brilhante, também a altura: a mexicana era extremamente alta, esguia e, por último, possuía os olhos mais verdes do mundo. Ela também tinha o um gênio extremamente forte, com opiniões formadas sobre tudo e era muito inteligente.

As duas garotas nunca tinham se visto antes e muitos diriam que se não fosse o Destino (eu? Cara de surpresa), elas nunca se conheceriam. Ainda bem que eu estava lá, não é mesmo?

Quando Manuela chegou à mercearia foi logo em busca do fermento, imaginou que estava perto da farinha e se dirigiu para aquela direção.

Lupe já vagava por ali fazia um tempo, muito distraída, finalmente chegou à última seção e avistou um potinho solitário de fermento. Quando colocou a sua mão em volta do pote, outra mão também estava ali e não era sua, nem a minha. A raiva subiu e a mexicana se virou para o indivíduo ao seu lado.

Quando os olhares se encontraram eis o que aconteceu: aquele momento. O maldito momento em que o amor nasce dentro das pessoas. Por que o chamo de maldito? Porque esse sentimento é traiçoeiro, leva as pessoas a cometerem loucuras. Vejam como acabaram Julieta e Romeu, Jack e Rose, mortos. Maldito o dia em que deixei os seus caminhos se cruzarem. Mas voltando às garotas, encararam-se por instantes.

Na cabeça de Manuela estava o mais belo e interessante ser. Em contraponto, Lupe se perguntava como aquela garota podia possuir tão exótica beleza. Porém, o incômodo de Lupe não diminui, começou a falar com grade grosseria:

— Moça, eu peguei esse fermento primeiro.

Manu revirou os olhos:

— Não, tenho confiança de que peguei antes.

Um brilho de raiva passou pelos olhos da garota de cabelo azul:

— Eu preciso desse fermento, garota.

Manu se exaltou:

— Estou sozinha nessa cidade com uma pandemia acontecendo e com saudade de casa, quero fazer um bolo que me traga lembranças, e peguei o fermento primeiro, então passe pra cá.

Lupe ficou com a consciência pesada e deixou que a garota ficasse com o pote. Ambas sorriram, entretanto, as máscaras coloridas não permitiram visualizar os lábios. Os olhos disseram tudo. Estava feito.

Eu, o famigerado Destino, tenho plena certeza de que aquelas garotas não imaginavam que encontrariam o amor vagando ali, naquele dia e lugar. As duas eram almas gêmeas, não dava para negar.

Dizem por aí que as almas gêmeas são indivíduos que se conheceram nas origens do universo e que estão destinadas a se encontrarem em todas as vidas. Não posso afirmar que isso seja real, todavia elas se completavam. O fim.

Estrelas

Ricardo Luigui Živko (Capanema-PR)

Que chuva do djanho que não acaba, desse jeito a gente não sai de casa nunca. Mas pai, a gente tá de quarentena, não pode sair mesmo. Diz a menina com seus olhos curiosos cor de mel. Seus cachos castanho-claros já descem os ombros novamente, seus pais permitiram um corte novo em seu 6º aniversário. Com a testa franzida, mas olhos condescendentes o pai observa a filha. ‘Cê tem razão filha, tem razão, mas papai precisa trabaiá. Mamãe já foi demitida, segunda o papai tem que voltá a trabaiá ou é demitido também. O que é demitido, papai? É ficar sem trabaio filha. Sem trabaio, sem dinhêro. Sem dinhêro, sem comida, sem ropinha, sem barbie. Mas mamãe fala que lá fora é ruim, não pode. Não tem outro jeito, pai? Pra nós não, filha, vamo dormi, que pra isso a chuva é boa. Mas eu tenho medo pai, esse barulho me assusta. Que boba ‘cê é Maju, medo eu tenho é do silêncio. Vem, hoje ‘cê dorme c’a gente.

Ô, piá, ‘ssa máscara não protege só teu queixo não. O homem observava o dono da voz rouca que o satirizava. Era um senhor, aparentemente já septuagenário. Havia várias rugas espalhadas por todo o flácido rosto, por baixo do chapéu cata ovo certamente havia também cabelos ralos e grisalhos, talvez brancos. É ruim de respirar, disse por fim. É pior ainda c’uma embolia pulmonar, acredite. Os cantos da boca continuavam arqueados para cima, entregando que se tratava de uma brincadeira. Essa doença nem chegou aqui, pensou o jovem trabalhador incomodado. No fundo tinha medo, a filha tinha bronquite, com ele nada aconteceria, mas com ela... Mas era cedo demais para tanto alarde, nem tinha casos nesse interiorzão do Paraná, São Paulo era perigoso, isso sim. Aqui, nada estava para ocorrer, não logo, talvez nem ocorreria. Estava parado no meio da calçada, seus olhos ainda não haviam desviado do senhor, mas atravessavam seus olhos e o banco de praça em que estava sentado. Já o senhor e seus olhos joviais com sobrancelhas grisalhas e sarcásticas o encaravam durante todo este devaneio. E você não deveria

estar em casa? Talvez, piá, talvez. Decidiu ir trabalhar, aquela conversa não o levaria a nada. Puxou a máscara até cobrir o nariz e foi.

Em cima da hora, hein, Zé, achei que tava com medo de gripe. O comentário foi seguido de uma risada em forma de grunhidos, bem característica de seu chefe. Não gostava dele, porém o respeitava, era sábio. Muitas vezes não concordava com ele, mas isso reforçava o seu pensamento: o chefe era sábio. Não concordar com ele apenas comprovava a sua própria burrice. O chefe tinha estudo e tinha a loja, duas coisas que o homem não tinha. Medo? Claro que não, senhor. Respondeu prontamente, o chefe não gostava, nem de reclamação, nem de demora. Quê? Ouvi porra nenhuma! Não tô com medo senhor. Falou mais alto. Ele sempre tivera dificuldades para falar, agora com a máscara piorara ainda mais. Tira essa máscara, Zé, se eu não te escuto imagina os clientes, se os fiscais vêem tu bota ela de novo.

Oi, amor, tudo bem? Tudo, sim, vida, e contigo? O homem não espera a resposta para abraçar e beijar a esposa. ‘Cê tá com uma cara péssima, amor. Trabalho não foi fácil hoje, o chefe me estressa às vezes, e como tá nossa filhota? Tá assistindo uns desenho, vai lá dá um beijo nela e já trais pra cumê, ainda tem aquele pão de mio muito bom. O número de óbitos diários por Covid-19 bate recorde novamente, os casos também estão em uma crescente perigosa que coloca o Brasil como segundo país com mais casos. Especialistas consideram o país como o novo epicentro da pandemia. Filha, que é isso que ‘cê tá ‘ssistindo? É o jornal, pai. Disse pulando em seus braços, uma cena muito rotineira, mas parecia diferente hoje. Era um abraço de saudade, mas o rosto se escondeu mais no seu peito do que o normal, também havia medo, uma necessidade de proteção. É melhor você não assistir essas coisas, filha.

A comida tá uma delícia, amor, obrigado. Que bom que gostô, ‘cê faz a comida e o serviço a semana intêra, o mínimo que posso fazê é ajudá no fim de semana. Bobo, ‘cê é incrível, sabia? O olhar de admiração brilha e reflete nos olhos da pequenina que observa os pais. Esses dois se conheceram há 7 anos, José tinha 18, Rosa tinha 15. O atrito entre seus olhares produzia faíscas desde aquele tempo e esquentara o seu amor até então. No começo eram labaredas de fogo, se queimavam. Agora era

lareira, se acolhiam, se aqueciam, eles três. Ele a esperava todo dia na frente do colégio para acompanhá-la até em casa e depois ir trabalhar. Não almoçava, só Deus sabe como se mantinha em pé, mas não comia uma migalha, não dava tempo. Ou era Rosa, ou era almoço, os dois não dava. Tomava café da manhã e jantava no colégio, lá comia bastante. Vem só pra comer? Diziam e gargalhavam. José gargalhava também, mas era a verdade, a comida ali era melhor e muito mais abundante que a compartilhada entre seus três irmãos mais novos. Um já se afastara de casa, foi pra cidade grande trabalhar, ele seria o próximo, se não fosse a filha. Largou os estudos e conseguiu trabalho de segurança em hotel, trabalhava da meia noite até as seis. Às sete e meia começava na marcenaria, trabalhava 4 horas e parava 1 hora e meia para almoçar e sestar, agora não tinha mais almoço no colégio. Voltava ao trabalho e ficava mais 4 horas, o resto do dia, jantava e dormia. No fim de semana sobrava um tempo para encontrar sua amada. Algumas semanas antes do nascimento da filha se mudaram, morariam juntos, só não é a mesma casa de agora, o pessoal dessa cidade é sacana aumentando preço de aluguel. Mesmo com toda negatividade e descrença construíram uma vida juntos, eles três. Não é muito, mas tem amor. E é por isso que hoje eles jantam o omelete de José. ‘Cê também é incrível, amor.

Como assim festa, teu chefe é loco? Eu não sei, amor, não é pra tanto, o fio dele casô e ele qué comemorá com o pessoal da loja. O fio dele que teve o casamento cancelado? E o que tu tem a ver com fio dozotro, home? Não vai tê tanta gente assim. E daí? Não era nem patê festa, como que não cancelam isso também? É que essa ele vai fazê na casa dele, só pos mais chegado. No quarto ao lado a menina dormia, não fazia ideia da discussão, nunca soube, os dois sempre se esforçavam para não acordá-la. Pelo menos até hoje. Tu é loco, home? Qué por eu e minha fia em perigo só porque teu chefe não vai gostar que tu falte? Meu serviço depende desse tipo de coisa, muié, o sustento dessa casa. Tu sabe como aquele cara é chato, eu sempre te falo. Foda-se ele, José, eu não ligo, minha fia não vai em festa nenhuma. Nossa fia Rosa, nossa fia. A menina, em silêncio até agora, se manifesta, seus pais não haviam notado sua presença. Seja pelo calor da briga ou pelos olhos da criança que dessa vez não iluminavam a escuridão.

Posso dormi aqui hoje? Tô com medo de trovão. Lá fora o chão continuava seco, os trovões eram os gritos dos pais. As lágrimas eram a chuva.

Ué, cadê a filha e a mulher? Perguntou o chefe vindo recebê-lo. Tão em casa, a Maria tá com febre e a Rosa ficô pra cuidá dela. Febre? Tomara que não seja Corona. Disse, rindo, um sujeito que estava ao lado do chefe. Este que, para entrar na brincadeira, entre grunhidos falou. Acho que elas sobrevivem a uma gripezinha, não se preocupe. Meio sem graça, José ri, o chefe gosta que riam de suas piadas idiotas. Novos convidados chegam para tomar a atenção do chefe, graças a Deus. Fica à vontade, Zé. Se afastou e procurou uma bebida para tentar ficar à vontade, a tarefa que seu chefe lhe passara era um tanto difícil.

Toma cuidado, piá, se bebê demais como vai volta pra casa dirigindo? O homem, que já desistiu de cerveja e agora insistia em algumas doses de uísque, levantou a cabeça, que lhe pesava muito mais que o normal. Ele conhecia essa voz. Encarou os já conhecidos olhos joviais, que pareciam estranhamente mais velhos. O que 'cê tá fazendo aqui? Dá pa dizê que eu conheço o pessoal, e você, piá? O pai do cara que casou é meu chefe. Entendo, sabe, acho que você não deveria estar aqui, José. O jovem concordava, sabia que seu lugar não era ali, beber só o ajudava a entender ainda mais isso. E nessa festa foi só o que fez, além de ouvir comentários alheios, comentários que o ajudaram a se opor ao senhor. Um gesto de rebeldia. Agora um home não pode nem se divertir mais por causa de um resfriadinho que tanto falam? Eu não tenho medo, sempre trabaiei igual um cavalo, mesmo embaixo de chuva, não é agora que uma doença dessas me derruba. O senhor fica sabendo que ninguém tira meu direito de ir e vir. Tá na lei. Agora me diz, por que que eu devo te ouvi? Porque sua fia precisa de tu, se quiser uma carona eu tô saindo agora. E foram embora.

Já é o quinto caso confirmado em Capanema, adivinha quem é? Não sei, muié, como que vou saber! É o fio do teu chefe. Mas eu nem vi esse cara na festa, fica tranquila, já passô mais de uma semana e ninguém aqui em casa teve sintoma. Não é assim que funciona, José, tu não assiste jornal, não? Sintoma não vem da noite pro dia, às vezes nem vem. Não assisto e não quero que assistam, esses jornal ai é só desgraça, tu fica

trancada em casa assistindo isso quando vê tá depressiva, meu Deus, Rosa. Home, jornal passa o que tá acontecendo no país, se só passa desgraça acho que a culpa não é dos jornalista. O homem não respondeu, não queria brigar novamente, tinha fé em Deus que toda essa situação se resolveria logo, aí eles poderiam sair pra comer um cachorro-quente. Me desculpa, Rosa. Disse, procurando o abraço aconchegante da esposa, que o acolheu em silêncio. E ali ficaram.

Peço perdão, mas não será possível a internação, não temos infraestrutura médica para mantê-la aqui, ela terá que ser encaminhada até o hospital regional. Qualquer coisa moça, qualquer coisa, só faiz ela ficá bem. Então tudo bem, às seis horas disponibilizaremos o transporte. Mas agora são duas horas, com os remédios ela tá respirando de novo, e quando passá o efeito? Ela poderá ficar aqui, caso aconteça alguma coisa nós a medicamos novamente. A gente pode ficá aqui moça? Vocês podem esperar aqui no hospital, mas é recomendável que vão para casa descansar e retornem amanhã para a viagem. Não, a gente fica. Tudo bem, mas não podem entrar no quarto. Não podêmo nem dá boa noite pra ela? Creio que ela já está dormindo, fiquem tranquilos que ela está bem. Cuidem bem da nossa menina, por favor. Faremos o possível.

Mais uma dose, campeão! Aproveita e vê uma pra mim também, sim, o mesmo que ele. Tu de novo, senhor, parece que tá me perseguindo. Bah, piá, um homem não pode nem tomá uma dose de uísque mais? Faça o que quiser. Você não parece muito bem, piá, não tá passando dos limites? O homem parou pra contar quantas doses tinha tomado até agora, não lembrava, mas certamente tinha passado dos limites. Sua vista embaçada encarou os olhos do senhor, pareciam envelhecer a cada encontro, já pareciam combinar com o cinza das sobrancelhas. Eu posso, pensou. Hoje é um dia especial, disse, é o oitavo aniversário da minha pequena. E não pensou em aproveitá com ela? Eu tava pensando nisso, sabia? Os cantos de sua boca arquearam um sorriso, mas os olhos certamente não faziam o mesmo, lhe custava muito sorrir, mas não tinha muito mais o que fazer. Desde aquele dia, não sabia o que era sorrir de verdade, gargalhar, perdeu o brilho dos olhos quando a menina perdeu o seu alento, o último suspiro dela foi o seu fim, o fim dos três. Nem pode

se despedir em vida, nem em morte, não teve enterro, não permitiram. Queria ajudar a mulher, sabia que ela sofria tanto quanto ele, mas não conseguia, simplesmente não conseguia. Evitava falar disso ao máximo, não chorou quando soube. Entrara em choque, não acreditava, como podia acreditar? Vivia pelos bares, bebia e bebia, quando os bares fechavam e precisava ir embora, sem forças para chegar até em casa, caía na calçada e ali ficava a olhar o céu. Depois de algumas noites se convenceu de que via Maria Julia em uma grande e brilhante estrela. Com mais algumas noites, começou a ouvir a sua voz, ela lhe pedia para contar histórias para conseguir dormir, estava com medo, tudo estava muito quieto. E assim ele passava noites deitado a contar historinhas, ela não havia morrido, estava ali com ele, ouvia sua voz, até conseguia ver o seu rosto na luz daquela grande e brilhante estrela. Certa vez, passou 3 dias sem voltar para casa, de álcool e pouco carboidrato desmaiou, pensaram que tivesse morrido. Chamaram a ambulância, onde ficou internado, estava bem, só precisava se alimentar melhor e tomar mais água. Finalmente voltou a sobriedade, o que fazia com sua vida? Sua filha estava morta, nada podia mudar isso, morta. Com um grito, rasgou o véu de ilusões que criara, um grito de dor que machucou os ouvidos e o coração de quem ouviu. Chorou o que até então não chorava, desesperou-se, jogou-se no chão, rolava e chorava. Parecia uma criança querendo seu brinquedo, mas era um pai querendo sua filha. Tentaram consolá-lo, porém não parou até secar as lágrimas e ficar sem voz. Precisava ir para casa, sua mulher precisava dele. A filha se fora, nada podia fazer para mudar isso, mas podia ajudar a sua mulher. Pediria desculpas, voltaria a ser o bom marido que sempre foi. Não, seria melhor ainda. Talvez não a pudesse consolar como ninguém ali pode consolá-lo, mas a abraçaria forte para ela saber que não estava sozinha. Eles eram uma família, eles dois. Chegou em casa gritou por Rosa, não ouviu resposta, era difícil alguém o ouvir se não tinha voz, mas continuou a gritar. Amor, minha vida, minha Rosa, minha flor. Estava no último lugar que procurara, o último que imaginara, no banheiro. Não tomava banho, não escovava os dentes, não encostava os pés no chão. Estava o mais alto que podia, fora buscar a sua filha, fora buscar Maria.

Tava pensando justamente nisso, senhor, em passá o dia com ela, minha muié teve a coragem que não tive, talvez hoje vô tê, minha vida é uma roleta russa agora. Eu não vivo, eu adio meu fim. Você as matou. O jovem se espantou com a resposta do senhor, sempre que encontrava algum conhecido ouvia comentários tão caridosos que lhe doíam os ouvidos, não queria aquilo, foda-se seus pêames, foda-se suas condolências. O que disse? Gritou o jovem. O senhor sem subir o tom friamente falou. Se não me faia a memória, e sei que não faia, uma vez ‘cê me disse que ninguém tirava teu direito de ir e vir, mas tuas decisões tirou o direito de ir e vir da sua fia e da sua muié. A liberdade é importante sim, piá, mas não é somente a sua, é a de todos. Talvez não é a liberdade o bem maior do mundo, mas sim a empatia. Se todo mundo tivesse empatia ninguém ia tê tirado de ti a sua liberdade. ‘Cê tirou a liberdade delas, ‘cê tá aqui e elas a sete palmos do chão. Suas palavras doíam, não os ouvidos, mas o coração, porque eram a verdade. Não teve tempo para responder, o senhor continuou o seu monólogo, ou talvez o encerrou, com uma pergunta. E agora, José? Eu não sei. Consegui dizer. Senhor, eu nunca pedi teu nome. E eu nunca falei. Tinha um sorriso no rosto como sempre, mas seus olhos eram cansados, tristes, sem vida. Prazer, Itamar. Prazer, José. Espera, mas ‘cê já sabia meu nome. ‘Cê tem uma cara de José. O homem se contentou com a resposta, pareceu-lhe convincente. Vô no banhêro e já volto pra te pagá mais uma rodada, a saideira.

Não encontrou Itamar na volta então decidiu tomar a sua última dose. Só ele. Saiu para rua andar sem destino, talvez o encontraria, talvez não. Andou pensando no que era da sua vida agora até cansar as pernas e a mente. Estava exausto, e, por isso, parou na ponte que passava, gostava dessa rua, era assustadora, mas isso o confortava agora. Escorou os braços e ficou a olhar a água a passar. Não resistiu à tentação e olhou para o céu, nunca mais fizera isso. Lágrimas escorreram de seu rosto e se juntaram ao rio seguindo a correnteza. O céu não resistiu e chorou também. Maju estava lá, tinha certeza, ao seu lado outra estrela brilhava com o mesmo brilho quente e aconchegante. Estavam tão próximas. Fechou os olhos e se demorou ali, sentindo a chuva na pele, via a luz se aproximar cada vez mais e então sentiu-as ao seu lado. Quando abriu os olhos elas estavam ali,

não eram estrelas, eram pessoas de carne e osso. Os três sorriam e abraçados olhavam o céu, no Cinturão de Órion três estrelas lado a lado. Eles estavam felizes. Eles três.

Eu tive um sonho

Jefferson Reis (Salvador-BA)

Na noite passada eu tomei um porre. Nossa mãe, que porre, há tempos que eu não bebia daquele jeito, o caboclo me autorizou, chegou ao pé de meu ouvido e disse, "beba nêgo, pode beber que hoje estou a fim.". Eu voltava do trabalho maçante e mecânico, e a cidade estava em pânico com os tais preparativos da inauguração da Arena Fonte Nova, estádio oriundo da decadente Fonte Nova, que em 2007, por culpa das autoridades políticas, e segurança e é claro, do povo, vitimou sete pessoas num acidente estúpido, que poderia ser evitado por um estagiário ético e de bom senso. Não liguei para ninguém, pelo contrário, desliguei os celulares, tomei um banho e fui para um bar de minha preferência. Esperei cerca de 10 minutos até que a mesa de meu agrado vagasse; lá no cantinho, na mira do ventilador e com alguns decibéis a menos do som que pocava lá fora.

"Cerveja?", perguntou Bigó, o garçom. "Geladíssima?", ratifiquei. "É pra já!". Limpei a mesa com um guardanapo e abri o livro de Carlos Heitor Cony, que estava a ler. Até meu derradeiro porre, li 62 páginas, entre observações invejosas do retardado que não consigo ser e olhares de soslaio para as bundas das mulheres-crianças que circundavam o local. Consegui ler e tomar meu porre, eram meus objetivos, mas minha mente ficou infectada coma conversa generalizada da inauguração da Arena Fonte Nova. Quase todo o bar falava naquilo; pessoas mostravam seus ingressos, ligavam para amigos para marcar, desmarcar e se exibiam em *selfies* feitas por seus celulares espaciais, e algumas mesas já estavam forradas com bandeiras do Bahia ou Vitória e 15, talvez 20 pessoas já trajavam seus uniformes tricolores e rubro-negros, numa espécie de concentração do evento. Paguei minha conta e cambaleante, fui pra casa. Nada de Dormonid, Rivotril, Flunitrazepam, ou qualquer benzodiazepina. Eu apenas deixei minhas Havainas de lado, coloquei o Abraço do Caetano no *repeate* apaguei feito um lutador de MMA nocauteado.

"Tudo preparado para a venda dos ingressos da grande inauguração da Arena Fonte Nova, que irá receber o clássico BAVI no próximo dia sete de abril.", dizia o repórter em tom de empolgação no principal noticiário esportivo. A mídia falava nisso todo o tempo, seria a maior confusão para a tal venda dos bilhetes, como sempre foi em jogos grandes. A Arena gastou mais de meio milhão de reais para ser preparada e ao que dava a entender, toda a população aguardava por aquilo como muitos aguardavam a volta do senhor Jesus Cristo. No dia marcado para a venda dos ingressos, nos guichês do próprio estádio, a movimentação era intensa desde cedo, mas não de torcedores -- ainda não -- eram reportes, jornalistas, fotógrafos, blogueiros, assessores, etc. Todos querendo se instalar nos melhores ângulos, para fazerem as melhores transmissões e registros. Até duas emissoras estrangeiras estavam por lá, fazendo a cobertura. O comandante da PM, responsável pela operação, reuniu seus homens para passar as instruções. Havia guarnições a cavalo, motos, diversas viaturas e até duas unidades táticas de operações especiais, caso houvesse algum tumulto generalizado.

"Em fila soldados!", berrou o comandante que beirando às cinco da manhã, parecia ter voltado da guerra e estar furioso. "Hoje é o início de um marco na história de nossa cidade. Este estádio foi reerguido pelo nosso Governo, para receber os jogos da Copa do mundo em 2014 e para prestigiar não só nosso esporte, mas também nosso povo que é tão fissurado em futebol.". "Nem de futebol eu gosto, filha da puta.", disse de canto de boca um cabo ao colega que riu pra dentro. "Desta forma quero que hoje, saia tudo correto, sem deslizos. Tem TV aqui de todo canto e não podemos vacilar, não vamos nos exaltar, usar de violência ou agressividade. Caso venha a ter algum imprevisto, prioritariamente serão usadas balas de borracha, gás lacrimogêneo e spray de pimenta e mais nada! Entendidos?", finalizou o comandante. "Sim senhor comandante!". "Podem se dispersar, até segunda ordem para tomada de suas posições."

Os raios de sol já iluminavam quase por completo a cidade do Salvador e nenhum sinal de torcedor para comprar ingresso. "Isso tá muito estranho. Já são quase cinco e meia e ninguém apareceu. A previsão era que houvesse uma multidão já dormindo na fila desde ontem.", disse um

capitão da PM a um repórter conhecido. "Deve ser o preço do ingresso, aí todo mundo pensou, que por tá caro não ia ter fila.", respondeu. "Será? Acho que não. O povo é uma desgraça de burro, não importa o preço, ele deixa de comer e vestir, mas vem.". "É verdade, se fosse pra outra coisa não teria confusão alguma.". "Mas que tá estranho tá."

Alguns profissionais tomavam café, os motoristas dormiam nos carros, muitos falavam aos telefones, os técnicos montavam seus equipamentos e os ajustavam às suas necessidades. "Humm, isso vai dar a maior merda, que ver... repare.". "Por quê?". "Vai chegar todo mundo de vez e aí vai ser uma confusão dos diabos.", disse um soldado mordendo um pedaço de pão com carne. "O foda é que com essa porra de TV aqui a gente ainda vai ter que ficar escutando desaforo do povo.". "Que nada, tudo tem limite, se me disseram alguma coisa eu rumo-lhe a mão.". "Você ouviu o comandante. Use um 'gászinho' de pimenta.". "Rebanho de porra que não tem o que fazer.". Os soldados riam e continuavam a resenhar.

Seis e vinte da manhã, muitas pessoas já passavam pela frente da Arena, para correr, para trabalhar, para malhar, mas nenhuma delas para comprar ingressos. Às sete horas teve início, um furdução verbal. Todos os profissionais envolvidos comentavam a mesma coisa: "O quê que tá acontecendo?"; "Será que aconteceu algo e não estamos sabendo?"; "Será que a data divulgada na TV foi errada?"; "Impossível!", gritaram três repórteres ao mesmo tempo, sem desviar a vista de seus celulares. O comandante da tropa pegou seu cronograma que estava marcado com uma faixa verde fluorescente, "Dia 29 de março de 2013 - sexta - venda de ingressos para o 1º BAVI da Arena Fonte Nova". Ele mostrou a prancheta aos demais profissionais. Todos conferiram seus ofícios, comunicados e notificações, que confirmavam a mesma coisa. "Alguém na escuta, na escuta?", disse pelo rádio o comandante. "Prossiga 7890.". "Algo de errado por aí? Estamos aqui na Arena desde as quatro da manhã com todas as guarnições solicitadas e ninguém apareceu pra comprar ingressos. Nem fila tinha ou tem. Repito: ninguém apareceu para comprar os "ingressos!". Entendido. Vou averiguar e faço contato, 7890. Desligo!". Todos os profissionais falavam em seus rádios, *laptops*, *galaxys*, *smartphones*, *tablets* e celulares, em busca de alguma informação que justificasse aquela

atipicidade. Era comum, pessoas dormirem na fila em busca de ingressos, seja lá do que fosse. Imagine no primeiro jogo entre os dois maiores times do estado e num novo estádio!

"QAP, QAP.". "Prossiga!". "Tá tudo certo aqui, confirmei com o comando geral e tô aqui em mãos, com cópia do documento assinado pelo secretário de segurança.". Outras confirmações começaram a surgir: "Aqui na emissora tá tudo certo."; "Sério? Ta tudo certo por aqui!"; "Foi firmada está data para a venda."; "Impossível ser outra data. Talvez o horário ou ponto de venda esteja errado."; "É isso mesmo, porra!"; "Confirmei hora, data e ponto de venda. É ai mesmo!"; "*Please, what is happening?*", perguntou um dos reportes gringos a um cabo-man. "Ô meu preto, eu não falo inglês não, mas parece que deu merda em algo. Pergunta ali, ó", respondeu apontando aos policiais, enquanto ajustava seus cabos. A cena era generalizada. Todos e tudo em busca de alguma explicação. Qualquer dúvida de erro que pudesse haver, foi tirada quando por volta das 07h40min, começou a chegar os primeiros funcionários da Arena, que trabalhavam na bilheteria. Estavam com semblantes mal-humorados por terem trabalhado demais na última semana, para os preparativos. Um deles, seu Adroaldo, de 53 anos, saltou do ônibus e ao avistar a cena se benzeu e disse: "Deus seja louvado, está porra foi adiada!". Outra, Letícia, não acreditou no que viu e olhou para todos os lados para garantir que estava no lugar certo. Aos poucos foram chegando dezenas de funcionários, que também se surpreendiam e não sabiam o que estava acontecendo.

Passava das oito e meia quando o secretário de cultura e esporte foi acordado pelo prefeito da cidade, que havia sido acordado pelo governador, que estava a "trabalho" na Noruega. Antes das 10h, políticos, secretários, engenheiros, arquitetos, assessores, chefes de gabinete, chefes de redação, coronéis, etc. Já estavam no lugar, e tudo já havia sido noticiado na TV. Todos estavam lá... menos o povo! O povo estava nos ônibus lotados, nas calçadas e passeios, nos shoppings, nos trabalhos, nas calçadas, nas lanchonetes, nos hospitais, nas repartições públicas, etc. Era um dia absolutamente normal, exceto pelo fato de não haver interessados em comprar ingressos para o maior evento esportivo do ano, na Bahia. Nada acontecia. Um fotógrafo aproveitava para comprar lentes para sua

câmera na internet; outro fazia o *backup* do último *freelancer* que fez na noite passada; um motorista jogava cartas com um segurança; um caboman passava as mãos nas pernas de uma maquiadora; alguns policiais contavam suas feituas covardes às gargalhadas; uma repórter lixava as unhas; outra tentava se manter em pé, ainda bêbada da noite passada; um cinegrafista testava seu aparelho dando close nas genitálias dos PMs; um capitão pai de três filhos e responsável pelo apelido de "chapa quente" ligou para seu amante, um delegado da narcóticos, dizendo o ocorrido e que se fosse liberado, poderiam fazer uma sacanagem, após almoçarem juntos no apartamento que mantinham em segredo; um *roadie* coçava osaco e cheirava; um arquiteto se masturbava no banheiro novinho da Arena. Ele gozou na parede e tirou uma foto da porra escorrendo no azulejo, antes virgem; um cachorro se espreguiçava sem entender nada; um pombo cagou no quepe de um sargento; uma dona vendia lanche; um mendigo dormia. O céu, as ruas, nada havia de diferente.

"Eu estou há três anos com câncer na porra desta próstata e sei que em breve vou morrer, mas nunca imaginei que fosse ver algo assim", comentou um grande redator boquiaberto. "Essa porra tá parecendo aquela música do Raul 'O dia em que a terra parou'." "Caralho cara, você me deu uma grande ideia", disse empolgado um cinegrafista ligado a projetos cinematográficos, que imediatamente falou com outros colegas e ali, na hora, decidiram captar imagens para a provável feitura de um curta metragem. "Inexplicável! Nenhum torcedor aparece para comprar ingressos para o primeiro BAVI do ano.", era a chamada da reportagem que seguia com os fatos ocorridos naquela manhã. "Como é que pode, como é que pode, um evento desses e o povo não ir prestigiar? Gente, vamos ter mais respeito pelo o que nos é dado? Vamos agora ver imagens exclusivas, de um corpo que foi encontrado esquartejado e queimado em Campinas de Pirajá.", disse uma repórter pertencente à nojenta corja de profissionais sensacionalistas da TV.

O dia acabou e desde o momento em que a primeira notícia foi ao ar, até o último jornal da noite, as manchetes eram as mesmas: "O povo não apareceu na bilheteria!". Dalí até a data da inauguração, os quase 60 mil ingressos deveriam, tinham que ser vendidos não importava como.

Comissões foram formadas, por esportistas, dirigentes, políticos, comerciantes, Polícia, por todos, menos por torcedores, que não se interessaram nos fatos. Por dois dias e toda a madrugada subsequente ao ocorrido, foram analisadas e criadas alternativas para que os ingressos desencilhassem. Enquanto a bilheteria continuava aberta sem vender. A semana passou, mais reuniões foram feitas e nada acontecia. Um colapso tomou conta de empresários, cartolas, associações, confederações, etc. Apelos foram feitos nos sites dos times Bahia e Vitória, uma campanha foi gravada com jogadores, artistas, músicos e personalidades, de forma geral. Nela era dita a importância de frequentar e dar apoio ao futebol baiano e finalizavam com o bordão: "Venha conhecer a Arena!". Ivete Sangalo, Carlinhos Brown, Marcio Vitor, Léo Santana, Margareth Menezes, Bel Marques, Durval Lelys, etc. Mas nenhum deles conseguiu atrair, sequer, uma pessoa a bilheteria. Especialistas em psicologia, gestão de pessoas e crises sociais foram chamados, programas inteiros eram dedicados a tentar explicar o fenômeno sociológico. Divulgaram o corte das transmissões via TV fechada, sorteio de ingressos, prometeram descontos em impostos; pai Jadson de Oxossi, Aritana de Iansã, Zoraya espírita, Janete de Ogum, Joca Tranca Rua, etc. Todos davam suas explicações, tiravam suas conclusões, mas nada acontecia. O preço foi abaixando até ficar pela metade do valor e ainda com direito a meia-entrada para estudantes; foi anunciado: venda casada, transporte gratuito no dia do jogo, *shows*, e nada!

Até a véspera do clássico nenhum ingresso foi vendido. A Polícia, nesse meio termo estava em estado de alerta, esperando atentados e manifestações contra o valor gasto na obra, já que a cidade se encontrava um caos em todos os sentidos e, o Nordeste, passava por uma das maiores secas de todo o século, mas nem nas redes sociais se comentava algo. Era como se o povo estivesse esquecido. Uma emissora mandou às ruas pessoas para escutarem o público. Geralmente o que se ouvia era: "Não me interessa, tenho outras prioridades."; "Nem pensei em ir."; "Poxa, uma pena."; "Gosto de futebol, mas tenho programas mais interessantes para fazer com minha família."; "Sei lá, só não quero ir."; "Vou ver em casa."; "Prefiro descansar."; "Vixe! Nem sabia que tava tendo isso."; "O povo tá

começando a acordar!"; "Que bom! Que seja a primeira de muitas respostas do povo."; "Arena o quê?". Havia diversas respostas, mas nenhuma delas respondia, de fato, a questão. Tudo que deveria ser feito, foi feito. Até a Igreja passou a pedir aos fiéis que levassem "a paz familiar aos estádios", mas nada adiantou.

O derradeiro dia chegou e tudo estava preparado: policiamento, emissoras, jogadores, juízes e bilheteria aberta e pronta para vender os mais de 60 mil ingressos a preços populares e com dezenas de opções de brindes. Dentro do estádio somente gandulas, policiais, imprensa, corpo técnico das duas equipes de futebol que se enfrentariam e alguns parentes e amigos dos ali presentes, que no total não contabilizavam nem 500 pessoas. Certamente seria o BAVI mais incrível de todos os tempos. Duas horas antes do espetáculo da bola, estava marcado um pequeno *show* de inauguração, com personalidades da música baiana, entre elas: Ivete Sangalo, Margareth Menezes e Olodum. Todos estavam lá, mas não havia público, não havia fãs, torcedores. Não havia gente suficiente! O som chegou a ser testado, mas nenhum dos artistas se apresentou. As 16h em ponto os dois times estavam em seus lugares, a bola posicionada ao centro do campo e o juiz preparado. Todos olharam ao redor e nada acontecia, era como estar jogando em um anfiteatro gigantesco e assombrado. O juiz autorizou a partida. Do lado de fora da Arena Fonte Nova tudo corria normalmente, pessoas faziam atividades físicas, yoga, meditação, casais namoravam na grama, ambulantes vendiam seus produtos, os bares ao redor estavam cheios, crianças corriam e pedalavam e todos bebericavam e conversavam alegremente. Nenhum dos 1.200 policiais militares, 120 policiais civis, 400 seguranças privados ou as 240 câmeras registraram algo. Somente a fatura do vazio nas dependências da monstruosa e milionária construção. No segundo tempo, decidiu-se abrir os portões para ver o que acontecia. Somente um cão sarnento, vadio entrou. Coçou-se, urinou num canto e saiu desinteressado. O jogo terminou o estádio se esvaziou ainda mais, as luzes se apagaram, o inacreditável foi "crido", e o povo nas ruas, em suas casas ou no trabalho faziam seus afazeres normais em preparativo para encarar mais uma semana. Arrumavam suas mochilas, preparavam a cama, conversavam com seus filhos, tomavam as

últimas cervejas do dia, beijavam os cônjuges, viam TV, ouviam rádio, acessavam a internet, etc. Na alta madrugada todos adormeciam e suas mentes acordavam aos poucos para a inconsciente consciência do viver. Mas aquilo foi apenas o começo do que certamente seria a maior revolução e evolução que estava para acontecer.

O jogo começaria às 16h, mas desde as 08h40min, eu fui acordado por um vizinho lavando o carro, escutando o hino do Vitória em uma versão *funk*, tão alto, que um torcedor do Amazonas poderia escutar. Enquanto outros, já no bar, gritavam "Umbora Bahêa, minha porra!".

Flores elétricas

Juliana Berlim (Rio de Janeiro-RJ)

ELA não usa sutiã, nem maquiagem, nem sapatos há três meses. O dinheiro ELA aboliu, porque pagava tudo de modo on-line. ELA se sentia como uma exploradora de selvas africanas, de facão na mão lançando cortes em direção às compras que se materializavam na portaria do prédio. O facão, vulgo celular, tinha deixado de ser um meio de comunicação e se tornou uma parte integrada de seu corpo nu quase todo tempo, porque ELA não se vestia mais em casa. ELA sentia que seu corpo andava sem nenhuma lei ou rei sobre si e, se não fosse o teto sobre sua cabeça, seu inteiro corpo seria um ente sem a mínima confirmação de cidadania. Entre ELA e o mundo tinham se abolido as relações intermediadas pelas leis da natureza e se estabelecido o primado das regras da cultura, que no final significavam cultura do homem, estabelecida sobre regimentos, pareceres, horários, chancelas, laços atados em todas as pontas para a regra geral: submeter. Mas com a pandemia a natureza dava sinais de que retomava o rumo das coisas, porque a natureza é a mãe dos fenômenos e dos feromônios. Gaia, a despeito da nossa relutância e vontade de lhe resistir, nos trancou no espaço de suas leis particulares. ELA, em concordância com o irrevogável, fechou-se em casa.

Em contraponto ao que se esperava, o corpo trancafiado estava livre. Ainda que por obra e graça de um fator cultural imperativo, o dinheiro assegurado, ELA permanecesse em casa de modo contínuo. Como nunca antes em sua vida, ELA fremiu ao contato do feminino que vivia em seu corpo. A descoberta a preencheu aos poucos, porque, no começo, ela ainda se via dominada pela força de leis externas e masculinas. Era como se as reuniões virtuais de trabalho, os telefonemas dos chefes fora do horário laboral, o WhatsApp sem interrupção a segurassem pelas pernas e a impedissem de se soltar. A rotina do escritório foi transferida do espaço público para o privado, o que fazia com que a profissão ocupasse todos os espaços de sua vida íntima e a atormentasse.

Porque continuava tudo prosseguindo como se não caminhasse a humanidade sobre a navalha da vida e da morte, sangrando a cada passo, era uma pergunta que ela se colocava. Obrigada, como tantos outros, a trabalhar remotamente, ela trabalhou e se cansou como uma negra escravizada. E, da mesma forma como acontecia com o sofrimento das negras escravizadas, suas dores foram solenemente ignoradas pela força masculina do mundo do trabalho branco. É tudo branco, a forma como o trabalho se apresentava, a luz do horizonte diante de todos, uma fonte luminosa branca ofuscante. Fingir que nada acontecia era a chave para o sucesso da morte no Brasil. Mas Gaia é impiedosa com seus filhos teimosos e, pouco a pouco, a doença e a morte ocuparam os espaços brasileiros, de forma muito mais violenta do que o Executivo nacional gostaria de admitir. Muito mais do que o imperativo da salvação da Economia pretendia admitir.

Foi a doença de sua amiga querida do trabalho que a despertou para o rumo incerto da vida durante a quarentena. Quando A OUTRA precisou ser entubada e ficou incomunicável, ELA sentiu um peso nas pernas, como se se prendessem grilhões em seus tornozelos. Para que normal estamos trabalhando como se fôssemos voltar ao que havia antes dessa catástrofe? Ela se perguntava. Não existe um “voltamos ao normal”. A vida será repensada, com ou sem anuência das leis de mercado. Ficou claro para ELA, mais do que transparente, que algumas vidas importavam e outras não. Marina, a amiga doente, foi enviada para casa para morrer e, por causa da má evolução do seu caso, teve de esperar um leito na UTI pública que chegou com muita dificuldade, algo que quase a levou à morte em uma fila gigante de espera. Que normal é este, ELA confabulava consigo, em que o negacionismo suplanta a dor de milhares de pessoas, em que a maioria das pessoas se recusa a observar um momento curto de pausa e silêncio e continua saindo às ruas sem precisar, achando que álcool gel e máscara são proteções suficientes? Circulam os corpos, o vírus que se cola neles circula junto, como um peixe-piloto colado à boca de um tubarão. O patógeno, com seu rastro destruidor, reproduzia a dinâmica do masculino. Já o vírus da estupidez contaminava mais do que o da verificação científica, este último com a adesão de poucos adeptos. ELA

constatava, nas poucas vezes que se permitia sair, que homens saíam à rua sem medo e regularmente para comprar material de construção, ir ao mercado, praticar exercícios físicos ao ar livre ou em academias clandestinas, viver encontros íntimos com mulheres distintas. Homens, em sua performance da virilidade. Homens, os donos das regras do mundo. Homens, os que prendem as pernas das mulheres com as normas que eles criaram para as vidas delas.

ELA percebeu a inutilidade de tantos gestos de manutenção da continuidade da vida, sem que ninguém soubesse ao certo o que aconteceria no dia seguinte, por ser tudo tão novo, por o vírus ser uma criatura desconhecida e com alto poder de mutação. Estava esgotada de tanto fingir normalidade e, naquela quarta-feira de lua cheia, percebeu no meio do peito a eletricidade, porque seu corpo, depois do trauma de ver a amiga entre a vida e a morte, levou um choque tão poderoso de renovação, uma carga elétrica que se desprende por todos os seus membros, que se acendeu em milhares de flores elétricas meses depois do começo da quarentena, ela mesma infinita. Sem que pudesse perceber, uma fogueira feminina se acendera em seu interior. Agora, nem mesmo as demandas do trabalho a limitariam mais.

ELA sentia-se como um pássaro prestes a se lançar em voo. Olhou para a janela aberta em direção à luz plácida da lua, pela abertura entrava uma corrente de vento frio. O quer iria ser, se jogar pelo vão aberto e tentar voar? Viajar pelas ondas da mente? Permanecer no ninho? Abrir a porta e bater as asas para o mundo normal que lhe prometiam de volta?

Existe alguma resposta certa para a hora da incerteza?

História contada poeticamente

Cleusa Piovesan (Capanema-PR)

Trancafiados no sítio e, sitiados, literalmente, minha esposa e eu mal saíamos de casa para suprir nossas necessidades básicas: medicamentos, gasolina e alguns mantimentos que não produzimos por aqui. Somos privilegiados por não precisarmos estar expostos a esse vírus mortal, como tantos de nossos amigos.

E desde que esse estado emergencial se iniciou, ela, que é professora, tem trabalhado em casa, o que nos aproximou ainda mais e reacendeu a chama do amor que, muitas vezes, era ofuscada por nossas rotinas quase incompatíveis.

O isolamento social nos permitiu fugir do distanciamento em que nos encontrávamos um do outro e que, talvez, custasse nosso casamento, se não nos mantivesse presos sob o mesmo teto, dando-nos a possibilidade de nos descobrirmos e de nos reconhecermos em nossos sonhos do passado, os quais foram se perdendo no caminho, entremeio às preocupações cotidianas.

E, hoje, justo hoje, em meio à pandemia, a manhã despertou-nos, com trovoadas retumbando, e um assobio da ventania, que batia os galhos do velho pinheiro na vidraça da janela. E o plic-plic dos pingos de chuva no telhado tamborilavam uma melodia que prometia novas venturas de um dia chuvoso... Ah, como está sendo bom não ter que cumprir horário e ter um tempo a mais para nós dois! Nossos olhares se encontravam, cúmplices novamente, do desejo que nos levou ao altar.

Arisquei um aconchegante carinho ainda na cama, um sussurro em seu ouvido... logo veio o encontro de nossas bocas sedentas, um abraço enroscado, nossas pernas entrelaçadas e uma dança cadenciada sob os lençóis. Os corpos envoltos na volúpia e no calor que o inverno lhes negava, mas a licença da natureza nos era dada para, poeticamente, escrevemos uma história que poderia ter se perdido na tempestade que desabou lá fora, ou mesmo na aflição de termos um inimigo tão cruel nos rondando.

Lúcia! É uma cilada

Ana Carolina Aparecida Pomorski Silveira (Palmas-PR)

Onde eu gostaria de estar hoje? Provavelmente em um país que estivesse com um índice de vacinação elevado. Porque sinceramente, eu não aguento mais usar máscara o dia inteiro; o álcool nas mãos, tudo bem! Mas conviver com o medo de me infectar e infectar outras pessoas, é complicado demais. Penso todos os dias que me venderam um século, uma vida, um ano errado. Não era dessa maneira que eu queria estar conduzindo os meus vinte e um anos de idade.

Eu estou morando sozinha faz um ano, desde que começou essa pandemia no mundo todo, tive que me isolar em uma quitinete que pago todo mês com o dinheiro que antes era da faculdade. É uma quitinete muito velha, do tipo: a tinta da parede cai apenas com um espirro que dou, pela alergia que tenho à poeira. Mas é o que eu consigo pagar com o dinheiro que ganho como garçõete em um restaurante no shopping.

Eu queria mesmo era estar na casa dos meus pais, onde minha mãe sempre me mimou bastante, pelo fato de eu ser a caçula dos meus cinco irmãos. Só que pela segurança deles me vi desolada, pois o que antes era normal, agora se tornou um caos, para trabalhar e ver a minha família.

Para matar a saudade, eu tenho que ligar ou ir até a casa deles e os ver apenas pela janela (o que eu evito, porque choro horrores quando os vejo e não posso abraçá-los). Enfim, até o meu namoro eu terminei por conta dessa pandemia, porque o meu ex, Miguel, não consegue ficar em casa de jeito nenhum. Há umas duas semanas ele vivia saindo e aglomerando em festinhas com os amigos. O que deu para perceber foi que ele não pensava nem um pouco em mim, pois tenho diabetes, estou no grupo de risco, e isso é um pé direto para a cova. Mas admito que sem ele para me fazer companhia, os últimos tempos têm sido difíceis, pois minha ansiedade está a mil e estou a cada minuto do meu dia mais deprimida. Vivo apenas do trabalho para a casa e da casa para o trabalho.

Ele me liga todos os dias desde que terminamos, e eu não atendo, sei que será pior para nós dois se continuássemos. Mesmo assim, ele insiste. Veio até anteontem na minha casa de máscara e tudo, dizendo que era para eu perdoá-lo, que ele já tinha feito o teste para o covid-19 e estava apenas esperando o resultado, e que tinha certeza de que iria dar negativo. Óbvio que eu ignorei qualquer possibilidade de dar uma chance a ele. Fechei a porta na cara dele, e suas palavras foram: “muito bem Lúcia, continue me ignorando, isso só me dá mais certeza de que você está me traindo. Acha que eu não sei? que aquele seu amigo com quem você pega carona todo os dias é seu namorado agora! Mas saiba que isso não vai ficar assim”. E eu só escutei o barulho do portão batendo. Ângelo é meu colega de trabalho que gentilmente me dá carona (ambos de máscaras e com os vidros meio abertos) para eu não pegar o transporte público, que sempre está lotado.

Mas dois dias depois da confusão com Miguel, estávamos eu e o meu amigo esperando a porta do elevador abrir para irmos para o estacionamento, quando de repente, aparecem dois homens de capuz, um começa uma briga com ele, e o outro entra no elevador e me puxa para dentro. Em questão de segundos, Ângelo me grita “Lucia! É uma cilada, corre!” eu começo a me debater dentro do elevador mesmo com aquele homem grande me segurando a todo o momento, até a porta fechar. Lá dentro, o homem tira o capuz e lá está: um desconhecido sem máscara. Eu grito, esperneio e ele começa a falar um monte de coisas que eu não consigo entender; até que ele me segura bem firme, olha dentro dos meus olhos, tira a minha máscara, e diz: “Miguel mandou lembranças, fique bem” e me rouba um beijo nojento. Subsolo. Ele sai correndo. Eu me joguei no chão frio e lá fiquei, até Ângelo vir me resgatar.

Dias depois, eu estava internada em um hospital com dor em todos os lugares do meu corpo, e um tubo para respirar enfiado na minha garganta. Como eu poderia pensar direito com tudo aquilo; não sei. Eu só queria sobreviver, mas durante muito tempo meu corpo não me dava sinais de resistência, eu tinha medo de que toda a reclamação da minha vida, fosse cobrada ali, naqueles dias.

Eu não sei como eu estou aqui para contar essa história, mas eu estou. Mesmo com sequelas eu estou aqui, sendo cuidada pelos meus pais e aproveitando cada segundo, da segunda chance que a vida me deu.

Mais uma história de amor

Maira Bastos dos Santos (São Paulo-SP)

Era uma sexta-feira fria de inverno, Clarissa distraíra-se lendo um processo e perdera a noção do tempo. Já eram quase nove horas quando a porta do edifício em que trabalhava fechou atrás de si. A rua estava deserta e até o metrô seria uma longa e penosa caminhada, detestava andar sozinha, ainda mais tão tarde. Perdida em seus pensamentos ela sentiu um aperto no peito e uma tristeza sem tamanho inundou seu coração, sem querer, lágrimas rolaram mansamente como que entoando uma balada triste. Nesse instante toda sua vida passou em sua mente como um filme, lembrou-se da vida pobre em uma comunidade periférica de São Paulo, dos irmãos largando a escola para ajudar em casa depois da morte prematura do pai, da mãe fazendo bicos intermináveis durante o dia e chorando de saudade durante a noite. Lembrou-se da escola... Em casa fora a única que tivera essa oportunidade, da ausência de material, da chacota dos colegas por causa de suas roupas, das longas horas estudando a luz de velas para economizar...

Mas tudo isso era passado, sua realidade mudara drasticamente: à custa de muito sacrifício formara-se em Direito, os irmãos casaram e formaram família e a mãe morrera há pouco menos de um ano. Hoje ela era uma advogada de sucesso, tinha um bom apartamento em um bairro nobre, tinha um carro que insistia em dar problemas mecânicos e irmãos que, desde sempre, a cercavam de muito carinho, mas faltava algo...

Chegando ao metrô, interrompendo seus pensamentos, o estômago roncou lembrando-a de que sua última refeição havia sido ao meio-dia. Cansada e com preguiça de preparar algo em casa, resolveu entrar em um pequeno restaurante próximo à estação, era um lugar calmo e aconchegante que servia uma comida saborosa por um preço justo. A essa hora o lugar estava vazio, sentou-se em uma mesa em um cantinho escondido, pediu uma salada e um grelhado e passou a acompanhar o movimento caótico que a tv apresentava, até que alguém chamou sua

atenção... piscou duas vezes, olhou de novo... Era ele, sem sombra de dúvidas, era ele...

Não o via há mais de dez anos, mas o reconheceria mesmo que tivesse passado mil... continuava lindo... O último encontro fora a despedida, parecia que fora ontem...

Fernando estava estranho naquele dia, mal falara com ela na faculdade e ao se encontrarem no final do dia ele estava distante, ausente, como se sua alma estivesse presa em outra dimensão, ou talvez, outro coração. Entraram no carro em silêncio. Clarissa tentou puxar conversa, falar sobre o tempo, sobre as aulas chatas daquele dia, sobre o aumento de preços na cantina, entretanto Fernando só respondia com monossílabos. Até que disse a queima roupa.

— Eu vou voltar com a Soraya.

— O quê?

— É isso mesmo que você ouviu. Estou terminando com você e vou voltar com a Soraya.

— Fernando, que brincadeira é essa? O que houve? Não estou achando engraçado.

— Não é brincadeira nem piada, eu só percebi que meu lugar é ao lado dela.

— Não acredito que você vai voltar pra ela?

— Você não entende...

— Não entendo mesmo, você faz juras de amor, mil promessas, diz que não viveria sem mim e vai embora?

— Não é simples assim.

— Pra você parece que é...

— Eu queria ficar com você, mas...

— Mas o que? Você é covarde demais para enfrentar a sua família? Me diz.

— A minha vida não é fácil como a sua.

— O que é fácil para você? Pegar 3 conduções para chegar ao trabalho? Ganhar um salário de merda que mal paga a faculdade? Ver sua mãe trabalhar com dor, doente, de segunda a segunda para tentar ter uma vida digna? Acho que você deveria descer desse pedestal e olhar para a

sua própria vida. Quando você passou fome? Dormiu ao relento? Teve que escolher entre tomar café ou tomar o ônibus? Por favor, me poupe dessas suas lamentações burguesas.

— Você sempre se achou melhor que eu só porque é pobre, eu não tenho culpa de ter nascido em uma família rica, não tenho culpa de nunca ter passado por privações, o que não quer dizer que minha vida seja fácil.

— Chega dessa conversa, volta pra ela, vocês se merecem, eu estou sobrando nessa história, ou você achou que eu aceitaria ser a amante fixa, como aquelas que seu pai mantém?

— Você não quer entender, você sabe que eu amo você, mas agora eu preciso ficar com ela...

— Realmente, eu não quero entender. Acho que então é adeus. Pode parar o carro aqui mesmo.

— Está tarde. É perigoso.

— PARA O CARRO AGORA OU EU VOU DESCER COM ELE ANDANDO.

Ele parou no meio fio. Chorando copiosamente, ela desceu do carro e partiu sem nem olhar para trás.

Interrompendo suas dolorosas lembranças.

— Clarissa!!!

— Oi! Ah, oi! Quanto tempo?

— Você continua linda.

Surpresa e feliz com o reencontro, Clarissa não pode deixar de notar que uma aliança dourada ainda brilhava em sua mão esquerda.

— Posso sentar com você? Estou com preguiça de ir pra casa.

— Claro, fique à vontade.

Por quase quinze minutos, falaram sobre amenidades, ela falou sobre os irmãos, o falecimento da mãe, o trabalho como advogada, fez uma descrição alegre de uma vida infeliz. Ele falou sobre os pais, que apesar de todos os conflitos e amantes continuavam casados, falou do trabalho na empresa da família, cansativo e chato, disse que ainda ansiava poder trabalhar um dia com o que realmente gostava, poder seguir seu coração e tocar violão pelo mundo a fora.

— E a sua esposa? Ela não fica com ciúmes por você não estar em casa a essa hora?

— Ela faleceu há dois anos.

— Sinto muito. — disse Clarissa expressando profundo pesar. — Vocês têm filhos?

— Não, ela tinha câncer, sei que é tarde para dar explicações e que você não precisa ouvi-las, muito menos entendê-las ou aceitá-las... — com a voz falhando — Nem sei como começar... Eu amava você e embora você tenha duvidado na época, essa era a única certeza que eu tinha... Terminei meu noivado com ela para ficar com você, briguei com meu pai, larguei a faculdade de administração... enfrentei tudo e todos para viver um sonho com você. Mas um dia, a mãe de Soraya bateu a minha porta, disse que a filha tinha recebido um diagnóstico de câncer, que o tumor estava no cérebro e que as chances de vida dela eram bem pequenas. Chorando, aquela mãe me pediu que eu ficasse com a filha dela... Ver uma mãe ali, chorando na minha frente cortou meu coração. Ela estava implorando que eu não abandonasse a filha dela naquele momento... eu não poderia negar isso a ela, foram muitos anos juntos, nossas famílias eram próximas, eu não conseguiria ser feliz carregando o peso de não ter feito o que eu podia para ajudá-la, para amenizar a sua dor.

Com lágrimas nos olhos Fernando contava a sua história e Clarissa acompanhava emocionada pensando em como havia sido dura com ele e em como ele deveria ter sofrido ao longo desses anos.

— Casamos do jeito que ela queria e eu fiz questão de realizar todos os desejos dela. Voltei para a faculdade, aposentei o violão, fui trabalhar com o meu pai e assim todos eram felizes, menos eu. Talvez você não acredite, mas todos os dias, sem exceção, eu pensava em você, em nós e em como teria sido se eu tivesse feito outras escolhas.

— Sinto muito, eu não sabia. Algumas vezes acompanhava notícias sobre a sua família nos jornais, mas eu nunca poderia imaginar que...

— Ninguém sabia, todo o tratamento era feito em sigilo para que ela não ficasse exposta a fofocas e matérias sensacionalistas. E assim os anos foram passando, eu fui me acostumando a viver sem você, a ser

alguém que não era eu, como se eu fosse um personagem secundário da minha própria vida...

— Sempre achei que você fosse feliz, e era isso que amenizava a minha dor... fico triste em saber que nenhum de nós foi feliz nesses últimos anos...

— Quando ela morreu, eu pensei em procurar você, mas achei que não tinha o direito de voltar para a sua vida, não sabia se você estava sozinha...

Clarissa não tinha mais o que dizer, comeu em silêncio, absorvendo tudo aquilo que Fernando havia despejado... Nesse momento ela percebeu o que faltava para preencher o vazio de sua vida, sentiu que a passagem do tempo não havia mudado seus sentimentos e que tudo que ela queria fazer era ficar nos braços dele até ficar velhinha. Emocionada, Clarissa acariciou de leve a mão pousada ao seu lado, abriu um sorriso sincero e pensou em como teria sido a vida deles juntos, os filhos que planejaram ter no curto namoro de dois meses, nas viagens que sonharam fazer, nas músicas que tocariam a luz da lua, nos sonhos que lhes foram arrancados pela vida em movimento.

Mas ainda havia tempo para viver aquele amor, eles eram jovens cheios de vida, inundados de sonhos, agora não havia mais empecilhos, não havia mais obstáculos, não havia uma pedra no caminho.

Ao olhar nos olhos de Fernando, Clarissa pode sentir todo o sentimento que pulsava dentro dele, pode ver o quanto o amor que os unia era verdadeiro e eterno e que nada poderia separá-los nunca.

— Bem, eu preciso ir – disse ele, desvencilhando-se da mão que acariciava a sua. – Posso pedir só uma coisa?

— O que você quiser?

— Um beijo. Só um beijo.

Sem pestanejar, Clarissa levantou-se, o envolveu em seus braços e o beijou apaixonadamente como se aquele fosse o último beijo. Depois de longos minutos aninhados nos braços um do outro, ele afagou o rosto dela e se afastou.

Sem entender nada, Clarissa o observou sair pela porta e sumir na imensidão da noite. Por alguns segundos ficou desorientada, perdida, sem

entender o que acontecera. Parecia que havia sido arrancada do inferno, arremessada ao céu e agora estava perdida no limbo.

Sentando-se de novo, Clarissa se distraiu olhando mais uma vez para a televisão, o jornal falava de um acidente de carro, feridos, morte... Ela tentava prestar atenção, mas as imagens pareciam dançar a sua frente, tudo estava embaçado... aproximou-se do aparelho e tudo ficou claro...

Fernando Buarque sofreu um acidente de carro ao sair da empresa por volta das nove horas daquela noite.

O meu Fernando, não pode ser, ele estava comigo agora.

De acordo com o noticiário ele fora socorrido, mas o estado do rapaz era grave e ele não resistira, deixara esse mundo há menos de 5 minutos atrás.

Isso é um pesadelo, não, não está acontecendo, não posso perdê-lo de novo, não, não agora... Não é justo a vida tirar tudo de mim.

Possuída por uma dor sem tamanho, Clarissa caminhou lentamente sem rumo, as lágrimas a impediam de ver um palmo a sua frente, o desespero turvava a sua alma. Não sabia para onde ir, nem o que fazer. As luzes começaram a chamá-la insistentemente e ela se deixou levar por um ônibus em alta velocidade que cruzava a radial.

Menin@s

Flávio Theodósio Junkes (Biguaçu-SC)

O menino amarrava a sacola na cesta da bicicleta. O menino continha o pão com tranquilidade. O menino era magro, mas até que parecia nutrido. Era dez ou onze anos. O menino não percebia a janela de meu carro seminovo, quarto dono, velho banco, último sonho. Ele não se importava com a espera. O menino deu o troco para o irmão, este voltou com balas de iogurte. O irmão era magro feito o menino. O irmão era menor, tão calmo quanto. A bicicleta medianamente velha... A bicicleta não sabia reclamar. A bicicleta era a própria espera. Os meninos saíram à pouca roupa: tinham chinelo. Um corria, trotava, revezavam. Os meninos não deram pelo externo da grande obra.

Ah, a padaria! Ó, era o centro das atenções; era calma feito os meninos... a bicicleta... o chinelo... A padaria sutilmente magra, sofisticada, rica. A padaria tomava banho de hidromassagem, usava roupas de destaque, possuía carros valiosos. A padaria era gentil na acolhida. Sim, a padaria tinha entretenimentos e funcionárias, era benquista afinal. A padaria só não previu a passagem de um apagado e repetitivo contista.

E a menina da noite, a dormir no colchonete... Mãe segurando um lápis...

Sofreguidão. A tenra não ouvia a preleção; a tenra nem aí para o futuro. Na mente fragmentária sonhos e um devir muito calcado na sorte grande. Na lente da mal-amada uma ânsia por não se hipnotizar pela libido e entregar-se a novo cafajeste.

A menina recebeu nome de astro, para tentar, obviamente, o lucro da imagem. Dormia, apenas dormia, após seu leite doce, o sustento de um seio, o peso do crescimento. Lá fora as onomatopeias da noite atestavam a solidão dos heróis em baixaluz, pouco giz, pouco tempo, muito anseio, circundados por um mestre de sessenta horas.

— Menina! Menina, siga tua mãe ou um arquétipo de esperança!

Hora da prova... Bate polícia no portão; dizem que os delinquentes pularam o muro. A aula acaba antes da merenda soturna: obviamente de casa, do pão murcho, do barraco, da padaria mais ingrata. A mãe a empacota ao toque da aflição. Independente da estação — protegida —, a menina volta às origens e acorda com o som da porta: tem fome. Encontra seus irmãos e o pão rebatido da ingrata. A lactante fixa-se no sono menino, volve ao olhar menina e pensa sem receio:

“O nosso futuro, meus pequenos, é de vocês! Vencerão todas as pandemias!”

Na calma do domingo

Peterson Nogueira (Areia Branca-RN)

Domingo.

Espelhava no infinito, sem reflexo, seus pensamentos. Uma vida pensando, sem chegar a lugar nenhum. Acordou há meia hora? Está deitado pensando, mais uma vez, o sétimo dia da semana. O eco seco querendo saber se é feliz. Seu casamento é uma construção capenga, sem alicerce, construído na areia da praia, bem ali onde as ondas do mar perdem o fôlego.

Gosta dela, mas não a ama. Feito luz matando a escuridão, o pensamento corrige: nunca amou, casou sem amar. O sorriso falso do casamento não era cansaço, mas ele respondia que sim. Não sabia o que estava fazendo ali, anestesiado, vivendo um sonho sonhado por outra pessoa. Luiz tinha medo de assumir, tinha sido um covarde. Desde o namoro. Como podia ter casado?

Marta fez uma tatuagem, um L&M no meio de um oito deitado OO atrás da nuca. Ele desencantou de vez, o registro na pele dela era o apagamento daquele relacionamento de fim adiado. Não é invasivo de alguma forma alguém tatuar a inicial de outra pessoa, sem consultar, achando que isso é uma homenagem?

Não gosta da tatuagem, que ela deve ter se arrependido de ter feito de tão feia. Não gosta de nada em Marta. A voz incomodava quando ela falava, quando respirava mais forte ou se deitava do lado dele com aquele cheiro tão conhecido de tanto tempo.

Desde o ano passado, ele tem certeza de que vai acabar com tudo. Mantém, igual a Pandora, uma esperança avessa à realidade: a de que Marta tenha percebido o castelo ruir. Mas ela não percebeu nada. Ontem mesmo ela fez aquele bolo de abacaxi que ele adora. O melhor de toda a vida.

Comeram no café, à tarde.

Achou bom o bolo?

Unrum.

Só.

Ele não sabe pensar bem os pensamentos. Mas está cansado de amanhecer e ficar se lamuriando. O casamento murcho e ele cheio de vida.

Quando trabalhava, era diferente. Divagava pela manhã, ia trabalhar, esquecia de tudo, passava o dia inteiro. Voltava lembrando até comer o melhor pastel da cidade, como se fosse a primeira vez. Um pastel de carne. Ou de frango, o de queijo não alimenta. E nunca o de camarão, tem alergia. Mas também não gosta da ideia de comer um bicho tão feio, cheio de pernas e de barbas.

Chegava suado em casa, tomava seu banho demorado e se deitava sem jantar, lembrando de Dagmar, rindo com o peito doce. Estar na pastelaria apagava a memória cheia de um casamento frustrado.

Zero.

Já conversou com Marta, mas não foi tão direto. Como sempre, deixou brechas. A voz mansa, calma. Qual a dificuldade, meu deus, de engrossar a voz e dizer que não dá mais? Nunca deu. Também não precisa dizer que tudo foi um fiasco. Se terminassem na paz, poderiam ser amigos, pelo menos. Não dá pra negar que ela cuidou bem dele esse tempo todo.

Marta voltou do passeio matinal com Bolinha, os dois estavam cansados. Naquele momento, Luiz lia o rosto da esposa como videntes usam o braille e, da mesma forma que Bolinha não conseguia guardar a língua na boca à procura de água no deserto da sala com seu rabo-radar ativado pelo focinho, Marta, sugada pelo sofá, conectada no celular, já não ouvia nada do que era dito pelo marido. Tentou um “esqueci de tomar café, estou com dor de cabeça.”

E a conversa foi abortada antes de ser concebida.

Ficções.

Domingo é um bom dia pra começar a viver? É dia de interromper o que não deveria ter começado, um casamento de infelicidade diária? A foto na cabeceira do lado onde Marta dorme sorri confirmando que Marta é maravilhosa, dessas pessoas que o mundo não merece. As amigas dela

confirmam isso, mas Luiz não precisa de nenhuma confirmação, ele sabe. O problema é que Marta não é sua amiga, é sua esposa.

E ele, simples como ela, se via diferente em tudo o mais. Não gosta dos mesmos filmes, nem de música, nem de caminhada. Nada na companhia da esposa. Enquanto ela explode em risadas de cenas óbvias nas comédias românticas, ele fica vermelho de raiva com aquela risada. Homens brancos conquistando mulheres brancas e se divertindo como quem não precisa trabalhar para entrar num avião com destino a lugares distantes e caros eram o avesso deles. Eles precisavam trabalhar todos os dias, o ano inteiro, sem férias. Não era só quererem e já estavam num avião. Eles nunca andaram de avião.

Esses homens nem parecem comigo nem essas mulheres parecem com você.

Luiz detesta a forma como ela ri quando vê as comédias. Uma risada alta, que nunca para. Falta o ar, ela retoma e continua rindo. Ri fácil e ele não gosta de riso fácil. Nem de quem só gosta de pizza portuguesa ou de quem faz barulho quando come casquinhas.

Talvez seja chatice minha, Dagmar deve ter seus hábitos e defeitos também.

Todo mundo tem o direito de ser feliz. Elaborou essa frase uma vez, ou escutou alguém dizendo no trabalho, e, por conta dessa grande ideia, traiu Marta inúmeras vezes até encontrar Dagmar.

O espelho.

De frente para um pequeno espelho, vê o rosto covarde que o acompanha, agora, com a barba precisando ser aparada. Um falhas aqui no queixo, a cicatriz de uma queda de bicicleta, sabe lá quantos anos antes. Antes do casamento. Casamento, o nó no peito. Antes de ter dito o sim que não queria dizer. O sim que é um não no peito até hoje. Engole.

Você tem de ser firme, Luiz.

Marta acorda cedo. Todo dia caminha com Bolinha antes de ir ao trabalho.

Ele sabe que, se sair dessa casa, não vai mais ver Bolinha, que nem é mais bolinha. É apegado demais àquele cachorro esperto, pra quem, vez

ou outra, desabafa, fala sobre a infelicidade de ter casado com alguém que nunca amou. E fala das pessoas com quem saiu. Fala de Dagmar. E do pastel. Em nenhum outro lugar teria um confidente como aquele vira-lata.

Dagmar também escuta Luiz. Escuta e aconselha. Eles podem ficar juntos? É uma dúvida deles. O que todos diriam? Da forma que está, está bem? Na pastelaria, acha que todos sabem dos dois. Cidade pequena, sabe como é, em pouco tempo surgirão piadas, vai ser desconfortável. Qualquer insegurança, no entanto, se apaga no quarto lá de trás da pastelaria, onde eles suam, se amam. Dagmar fala algo sobre felicidade, sobre entrega, fala umas sacanagens.

O espelho reflete a felicidade, são vinte minutos todos os dias, ou meia hora com as preliminares, quando tem preliminares. Ele se sente feliz, inteiro. É o único momento do dia que ama. Já imaginou várias vezes a fofoca voando pela cidade, o segredo coletivo chegando nos ouvidos de Marta. Ah, se ela soubesse por outro, pouparia essa aflição.

Trabalha a frase, mastiga o pão lentamente, repete a frase. Todo mundo tem o direito de ser feliz. Passa manteiga, precisa ser feliz. Assopra o café, todo mundo. Coloca um bico da colher de manteiga no café, precisa ser feliz.

Agora, domingo.

Marta olha expressiva. No fundo, ele sabe que vai dar merda. Mentir ou ser verdadeiro, não tem um caminho bom levando o condenado para a execução. O olhar dela sempre intimidou, mas nunca conseguiu descobrir quem é Luiz.

Marta..., sentiu o gosto do café, a boca estava quente, hoje é domingo.

Meu nego, eu sei que dia é hoje.

Esse jeito carinhoso de ser chamado, Dagmar também chama assim, com aquela voz grave. Todo mundo precisa ser feliz. Todo mundo precisa. Todo mundo.

Marta... O silêncio não consegue comunicar nada a Marta.

O neguinho acordou perturbado?

Dagmar estava de um lado, acima da cabeça, de anjo, ou de diabo, do lado direito, ou esquerdo, ou de dentro, sussurrando: “vale a pena”. Era preciso quebrar o silêncio com a verdade, precisava sair desse casamento. Mas não sabia encarar nada, era um covarde desde sempre. E a felicidade? É preciso ser feliz? Todo mundo.

Marta, eu não sei falar direito, nunca precisei fazer algo assim.

As rugas de Marta, os vincos da testa e as expressões do lado da boca, o olhar, tudo nela parou para escutar. Achava que era o desemprego que estava consumindo o homem que amava. Os anos do casamento, floreado só por ela, ela sabia, não tinham estragado o rosto bonito. O olhar é firme, como faz na loja onde trabalha desconfiada de todo turista que entra, Garopaba, sabe como é, tem turista do mundo inteiro. Diante dele, ela se desmembrava e só o coração bobo batia. Todas as fibras dela eram amor por aquele homem. Amor, carinho e dedicação. Parou para ouvir. Admirava-o, queria-o como quis desde o primeiro momento que olhou para ele. Piscou, chamou, se amaram no mesmo dia. Dias quentes, gostosos. Antes, era o trabalho, o cansaço do trabalho, mas já fazia um tempo que não esquentavam os pés na cama. Normal para um casamento de dez anos? Dizem que esfria mesmo. Mas vai ser até que a morte nos separe, como juramos em dois mil e dez. A beleza de uma vida inteira, a dois. Luiz nunca decepcionou a família saindo com mulheres, nunca foi de beber, nem de gastar dinheiro em mesa de jogo, tem poucos amigos e de vez em quando ajuda aquele rapaz da pastelaria, o Dagmar.

Vou me sentar, meu nego. Sinto que coisas boas estão por vir.

O Cientista Louco

Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)

Era uma época de romances e paixões tão brilhantes, que iluminam a alma dos sonhadores após quase um milênio.

No ano de 1340, certo homem não se alimentava e nem dormia há 4 dias.

— Eu preciso, eu preciso, eu preciso. — Sussurrava.

Sua mesa possuía vidros, tubos, microscópios e vários itens que só ele tinha nessa época.

O tempo passou e a população estava preocupada, pois, fazia vários dias que não o viam sair de casa.

— Temos de fazer algo, vamos perguntar e se ele não responder, arrombamos. — Disse um deles.

Mais de dez pessoas foram até sua casa e alguns esperavam o pior.

— Ei, você está aí? Está tudo bem? — Gritaram em frente ao local.

Após alguns segundos, ele respondeu.

— Sim, só estou engripado, não se preocupem meus amigos. — O homem abriu a porta e foi até eles, que suspiraram aliviados.

— Tem certeza de que está bem?

— Tenho. Vamos caçar um pouco? — Ele sorriu.

Os homens foram para a floresta e passaram a tarde buscando mantimentos.

— Cuide-se — disseram. — Essa gripe te derrubou mesmo, né?

— Sim, ficarei mais alguns dias em repouso, não se preocupem, estarei descansando.

— Tudo bem. Boa noite.

— Boa noite — o homem entrou e gargalhou de alegria — agora posso voltar a você, minha querida! — Ele correu até a mesa e passou vários dias em seus experimentos.

Sem comer e dormir, o Cientista sentiu a cabeça tontear e desmaiou após algum tempo. Quando acordou, riu tão alto que algumas pessoas ouviram em suas casas.

— Está pronto — anunciava em tom baixo — vou colocá-la em uma pulga e o mundo será dizimado. Eu acabo de criar minha querida filha, bactéria *Yersinia Pestis*. Seja bem-vinda ao mundo, as cortinas da Peste Negra estão abertas. — Sorriu como um demônio.

O Cientista Louco colocou a praga em pulgas, que através dos ratos levaram a famosa Peste Negra ao mundo.

No ano de 1343, iniciava-se o auge da pandemia.

— Estou tão feliz — disse o homem. — Os navios trazem notícias de que as pessoas estão morrendo aos montes por todos os cantos! *Yersinia*, obrigado por me deixar tão orgulhoso — minutos passaram em seu silêncio e ele foi perdendo a consciência — eu fiz um bom trabalho. Agora é minha vez de ser atingido por você, querida. — E ao fechar os olhos, morreu.

No dia seguinte fora feito o enterro, mas a sua peste continuava agindo.

Em vários países, pessoas inocentes morriam sem saber o motivo ou como se defender.

Em certo lugar, uma mãe voltava com o carrinho de mão cheio de tomates, alfaces, milho e uma galinha para o jantar.

— Temos que festejar mãe, eu te amo tanto, vamos encher o estômago para comemorar seu aniversário! — Eles se abraçaram.

Durante a noite, se ajudaram para o melhor jantar que poderiam fazer. Com toda a sua experiência na cozinha, a mulher usou seus muitos truques para deixar o frango saboroso.

— Isso vai ficar maravilhoso, você vai amar.

— O cheiro já abre o apetite! — Disse o garoto, sentando. — Amanhã vou expandir nossas plantações, temos de garantir o sustento por um bom tempo. Já que somos os únicos na região, devemos aproveitar as terras.

— Concordo. É a única coisa boa em morar tão longe dos outros. — Disse ela.

O rapaz tomou um bom gole de vinho e não tirou os olhos de sua mãe, enquanto ela colocava tudo na mesa.

— Eu vou te ajudar amanhã — ela voltou pegar os últimos alimentos — sabe, filho, meu aniversário me traz tantas lembranças. Quando perdi seu pai, pensei que minha vida tinha acabado, eu não via mais motivo algum para viver. Com o passar do tempo tudo piorou, eu estava sozinha e a solidão tomou conta de mim. Passei vários dias sem um único sorriso, apenas dor e choro. E na noite em que eu estava para puxar a corda em meu pescoço e me matar, senti um chute em meu estômago. Era você — ela voltou para a mesa. — Você foi meu fiel companheiro, amor e salvador.

E em um piscar de olhos viu seu filho, que estava sentado com a cabeça caída ao lado.

A peste o levou.

Ela não chorou, não sorriu e não falou.

Em choque, horas depois, entrou no celeiro e se enforcou.

A peste continuou viva e foi uma das maiores desgraças da história humana. A pandemia se espalhou por toda a Eurásia e ceifou de 75 a 200 milhões de pessoas, levando pelo menos um terço da população europeia.

Seu auge foi entre os anos de 1343 e 1353, quando destruiu nosso planeta.

O conto da quarentena

Ana Luiza Silva Nunes (Birigui-SP)

“Acordo já bem tarde, o relógio marca 13:00, pelo jeito novamente perdi o almoço, mas tudo bem já que a fome eu perdi na segunda semana. Estou de volta à vida real, às vezes desejo que meus sonhos sejam eternos e que neles eu poderia morar para sempre, suspiro por estar acordada novamente com a dúvida do que será o dia de hoje, sem um pingo de esperança dentro de mim, pois ela eu perdi logo na quarta semana.

Fico uns 10 minutos sentada na cama pensando se vale a pena levantar ou não, afinal o que mais eu poderia fazer? Nos últimos meses a palavra “monótono” nem é o suficiente para poder descrever o quão tedioso tem sido meus dias, o desânimo já me atingiu e só ainda não me consumiu por inteira porque sinto que algo em mim ainda luta para que eu não desista e aceite o fim.

Decido ir até a sala e encontro a TV ligada novamente no noticiário, me apavora enxergar e acreditar no que se tornou o mundo lá fora mas tento ignorar esses pensamentos que insistem rodear minha mente. Mais uma vez meus pais me olham com um olhar de ternura ao soar um singelo “bom dia, filha, dormiu bem?”, faço que sim com a cabeça e tento lembrar quando foi que eles pararam de brigar comigo por não fazer nada, além de dormir o dia todo e começaram a me enxergar apenas como a pobre garotinha depressiva.

Sem saber o que fazer, pego meu celular e volto para cama, verifico meu WhatsApp, 40 mensagens da minha melhor amiga, dezenas de ligações perdidas do pessoal e 200 mensagens no grupo das meninas, “quando vão parar de se preocupar comigo? ”, penso sozinha enquanto fecho o aplicativo ignorando todos meus amigos pelo quinto dia seguido, a verdade é que a quarentena me fez aprender apreciar minha própria companhia, ou melhor, conviver sem contato físico e emocional de quem quer que seja, antes sozinha do que decepcionada, acho que foi com esse pensamento que comecei a me isolar total do mundo afora.

Com o olhar fixo na janela vejo o quanto o dia nublado me encanta mais que os ensolarados, perdida em toda essa confusão que chamo de vida abro meu Spotify e coloco a primeira música que me vem à cabeça “I am lost, trying to get found in a ocean of people” a voz de Grace VanderWaal soa como calmaria aos meus ouvidos mas a letra da canção começa a martelar fortemente no próximo verso enquanto olho o horizonte sem rumo ao longe “Please don’t ask me any questions you won’t get a valid answer I’ll just say that” e de repente já não escuto mais nada, tudo ao meu redor ficou extremamente silencioso e quando me dou conta as lágrimas começam a cair rapidamente de meus olhos sem saber como parar com tudo isso, me encolho completamente em meus próprios braços e tento chorar baixinho para que ninguém perceba, mas vejo que foi em vão.

Quando escuto os passos lentos de minha mãe se aproximar, ela senta na beirada da cama e mesmo sem dizer nada só pelo seu olhar de ternura e esse silêncio perturbador que é estranhamente confortante, sei o que ela quis dizer sem nem mesmo tentar, corro para seu colo agora com as lágrimas já descompensadas, o que nem ligo mais, pois só precisava de uma coisa: o carinho e abraço de mãe. Ela começa sussurrando e aos poucos vou compreendendo o que está tentando me falar, “minha filha querida, me parte o coração ver você neste estado sem saber o que fazer para ajudar”, ela disse com a voz calma. Sei que suas intenções são as melhores, mas eu me enfie em buraco tão fundo que nem sei como farei para sair dele, mas ela continuou: “A Geo me ligou, está preocupada contigo, na verdade todos estão, quando foi que você decidiu que não iria mais falar com seus amigos? Poxa, minha filha, já faz uma semana...” neste momento eu parei de escutar, estava perdida em mim, parecia que ninguém era capaz de entender isso, enfim deixei que meus olhos pesassem e cai no sono em seu colo enquanto sua voz ficava cada vez mais longe.

Em meu sonho tudo parecia tão bem, eu estava sorrindo novamente, quem me dera se a vida real não passasse de um pesadelo, vejo as pessoas que amo e consigo abraçá-las sem medo, eu comecei a dar importância e valor para a companhia de meus entes queridos depois que me encontrei tão solitária e carente do afeto humano. Quem eu quero enganar, a solidão me consumiu e não foi escolha minha de ficar sozinha, eu me fiz sozinha pois

não sabia lidar com a distância, não ter contato físico, não olhar nos olhos, a conexão apenas por internet não me bastava, eu me sentia vazia, vazia de amor, de carinho e principalmente de esperança. Como poderei me manter de pé em tempos como estes? Seria tudo tão mais fácil se... eu dormisse para sempre, quem sabe assim eu me eternizo junto com meus bons momentos em um perfeito sonho que nunca tem fim.”

E foi assim que eu parei de escrever, neste momento eu travei e fiquei dias pensando em como terminar ou a que final chegar, sem nenhuma criatividade ou ideia se quer isso seria apenas um conto inacabado, um conto da quarentena. A verdade é que tem sido dias e mais dias de angustia e ansiedade, sem saber o que será o de amanhã e até mesmo do próximo mês, queria terminar este texto com algum ensinamento ou alguma luz de esperança que pudesse tocar os corações das pessoas que o fossem ler e desse força para aqueles que tantas vezes pensaram em simplesmente desistir, assim como eu pensei, mas a minha realidade infelizmente se tornou essa. Com o isolamento social eu estou me colocando em constante aprendizado e aceitação, apreciando minha companhia, me conhecendo melhor e principalmente me reconstruindo aos poucos, a gente se depara sozinhos e coloca isso como se fosse o fim do mundo, mas sabe de uma coisa, não é, há tanto em nós mesmos para se explorar, para se amar, mesmo com todos os conflitos internos no fim quem estará lá para nós é sempre nós mesmos.

Eu poderia ter rascunhado diversos textos com finais felizes e cheios de aprendizados, mas como eu posso transmitir o que sinto se o meu final seja feliz ou triste ainda nem chegou? Eu só desejo força, para que nossa luta não seja em vão e assim possamos passar por todos esses dias difíceis pois os melhores virão, que você, que está lendo isso, seja sua própria luz da esperança e assim encontre sua paz em meio a todo esse caos.

O Devorador de Almas

Edna Alencar Rivera (São Paulo-SP)

Ela jogou o crisântemo amarelo. Sentia raiva, na verdade ódio. De si, do mundo.

Olhava seus pés que escorregavam na terra seca, com nojo dos restos que ali se misturavam. “Putá que pariu, sujei meu pé”!

Sua cabeça ardia, o sol ardia. Tudo lhe era hostil.

Era domingo. Dia das Mães. Não sabia o que era ter mãe.

Nasceu franzino, o coitado. Magrelo, sem recheio ou atrativos. Os homens de branco o olhavam com insignificância. Entre si, falavam: “é apenas um RNA”. Pelo desprezo, percebia sua desimportância. “Que merda de vida”, pensava. No entanto, não se dava por vencido. Apesar do ambiente frio e asséptico do laboratório, nutria em seu íntimo, uma esperança festiva. Ao redor via inúmeras bolinhas-irmãs. Tentava contato, porém elas permaneciam numa mudez científica.

Restou observar o movimento. Todo dia sempre igual. Os homens de branco passavam longas horas ali sem conversar. Um silêncio branco se instalou no núcleo do RNA, que tinha se batizado Bolinha.

— Não aguento solidão! Essa mesmice! De hoje não passa, vou falar com o primeiro que entrar aqui. Movimentar a água do lago.

Alguém se aproximou. Era seu Manoel que viera para terminar o serviço de pintura da véspera. Bolinha pulou e se instalou embaixo de sua unha. A tarefa acabou rápido e o pintor foi ao banheiro. No corredor, ao cruzar com um dos homens de branco lhe apertou a mão. Bolinha se duplicava. Mas, teve medo de seguir, voltou ao laboratório com o homem. Percebeu que ele estava desanimado, com a notícia de novo corte dos investimentos nas ciências.

Há muitos anos o pesquisador se dedicava a estudar vírus e bactérias. Frustrado, duvidava de sua escolha profissional. Devia ter ouvido sua mãe. “Vida de merda. Mundo corno”. Derrotado, chorou.

Bolinha não se importava com estas inquietações, estava feliz da vida, rindo sozinho. Quantas cores, sabores, formas experienciava em liberdade.

No entanto, o inimigo implacável o contaminou. Estava entediado, carecia de outros desafios.

A namorada do homem, por assim dizer, foi sua primeira vítima. Em 3 dias, matou a infeliz! Um sabor estranho se instalou no âmagão de Bolinha, se sentia forte, poderoso. Com o poder, sentimentos humanos, um quê de culpa e de ressentimento. Por que matara a moça? Ela era tão meiga, tão gentil...

Os dias seguintes foram de luto. No sofá, Bolinha e o homem estavam numa tristeza de dar dó. A saudade persistia, implacável. A dor da ausência uniu aqueles seres amargurados. Convivência patética. O homem buscava consolo nas putas e nos poucos amigos que tinha. Bolinha o acompanhava.

De corpo em corpo, aprimorava sua forma de matar. Gostava daquilo. Encomendou a alma de Judite, Isadora, Claudia e Pacheco. De Inês, teve um pouco de piedade – a manteve 25 dias no hospital. Sofreu a pobre, mas sobreviveu.

Armando fugiu ao seu controle. Com a doença perdeu o emprego. A mulher, o paladar e a libido. Pílula azul? Vermelha? Existência complexa. Perdeu-se. Desgraçou-se. Deu cabo de si.

Bolinha revivia o pesadelo das pandemias da história do mundo.

Esquecera as crises de consciência. Estava a todo vapor. Matava mais de mil por dia. Percorria ruas, parques, escolas. Bares. Igrejas e puteiros. Bocas de fumo. Casa de rico. Beco. O que fez nos hospitais foi covardia, levou consigo médicos, enfermeiras, faxineiros. Gente jovem reunida e velhos esquecidos. Choraram muitas Marias e Clarices, Antonios e Josés.

Inimigo invisível, cruel, forte, letal. Com a performance arrojada, ganhou a alcunha de o *Devorador de Almas*. Notícia em todos os cantos. Celebridade.

Cidades e ruas se esvaziaram. Casamentos, planos, assassinatos, adiados.

Os sepultamentos tornaram-se a urgência do mundo. As funerárias lucraram. Fabricar caixão virara um negócio promissor.

Fique em casa, palavra de ordem. De desordem. Discórdia tamanha, vergonha. Ingovernabilidade. O rei estava nu.

Enquanto isso, nos hospitais erguidos às pressas, valentes combatentes enfrentavam o desafio bestial. Do lado de fora, corpos malhados desfilavam em suas bicicletas vendendo saúde. Quase uma afronta. Disseminavam ódios.

O Devorador “*nadava de braçadas*” não respeitava limites, ideologias, partidos, religiões, time de futebol. No singelo pote de Doriana, invadia a intimidade dos lares. Pura perfídia.

Tinha uma queda por comemorações de toda ordem. As preferidas, festas de aniversário. Nelas, geralmente encomendava a alma do aniversariante. Sórdido presente.

Jamais dispensava um almoço, uma janta. Também não perdia um enterro, estava pior que político em busca de voto. Para dar conta de tantos eventos, nem dormia. Pensava incrédulo: “como o homem gosta de estar em bandos. Mesmo sabendo do perigo, querem estar juntos, abraçados pulam no abismo. Será carência afetiva?”

Ele não resistia ao desejo canalha de findar com existências tão frágeis. Quando, impaciente, agia rápido. Quando, farto do ofício prolongava o suplício.

O sucesso lhe subiu à cabeça.

Às vezes, tinha crises, sofria. Ficava alguns dias sem matar. Ressentimento inócuo, durava pouco.

Voltava com mais fúria. Afinal, com os humanos havia aprendido a suplantar a dor.

A vingança dos deuses estava a caminho, o perverso matador sentiu a praga da contemporaneidade, o tédio. E, num dia tão igual quanto aos outros, o infeliz observava o centésimo, quinquagésimo, terceiro sepultamento. Domingo no cemitério da Vila Formosa, na zona leste de São Paulo. Dia das Mães. Não sabia o que era ter mãe.

O Devorador olhou de rabo de olho para o falecido.

Seu Manoel, 57 anos, pintor jazia inexpressivo. Deixava 4 filhos, esposa, 1 neta e o Duque. Para a viúva, 1 Fiat 147, 1 chapéu estilo Panamá e 2 latas de tinta Suvinil. Para a neta, histórias e saudade.

Adiante, outros sete caixões, sete vidas interrompidas, outros dramas. Nem percebera que o pesquisador estava entre aqueles. Há tempos, o abandonara.

Pensou: “por que matava mesmo?” Afastou-se, confuso.

O ofício estava ficando pesado. Muita revolta concentrada contra um elemento natural. Ele sentia. Dilema sem solução.

Precisava de uma trégua, o jeito era tirar o resto do dia, de folga.

De saída, uma cabeleira ruiva o fez parar, reparar. “Quanta beleza humana!”

Vitória, 13 anos. Ela, deu de cara com a criatura disforme. Não se assustou, enfrentou a feiura com olhar duro, direto.

— Finalmente te encontro, maldito. Te odeio tanto! Dá pra dizer porque tá levando o meu avô?

— Natural, a sua reação. Desculpe-me a sinceridade, pra mim ele é um anônimo. Mato porque é a única coisa que faço com perfeição.

— Você é cruel. Acha justo espalhar tanta tristeza e dor?

— Não vi muita justiça por aqui. Entenda que sou fruto do desejo desenfreado, isso era um experimento que se tornou obsessão. Difícil entender?

— Ah, então, a culpa é nossa? Quanto cinismo! Já levou tantas almas. Não está na hora de parar? De usar este teu talento para desenhar novas luas?

— Novas luas? O que você quer dizer?

— De criar poesia e de achar graça no simples e no belo.

— Eu não te entendo. Será que consegue ouvir o meu lado?

— Que lado? Você pensa que tá fazendo o quê? Seleção natural?

Babaquice.

— Ouça, menina. Nesta jornada também me perdi. A humanidade me contaminou com seus medos e suas incertezas. Percebo que o paradoxo na terra dos homens é querer o que não se tem. Agora é tempo de perdas, aceite.

— Muito blá, blá, blá. Mas quem me mostra a ponte para atravessar este abismo? Saltar estas reticências de dor? Este buraco na minha alma, na minha vida. Hein?

O Devorador teve compaixão e partiu. Pensou que só o tempo traria conforto para a menina. Mal sabia que o tempo nem sempre é mágico. Tinha memória curta.

Vitória, a cabeça ardia, o sol ardia.

Os olhos doíam de tanto chorar. Mar aberto. Ela, a naufraga.

Viver era perigoso, doía. Sentia-se em queda livre.

A cabeleira revolta, solta no ar, fazia um desenho fantástico. Ela caía vertiginosamente, seu mundo em desconstrução. Não havia onde se agarrar, não havia mais certeza de nada.

E agora? E agora, Vitória?

Sua luz se apagou. Estava hostil.

E mesmo se gritasse por seu nome. Em sua voz, só ausência.

Calou-se. Silêncio.

Jogou fora os crisântemos que sobraram.

Seria a próxima vítima? Da peste? Da solidão?

O eremita

Joaquim Bispo (Odivelas-Portugal)

Na manhã em que foi anunciado o fim das medidas de confinamento social, Jerónimo cortou a barba. Ao fim daqueles meses, já tinha dois dedos de espessura. Teve dificuldade em concentrar-se na tarefa delicada de rapar a cara, com tanto barulho na rua. Ouvia-se um estrondear de foguetes. O leão estremeceu, inquieto.

Antes de sair, meteu um bocado de pão rijo na boca. Largara-lho, havia dois dias, a pega que vinha aliciando com as larvas que lhe iam aparecendo na despensa. Na rua, foi metralhado pelo ruído infernal de buzinas e carros em alardes de escape. Os passeios iam cheios, como se o perigo de contágio tivesse desaparecido. Parecia que tinha vindo gente de todo o concelho. Abraçavam-se aos magotes, em amizades inesperadas. Bem lhe apetecia apertar a roliça do prédio em frente, que o tinha ajudado a acalmar o leão, de uma janela para a outra, nos negros tempos do confinamento radical, mas retraiu-se. Sentia-se trôpego.

No meio da multidão, muitos pareciam tolinhos, a lançar olhares para todos os lados, deslumbrados, como se nunca tivessem visto prédios, carros e árvores. Paravam no meio da rua, boquiabertos e atarantados. Abriam os braços, riam, davam gritos estridentes ou roucos, cantavam.

Passou uma ambulância em marcha acelerada — o som terrível da sirene fizera arrepiar muitos —, mas, desta vez, foi aplaudida freneticamente.

Alguns vizinhos cumprimentaram-no; passou um bando animado que o abraçou efusivamente, sem que o conseguisse evitar. Os desconhecidos quiseram depois fazer uma espécie de dança tribal, mas Jerónimo, desconfortável, conseguiu afastar-se. Manquejando um pouco, rompeu a multidão em direção ao arrabalde, no trajeto mais direto para campo aberto. A um quilómetro da vila, conseguiu voltar a ouvir alguns chilreios, consolo natural que muitas vezes o salvara, no longo ostracismo imposto. Por associação, lembrou-se do que o encaminhara para ali: as

suas árvores, os quatros frágeis caules que plantara, antes da pandemia, numa zona de propriedade incerta no final desse caminho. Tantos quantos os ovos que tinha o ninho de cotovia que encontrara nesse dia que parecia tão longínquo. Temeu pelas suas plantinhas. Duas faias e dois cedros. Passara o tempo chuvoso e já tinham vindo muitos dias de sol intenso e grandes calores.

Em vinte minutos, chegou à sua floresta pessoal. Quatro raminhos secos, sem olhas, separados entre si por quatro metros — qual mortífero distanciamento social—, era tudo o que restava da sua mais recente utopia. Então, só então, quebrou: foi incapaz de conter o choro. Depois dos meses de cárcere, o vírus dera-lhe a estocada mais dolorosa. Deixou-se ter compaixão de si. Soluçou, sentado numa pedra da berma do caminho, o rosto molhado apoiado nas mãos.

Passados uns minutos, uns piados fizeram-no levantar o rosto. Olhou em volta e avistou um pequeno bando de cotovias, no seu característico voo de impulsos e pausas no bater das asas. Correu à concha moldada na terra, sob umas ervas, onde vira quatro ovos havia tanto tempo. Vazio. Quis acreditar que os ovinhos se tinham transformado em cotovias e agora voavam, vivas e em liberdade. A pandemia matara muitas pessoas — umas de morte corporal, outras de morte social —, mas poupou o desenrolar normal da vida da Natureza.

Voltou para casa, apaziguado — a sua caverna, como gostava de pensar.

Agora havia que recomeçar. Dar oportunidade de vida a si e a outras árvores. Sem esquecer o leão, que estava mais morto que vivo.

O Estudante e a Pandemia

Pedro Alves da Silva (Campo Grande-MS)

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1934, o Dr. Chagas chama em sua sala o seu estagiário e pupilo, o médico Dilermano Souza, e diz: —Caro Dilermano, estes dias não estou me sentindo bem, aquela pesquisa sobre uma vacina padrão capaz de imunizar a população contra aqueles vírus que atacam de forma implacável o sistema respiratório, assim como aconteceu com a gripe espanhola, há 16 anos, já estou praticamente acabando, mas receio que não poderei terminá-la. Vejo que as novas epidemias, não necessariamente originadas da influenza, com um grande poder de infestação e letalidade, surgirão no futuro por motivos que agora não convém falar. Gostaria de lhe passar o que tenho até agora e que você desse seguimento na pesquisa chegando finalmente na vacina que salvará milhões de vidas, falta pouco para finalizar...|| No dia seguinte o iminente cientista faleceu vítima de um infarto fulminante. Atendendo ao último desejo do seu mentor, o jovem doutor continuou trabalhando na pesquisa da vacina.

Rio de Janeiro, maio de 2020. Francisquino é um jovem estudante do último ano do ensino médio, estuda em um dos poucos colégios federais do Brasil, Colégio Pedro II, conhecido popularmente como CPII, localizado no centro da capital. Tem o sonho de se tornar médico. Morador da comunidade do “Gato Espetado”, não tem vergonha de suas origens. Quando perguntado onde mora, fala sem cerimônia que mora numa favela dominada pelo tráfico de drogas. Bastante altruísta e sonhador, pensa também depois que se formar em medicina em atender às pessoas carentes da sua comunidade com consultas médicas semanalmente.

Bastante abalado pela morte recente de sua vizinha, dona Margarida - que cuidava dele quando era criança, enquanto a sua mãe ia trabalhar, já que a sua família se resume apenas nele e na sua mãe, fora vítima do vírus da pandemia por falta de atendimento adequado, fato que o deixava indignado quanto ao abandono e descaso por parte das autoridades aos mais necessitados. Estava lendo tudo que se publicava

sobre a devastadora Covid-19. Francisquino, cujo nome sua mãe lhe deu, vem da junção dos nomes Francisco e Aquino – em homenagem aos santos São Francisco de Assis e São Tomás de Aquino; gostava mais de ser chamado de Chiquinho.

Sendo um excelente aluno, onde praticamente não tinha nenhuma dificuldade com as disciplinas do colégio, podia aproveitar a paralisação das aulas em virtude da nova peste - era assim que dona Margarida chamava a Covid-19 - para investigar tudo sobre a gripe espanhola ocorrida em 1918 e a atual doença, que até então ele não saberia dizer se poderia chamar de gripe. Mas com certeza não era uma gripezinha.

Como estudante ele já tinha ouvido falar da tal gripe espanhola, mas nunca tinha se interessado sobre o assunto antes do surgimento do novo Coronavírus, a Dengue o instigava mais e também as péssimas condições do saneamento básico do local onde vivia.

Admirador dos sanitaristas brasileiros Oswaldo Cruz e Carlos Chagas na ciência, sabia a bibliografia deles de cor e salteado. Ao ir de ônibus para o colégio nos dias normais de aula, quando passava em frente ao icônico castelo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sempre se lembrava de uma visita que fez à instituição quando ainda estava no ensino fundamental. Ficou maravilhado com os trabalhos expostos pelos ilustres brasileiros na sala dedicada a eles naquela oportunidade.

Mais um dia de péssimas notícias na imprensa nacional e internacional com relação ao avanço no número de casos e mortes da epidemia, Francisquino acompanhava tudo pelo rádio, televisão e pela internet, graças ao sinal de *wifi* que captava de um vizinho, pois a sua mãe não tinha condições de pagar uma assinatura. Isso quando o sinal não apresentava problemas, que era uma raridade. Ficava em pânico com a possibilidade de sua mãe, Maria das Graças, se contaminar com a doença nos dias que conseguia trabalho como diarista, principalmente nos locais onde se apresentavam os maiores índices de infestação. Sem contar com o perigo de enfrentar o transporte público sempre lotado, embora as autoridades aconselhassem a evitar aglomeração. Compreendia o desespero das pessoas que não poderiam ficar em casa em isolamento e teriam que se arriscar a buscar do sustento das suas respectivas famílias.

Às vezes se desligava um pouco dos estudos e do noticiário macabro, e trocava mensagens com a sua melhor amiga do colégio: Chun Li, ou simplesmente Li, descendente de origem chinesa.

A menina, cujos pais tocavam uma pastelaria em um bairro bastante populoso, reclamava constantemente dos olhares acusadores ou até mesmo de alguns ataques xenofóbicos que vinha sofrendo em virtude de sua origem nos locais que costumava frequentar. Chiquinho ficava bastante sensibilizado com essa lamentável situação que a colega tinha que enfrentar nestes tempos também de muita intolerância política e ideológica.

Certa noite os dois amigos trocavam mensagens:

— Poxa, Li, gostaria tanto de ajudar a combater esta epidemia...

— Mas como, Chiquinho?

— Não tenho condições de doar alimentos, remédios... Mas acho que poderia ajudar nas pesquisas. Estou sentindo falta das nossas aulas no laboratório de Biologia. O nosso professor Neto é bastante acessível e sempre incentiva a gente, né?

— É... Mas com essas aulas presenciais suspensas não tem como — respondeu Li.

— Ele sempre fala do grupo de pesquisas de vacinas epidemiológicas que participa. O grupo dele mudou até o foco da pesquisa que eles vinham trabalhando na FIOCRUZ para se dedicarem a uma vacina contra o Corona, lembra? — perguntou Chiquinho.

— Sim...

— Estava aqui pensando em pedir para ajudá-lo lá no grupo dele em Manguinhos.

— Tá maluco garoto? Você acha que eles vão deixar um estudante do terceiro ano do ensino médio participar de um grupo de pesquisas só com profissionais?

— Por que não? Amanhã vou falar com ele. Já tenho garantido um não... O que vier será lucro!

O professor Neto, Dilermando Souza Neto, é descendente do sanitarista Dilermando Souza a quem o Doutor Chagas confiou o término da pesquisa da vacina contra vírus que atacam o sistema respiratório, antes de

falecer em 1934. Neto é biólogo, seu pai era médico – já falecido, mas nunca se interessou na área de pesquisas. Coube a Dilermando Neto seguir os passos do avô e trabalhar com pesquisas na área de saúde também na Fiocruz.

O papo entre os dois amigos estudantes estava se prolongando até a madrugada quando o pai da menina determinou que ela largasse o celular e fosse dormir, pois no dia seguinte como ela não teria aula convencional, deveria ajudá-lo na pastelaria junto com a mãe.

Chiquinho, depois do término forçado da conversa com a amiga, estava sem sono e resolveu ler tudo o que tinha em mãos sobre as epidemias da Gripe Espanhola e da Covid-19, ele tinha que saber muito sobre os vírus, ele tinha que ajudar de qualquer maneira a combater a epidemia... Até que o sono chegou e acabou dormindo.

A circulação das pessoas na cidade estava muito restrita, muitos guardas na rua exigindo algum tipo de comprovante que justificasse a locomoção delas, seja a pé ou em qualquer tipo de transporte público ou particular. Além de ser imposta uma multa para os que não respeitassem o *Lockdown* recém-implantado. Sabendo disso, Francisquino, que aparentava ter mais do que os seus 17 anos, resolveu colocar uma calça e uma blusa branca para simular que trabalhava na área de saúde caso fosse interpelado na sua decisão de ir até a Fiocruz tentar fazer parte da equipe do professor Neto e assim ele foi até lá.

Chegando à portaria da Fiocruz, ele foi avisado pela segurança que as visitas estavam suspensas e o expediente da instituição só era interno. Depois de muito insistir, dizendo que precisava falar de maneira urgente com o professor Neto, a segurança acabou o levando ao encontro do professor no laboratório onde estava reunida a força tarefa que trabalhava na busca da vacina. Neto ficou surpreso com a presença do seu aluno naquele local. Já conhecia o espírito voluntarioso do adolescente, mas sabia que não era possível que ele participasse das pesquisas.

Após conversarem reservadamente, Neto levou Francisquino para a chamada “Sala dos Notáveis” da instituição”, onde se encontravam arquivadas as pesquisas dos grandes cientistas que ali passaram e outros objetos de caráter pessoal. O professor pediu para seu aluno verificar os

trabalhos de Carlos Chagas e também de seu avô, com intuito que ele ficasse afastado do laboratório em que a equipe trabalhava.

Chiquinho acabou se conformando em ficar só em outra sala pesquisando sobre as epidemias, mas na realidade ele queria estar acompanhando os trabalhos dos cientistas no laboratório, gostaria de ver o debate, as sugestões, os erros, os acertos, a euforia pelas pequenas conquistas, enfim ele queria ser testemunha e, quem sabe, dar a sua contribuição para o êxito daquela missão tão crucial para a humanidade, ainda perplexa com o momento que estava passando.

Francisquino começou a investigar os materiais dos sanitaristas de outrora na sala dos notáveis, principalmente de Carlos Chagas, quando descobriu um estudo começado por este em 1934 e finalizado pelo avô do seu professor de Biologia no final de 1938, um ano depois da descoberta de um novo vírus que muitos anos mais tarde se chamaria Coronavírus. Nesse estudo estava todo um mapeamento de procedimentos necessários para produzir uma vacina superpoderosa capaz de proteger o organismo humano dos sintomas mais letais da influenza e do Coronavírus: as síndromes respiratórias graves.

Chiquinho não se conteve, extasiado com a descoberta correu para a sala dos pesquisadores para mostrar o que tinha achado. A equipe ao ver aquele menino magricelo, todo desengonçado, com um monte de papel na mão, não estavam entendendo nada:

— Achei, achei, senhores! — disse Chiquinho.

A equipe que já estava se preparando para ir embora do instituto, resolveu ficar mais um pouco, já com as portas fechadas, analisando todo o estudo. Ficaram impressionados com os detalhes e a coerência das hipóteses levantadas, enfim com todo o trabalho há décadas realizado. Chegaram à conclusão que era viável produzir e testar a vacina, pois a epidemia estava cada vez mais devastadora.

Naquele final de tarde na Fiocruz o clima era de completa euforia e esperança. O Adolescente foi bastante elogiado pela equipe por sua preocupação com o próximo, principalmente pelo professor Neto, que não sabia desse estudo concluído do seu avô. Chiquinho não via a hora de contar para todo mundo a descoberta.

8 horas da manhã, a mãe chega ao sofá onde Chiquinho ainda dorme e fala:

— Acorda filho, já vou para o trabalho. Você dormiu demais esta noite.

O legado de um herói

Alex Alexandre da Rosa (Jundiaí-SP)

Fui condicionado a nunca hesitar. Não posso entrar em pânico perante uma situação de risco. Isso poderia acarretar a morte de um cidadão, conseqüentemente, para mim: traumas pessoais. Uma vida, ou melhor, a perda desta traz muitas noites em claro, e aluminações no escuro.

Desde a faculdade somos preparados para isso e, até hoje, nunca foi problema para mim. Mas, agora, estou deveras assustado. Apavorado, para falar a verdade. Meu semblante em nada se compara ao turbilhão de sentimentos e terrores internos. Amo minha profissão e sabia de seus pormenores injustos – como também sei que ninguém está preparado para uma epidemia –, mas sua nobreza foi o que me chamou a atenção, foi por isso que me tornei médico; depois, diretor do hospital, graças, por ironia, às escolhas certas. Mas, pela primeira vez, não sei o que fazer nem como fazer.

Desde que começou essa pandemia, nossas vidas foram levadas ao extremo. Plantão após plantão, pacientes, e muitas mortes. Essa é a rotina. Se há quem reclama do tédio de ficar em casa, eu daria tudo por quinze minutos de sossego estabelecido na turbulência das bagunças de meus filhos. Porém, ao invés disso, plantões dobrados, casos e casos de Covid-19 e o nível de estresse sendo levado ao máximo. Correrias. Crises. Cansaço. Tudo isso junto ao psicológico faz com que não raciocinamos direito.

O pior de tudo é não ter equipamentos e condições para todos, escolher quem deve viver não deveria ser tarefa de ninguém. Não poder fazer nada e ver as pessoas morrerem na sua frente é um tanto quanto devastador. Pior, sozinhas, sem ninguém para, ao menos, terem a chance de se despedir. Ver o sofrimento no corpo e a angústia na alma através dos olhos faz com que qualquer médico, por mais frio que aparente ser, chore escondido.

Contudo, a gente acaba se acostumando, não por não se importar, mas por não dar tempo de ficar lamentando, enquanto um morre, chegam dois em situações próximas.

Mas hoje foi diferente. Nunca pensei que um dia chegaria a este impasse. Meu pai...

Semana passada ele foi diagnosticado com Covid-19, está internado desde então. Ele tem 78 anos. A situação dele vem piorando, está respirando por aparelhos. E, ao decorrer da semana, chegaram mais pacientes. Tínhamos apenas mais um aparelho e hoje fui alertado de que as condições de dois pacientes estão piorando. Um homem de 58 anos e uma mulher de 61. Não devíamos passar por isso. Os outros médicos não sabem o que fazer, além de toda a ética instalada em seus íntimos – confio nos meus profissionais –, sabiam que era meu pai o mais velho a usar o aparelho respiratório, seria o mesmo que sentenciá-lo à morte. Eu sou o diretor do hospital, geralmente cabe a mim essas decisões. Juramos ética, mas como fazer quando isso significa matar seu próprio pai?

Jurei ética. O homem e a mulher têm mais chances. O que fazer? Meu pai sempre foi o meu herói. Estou em pedaços. Enquanto estou a caminho dos quartos passa um filme em minha cabeça; ele me rodopiando no ar; me contando histórias antes de dormir; me ensinando a andar de bicicleta; me levando à escola; suas lágrimas na formatura – era seu orgulho eu ter me tornado doutor –; brincando com meus filhos...

Nunca havia chorado diante de ninguém nesse hospital... Meu pai já tinha me alertado sobre essa possibilidade. Ele tem certeza de que eu farei a coisa certa.

Ele era um homem sábio...

O músico isolado

Kíssila Muzy (Nova Friburgo-RJ)

No quadragésimo dia de isolamento social – sim, estou contando, todos estamos - ele começou a tocar guitarra na pequena varanda do apartamento.

Do basculante do banheiro eu o vi: cabeludo e com a barba desgrenhada. Vestia uma roupa descombinada que lembrava duas peças de pijamas diferentes; munido de um microfone preso num pedestal, tudo ligado num amplificador. Estivesse na rua, seria confundido com um desses artistas meio maltrapilhos que ganham só o suficiente para sobreviver. Como é mesmo que dizem por aí? Tudo que ganha vai da mão pra boca’.

No entanto, o desleixo com a aparência podia ser posto na conta da pandemia que obrigou a ficarem encerrados em casa todos que não precisavam sair para qualquer finalidade que não fosse o essencial para a manutenção da vida. Naquela pequena moradia no quinto andar do edifício que dava para os fundos do meu apartamento, havia um jovem precisando de ajuda para encontrar seu rumo.

No meu tempo, levaria uma sova se ousasse me mostrar em público desse jeito. Era coisa de hippie, de malandro. Quando iniciei a carreira militar, a educação recebida em casa permitiu-me sobreviver e ascender com menor sofrimento que os colegas que não aceitavam a rígida rotina de cuidados com a aparência que deveria ser mantida no padrão. Se eu tivesse filhos, certamente seriam como eu mesmo fui na minha juventude, nunca como o rapaz que se apertava entre os equipamentos e um varal de roupas repleto de cuecas e meias.

O primeiro dia prometeu ser barulhento, pois a estreia foi com uma canção dos Rolling Stones que iniciava com solo de guitarra. Eu não gostava desse tipo de música, mas como arranhei umas cordas na juventude, sabia de uma ou outra de maior sucesso. Eu podia vê-lo através da pequena janela, ficando nas pontas dos pés. Naquele quarteirão os

prédios eram quase grudados, mas bastou fechar as portas para abafar o som que não chegava ao meu quarto do outro lado do imóvel.

No dia seguinte ele retornou ao palco improvisado, no mesmo horário. A diferença é que surgiu uma plateia. Eu sabia disso porque o garoto agradeceu às pessoas nas janelas. Estava com a mesma vestimenta da véspera e parecia ainda mais sujo e mais à vontade. Esperei pra ver o que ele ia tocar. Não que estivesse interessado naquela pseudoarte de qualidade duvidosa, mas porque me lembrei de quando tentei mostrar para o meu pai que havia aprendido alguns acordes no violão e fui severamente repreendido. Ele disse que não admitiria que eu perdesse tempo com aquela bobagem de música, pois tinha que me preparar para o exame de admissão na academia militar. Foi a última vez que o assunto surgiu na minha casa.

As primeiras notas não eram familiares, claro, eu costumava recordar com facilidade dos hinos e marchas que enalteciam a nobre tarefa de proteção da pátria. Algo, porém, sacudiu o baú de alegrias que lacrei ainda na juventude e reconheci um sucesso do The Who. Provavelmente uma daquelas músicas que nos pegavam de surpresa em momentos de muita emoção, grudando em nós sem chance de escape. Esperei que terminasse, ouvi uns poucos aplausos, fechei o basculante e todas as portas antes de me deitar na cama para as orações noturnas.

De manhã, captei um restinho de sonho fugidio que envolvia relacionamentos esquecidos e um enorme tablado no qual eu deveria me apresentar para uma assistência fantasma, mas eu não sabia onde estava meu violão. O restante do dia passou no modo ordinário com clarões de lembranças de um período da vida que pensei estar sepultado, quando ainda acreditava que poderia ser alguém diferente do que estava planejado desde antes do meu nascimento.

No terceiro dia, entrei no banheiro disposto a rapidamente fechar a janela e retornar ao meu quarto, mas percebi que havia um movimento diferente no edifício em frente. O rapaz havia penteado os cabelos e interagiu alegremente com os ouvintes perguntando quais músicas gostariam de ouvir. Ao microfone, apresentou-se: chamava-se Jonas, tinha vinte e dois anos e morava sozinho. Deixou a pequena cidade onde nascera para tentar a carreira musical na capital, mas foi surpreendido pelo decreto

de confinamento e, desde então, vinha recebendo ajuda da família, à distância, para sustentar-se. Resolveu cantar na varanda para passar as horas e distrair os vizinhos.

Sob muitos aplausos terminou o trabalho do dia e até acatou o pedido de bis num som dos Beatles que era impossível não conhecer. Foram quatro músicas da banda e mais uma da fase solo do John Lennon. Além de tocar bem a guitarra, o moleque dava conta da interpretação. Talvez se viesse a ter a oportunidade correta, até poderia firmar-se como artista. Mas seria melhor que arranjasse um emprego de verdade antes disso porque todo mundo sabe que quem subsiste só de música não costuma ter uma vida muito digna. Esse o conselho que eu daria ao filho de um amigo, se tivesse algum.

Assim foram os dias. A seleção de canções era ampla e interessante e, a cada aparição na varanda, uma novidade. Por mim não fazia diferença, só ia ao banheiro àquela hora para acompanhar o movimento da vizinhança e vigiar se os eventos passariam dos limites da urbanidade. Até quando ele tocou —Love me tender! minha atenção estava voltada mais aos assobios das mulheres que eu não conseguia enxergar de onde eu estava.

Sabia que a subversão da ordem não demoraria a acontecer. Como parece ser costume nesse país de iletrados, algumas pessoas gritaram o famigerado —toca Raul!. O músico não tardou a dedicar uma tarde inteira exclusivamente ao perverso compositor de músicas satanistas que deveriam estar proscritas. Quando meu pai descobriu que eu tinha um LP do Raul Seixas, quebrou-o em vários pedaços com um martelo. Até hoje agradeço por essa reação, pois do contrário poderia ter me perdido da minha missão. Ouvi atentamente meu vizinho executar cada nota sem arredar o pé do basculante, aliviado pelo meu destino, acompanhando mentalmente as sequências do dedilhar das cordas.

A má impressão com o comportamento transviado esvaiu-se. Jonas foi muito gentil ao agradecer às vizinhas que haviam deixado bolo, pão caseiro e biscoitos para ele na portaria. E também aos caras que mandaram cerveja.

— Ô, gente boa! Da próxima vez dá pra acrescentar uns negocinhos pra beliscar? — Perguntou o jovem extraindo alguns risos, inclusive de mim.

Não há como saber quantas pessoas acompanhavam os shows das respectivas janelas e varandas. O que sei é que eram muitas palmas e, às vezes, até coro faziam. Jonas atendeu aos pedidos enviados por escrito com a comida e com isso o repertório ia ficando cada vez mais diversificado. Num dia, Bee Gees, Ângela Maria, Bezerra da Silva e Tim Maia. Bob Dylan, Raça Negra, Waldick Soriano e até músicas infantis em outro, e mais os que me eram desconhecidos e soavam mais modernos e desagradáveis.

Houve uma tarde em que ele não apareceu na sacada. Era perceptível e desconfortável o silêncio no ar, como se o tempo tivesse sido suspenso. Não consegui escutar nem um mísero sussurro relativo ao desaparecimento do astro, pois as pessoas comuns não usam amplificador na comunicação ordinária e o meu basculante nunca esteve tão distante do mundo real. Pensei em descer as escadas para buscar informações, mas me dei conta do ridículo que seria, já que eu nem conhecia o sujeito. Por que enfrentaria o perigo da contaminação pelo novo coronavírus e de me tornar objeto de comentários entre os fofoqueiros que estão sempre de plantão, até mesmo durante uma quarentena?

Um misto de indignação e preocupação tomou-me a mente. Como um homem poderia descumprir assim um compromisso, abandonando seu público sem dar qualquer satisfação? Ao mesmo tempo, era por causa da maldita pandemia que estávamos obrigados à reclusão. Talvez ele estivesse gravemente doente em casa e sem condições de tocar e cantar. Não seria o caso de tentar socorrê-lo? Pensei no meu único sobrinho e provável herdeiro que também morava sozinho e vinha me visitar uma ou duas vezes ao ano para saber notícias, dar conselhos ao velho tio e pedir contribuição financeira para algum novo e arrojado projeto, desses que só se empreende com o dinheiro dos outros.

A noite não foi tranquila, não dormi bem pensando no que poderia ter acontecido com o menino, logo agora que ele vinha trocando as roupas por outras que também não combinavam entre si, mas pelo menos o revezamento sugeria alguma higiene. Se eu tivesse um filho, não o deixaria sozinho num

período tão difícil. Os jovens correm mais riscos por serem impetuosos e não calcularem suas atitudes. Talvez ele tenha ficado cansado do isolamento e saído por aí. Nesse caso, merecia ser chamado à atenção e até denunciado por ser uma influência ruim para as crianças do bairro.

Várias vezes verifiquei a varanda durante a noite em busca de algum sinal. Uma sensação ruim me abraçou, mas não conseguia nominá-la. Uma memória teimava em tentar me assombrar, ao mesmo tempo em que o vazio do entorno engrandecia. A ansiedade não me permitia pregar os olhos. De um lado para outro na cama enorme e fria, eu tinha que lidar com pensamentos desconexos sobre vírus letais, pessoas perdidas no tempo e sonhos não realizados. Era chegada a hora de dar o passo que há muito tempo fora prometido.

Horas depois, raios de sol entravam com suavidade através da cortina entreaberta sem chegar a esquentar o ambiente naquele meio pra final de outono. Despertei sentindo dores pelo corpo, provavelmente porque acabei apagando na pequena poltrona que normalmente era utilizada para leituras breves. Também por causa do peso desacostumado do antigo violão que resgatei do fundo do armário na madrugada. Enquanto repassava mentalmente as melodias ouvidas nas últimas semanas, tentei recuperar as habilidades para desfrutar do meu antigo e verdadeiro prazer, quiçá o único que tive em toda a vida. Com os músculos definhados e as juntas endurecidas, os sons produzidos foram assustadores por revelarem os hiatos entre a vida que uma vez desejei ter, a que de fato tive e a que nunca me seria permitida, mesmo agora, tantas alforrias depois.

O jovem guitarrista nunca mais foi visto. Pelo interfone, o porteiro do edifício contou que o colega do outro prédio disse que ele havia sido internado subitamente com sintomas da covid-19 e, quando teve alta, voltou pra casa dos pais no interior. A paisagem vista pelo basculante era de novo um quadro triste e cinza, cor predominante do quarteirão silencioso.

Meu violão voltou para o lugar de onde não deveria ter saído. A esperança é uma dama envolvente e perigosa, acende chamas e muito pouco faz para alimentar as brasas. Melhor continuar assim até que a canção definitiva seja tocada ou até que acabe a quarentena. Maldita quarentena!

O resgate

Ricardo Lacava Bailone (São Carlos-SP)

Um dia, ou melhor, uma noite, seres do espaço chegaram a uma expedição exploratória no planeta Terra. Eram do planeta anão Haumea. Após coletarem espécimes de plantas, insetos, pássaros e até mesmo alguns pequenos mamíferos, decidiram capturar um exemplar do que o planeta tinha como o mais avançado intelectualmente. Na casa de Amanda, que dormia ao lado de seu marido, uma forte luz focou em sua imagem, que a fez levitar vagarosamente, acordando Álvaro, cinquenta e dois anos, desempregado, que vendo que se tratava de uma abdução implorou: “Me leve daqui também! Não me deixe só”, e foi assim que os dois se tornaram porta vozes do planeta Terra para aqueles seres que tão pouco evoluídos pareciam. Não tinham boca, olhos, ouvidos, mãos e nem mesmo ânus. Apenas um holograma de má definição.

Contavam sobre as guerras, sobre o modo monogâmico de se viver, como os homens tinham compaixão alheia, sobre a democracia, os direitos humanos. De como eram evoluídos cuidando do meio ambiente e dos outros animais. De como se ajudavam quando um dos nossos passava necessidade. E muitos dias de conversas se prolongaram. Os extraterrestres, que não dependiam da alimentação, forneciam os mais belos cardápios para os terrestres, graças a uma tecnologia de clonagem de sentimentos, os quais captavam dos cérebros daquela raça inferior e transformavam em matéria. Não falavam o mesmo idioma, mas tecnologia semelhante permitia codificar a linguagem distinta para a sua família, de maneira recíproca, de modo que todos conseguissem a troca de informações.

Assim como os humanos, as plantas e os animais também se comunicavam, mas em frequências diferentes, todas elas captadas pelos alienígenas. Os humanos mostravam como haviam chegado ao topo da cadeia alimentar, como trabalhavam sessenta horas por semana com orgulho, como a economia crescia a cada ano, como as reservas ambientais se proliferavam. Das guerras contra o terrorismo e os loucos

fanáticos do planeta, combatidas pelo grupo dos aliados, pessoas de bem sempre a favor da democracia de outros países, que não os deles.

Mas aqueles seres evoluídos sabiam ouvir. Também ouviam outros seres, como as plantas e os animais que ali também estavam, e logo perceberam que a raça humana era, além de mentirosa, muito fechada para absorver novas ideias. Uma raça retrógrada e reacionária que se sobrestimavam perante outros seres de seu planeta. Concluíram: uma raça inferior.

Sessenta horas trabalhadas, e a vida esgotada aos quarenta, sem qualquer apoio do governo, que tanto os sugavam ao longo da vida. O individualismo crescia a cada ano, assim como a desigualdade, principalmente em países “emergentes”, como gostavam de se denominar. Emergidos na indiferença. Reservas florestais que se multiplicavam a passos lentos após terem sido esgotadas a um patamar que jamais seria recuperado novamente. Animais sendo mortos não para suprir o vazio da barriga, mas para ostentar luxos supérfluos. O objetivo de crescimento econômico constante não importando os meios. Preconceitos e puras ficções sociais. Isto e muito mais foram contados pelas plantas e outros animais que ali se faziam presentes.

E foi assim, com o passar do tempo, que aqueles extraterrestres conseguiram convencê-los de que as coisas caminhavam em direção errada no planeta Terra. Que algo deveria ser mudado. Que exemplos e tecnologias limpas poderiam ser levados do planeta Haumea para a Terra. Os humanos, de tão vislumbrados com aquela vida nova, não viram o tempo correr, e quando se deram conta, alguns meses já haviam se passado. Preocupados, decidiram entrar em contato com o planeta Terra, pois conhecidos e parentes deveriam estar inquietos com o sumiço inesperado daquele casal. Pensaram em se despedir de seus mais novos amigos e retornar ao planeta, mas depois de muito se questionarem, escreveram apenas uma carta, em que dizia: “Meus queridos, não se trata de abdução, e sim de resgate!”.

Os profetas estão cansados

Julia Helena Rathier (Francisco Beltrão-PR)

Em uma reunião que instituiria o debate necessário à eleição de uma como a mais temerosa entre todas as pandemias mundiais, uma decorosa mesa era a grande iluminada da noite.

Música clássica ao fundo. Vivaldi. Abundantes arranjos de narcisos distribuídos pelos cantos da mesa – sem a mínima preocupação em provocar reações alérgicas, visto que se falava de perigosos vírus e bactérias enquanto integrantes da mesa.

Garrafas d'água e copos postos à frente de todos os assentos, visto que não é todo dia que se convoca várias versões de um mesmo bicho-papão pra um diálogo.

Bicho-papão, assim por definição, teria introduzido J.K. Rowling em seu fabuloso universo mágico como a criatura cuja horripilância corresponde ao maior medo atual de uma pessoa.

Desta forma, um mal que assolasse cada época, enquanto pandemia, poderia facilmente ser o bicho-papão de muita gente.

Aquele era um evento épico. Curiosamente, não havia expectativas, pois deram a vós a própria bestialidade surpreendente que cada fera incorporaria para falar de si.

A voz da curadoria do evento, cuja dona aparecia apenas em uma cabine de projeção acima do auditório, pelo reflexo dos vidros, era de ninguém menos do que da Dengue - cujos surtos não evoluíram à categoria de pandemia -.

Engajadas em defender e hierarquizar o malefício que causaram, cada uma teria em média 15 minutos para apresentar ao público (que calhava de ser composto por outras doenças) o motivo pelo qual deveria ser considerado o mais apavorante de todos os tempos.

Das cocheiras, por entre passos suntuosos, a primeira convidada, ocupou sua cadeira. Evitativa, passivo-agressiva, entrou de cabeça erguida sem direcionar olhares à plateia que a cercava.

Foi logo afastando a cadeira da mesa num puxão e com uma carranca típica de quem acabara de passar por uma guerra. Trajada em longa túnica preta, alusiva a grandes lutos, veio a Peste Bubônica.

Em seguida, um vulto ávido de cor vermelha alarmante surgiu, deixando possível identificar uma disposição claramente baixa à uma longa conversa.

Com cara de poucos amigos (até porque ela tinha era nenhum), veio a arrogante Varíola. Em elegantes vestes de Peplum, sentou-se sem corresponder aos olhares que Peste Bubônica lançou a ela, fixando-se ao papel que pusera sobre a mesa que intuitivamente deveria ser o de seu discurso preparado.

Diante da arrogância das anteriores, a convidada seguinte apareceu exprimindo um estado taciturno e vagaroso. Cabisbaixa e contida, apresentou-se Cólera.

Se a conhecessem de antes, seria fácil confundi-la com um adocicimento mental que costumam chamar de Depressão.

Cólera, vestia uma túnica amarelada opaca. Algo que se situava entre o ovo e o ocre. De fato, visceral. Ou devo dizer, biliar.

Sob o momento súbito de uma troca de música de fundo, apresentou-se, com uma luz reverberante, a bela Gripe Espanhola.

Conduzida ao seu posto na mesa através de uma melodia de tango, a efusiva senhora anunciou muito antes de sentar-se: *“Muitos que aqui estão, nem mesmo sabem a que verdadeiramente se deve o meu nome. Esta é uma das numerosas pautas que vou tratar esta noite. Vim para desfazer-lhes os equívocos e então prepará-los para a minha grandiosidade em forma de vencedora.”*

Antes que me esqueça de notificar, Gripe Espanhola usava algo que já deve estar entranhado no inconsciente coletivo como a boa e velha roupa de toureiro. Cetim vermelho adornado de arabescos em linha dourada, a costura era perceptivelmente marcada por originalidade e sofisticação.

Pouco depois, outro componente já estava ao centro do salão, caminhando em direção à cadeira que ocuparia. Não deve ter provocado menos

do que calafrios à grande parte da plateia, pois, trajando um terno azul claro e uma camisa rosa, tomou o seu lugar, ao som de Pigs, do Pink Floyd.

H1N1, também chamada de Gripe Suína, emitia um desengasgo popularmente conhecido como *modus operandi* de alguém que se apronta para falar algo de muito importante.

Ajeitou-se mais de uma vez na cadeira, com muitos movimentos e depois encontrou o que se sugeria, para ela, uma posição confortável.

O último componente da mesa, era visivelmente o mais jovem de todos.

Aprumando-se para que o detalhe não lhe fizesse se intimidar pela experiência dos calouros, Coronavírus ou COVID-19 - como anunciará em imprensa que preferia ser chamado – teve sua entrada musicada pelo mais novo *hit* da cultura pop contemporânea, Stupid Love, da Lady Gaga.

Corolado em um refinado conjunto de Chantum verde, havia em seu visual um toque de superioridade mastigada. As coroas já se faziam presentes desde o bordado na roupa, não só como autorreferência, mas como a marca evidente do sucesso.

Arte e elegância eram as palavras para a presença do novo Coronavírus, que diferentemente de todos, disseminou-se pelo mundo através de cruzeiros repletos de lazer, fartura e rica variedade de culturas.

O queridinho das manchetes, não negava que todo aquele ódio era revertido por ele mesmo no mais estúpido amor, visto que não se falava noutra coisa. COVID pegou o microfone e deu à platéia o gostinho de ouvir o novo (e já admiravelmente promissor e culto) vírus da humanidade.

“Muitos de vocês mataram profetas. Mas eu, eu matei poetas. Escritores, músicos e até os que contra mim consagraram inovadoras imagens e fórmulas prometidas. Eu apendi com Fernanda Young (uma metáfora para o quanto sou jovem e destemido) que se vocês não me odiassem, eu estaria no mínimo não me expressando direito. Pois nada é tão gostoso quanto ser odiado pelos odientos. Pelos mais odiosos motivos.”

Meus queridos odiadores, é uma honra estar com vocês aqui, hoje.

Corona, cientificamente comprovado com origens chinesas, atentava-se a própria miscelânea de culturas que teria conseguido atingir, não esquecendo-se de pontuar que teria feito com que muitos países repensassem seus sistemas de saúde e tomassem medidas emergenciais novas ao modelo. Bem como estratégias políticas e orientações financeiras envolvidas na crise que se desenhou.

Apresentados todos os componentes da mesa, o debate iniciou-se, com a leitura das grandes pautas de critérios para a eleição do bicho-papão da história da humanidade.

Os critérios eram: História, início de contagem, estimativa de transmissão e mortes causas.

Peste Bubônica, a mais antiga de todos exprimiou com segurança:

“Eu duvido que haja alguém aqui que tenha conseguido marcar dois continentes com uma mortalidade de quase 1/3 da população. A minha chegada naturalmente apavorou a Europa e a Asia, pois diferentemente de vocês, ou sou vinda de um tempo em que a medicina não era sequer uma prática difundida. Foram milhares de pessoas as quais infectei, sem que houvesse reza suficiente para curar toda onda.

O esoterismo da época sonhava em me alcançar, mas os desejos não calham de ser atendidos à mão de quem também é perseguido.

Eu fui um modo original de extermínio à medida que infestei a população através do que há de mais simbólico ao nojo: ratos. Muitos e muitos ratos.

Os profetas sacralizados à época, cansaram-se da ode à luz divina, visto que a escuridão já invadia corpos mais do que cheios de fé.

Eu dizimei padres, cardeais, senhores feudais, servos, artesãos, reis e príncipes. A minha conta é alta. Vão precisar de papel e de cabeça fresca, coisa que a febre não deixa.

Eu sou negra como o ébano das janelas em que choraram pessoas de olhar fúnebre; copiosamente pela dor e caus. O adeus mais doloroso foi a minha obra”.

Peste Bubônica, que claramente não poupava de seus discursos um alto teor narcísico, refestelou-se dos olhares dos intimidados que os

outros convidados direcionaram a ela após a sua fala. Serviu-se da transparência alheia como um dândi bebendo vinho.

Chegando sua vez, Variola, que, quando apresentada demonstrara absoluta confiança e irreverência, em excelente postura proferiu seu discurso:

“Honrosamente, compito com os senhores em gênero, número e grau. Minha escala de gravidade, percorreu uma extensão de mais de 3.000 anos pela humanidade.

Mas em meu ápice atingi muitas classes entre 1896 e 1980. Reduzi drasticamente a população matando milhares. Fui parte do retrato da crueldade do retrato da colonização das américas.

Entre minhas mais nobres vítimas estão: o Faraó Egípcio Ramsés II; a rainha Maria II da Inglaterra; e o rei Luís XV, da França.

Marquei corpos com erupções na garganta, manchas avermelhadas e diversas outras fragilidades incomuns à época.

As vias respiratórias também atingi, e entre o principal grupo de risco envolvido, teriam estado pessoas que fumavam – sutil elegância do século -.

Eu invadi a vaidade e a condenei. Meu ponto forte é este, meus senhores. Eu sou o espelho de uma cultura. E vim para deixar claro que; não apenas a morte divide e erradica os seres. As próprias pessoas fazem isso.

A natureza humana é egóica; instruída a corromper-se em nome da fartura. As bocas de latrina gritam aos ventos sobre o quanto algumas vidas valem mais do que outras, porque é nisso que elas acreditam, desde que vieram à Terra. E põem a culpa em pragas; e em surtos. Choramingam à moda hipócrita e vibram quando uma fatalidade leva alguém que não é um dos seus. Porque nunca seria.

Nunca seria em oportunidade, ou em ideia. O mais rígido cristal reluziria apenas para acompanhar os quilates de seus ouros. E pobres eram das pedras que não eram ouro. Nem cristais que lhes adornavam. Lhes serviam. Dos debaixo, ou de mais baixo. Desses, ninguém lembrava o nome.

Eu sou Variola. E não fosse uma praga, maldição horrenda, eu poderia ser nome de gente. Eu vim aqui para lembrar-lhes que muitos dizem o contrário, mas a morte começa no medo.”

Assim que o silêncio se instalou; Cólera pôde ser notada remexendo-se aparentemente com alguma espécie de desconforto físico ou insegurança em seu assento. A peça, extremamente apática, era devota da timidez até mesmo quando chegava sua vez de falar.

Como num sopro, declarou: *“Bom. Talvez eu esteja aqui querendo competir por um lugar no olhar de temor da população, porque, o meu começo foi aterrador.*

Iniciei minha trajetória na Índia, e então devastei seu povo com crises intestinais, febre muito alta e algumas vezes causadora de delírios.

O resto do mundo só me conheceu no século XIX, mas, eu fui muito notada a partir de então.

O que me diferencia com certeza de todos vocês, é que, ninguém mais aqui vai poder dizer que matou Hegel. Isso mesmo. O filósofo. O célebre filósofo Georg Wilhelm Frederich Hegel. Eu o visitei em tempo em que não havia mis confiança na força do universo para livrar os seres. Até a filosofia padecia. E até os profetas estavam cansados.

Eu invadi a paz de grandes pensadores, cujos traziam respostas das diversas perguntas lançadas ao mundo dos tolos. São em meu nome vários dos títulos de grandes romances clássicos como o de García Marques, intitulado “Amor nos tempos de Cólera”, e também “Um copo de Cólera”, do Raduan Nassar.”

Cólera se revelava, astuta e competitiva como antes não havia demonstrado. A indefesa e tímida tivera soltado a verdadeira raiva que atingiria, antes de mais nada, a quem com ela se dispusera a competir por mortes de célebres e nobres.

“Também fiz padecer e ir à óbito alguns poetas, que antes de acometidos, sobre mim escreveram. A grande questão é que me enfezei e revelei a minha força tendo, mais tarde o meu nome ficado permanentemente marcado em linguagens para adjetivar pessoas que ficam agressivas, iradas.”

A voz de Cólera elevava-se, como um piano desmelódico, tocado por uma criança agitada.

Ela fez a pausa de que seus colegas de mesa, embora não tivessem pedido, precisavam.

Tomou grandes goles d'água e, em seguida, decidiu retomar: *“Digo-lhes mais dois nomes aclamados. Também fui a morte para Januário, o conde de Caltagirone, e James Polk, o 11º Presidente dos Estados Unidos. Acho que com isso, terminei.”* – disse convencida.

Chegada a vez da mais confiante convidada- se bem que havia grandes revelações sendo feitas -, Gripe Espanhola se levantou.

Foi até o meio do palco, e observou a plateia notando ali grandes potenciais com a Influenza, Escarlatina, Difteria e Cisticercose.

Aquela era uma noite especial porque reunia muitos dos pesadelos da humanidade em anos, fossem eles pandemias ou não. Tomada por um suspiro, ela anunciou:

“Vejo que estamos reunidos com grandes e ferozes mazelas, hoje. Cada um aqui tem um motivo para ser lembrado no horror. O que eu quero, porém destacar, é que o horror por mim causado se arrastara por um período que foi nada menos do que o sucessor de uma das mais importantes guerras da história.

Eu sou filha da angústia. Das preces não atendidas. Dita por bocas diversas, malograda ou até chorada em súplicas.

Eu venho de uma época em que escudos já não eram suficientes e não haveria pólvora capaz de me exterminar. Os corpos tesos e mórbidos que peguei, muitos já adoeciam por tristeza e indisposição frente ao momento e às diferentes lutas travadas.

Eu sou a Gripe Espanhola, e como disse no início deste evento, eu desmistifico que minha origem seja essa, a latina empregada em meu nome.

O tango utilizado em minha entrada, o traje de toureiro, são apenas apropriações culturais que decidi fazer em razão da Espanha ter sido o lugar em que mais fui divulgada.

Dei as caras ao mundo, em 1918, com o furdunço da 1ª Guerra Mundial. Atingi em grandíssima escala a Europa, as Américas e amedrontei muita gente que não acreditava na seriedade do risco por mim representado.

Me apossei de lutos que pertenciam à guerra, bagunçando vidas de milhares de sobreviventes que viajavam navios e sofriam com companheiros mortos de morte matada.

Meus queridos, aqui vos fala a responsável pela morte de 2 a 3% da população mundial à época, com estimativa de 50 milhões de pessoas. E isso tudo em questão de meses!

Nos Estados Unidos, fui tão forte que reduzi a expectativa de vida da população em 12 anos! E, fui por muito tempo considerada a pior pandemia já ocorrida desde a Peste Negra. Lidem com isto!

Gripe Espanhola, como a boa narcisista que provou ser desde o início da reunião, correspondeu às primeiras impressões de seus colegas de mesa e, com as mãos entrelaçadas, elevou os braços ao canto de corpo em sinal de glória e autoafirmação; repetindo o movimento bilateralmente.

Aquele era o sinal de uma figura qualquer que já tivesse internalizado e aceitado a vitória em um jogo, cantando-a antes mesmo das apostas e de reconhecer e analisar os adversários e suas forças.

Para os outros convidados, certamente a arrogância de Gripe Espanhola despertava motivação na briga pelo lugar de horripilância.

Chegada a vez da caricata Gripe Suína, uma situação bastante incomum precedeu o discurso.

Já no quarto copo d'água, a participante que, em constante afobação, engolia o conteúdo do copo quase em um copo só, como quem implorasse por fôlego, afogara-se subitamente.

Cólera, a prestativa, correu ao posto de Gripe Suína e começou a bater-lhe as costas, enquanto, surpreendentemente – para todos os convidados- a esnobe Peste Bubônica assumiu delicada e prestimosa postura, posicionando uma sacola plástica para caso de vômito da concorrente.

Inesperadamente, um grunhido suíno grotesco sai da boca de H1N1 enquanto esta se desengasgava. A mesma tapou a boca rapidamente num instinto protetivo.

“Me desculpem, meus caros. Por vezes isso acontece. Por mais que eu seja lembrada por associação à memoráveis e bonitas trilhas, como “Waka Waka”, da Shakira, em época de Copa do Mundo; não se

pode esquecer, foi de porcos que eu vim. Isso conta para a minha historicidade perversa.”

“Pois aqui mesmo faz-se jus ao ditado “Não joguem pérolas aos porcos”!” – disse, em deboche, Gripe Espanhola. Cada vez ficava mais claro o quanto a falsa latina jogava sujo de fato e estava prontamente disposta a desdenhar de seus concorrentes com rompantes.

A esperta H1N1 elegantemente rebateu:

“Muito bem, minha cara. É justamente por isso que estou aqui. Para que não me joguem pérolas, visto que sou uma criatura vil. Minhas desculpas pelo som emitido, foram um material de retórica. Poucos entenderam. Como era de se imaginar. Os incautos que roam as unhas; deixem que os vermes continuem a perigar-lhe a existência bruta.

Eu tenho mortes lentas e dolorosas para contar e em época de festividade mundial; se é que você ainda não entendeu.

Eu, sim tenho origem latina, verdadeiramente latina, e atingi a população em maior escala na época do evento futebolístico mais estimado do mundo.

Muitas pessoas tiveram que sacrificar suas torcidas tradicionalmente reservadas ao grande esporte; colocando meu fim em primeiro plano em suas orações e pedidos

Isto é, em suas preces, pranto e trancos. Eu dividi populações. Dei vazão à versos literários importantes e questionadores, pois sou sublime como um rascunho inacabado de magnânima maledicência.

Se quiserem me derrubar, devem, antes saber que tenho em minha origem o princípio científico tal qual o da Gripe Espanhola. O meu diferencial, consta sobretudo no fato de que não vim da guerra, mas da alegria e da competição entre povos que eu então perturbei.

O meu propósito é o diamante bruto de tudo isso aqui. Há um paradigma e nem você nem ninguém aqui diria que porcos sabem de filosofia.

Porcos, animais asquerosos e referidos literariamente enquanto devoradores de restos, podem, metaforicamente encaminhas a todos o saber, sobre a pequenez da natureza humana.

A vitória é tão logo, ridiculamente uma ilusão quando se trata do caos.

Nenhuma cultura é superior à outra, porcos da terra já o provariam”

Estoicamente, a Gripe Suína, provocou - ou pelo menos tentou - aos seus concorrentes uma reflexão não antes apresentada. Algo novo encaminhava-se. Uma atmosfera de dúvida e humildade havia se instalado no ar.

O último, mas de forma alguma menos importante componente, Covid-19, deleitava-se com todas as audições até o momento. Podendo extrair suas fragilidades e potenciais, é digno dizer que ocupava um lugar privilegiado no debate.

Entusiasmado, como naturalmente estaria um garoto novo, apoderou-se da vez a ele concedida para falar exprimindo: *“Não me intimidarei com vossas experiências vastas; pois minha jornada e meu desempenho seguem curso lá fora. Sou a pandemia mais nova. O tormento para o qual impulsionam-se multidões em busca da cura.*

Já em pouco tempo de transmissão provoquei uma discórdia perto da qual, assuntos mundanos tornaram-se tacanhos. Creio que sou o único aqui que pode afirmar que fronteiras foram fechadas em razão da minha propagação. Comércio de cidades gigantescas e países desenvolvidíssimos conheceram a lama, enterraram-se sonhos, expectativas e injustiças sem que ninguém as cavoque para gerar inquéritos.

Ainda assim, acredito que o mais importante a ser dito sobre mim sejam as etapas a partir das quais pessoas resolveram cegar-se diante do perigo.

Meu início foi demarcado por xenofobia, preconceito e desinformação. Sou sorradeira com alto contágio e deliberei uma crise de muitos aspectos da vida humana, que antes disso já estavam prejudicados, mas ninguém admitia.

A polarização política do mundo assumiu uma forma ainda mais profunda e abstrata do que as pessoas estavam acostumadas a ignorar ou a escancarar e defender. Governantes em guerras de interesses. Egos

insípidos e imbuídos da síndrome de pequeno-poder-e-grande-importância, assinando decisões com a caneta cujo valor pesa para quem mais precisa de seus olhares atentos.

Negacionistas em posições hierarquicamente favoráveis, mortes assoladas pela terra-do-esquecimento.

A diferença disso para o drama hollywoodiano “Mr. Nobody” é que em terra de ninguém, cabra pobre morre na certeza do descuido e da desassitência e ao fim do dia, isso não se trata de um filme para divertir ou bagunçar a cabeça de quem quer que seja. Essa é a realidade, e ela seletivamente não é algo agradável.

Eu de fato não fui uma artimanha provocada, experimento criado em laboratório, muito menos sou uma alucinação. Os leitos de Procusto, aquela obra mitológica cujas pessoas eram cortadas para caberem em moldes de cama; é o substrato de toda uma sociedade pós-moderna que acha razoável que vidas se sacrifiquem em nome de suas próprias preferências pela desinformação ou pela anuência.

Mas acontece, meus queridos, que muitos de nós aqui temos grandes proles e mutações e ao invés de unir o povo, isso o divide ainda mais. O esfacela.

Pouco importa agora se vim do morcego ou se apareci na Copa - um momento feliz. Ou se vim da guerra, querendo ser mais forte do que ela. Ou de ratos. Ou de porcos. Ou de mosquitos. Ou da água contaminada.

O que importa, é que, há um denominador comum pouco discutido e que arrisco dizer nenhum de vocês prestou-se a analisar profundamente. Darei um exemplo mais claro.

Eu matei Patrícia, de 23 anos. A menina que, logo após ter tido a universidade em que estudava, provisoriamente fechada por conta de mim e da crise de saúde que me sucedeu, resolveu marcar mais horários para frequentar a academia, visto que teria longo tempo de folga para cuidar de seu corpo.

Patrícia era estudante de Direito do segundo ano e achava um absurdo que seu município decretasse o fechamento do comércio por 15 dias. Recebia as suas amigas e companheiras de academia e pilates, todas

as quartas-feiras em casa, para fazer jantares, jogar diferentes tipos de jogos de cartas e beber.

As notícias corriam na televisão e na internet, mas, Patrícia acreditava no poder ideológico de adulteração desses meios.

Ademais, também não acreditava que eu fosse grande coisa. Talvez uma gripezinha um pouco diferente das que ela já estava acostumada.

Jamais deixaria de reunir os amigos para o poker sagrado de sábado ou de ir aos churrascos de domingo nas casas deles. Achava besteira adiar a comemoração de seu aniversário, que, era no mesmo dia que o da Rihanna!

Patrícia aumentou a frequência da academia para 5 vezes na semana quando a professora de pilates resolveu fechar temporariamente seu estúdio. Continuava a frequentar o salão de beleza para fazer as unhas uma vez no início e outra no fim da semana. Capricho é tudo.

Até que, ao final de um dia de academia, Patrícia sentiu dores consistentes no diafragma, dificuldade para respirar e frio. Seus colegas de academia Jairo e Marcos alegaram que poderia ser dos cigarros do fim de semana ou talvez as rodadas de tequila com as amigas ao final da noite de domingo. Não sabia ao certo. Sabia que não estava bem e que precisava ser atendida com urgência!

Dona Neli, 45 anos, também foi minha vítima. Mãe solo de 3 filhas e moradora do Morro do Alemão, RJ; ela trabalhava na cantina da universidade em que Patrícia estudava. Fazia alguns bicos como costureira, e, por mão boa para cozinha, salgados para vender.

Com o fechamento temporário da universidade e a baixa procura pelos salgados, Dona Neli resolveu fazer diárias em casas. Casas de bacana, ela sabia.

Dona Lúcia, a banqueira; Seu Pascoal, o advogado; Ingrid, a médica anestesista. Muitos outros frequentavam a praia enquanto ela trabalhava. As pessoas verdadeiramente haviam esquecido; ou mesmo nunca lembrado da necessidade de limparem a própria sujeira.

Dona Neli, precisava trabalhar para sustentar Jorge, Clara e Jefferson. Dona Neli nunca nem pensou se uma doença poderia ou não

ter impacto ideológico sobre uma nação. Ela estudou até a 6ª série. E morreu. Aos 45. E infectou Jorge, Clara e Jefferson. Jorge que hoje eu vi entregando panfleto na rua pro Maurício, o cara que disse que ia ler em casa com calma porque estava atrasado. Mas a verdade é que ele estava levando seu micro-ondas na eletrônica do seu Milton, antes da academia e do futebol das 17hrs com os amigos no clube. Era pra isso que ele não queria se atrasar. Não higienizou as mãos antes e nem depois de sair, pois acreditava que a sua saúde balanceada o imunizaria muito mais facilmente.

Eu arriscaria dizer, meus senhores, que é ele o vencedor hoje aqui. O mortal Homo Sapiens. Evoluído é o que dizem as línguas, mas o que sabem as cabeças só não é maior do que aquilo que elas ignoram. Minha opinião está dada. Meu discurso se encerra.”

Assustados com a reviravolta de Covid-19, os convidados permaneceram quietos até que, ninguém melhor do que um verdadeiro bode expiatório, respondeu: *“Vocês estão coléricos! Piadas à parte, este seria um ótimo roteiro para um filme do Lars Von Trier se ele não fosse sueco à beça pra suportar o drama.”* - disse a Gripe Espanhola.

Logo após o comentário, ela soltou um suspiro que pareceu um remendo: *“Mas eu aposto que está de excelente critério pra um Pedro Almodóvar ou talvez até um David Lynch. Eu concordo com você, Corona. E essa realidade é, como diria Lars para seus filmes, uma pedra no sapato. O ser humano é uma pedra no próprio sapato.”*

Todos os outros componentes da mesa, anotavam algo em suas folhas, quando de repente, a curadora Dengue poeticamente anunciou: *“O debate está encerrado pelo tempo previsto e agora, precisamos decidir pela vencedora deste processo eleitoral ou o maior bicho-papão que já assombrou a humanidade.”*

Como se fosse algum tipo de protesto à ordem pelos nomes candidatos no debate, a plateia começou a erguer suas folhas de voto.

Foi o que alguns teriam chamado balbúrdia ou fraude se os papéis levantados não contivessem a mesma palavra que os componentes da mesa então mostraram em suas folhas.

Em uníssonos, gritos tomavam conta. A natureza (re)conhecia naquele auditório o seu princípio e o seu fim, condenados ao que por unanimidade foi apresentado como o mais temeroso vírus.

Ele, chamava-se Homo Sapiens.

Quando as raparigas desciam ao Pireu

Luís Palma Gomes (Amadora-Portugal)

“Se tanto vossa vista mais namora
Quanto eu sou menos para merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?”

Luís Vaz de Camões

Os ruídos do exterior eram escassos. Parecia que estava no campo, apesar de viver no centro da cidade. A primavera excitava os piares e o vento ameno agitava as folhas das poucas árvores que a autarquia deixara de pé. O apocalipse devia ser parecido com isto que envolvia a casa. A natureza avançava lenta, mas irreversível, sobrepondo-se a uma civilização que não selhe opunha.

Um surto gripal tornou-se pandémico. A quarentena decretada pelo governo confinou-nos aos espaços domésticos durante semanas a fio. Não se tratava de um fenómeno brusco e derrompante. Era um ser microscópico, um vírus, uma película de gordura que embrulhava

uma pequena porção de ADN que caía desesperado dentro de nós. Aí, lutávamos com ele pela sobrevivência: vida contra vida - muitas vezes num combate letal. E assim, vírus e humanidade se envolviam numa peleja sem tréguas ou diplomacia, capaz de assinar um ar mistício, um tratado ou uma rendição honrosa.

Eu já perdera a minha *joie de vivre*. Talvez fosse consequência da medicação que começara a tomar. Ficava mais calmo, menos ansioso, na medida em que me afastava da vida. Deitava-me cedo, fechava os olhos e corria pelo passado fora. Espreitava os recantos da memória entre a infância e a atualidade que achava dignos de lembrança. Cada vez que cumpria esta recuperação seletiva do passado, escolhia momentos diferentes. A vida parecia-me rica quando vista através da lente de um microscópio, e plana e banal, quando percebida num grande plano. Tudo dependia afinal do grau de proximidade que escolhia para observá-la.

Entre os namoros da remota juventude, decidi aproximar a lente daquele que me pareceu o mais pragmático: tinha personagens imprevisíveis, um enredo curto, mas completo, alguns conflitos interiores e exteriores e um final aberto, como devem ser todas as amores juvenis depois de Romeu e Julieta.

Enquanto recordava podia de novo cheirar a relva cortada, sentir a textura dos soutiens ainda pouco cheios, saborear os beijos - tudo isto numa difusa, mas intensa degustação de sentidos.

O cenário era um liceu da periferia da capital no princípio dos anos 80. Viviam-se ainda os augúrios da revolução de 74, dentro de uma sociedade que descobria em comunhão os caminhos do crescimento económico, da liberdade e, em alguns casos, fazia por retardar o fim de festa que a revolução iniciara. Construíram-se novos bairros, alguns desinteressantes e monótonos, outros chiques e modernos, que uma classe mais instruída e ousada vinha habitar. A Susana vinha de um desses bairros com mais *glamour*. Os seus traços delicados, as roupas que escolhia, o seu tom de voz controlado eram desígnios do seu grupo social. Era pequena, bonita, com uma tez branca, sublimada por uns lábios bem desenhados e uns olhos verdes miudinhos e vivos. Era inevitável que depois de algum tempo de convivência lhe chamássemos com carinho Susaninha. Conhecia-a através de um amigo, o Pedro. Ele namorava a Elsa, conhecida entre nós pela “Mamalhuda”, que por sua vez era amiga da Susaninha. Era comum, naquela idade, os amigos encaminharem uma amiga da sua namorada para o seu melhor amigo. Tornava-se uma forma de entrar num romance frugal sem sair de uma amizade. Assim, se encontrava um espaço divertido e confortável onde todos podiam coabitar.

Começámos a namorar num sábado. No início da tarde, jogavam-se os incontornáveis jogos do interturmas de basquetebol - momentos plenos de adrenalina, onde se procurava também a atenção dos demais. Nesse ano, a minha turma tinha sérias ambições à conquista do torneio. O Pedro era um dos melhores jogadores do liceu. Apesar da sua baixa estatura para a modalidade, era um líder: inteligente, quando se tratava de organizar os vários momentos do jogo; corajoso nos momentos de pressão, quando era preciso decidir depressa. Por tudo isto, tínhamos ganho mais

um jogo, caminhando sem lastro para a final cada vez mais próxima e possível. Eu olhava-me ao espelho do balneário e via um campeão olímpico. Pressentia já sobre a minha cabeça a invejada coroa de louros.

A confiança torna-nos mais atraentes. Parece que não desperdiçamos gestos, nem palavras, fazendo que tudo ganhe um sentido irreversível. Esse estado de graça atrai as paixões do sexo oposto nas primeiras décadas da vida, quando ainda aprendemos as primeiras leis do desejo.

A Susaninha e a Elsa assistiam, como lhes competia, num varandim promovido a bancada, à nossa esperada vitória. A puberdade está cheia de altos e baixos. Nas fases ascendentes, tudo se concerta em harmonia em nossa volta. A Susaninha veio ter comigo no final do jogo e, com um sorriso gostoso, disse-me apenas: “Parabéns”. Reparei então melhor: vestia um impermeável amarelo, por cima de uma camisa creme nimbada de pequenas flores. A brancura do rosto avivava-lhe o recorte dos lábios e as duas esmeraldas que lhe nasceram no sítio dos olhos. O cabelo preto, meticulosamente desgrenhado, temperavam com um ar natural, quase selvagem, a sua singela divindade. Nunca a havia desejado, muito menos pensado nela. Era assim a primeira vez que me apercebia da sua beleza. Seria uma prenda dos deuses pelas últimas vitórias olímpicas?

Cumprimos o protocolo dos namoros liceais daquela época: alguns encontros nas traseiras dos pavilhões mais recônditos, onde trocávamos beijos e apalpões distribuídos apenas pelas zonas tacitamente convencionadas. Íamos juntos a festas do liceu e pouco mais. Namorar era, para mim, de uma atividade excitante, uma mudança de ritmo, mas diluída entre as múltiplas coisas que me aprazia fazer. Não me ocupava por isso muito espaço cerebral, nem tempo. Às vezes pensava de como tinha sido possível a um jovem humilde e pouco ambicioso atrair uma rapariga da zona mais sofisticada da vila? O bairro dela localizava-se lá em cima, como se tratasse da Acrópole ou da Ágora da Atena clássica, enquanto eu vivia numa espécie de Pireu, uma *downcity* portuária, barulhenta e mesclada por todo o tipo de gente, onde a vida acontecia para toda a gente, ricos e pobres, deuses e mortais, cidadãos e escravos. Eu - pobre, escravo e mortal - havia-a sequestrado do Olimpo e por isso considerado herói pelos meus pares. Será que os emissários de Zeus, me acorrentariam nas montanhas no Caúcaso, qual Prometeu, onde uma águia

me arrancaria pedaços de fígado todas as manhãs? Não sei. Fumava mais um mata-ratos e esquecia tudo.

No sábado seguinte, tínhamos mais um jogo contra uma daquelas equipas que serviam apenas para preencher o calendário, prolongar a prova e inchar o ego esfomeado de um adolescente a precisar de confiança para o seu devir. Entrámos em campo com a habitual confiança que a presença do Pedro nos emprestava. O meu amigo era uma espécie de *deus ex machina* que nos levaria à vitória quando ele decide-se ser o momento certo. Do outro lado, um grupo de jovens corajosos e combativos, pouco mais. O basquetebol era uma atividade aristocrática naquele liceu. Havia uma corte, um percurso ritualizado com símbolos e provas que elevavam alguns mortais do anonimato ao estrelato. O Pedro era um dos predestinados. Eu alimentava-me dos seus despojos de guerra. Do outro lado, estava a classe mais baixa do basquetebol escolar: gente generosa, mas selvagem. Talvez fossem eles os verdadeiros desportistas, o que pouco importava àquela nobreza da qual eu seria eternamente um escudeiro.

No varandim, lá estavam as donzelas colorindo e aplaudindo os feitos dos cavaleiros. Entre elas, a Susaninha e a mamalhuda.

O jogo começou. O nosso comandante decidiu que devíamos nos resguardar, gerir o esforço, cansando o adversário, dando-lhe a ilusão que podia competir conosco. Ele possuía uma inteligência invulgar que o tornava frio. Essa frieza produzia em mim reações díspares: ora me cativava, ora me irritava, sobretudo quando ultrapassava os limites delimitados pela minha crença na intuição.

A equipa “sans-culotte” não poupava esforços na tomada da Bastilha. Entregava-se de alma e corpo ao combate. Eram desajeitados, mas generosos e preservantes: um negro, um gadelhudo, alguns rapazes gordinhos e um jovem de feições perfeitas, quase femininas, que liderava a romântica revolta do povoléu contra a eficaz guarda real, confiante e comedida. Ele tinha cabelos castanhos claros com algumas nuances louras, olhos verdes e um físico equilibrado e bem calibrado. Disputava o jogo com uma disponibilidade apaixonada. Sem consciência do seu drible infantil com os olhos apenas postos na bola, do seu lançamento atípico, da sua defesa primária, corria sem se cansar como se aquela fosse uma

aventura de vida ou morte. Sempre com um sorriso na boca e uma educação desportiva exemplar. Chamava-se Paulo Outero e vivia no Bairro Alto, perto da Susaninha. Interpretava ele o protagonismo, burguês e poético, daquela revolta inconsequente, mas ainda assim empolgante, contra o regime dos jogadores federados que se tornava, treino após treino, ano após ano, irreduzível. Era impossível não gostar do Paulo: irreverente, mas calmo, empático, mas solitário. Tinha apenas um amigo: um jovem negro, muito castiço e alegre, chamado ironicamente Albino. Quando vinham juntos para a escola pareciam um duplo estandarte da revolução. Se um bom rebelde apadrinhava um preto pobre e simpático seria mais desejado pelas raparigas com queda para os heróis das causas perdidas e acarinhado por rapazes como eu, de certa forma engajados na turba do contra-poder, fosse ele qual fosse.

Uma tarde de primavera, quando o fim ano letivo se perspectivava - para júbilo daqueles que já vislumbravam a liberdade preguiçosa das férias grandes - eu caminhava a par da Susaninha à saída do liceu. Passávamos junto à igreja que se erguia com um traço modernista a duzentos metros dos portões, quando vimos ao nosso lado o Paulo Outero. Lá ia ele calmo e brilhante com uma t-shirt de mangas cavas, uma echarpe preta ao pescoço, evocando a intifada palestina, calças de ganga muito justas e umas sandálias de couro gasto que pontuavam a sua indumentária com um inatacável toque de monge franciscano.

Quando ela o viu, esqueceu-se, propositalmente ou não, de mim, iniciando uma conversa melosa como se eu não existisse, nem mais ninguém em redor deles. Fazia-o com uma cumplicidade que desconhecia. Eu era o namorado dela, ou não era? Como gostava do Paulo, senti-me marginalizado, mas não irritado. Era o tipo mais parecido com Jesus Cristo, Lord Byron e Jim Morrison que eu conhecera. Naquele instante, conjecturei que fora usado apenas para fazer ciúmes ao Paulo de quem ela realmente estava apaixonada. Talvez fosse ela afinal uma delicada estratega e que chegara o momento do derradeiro “*touché à moi*”. Afinal a Susaninha tinha a educação e os objetivos das gentes do Bairro Alto, a auspiciosa acrópole da vila. Eu era apenas um rapaz do Pireu, habituado por decisão própria ao “deus-dará”, ao hábitodo acaso; mais fascinado pela vontade de viver, do que de ser. Estava habituado

às vezes do destino sem que isso me incomodasse muito. Realmente, eles faziam um par harmonioso. Eram já, sem o saberem, um projeto com futuro. Partilhavam uma linguagem, uma ética, idealizando a mesma vida perfeita que os adolescentes percebiam no último instante do seu idílio juvenil. Eu sempre vira a Susaninha como uma jóia roubada ao Bairro Alto, como uma medalha do inter turmas de basquetebol que nos enche de orgulho e corremos a mostrar ao melhores amigos. Mas depois a guardamos na gaveta, entre outras tralhas, para sempre. E só nos lembramos dela quando muito tempo depois nos vemos confinados em casa a fazer uma quarentena por razões epidemiológicas. Nesse instante, porque a televisão e as redes sociais se tornaram banais, preferimos rever estes episódios gravados no sótão da cabeça. Não tinha a certeza de que a história teria sido mesmo assim: já tinha lido cartas antigas que juraria nunca as ter recebido ou enviado. Quem me garantia que a história tinha sido mesmo assim?

Afinal o que importava isso? O passado é sempre um lugar estrangeiro e ninguém o replica na íntegra. O que importava era sentir por segundos o sabor, as texturas, o cheiro daqueles momentos passados e isso era viver outra vez.

Liguei a televisão para me atualizar sobre a situação pandémica. O pivot do telejornal entrava em contato com o correspondente em Bissau. Parecia o Paulo Outero. Era mesmo o Paulo. Eu nunca esquecia uma cara. Recorrentemente, abordava antigos colegas de escola, perguntando: “Tu não és este?...Não estudaste no Liceu...? Não és o Vítor...ou o Anibal?”. Eles incrédulos não me reconheciam, mas eu não falhava um reconhecimento. Concluí mais tarde que a razão deste estéril prodígio era resultado de olhar sempre nos olhos dos outros. E um olhar, mesmo quando muda, nunca muda. É o reflexo da nossa essência. Quem deseja intuir a verdade olha nos olhos, mesmo perdendo metade das palavras, quase sempre emitidas pela razão de uma *persona* que alguém decidiu assumir.

O Paulo Outero era jornalista. Procurei no Google e confirmei saudosos a descoberta. Talvez fosse ainda amigo do Albino e esta amizade o tivesse levado à Guiné-Bissau. Realmente, lembrei-me num ápice que o ele tinha uma índole missionária, já nos tempos do liceu: a humildade, a generosidade, a tenacidade e a sua atração pela causa dos desfavorecidos

eram predicados da sua natureza. Acrescia a estes substantivos, aquele romantismo patético apenas disponível para a classe média-alta e emergente do Bairro Alto. As gentes do Pireu estavam destinadas à sua condição de sobrevivência reprodutiva, esperançosos e pacientes, aguardavam que um dos descendentes pudesse também eventualmente subir à Acrópole.

Onde estaria a Susaninha? Ao lado dele, trabalhando numa ONG cheia de humanismo e compaixão? Ou teria ficado em Portugal, longe daquela paixão pueril, gerindo o seu *franchising* da “Natura” no Centro Comercial Colombo? Curioso, procurei-os no Facebook, tentando saber mais detalhes. Mas obtive quase nada, quando comparado com os momentos verdes que recuperava dentro de mim, quando buscava o passado, naquele dia da tépida quarentena.

Quarentena

Marcos Antonio Campos (Natal-RN)

Às vezes a noite lembra-me dos meus mortos e é comum rezar por eles. Não são tantos, umas duas dezenas, talvez. Nunca cheguei a contá-los, mas jamais os esqueci.

Hoje, acordei com um toque do celular. Esta semana você ultrapassou duas horas de internet. Meu Deus! O que eu fiz, ou melhor, o que eu não fiz? Será que não fiz a faxina? Não concluí a leitura do livro que estou lendo? De onde vem tanto tempo livre para ver tanta besteira? Conclusões que pus na caixa de Pandora e a deixei bem lacrada, para que vírus nenhum se espalhasse pela vizinhança. Afinal, da última vez que me esqueci de fechá-la, um sentimento saiu e não voltou. Por isso, até hoje não aprendi a amar.

Não é novidade que não resisti ao celular e lá estou eu lendo ou apagando dezenas de bobagens. O grupo familiar para um bom dia. O grupo do trabalho para saber quem vai ser dispensado hoje ou amanhã. Os inimigos da igreja, ou povinho para não me conhecer, é tal de santinho, mensagens de apoio, cada flor mais bonita que a outra. Ah! E os vídeos? Nunca vi tanto humor em tempos de cólera. A esquerda culpando a direita e a direita culpando a esquerda. *Fake News* aos milhares. Comentários nada *poiéticos*, enfim, fiz como Nietzsche, decretei um encontro de um intelectual com um néscio para ver se um eliminava o outro,

Continuando meu périplo pelo *móBILE*, vejo uma mensagem da Fatoca. Ela ainda se lembra de mim? Faz tanto tempo que não nos vemos. Quando me abandonou, disse-me “que queria que a minha alma fosse ao encontro de Deus”. Será que está lá me esperando? Não resisti à curiosidade e cliquei.

— Oi, amigo, tudo bem? Lembra-se daquela nossa amiga que ia casar? Está muito doente, tá com uma tosse seca, uma dor de garganta. Está arrasada. Creio que não tem jeito. O pai dela, doutor Epaminondas,

também está muito mal. Estou passando por aqui para dizer te cuida: essa doença é muito perigosa.

— “Minha imaginação já me transportava” para o hospital querendo saber não o estado real dessas criaturas, mas tentando identificá-las e o que isso tem a ver comigo. Qual a verdadeira intenção de Fatoca?

A pandemia traz nomes à baila, histórias dolorosas de cidades destruídas e remete-nos a lembranças que não vivemos: a gripe espanhola, o cólera, a peste negra. Faz lembrar-nos, também, de muitos clássicos da literatura. “A Divina Comédia”, Sherazade e “As Mil e Uma Noites”, “Nêmesis” e “O Ensaio Sobre a Cegueira”.

A verdade é que fomos felizes enquanto crianças, por não conhecermos a razão. Hoje estamos infelizes por conhecermos o medo e a razão, amanhã voltaremos a ser felizes, após perdermos a razão. Assim falou Zaratustra. Desculpem-me! Foi Goethe.

Rascunhos de uma vida que se quer vivida

Kátia Cilene Silva Santos Conceição (Palmas-PR)¹

“Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e vejo
relações dialógicas entre elas.”

Mikhail Bakhtin

Sempre estive atenta às pressões, cobranças e impactos de todos os níveis sobre a figura feminina: familiar, profissional, estético, entre tantos que poderia enumerar. Elas são as últimas a serem contratadas e as primeiras a serem demitidas (clichê); respondem ainda, na maioria dos lares, por múltiplas tarefas, pelas quais se culpam ou são cobradas, se não são exercidas com excelência. Mães, esposas, filhas, domésticas, cuidadoras – e quantos mais complementos possam ser acrescentados em uma lista depois da palavra mulher – ficam evidentes em tempos de pandemia. Mas quem terá olhos para elas quando o mundo masculino também se vê sob ruínas, com seu *status* de provedor e administrador de problemas ameaçado? Como chamar a atenção quando pouco ou nada resta daquele conhecido ombro amigo, agora também à procura de um para se apoiar? Lugar de frágeis assumido? Não, de jeito nenhum, apesar de ser o lugar mais comum para o qual sempre foram empurradas essas figuras.

Mas em tempos de quarentena as fronteiras se esbarram, se entrecruzam e coincidem na falsa igualdade de finitude que o coronavírus gera em todos, principalmente nas desigualdades de suas causas e efeitos. O cuidado para o isolamento não ocultar ainda mais as diversas violências já conhecidas e minimizar os sofrimentos que se acumulam na luta invisível é o grande esforço de Simone, mulher que conheci numa de minhas viagens Rio-Niterói e com quem tive o prazer de conversar nesses dias tão difíceis para uma interação, por breve que seja. A história dela, que não consigo contar no seu tom singular, poderia ser a minha, a sua, de

¹ Conto publicado originalmente na coletânea “(r)existências na Pandemia”, organizado por Jacob dos Santos Biziak, 2021. A versão deste livro está com revisões.

qualquer uma de nós, que amanhece com uma rotina inteira a enfrentar, mas com o desejo de que no fim do dia tudo fique bem para nossa família.

Simone acorda sempre pontualmente minutos antes do toque do despertador. Uma vida inteira vivida no interior, acordando com as galinhas, não se modificava, apesar do cenário não ser mais o mesmo. Os sons ao redor não eram do galo cantando, nem do marido ao velho pilão quebrando o arroz da parca colheita. Às vezes ainda se confundia, e acordava achando que estava na sua casinha branca de telhado vermelho e com o marido pitando na varanda com o velho cachorro deitado aos seus pés. Mas isso só acontecia quando o filho acordava antes dela e passava o café, e o aroma fresco a arrebatava daquela casa, onde estava morando havia quase cinco anos.

Não era o caso desse dia, pois depois que iniciou a quarentena, ela sempre acordava mais cedo ainda com a rotina da casa modificada e o neto mais novo, Pedro, querendo a mamadeira que a sua mãe, quase ainda dormindo, ia preparar. Desde que o isolamento social havia iniciado, Simone tinha se encarregado da tarefa de preparar o mingau do menino, que tomava a longos sugos e depois voltava a dormir.

Nesse dia, porém, o filho também iria sair mais cedo do que de costume, pois com o risco de serem todos demitidos de seus empregos, ele se esmerava em mostrar ao chefe da reposição do frigorífico do supermercado a sua eficiência, e dizia orgulhoso: “se alguém tiver que ser demitido, não serei eu”. Ainda estava em vantagem porque era jovem, a maioria dos funcionários mais velhos já havia sido dispensada naqueles últimos três meses de pandemia.

Simone então, seguiu a rotina de sempre de sua manhã, poupou a nora Letícia de se levantar e avisou bem baixinho: “Já coloquei a cisterna para encher”, pois era dia de cair água, e se foi. No trajeto dos becos e das escadarias do morro, ia cumprimentando os meninos que cedo estavam ali uma vez por semana para desinfetarem as ruelas da comunidade. Rodrigo era membro do centro comunitário e desde que as notícias de que o tal vírus podia ser combatido com água, sabão e desinfetante, ele havia se juntado a outro grupo de idealistas do local para tentar poupar a população, pois também eram moradores dali e precisavam preservar suas famílias,

já que ninguém mais faria isso por eles. “Tarefa um pouco difícil”, observava Simone ao descer o morro e ver que o serviço era homérico e no dia seguinte a rua que estava limpa já estaria cheia de lixo novamente.

Cinco da manhã e o ponto de ônibus estava cheio, um pouco menos do que o de costume, mas o movimento ainda não era o suficiente para conseguir um lugar sentada no circular. Quando o ônibus chegou, o tal distanciamento social era vaga lembrança para todos que se atropelavam para entrar, inclusive ela. “O que todos queriam mesmo era não se atrasar para suas tarefas diárias.”

Depois de 30 minutos em pé, o rapaz que estava sentado no banco à sua frente, lendo um jornal, olhou para fora e cutucou a moça que cochilava ao seu lado. “Nunca tinha visto os dois naquele ônibus”, mas agradeceu o assento que vagou ainda no início da sua viagem para Copacabana.

Afastou-se um pouco para que ambos saíssem e sentou-se à janela. “Lugar privilegiado”, quase sorriu, não fosse a máscara que usava, enquanto um senhor se acomodou na cadeira do corredor. Ela ainda quis avisar que o rapaz tinha deixado o jornal para trás, mas ele logo havia sumido com a moça no meio do povo dentro do ônibus já quase totalmente lotado. Olhou para o senhor do lado, quase lhe oferecendo o jornal, mas viu que ele recostou a cabeça e fechou os olhos, “boa maneira de evitar o contido; Simone gostava de conversar, mas com aquelas máscaras no rosto era de fato desconfortável.”

Simone lembrou dos alertas do filho: “tenha cuidado onde toca”, mas não resistiu e pegou o jornal. Abriu com todo cuidado mantendo-o afastado do corpo e foi passando as páginas lentamente como se não quisesse “alvorçar o tal vírus” que podia estar nas folhas, “mal comparando casa de marimbondo”. Seu nível de leitura não era dos melhores e por isso se atentava às manchetes e fotos. Logo viu a notícia: “Menino que estava sob guarda da patroa de sua mãe cai da janela do prédio enquanto sua mãe levava o cachorro da patroa para passear.” Levou um susto tão grande que fechou o jornal rapidamente com medo de virar a página e ver o corpo da criança caído no chão. Dobrou o jornal devagar e o colocou no suporte à frente de sua poltrona novamente.

Olhou para fora do ônibus e viu o movimento quase normal de uma manhã de sexta-feira enquanto ia trabalhar. Lembrou dos conselhos da nora, que apesar de tanto tempo já morando na mesma casa, não acreditava que a sogra sabia se virar na “cidade grande”, ainda mais nessa situação atípica. Lembrou que para que permitisse que ela fosse trabalhar fora foi mesmo “somente porque sua vinda tinha pesado no orçamento dos dois, que já tinham três bocas para sustentar: Melissa de doze anos, Mônica de seis e o mais novo, Pedro, de dois anos.”

Letícia era mais velha que Jorge, seu filho, que recebera esse nome em homenagem ao pai. Ela era do tipo calada e séria, mas que determinava tudo o que todos deviam fazer. Simone, por sua vez, buscava acatar as situações e ajudar mais do que interferir na vida do filho, casado havia os exatos doze anos da filha mais velha. Era um rapaz tranquilo, bem parecido com o pai, Jorge, falecido havia seis anos, sem nunca ter colocado os pés naquela cidade.

Simone viu uma moça descendo do ônibus com duas crianças pela mão e voltou a refletir sobre a notícia do jornal: “o que o filho de cinco anos fazia na casa da patroa de sua mãe...” Então lembrou da situação singular que viviam: escolas e creches fechadas! “Onde as crianças iriam ficar enquanto pais e mães trabalhavam?” Lembrou de quando Jorge era criança e que a escola nunca fora o lugar para deixá-lo e sim para estudar, aprender uma profissão e poder ser alguém na vida; “Mas o lugar era outro, os tempos também! Pena Jorge ter largado a escola cedo para ir para a cidade grande”.

Lembrou dos netos em casa, logo Letícia sairia também para trabalhar e as crianças ficariam sozinhas em casa, a mais velha com a responsabilidade de alimentar e cuidar, sob a supervisão da vizinha mais próxima, quase dentro do mesmo muro baixo, que para ir de uma casa à outra bastava transpassá-lo com um levantar de pernas.

Gilda, que também cuidava da neta Solange de 11 anos, enquanto a filha separada do marido ia trabalhar, fazia bolos para vender. Como Simone e Gilda tinham quase a mesma idade, sempre que surgia uma oportunidade, conversavam sobre realidades de vidas tão avessas, mas similares, ambas viúvas e que moravam com os filhos e netos.

Ficava um pouco mais tranquila com a vizinha, Gilda, cuidando dos netos nesse período. Depois do almoço, as meninas, Solange e Melissa, se reuniam para fazer os trabalhos da escola enviados por uma assistente social, pedagoga, “algo assim”, encarregada de manter as crianças maiores estudando. Tinham um horário para ir buscar a refeição na escola, mas Letícia preferiu dispensar essa tarefa, pois era perigoso para as meninas se deslocarem sozinhas, por isso deixava tudo pronto: “era só esquentar”. Ela mesma já havia pensado em largar o seu trabalho de doméstica em Copacabana para cuidar dos netos em casa, “mas o que faria depois que tudo voltasse ao normal?”... “Não conseguiria outro emprego daquele em casa de madame que pagava bem sem ter que pernoitar.”

Chegou o seu ponto. Desceu, e uma quadra à frente entrou no prédio luxuoso pela entrada de serviço, e como de costume acenou para o porteiro, que também não era carioca, mas já tinha sotaque que tentava imitar puxando os “ésses” e “érres”.

Quase oito horas da manhã, calor já de quase 30 graus, era frio para eles e muito calor para Simone. “Não se habituava nunca com esse calor.” Entrava pela cozinha, de onde tinha chave, e quando os patrões saíam para trabalhar já havia iniciado suas tarefas de sempre, que não incluía cozinhar, porque a família comia fora e sempre jantava em restaurante antes de voltar para casa. “Precisava limpa, lavar, passar e cuidar do casal de cachorros que tinha que levar para passear todos os dias por meia hora.” Mais uma vez lembrou da notícia do jornal sobre a pobre criança que caiu do prédio!

O patrão e a patroa, que eram um jovem casal de engenheiros, um pouco mais velhos que Jorge, filho de Simone, quase não encontravam com ela. A comunicação se dava sempre que necessário por ligações para celular que eles mesmos a haviam presenteado para que pudessem dar as instruções das tarefas de casa. “Boas pessoas”. Ali, no espaço daquela casa, que não era sua, “e nem queria; nunca iria se acostumar a viver em prédio”, cuidava de tudo como se fosse seu.

Nesse dia, Juliana, a patroa, avisou que iria chegar mais cedo, pois a moça do salão iria a sua casa cuidar do seu cabelo. “Estava evitando ir ao salão”, mas tinha um jantar importante à noite.

Simone estranhava que tudo que via na TV, que deixava ligada enquanto cuidava do apartamento, não se aplicava à vida da jovem patroa. Ela e o marido continuavam trabalhando e fazendo suas refeições fora. Às vezes ouvia alguma coisa sobre “estarem fazendo as refeições às vezes na casa dos pais dela, outras na casa dos pais dele...” “Mas eram coisas que não lhe competiam pensar.”

Como de costume, fez todo seu trabalho, passeou com os cachorros e às cinco da tarde Juliana chegava para se arrumar. Simone aproveitou para sair mais cedo, pois ainda iria ao caixa eletrônico sacar algum dinheiro, “era dia de receber; precisava ir à farmácia comprar o remédio da pressão, solicitado pela vizinha Gilda no dia anterior, além de ir ao supermercado comprar umas laranjas-bahia, que Jorge gostava tanto, principalmente de tomar um suco fresquinho logo que chegava do trabalho”, hábito que aprendeu com o pai.

A patroa não questionou e a liberou deixando-a feliz, pensando em fazer tudo bem rapidinho: “o banco era próximo ao mercado e próximo à farmácia, ali tudo era mais prático, e hoje conseguiria retornar mais cedo para casa, antes que o filho e a nora chegassem”.

Enquanto fazia as coisas pensava: não se arrependia de ter ido morar com o filho que a pressionou a morar com ele após a morte do pai. Ele não queria deixá-la viver sozinha no interior de Minas afastada de tudo, das comodidades e assistência médica. Como estava desconsolada com a morte do marido, vendeu o pouco que tinha e se foi para a “Cidade Maravilhosa”. Antes da pandemia já achava tudo complicado naquela cidade. Não era ignorante, já sabia como as coisas funcionavam, mas olhava em volta, principalmente com tudo que a TV dizia e entendia que se precisasse mesmo de alguma outra assistência, pouco lhe solucionaria estar ali, no Rio de Janeiro!

Olhou a hora no caixa do supermercado, enquanto a moça atendia as pessoas em poucos números, e viu que precisava se apressar para pegar o ônibus das seis e meia. Pagou pelas frutas e se deslocou apressada para o ponto de ônibus. Quase uma das primeiras, ela conseguiu um lugar sentada. “Tudo diferente do padrão.” “Até que o dia não estava tão ruim para uma sexta-feira.”

Mal saiam na Presidente Vargas e sentiu o tranco do ônibus que teve que se apoiar com força na poltrona da frente soltando um gemido de dor no pulso. Assim como todos no ônibus, olhou pela janela para entender o que acontecia. Percebeu que à frente havia muitas pessoas: “não é proibido fazer essa tal de aglomeração? Tinha visto na TV!”

Ouviu a moça do banco da frente explicar que se tratava de uma manifestação, “para protestar sobre a morte de um rapaz, um certo George, mas não tinha sido no Brasil...” “Lembrava de ter escutado alguma coisa na TV, mas como falava muito em outra língua que ela não entendia, não deu muita atenção.”

Enquanto esperava o fluxo do trânsito voltar ao normal, pensava que não conseguiria chegar antes do filho em casa para lhe esperar com o suco de laranja que ele tanto gostava, igual ao pai... Tentou ler aqueles rascunhos nas faixas e cartazes que as pessoas levantavam, enquanto o ônibus se arrastava no meio de homens e mulheres, mas não entendia o que estava escrito nem compreendia o que estavam gritando, porque estava naquela língua que ela não entendia – “I can’t breath”. No fim, ela agradecia aliviada: “ao menos não foi o meu Jorge, e que Deus console a mãe desse que se foi e proteja sua família que ficou. Hoje vou chegar tarde, como sempre!”

Realidade afiada

Maria Fernanda Socovoski Ferragem (Realeza-PR)

Olhando para as paredes gélidas e claras do meu quarto, percebendo o vai e vem de uniformes brancos, tivera a instantânea sensação de que a morte me observara. A mesma me rondava, perseguia, assombrava e brincava com os fios dos aparelhos que decidiam o futuro incerto da minha vida.

Com meus olhos cerrados por um momento, recordo-me de momentos dignos de serem lembrados, que um dia foram vividos fora daqui.

Penso em meus pais que sempre conversariam e ririam junto a mim; em meus amigos que me animariam em momentos como este, planejando e sonhando por dias melhores; e pensava, principalmente, nos conhecidos que já se foram.

Uma singela lágrima escorre.

A cada suspiro a morte se distanciava. A cada lágrima, a cada recordação, a cada dia.

Mesmo cercada de esperança, a morte me abraçava, sufocava me envolvia em seus braços sombrios.

Máscaras, toucas e uniformes brancos corriam ao meu socorro... Respiração pesada, coração lento, olhos anuviados, mãos frias e medo. Tudo se acaba. Encontrei-me com milhares de pessoas que andaram no mesmo caminho que eu pisei.

Scopum Singula

Naly de Araújo Leite (Sorocaba-SP)

Nada de novo em vírus mutacional, em todas as suas versões para um indivíduo alvo, scopum singula, target individual, nada de novo em nada. Seres humanos, como eu, tem suas vidas e privacidades invadidas, sofrem torturas psicotrônicas, tecnológicas, estupros eletrônicos, uma mutação laboratorial denominada Covid 19, é mais uma mutação em muitas que surgirão paralelamente a outras experimentações humanas desautorizadas.

Hoje, foco, China, estava se tornando polo da balança comercial mundial, vencendo Marx, tio Sam, sob escopo de hiper populacional, muita gente pra pouco país, o entremeio dos grupos políticos se impôs de maneira estratégica e virótica, parece ficção científica.

Estou sentada na privada, cagando o defecar sob cronicidade do controle externo orgânico que sofremos, todos os Tis, assim chamados Targets Indivíduos, alvos de experimentação humana em todo o planeta terra.

Acabei de almoçar, tempo de percurso digestivo de duas horas, mas o controle orgânico que domina os organismos Tis decide o tempo, se vicia organismo humano ao seu comendo e assim, riscos surgem, como a exemplo, lesões irreversíveis intestinais, se defecar perna abaixo em público, em qualquer lugar como sofresse incontinência urinária.

Tis são experimentos humanos que têm seus cérebros conectados em rede, malha neural a laboratórios, CPDs onde são códigos e seus pensamentos, funções orgânicas são decodificadas em telas de computadores, são cobaias humanas desautorizadas, dissecam humanos violando Constituições Mundiais, Resolução dos Direitos Humanos.

Somos 176.000 vítimas no Brasil e milhares em todo mundo que estão encontrando defesas em se reunir em grupos para pesquisar, discutir e criar meios de defesas, somos um grupo vulnerável as ações do Covid 19.

Tis podem ser alvos diretos de quaisquer tipos de mutações ou transportes nocivos realizados por bactérias, essa irregularidade da

COVID em logística de vitimização em todo mundo, significa que tem alvos conferidos, determinados e em linha evolutiva e transformacional, início fazendo idosos vítimas, e hoje, para disfarçar modus operandi, mata crianças, e jovens.

Sinto uma tristeza grande ao vislumbrar horizonte nenhum e verificar pontos negros nas mentes da população que é obrigada, como eu, a correr atrás do troco de cada dia, sorte deles porque, como eu, não são Tis.

Crime organizado psicotrônico, tecnológico é altamente potente e capacitado a desenvolver todo e qualquer tipo de experimento militarista de controle imperialista mundial.

Eu sou uma cobaia há três décadas, usam recursos tecnológicos como telepatia sintética, v2K, masers e outros, e não diferentemente, mecanismos de conduta com manuseio do COVID 19, uma arma que pode exterminar milhares sem deixar suspeitas de ações do crime organizado, inclusive, pode ser direcionada às vítimas Tis do mundo que são denunciante e com isso, não incorrerem riscos de serem apreendidos e julgados.

Covid 19 pode ser direcionado a todas as vítimas de crimes psicotrônicos no mundo e tem mais leituras no seu surgir, desenvolver e matar que as apresentadas.

Todos os Tis têm em torno de si campos eletromagnéticos por essa ligação laboratorial a qual todos estão presos desautorizadamente e sem consenso.

High National High Field Laboratory, possui o mais forte imã contínuo do mundo com 45 teslas, com supercondutividade, mas há notícias de imãs mais potentes, sendo que cercado por campo eletromagnéticos, somos, Tis, alvos de bactérias que são lançadas no mercado livre mundial com logística pré-definida a alvos definidos, como no caso do Covid 19, nada ocorre naturalmente, todos os seguimentos são determinados pelo crime organizado imperialista mundial.

Estamos todos os casa, e com maior rigor que nunca, vitamina D suplementar de 7.000 unidades e vitamina C, além de chás naturais que reforma trato cardiorrespiratório.

O campo eletromagnético que nos cerca serve de atração aos transportes viróticos que são as bactérias magnetotáticas, essas tinha polarização definida, norte, mas com super condutividade magnética por imãs, e outros controles sintéticos, magnéticos e elétricos pode sofrer mudanças e direcionamentos para atingir alvos através de campos magnéticos fortes usando bobinas, solenoides de fio que ao ter sua densidade aumentada, aumenta a força da corrente levando a mudança de direcionamento das bactérias para atingir finalidade premeditada.

Sabemos que alimentos ingeridos estão com elementos da nanotecnologia, portanto, nossos intestinos estão carregados de minerais e elementos químicos suficientes para polarização conduzida e ampliação de campos eletromagnéticos para bactérias se aproximarem carregando Covid 19.

As chuvas que têm acontecido, meios aquosos são essenciais à proliferação das bactérias magnetotáticas, raramente encontradas em solos secos.

Todos os eventos ocorridos em todo mundo prenunciaram algo pior que estava por vir, foi uma preparação de terreno para infiltração e logística do vírus contendo covid 19, em estudos e pesquisas pude compreender o quanto o Brasil estava longe da realidade a qual foi supostamente crida e acredita como próxima pelo processo de globalização que é, em verdade, outra nomenclatura par a colonização.

Sinto uma apreensão a cada passo de meus escritos e pesquisas, é muita ciência para pouco conhecimento do povo brasileiro, e seria como tirar suas esperanças tal conhecimento, mas sinto que é tirar suas defesas se esse conhecimento não for propagado.

As bactérias magnetotáticas são encontradas em águas fluviais, marítimas, produzindo magnetite, greigite, habitam zona anióxidas onde estão presentes os sulfuretos.

Me interessei em investigar a presença de sulfa e água nos componentes de todas as medicações alternativas às tentativas de salvar vidas das vítimas do Covid 19, com Avigan, Cloridrato de Alectinibe, e esse contém actose monoidratada, laurilsulfato de sódio, carmelose cálcica, hiprolose e estearato de magnésio... que nomes difíceis e assunto difícil, penso comigo mesma, tem que haver outra forma de chegar às pessoas.

Temos sulferetos nas zonas habitáveis pelas bactérias magnetotáticas e sulfato dentre os excipientes de fabricação de uma das medicações para combate Covid 19, o sulfeto é um ânion que não tem oxigênio. Sulfetos compreendem elementos que apresentam combinações com outros elementos, sendo que o sulfeto será sempre o mais eletronegativo, ao passo que o sulfato compreende elementos que interagem com o oxigênio, tendo a fórmula base SOx.

Fiquei extremamente preocupada com a presença de elementos químicos em dois territórios, doença e cura, leiga no assunto, mas interessada em me manter viva, assim como a outras pessoas, o conhecimento seria a provável arma mais lógica em dado momento.

As bactérias magnetotáticas que podem ser transporte, táxis dos vírus, desenvolvem dentro de si cristais magnetossomas, composição magnetite ou greigite, esses se organizam dentro da célula e organizam o corpo da célula dentro do campo geomagnético, enquanto flagelos, organelas de locomoção, propule as células resultando os magnetotaxis, interessante, o deslocamento destas bactérias.

Magnetossomas são nanopartículas e necessitam de baixas concentrações de oxigênio para seu desenvolvimento, refleti que a necessidade da falta de oxigênio resultaria na retirada da capacidade do ser humano em respirar sem os traumáticos respiradouros aos quais todas as vítimas do Covid estavam sendo submetidas. Essas bactérias têm poder sob condições ambientais diferentes, domínios magnéticos individuais, tem momento dipolo permanente a temperatura do ambiente, isso dentro do tamanho das espécies, variando de 35 a 120 nm.

O tamanho reflete significativamente no seu magnetismo, dependência do meio circundante.

Vírus ao invadir bactérias tem todos esses materiais a sua disposição, portanto, temi pelo seguimento e indução virótica a pessoas mais polarizadas magneticamente devido a esses recursos tecnológicos usados com vítimas de explorações e experimentações da qual faço parte, como vítima TI, claro.

Cada vez que evacuo procuro me concentrar positivamente na eliminação de nanopartículas cristalizadas, mas como cobaia que

concentra o ferro livre e nanopartículas é o sistema que detêm controle sob vítimas, antes usavam animais, hoje, que podem controlar biodistribuição dos magnetossomas, e isso é sério, o sistema de crime organizado psicotronico tem poderes para influir na ação medicamentosa curativa em atuando contra bactérias virulentas, e esse tempo de incubação pode se tornar “imprevisível”.

Não apresentando aspectos de vulnerabilidade, não cheguei a terceira idade, mas o grande risco é que não posso com medicações a base de sulfa.

Inicialmente, me desesperei, pensei:

- Morri se contrair covid 19, não preciso nem gastar leito no hospital, mas depois, deixei no sanitário essa mal impressão de que podem controlar minha vida desta forma, e que haverá saída, e voltei ao X da questão, salvar a mim e a humanidade.

Descobri que os magnetossomos podem ajudar na detecção do DNA, polimorfismos de nucleótidos, diagnósticos de doenças como cancro, hipertensão e diabetes. Exatamente as doenças que permitem ataques letais às vítimas pelo Covid 19.

Quando descobri a capacidade de magnetossomos na inversão do campo magnético terrestre, segurei o desespero novamente, porque já havia saído do meu trono real, então, verifiquei quanto o pequeno pode se tornar grande na ciência, e o quanto pode se tornar letal se houver desvio ético do uso da ciência e do conhecimento.

Amém!

SÔNIA

Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG)

Esta é a história de Sônia. Não é uma história como outras. Ela se inicia com um certo tropeço, mas termina com um final maravilhoso. Na verdade, não termina. Ela se envereda por uma jornada feliz, a qual espera-se ser eterna e duradoura. Sônia era uma moça simples de uma cidade do interior de Minas Gerais. Como toda mocinha de regiões assim, ela tinha uma vida pacata junto à família. Sim, os mineiros são bem família. Tranquilos. Trabalhadores. “Eu gosto das minhas coisas tudo direitinho” é uma frase tipicamente mineira. E, sim, o mineiro é bem sistemático. Sérgio Reis retrata bem sobre isto em sua música: “Não sabe o sistema em que eu fui criado”.

Enfim, Sônia, uma bela adolescente, tinha lá seus fãs da mesma faixa etária. Certa vez, no cinema, um desses fãs tentou abordá-la. Para protegê-la, os amiguinhos disseram que um determinado rapaz de nome Danilo era seu namorado. Porém, na verdade, o tal rapaz nem a conhecia.

Por ironia do destino, Danilo acabou sendo apresentado para Sônia.

– Sônia, vamos apresentar o Danilo pra você – disse Tânia, sua amiga.

– Quem é esse tal Gorila? – perguntou Sônia.

– Danilo, menina... Danilo... Lembra que falamos que ele era seu namorado para aquele chato do cinema?

– Ah, tá. Tá bom. Onde ele está?

Sônia era uma moça muito bonita. Mesmo jovem, chamava atenção pelos atributos de mulher. Claro que o rapazinho se apaixonou. E, pela insistência dele, acabaram tendo um namorico.

Havia um outro jovem na turma. Parecia ser mais um dos amiguinhos. Era Henrique. Apesar de ter um grande xodó por Sônia, nunca demonstrava. Mas começaram um relacionamento.

O namoro entre ela e Henrique resultou no pequeno Gustavo. Mas o relacionamento entre eles não ocorreu de forma madura. Eram muito jovens. Despreparados. As famílias intervieram e entenderam que não seria conveniente os dois ficarem juntos.

Sônia, então, criou o pequeno Gustavo sozinha. Sozinha? Na verdade, havia um outro fã da mocinha. Sônia realmente despertava interesse de muitos meninos da sua turma. Era muito formosa. Mas sempre tinha uma postura bem recatada, apesar saber como era bonita e atraente. Renato era mais um desses fãs. Mas era mais tímido que Henrique. Mesmo que tentasse de alguma maneira demonstrar carinho por ela, Sônia, devido à amizade, não o levava a sério como um possível amor. Renato acabava assistindo todos os namoricos dela com muita tristeza.

O curioso que é que estavam sempre juntos. Tinham muitos amigos em comum. Viviam no mesmo bairro. Iam as mesmas festas e eventos. E assim foi durante muitos anos.

Renato acabou conhecendo uma outra pessoa. Sempre muito sério e formal, não demorou para iniciar um namoro. Do namoro, um noivado. E do noivado foi um passo para o casamento.

Por outro lado, Sônia se dedicava a criar Gustavinho, que, inclusive, tinha muito carinho por Renato. Ela também acabou conhecendo uma outra pessoa com a qual ficou noiva. Mas o noivado não durou muito tempo. Pois é. Não era para ser mesmo. Sônia acabou criando o pequeno Gustavo sozinha. Coincidência ou não, Renato estava sempre presente e acabou sendo a figura masculina mais próxima do garoto.

Sônia nunca levou muito a sério as brincadeiras de Renato que poderiam dar a entender um possível interesse por ela. Eram muito amigos. Renato sempre teve um carinho muito especial pela moça.

Mas vida que segue, não é? Ambos trilharam seus caminhos.

Sônia e Renato tiveram seus respectivos noivados. No caso de Sônia, o noivado não se confirmou em casamento. Mas Renato estava disposto a tentar falar dos seus sentimentos para Sônia, pois seu coração

batia forte por ela. Seria uma última tentativa. No dia do casamento de Renato, estavam presentes todos os amigos. E, claro, Sônia estava lá também. Agora estava solteira novamente. Renato teria sua última chance. Mesmo com o pé no altar, ele teria que tentar. Em um bate-papo com os amigos antes da cerimônia, Renato tomou coragem...

– Sônia, você deve saber que estou casando, mas meu coração sempre foi seu. Nunca tirei você da minha cabeça.

– Para com isso, Renato. Você vai casar, rapaz... você está de brincadeira... – respondeu Sônia.

– Basta uma palavra e cancelo tudo isso – Insistiu Renato. Porém ela não o levou a sério e até riu da fala dele.

Sônia não poderia sequer cogitar que ele estaria falando sério. Não era possível. Mas aquilo ficou na cabeça dela... “Será?...”

Enfim, Renato casou. Teve três filhos. Mas, após alguns anos, o casamento também acabou. Renato e Sônia estavam novamente sozinhos.

Após a separação, Renato viajou para uma cidade no estado de São Paulo e tentou uma nova vida lá. Era engenheiro e abriu um escritório com um amigo de infância. Mas a sociedade não estava dando certo, e Renato resolveu voltar para sua cidade e estar perto da família. Foi quando soube que Sônia ainda estava solteira. Quem sabe dessa vez. Mas ele ainda tinha aquele receio.

Teve então a ideia de enviar flores para ela de modo anônimo. E isso em diversas ocasiões. Sônia, sempre muito cortejada pelos fãs, não tinha a mínima ideia de quem era o autor da gentileza, mas uma pessoa sempre desconfiou. Sua mãe, dona Tânia, sempre fez votos que os dois ficassem juntos. Ela tinha um palpite de que poderia ser ele. Na verdade, ela tinha certeza que só podia ser Renato.

Em um evento festivo, que reuniu a turma toda do bairro, Renato e Sônia se encontram novamente. Seria uma nova chance. Teria ele coragem dessa vez? Era uma festa num salão de festa paroquial. Todos os amigos de tantos anos estariam presentes. A ideia era reunir a turma da escola que se formou nos anos 1970, que morava ou morou no bairro.

Entre rodas de conversa, em um certo momento, Renato ficou a sós com Sônia. Era sua chance.

– Sônia, queria te falar uma coisa. Você tem recebido flores já há algum tempo, não é?

– Uai, sim. Você sabe quem é que manda? Nunca vem nenhum nome ou cartão.

– Sou eu que sempre mandei, Sônia.

– Não é possível, Renato. Por que você nunca me falou?

– Ah, eu tinha receio de você me rejeitar ou ficar brava comigo.

– Gente do céu, nunca imaginaria que poderia ser você. Apesar que minha mãe sempre dizia que sabia que só podia ser você.

– Sônia, preciso falar: Eu nunca desisti de você. Sempre fui apaixonado e sempre quis ficar com você. Aquele dia no casamento... eu teria fugido com você.

– Ah, Renato, não pode ser. Você não faria isso.

– Sônia, por favor... já tivemos nossas experiências. Que tal darmos uma chance para nós? Estamos sozinhos. Eu vou te mostrar o quanto sempre quis ficar com você.

– Renato, não sei o que dizer. Não esperava isso.

– Eu sei, querida. Pode pensar com calma. Eu te esperei minha vida toda. Eu espero quanto tempo você precisar.

Sônia pensou... “Estou sozinha... ele também. Acho que poderíamos tentar.” Então, ela o procurou...

– Renato, vamos tentar. Depois de tantos anos... acho que chegou a nossa hora.

Renato não podia acreditar no que estava ouvindo. Sônia finalmente ficaria com ele... seria dele... estaria com ele.

Esta história de Renato e Sônia já arrancou lágrimas de muita gente. E hoje, após cerca de cinco anos, estão felizes e servem de exemplo e alento a todos nós.

Tampões

José Eduardo da Costa Pereira Brum (Juiz de Fora-MG)

“A mesa chegou.”

Coçou a parte detrás das coxas sem despregar o interfone da orelha apreensiva.

“A mesa chegou, senhor... Luís?”

O chamamento arranhou além do ouvido. Movida pela curtida solidão, veio o ímpeto de recusar.

Não se imaginava tão cedo num espaço fechado com outro homem, sendo vista como um.

“O senhor está me ouvindo? Tem alguém na linha? Alô?”

Ao se encurvar, avaliou o vestido bobo, puído, esvoaçante. O suor da mão descamada rapidamente colara-se ao interfone esbranquiçado.

“Senhor? Senhor Luís?”

Como o sujeito não tinha conhecimento de que da linha respirava inerte uma mulhera quebrantada?

“É aqui mesmo que estão esperando a entrega de uma mesa quadrada de quatro lugares pra...”

“Dona Luisa.”

O artefato em promoção, antes aquisição almejada, transmutou-se em mais uma constatação cortante de que o casamento de oito anos, ou o namoro-sério conforme palavras do ex, tinha se esvaído.

“No meu papel diz que é pr’um senhor.”

“Sim.”

Que fraca! Que voz anêmica! Que mulher covarde! Luisa acostumou-se a açoiar-se dentro e forada realidade.

“Não ouvi. A senhora poderia liberar o portão pra entrar a mesa?”

Se recusasse, confirmaria aquilo que o ex vivia declamando aos chegados.

“Não!”

Luisa nunca fora louca, nem descompassada.

“Quer dizer, sim!”

Apertou o botão envergonhada pelo descompasso numa conversa banal, e certa de que não fora novamente ouvida.

Quando se desprendeu do interfone, a indecisão arrebatou. Luisa não tinha ainda determinado. Onde colocaria a mesa? Arrastou um chinelo por cansaço, outro, por desgosto. Por que não chutava as caixas da sala abarrotadas de muambas, miudezas e memórias? Luisa puxou no desespero, pela aba, com intuito de criar uma bolha desimpedida a receber a mesa. Parou de supetão com a campainha. Novamente experimentou a sensação de plainar invadida.

Quem veriam pela porta representava o que era?

“Onde vai ficar a mesa?”

O sorridente entregador a alarmava em paradoxos já conhecidos. Altura, barba e braços musculosos contrastavam com cabelos desgrenhados, várias marcas de espinha e um batuque inconsciente de dedos roídos na perna de pandeiro. Diante da inércia, ele agiu.

“Só pode ser nesse canto vazio, dona.”

O sujeito de semblante familiar tomara a iniciativa pela profissão ou por ser homem?

Desensacou o sustentáculo antes de posicioná-lo no ponto correto. A mesa, feminina, é sustentada pelo pé, masculino. Por que recebia lembretes assim da língua sobre o que era e não era?

“Meu parceiro está subindo com as duas cadeiras que *falta* e o tampo de pedra. O elevador daqui é um ovo, não *cabe* nós juntos.”

Luisa gostaria de repelir a recorrente morbidez silenciosa do redor.

“Conheço a senhora de algum lugar.”

A ressonância teimava também interna. Evidenciava que o apartamento e ela pertenciam a outrem.

“Tu *se parece* com um chegado meu de escola. Tem família no Costa Carvalho?”

Luisa finalmente se recordava. Tinha estudado com aquele rapaz quando os dois eram homens inexperientes em formação.

“Pensava que esse prédio tinha apenas kitnet, dona. Prefiro casa e terreno. Não nasci passarinho.”

Nem ela compreendia como o fim de uma vida a dois tão próspera se enclausurava perfeitamente num cubículo de dois quartos. Isolamentos nunca são imateriais.

“Como o povo vive em lugar tão pequeno e sozinha ainda?”

Um sentimento barato, que nunca seria saudade, corrompia no instante em que Luisa se recordava da cobertura sonhada e financiada em conjunto, mesmo com muitas parcelas pagas integralmente graças ao salário dela. A decoração e a identidade visual que tinha construído e optado por abandonar, nunca se enquadrariam na atual residência, buscada às pressas, de susto.

“A senhora... é... a senhora tem dificuldade de falar?”

As amigas culpavam a depressão pelo aspecto encardido, pelas caixas entulhadas, pelo vazio.

Propuseram-se a ajudar. Luisa recusou até que desistiram. Cada um lida com um martírio particular.

“A senhora tem algum problema?”

Um comichão latejou, deixando-a rosada. Desesperava por esfregar-se. Punhos se cerraram. As unhas e a psoríase pulsavam a postos para restabelecerem os hábeis movimentos de alívio nervoso.

“Onde é? Aqui? Tu nem me *ajudou*, cara.”

O segundo entregador mal a observou. Depositou as cadeiras em volta da mesa incompleta.

“Cadê o tampo *pra gente* colocar e partir *pro* almoço?”

“Eu é que te pergunto, mula sem cabeça. Ficou pra subir contigo.”

“Ixi. *Tá* na rua. *Putz*.”

“Burro. Jumento. Imprestável.”

No romper, uma cadeira chutada quedou-se de lado, morta, torta. Desesperado, não foi capaz de esperar pelo elevador. Desceu aos pulos pelas escadas.

“Idiota. Anta. Cabeça de vento.”

“Você poderia parar de maltratar seu amigo pelas costas?”

Arrependida, logo se recostou na parede. Ele a reconheceria com a nova voz? Cabisbaixa, desejava, sem culpa, a surra e os tapas que o ex nunca se dignificou a dar. As expressões e os vocábulos, base de toda a formação acadêmica e profissional de Luisa, conseguiam ferir bem mais cortantes.

“Está tudo bem?”

Odiava aquelas três palavras proferidas sem valor, seguidas de uma interrogação. Quando viriam com um sinal de finalização? Nunca havia pedido por uma exclamação. Criada modesta, aceitaria até reticências.

“Acho que quero a mesa na cozinha.”

“A senhora é quem manda.”

O entregador, incorporando um circense habilidoso, encaixou as cadeiras em pares e rumou para o novo destino. Voltou pelo pé da mesa que se assemelhava a um sapiente tronco velho e retorcido de uma frondosa copa. De novo, uma figura masculina de sustentação dominava.

“Tem certeza, minha senhora? A cozinha vai ficar espremida.”

Nenhum objeto, menor que fosse, se encaixaria ao caos deliberado. Desordem predominava na sala. Sujeira reinava na cozinha. Putrefação resumia o banheiro de vazamentos. Obscuridade sugava o quarto.

“Aceita um café? Uma água, Matheus?”

“Senhora, com essa bagunça, não quero atrapalhar.”

A maquinação compaixão funcionou tal como um alucinógeno rápido e rasteiro. Quando fora a última vez que recolhera uma migalha de cortesia do ex?

“Dona, como é que sabe meu nome? Tô sem crachá.”

Luisa passou o indicador pelas costas da mão do entregador, arranhando até o ombro desnudo. Não se importou com a aparência desleixada da unha desbravadora. Cheirou. Lambeu. Reconheceu o gosto da adolescência. Quando se deu por si, encontrava-se enlaçada na nuca, sedutora, puxando os cabelos desgrenhados. Forçava passagem de língua com os olhos cerrados. A princípio, a masculinidade arredia não se freou. Retribuiu. Espelhou-se. O colar de corpos tão desajustados resultou num

desequilíbrio previsível. Quase caíram por cima do pé da mesa desnudo sem tampão.

“Senhora, sou casado.”

“Eu também.”

Mais beijo, saliva e decadência foram cambiados.

“Tenho filho, não posso perder meu emprego. E não tô a fim de confusão com seu marido.”

“Eu não tenho mais homem. Segundo ele, nunca existiu alguém do meu lado.”

“Vou ver o que aquela besta anda arrumando pra demorar tanto.”

Luisa levou sete meses até alcançar condições prematuras, financeiras e psicológicas capazes de permitir a compra de um item novo. Os planejados escolhidos sozinha permaneceram. O carro, quitado graças ao seguro de Luisa, tinha como titular o ex. O mobiliário abandonado já perdera o cheiro e a decoração de casal pra se transformar no lar apenas de um. Ela foi obrigada a sair de casa. Ele não iria se movimentar. Ela teve de abrir mão. Ele não mudaria. Ela se rasgou. Ele manteve tudo. Ela não possuía mais ele que sempre a teria.

“Aquela besta não aguentou. Deixou o tampo cair no pé. Está lá embaixo choramingando como uma cadela no cio. Falta muito pra virar homem.”

“Eu deixei de ser um. Na verdade, nunca fui um. Lembra?”

Sem entender o significado da revelação, o entregador recobrou uma forçada seriedade máscula. Com gestos brutos, rasgava o papelão. Desnudou um tampo pétreo composto de sóbrias raias multicores.

“O pior sentimento é a indiferença. A passividade doeu mais do que agressões. O não reconhecimento daquilo que vivemos tirou minha proteção, meu tampo. Matheus, você acredita que estou brigando na justiça pra reconhecer que somos, ou melhor, fomos casados? Assinamos uma união estável por ideia dele. Nunca era eu quem forçava a barra. Pra não ter o desprazer de dividir com uma pessoa como eu, está desrespeitando a lei. Alega que vivíamos um namoro-sério, nunca um casamento. A nossa constância foi defendida como um ‘passatempo de adolescente’. Todas essas definições, eu ouvi da boca de uma advogada.

Como uma mulher se presta a justificar um cafajeste a troco de diminuir uma semelhante?”

Alheio ao desabafo, o entregador ergueu o tampo de pedra com leveza. Depositou-o no centro com a mesma precisão e respeito de um coveiro. Após o sepultamento, a mesa tremeu.

“A senhora pode assinar o recibo da entrega?”

“Sabe quando nosso relacionamento começou a morrer? Ele soube agir tão sorrateiro e desprezioso. Na época, eu estava com dois empregos, dava aula. E ficava morta de cansaço. Mas, por...por amor, não aliviei nossa rotina. Acompanhava e aceitava com orgulho. Acatava as demandas como prova de minha dedicação, do meu... amor. Continuava sendo a mulher boa, entrosada e bem-disposta que gerenciava a vida, arrumava o apartamento, cozinhava, cuidava das finanças, não cobrava e o seguia nos bares e festas, esbanjando um sorriso em cima do esgotamento. Com o passar do tempo, o corpo não me respondia. Pesei velha, acabada. Cochilava sentada diante de um copo de cerveja, prestes a cair de boca num duro tampo qualquer. Voava dispersa na frente dos amigos, dormindo de olhos abertos. E sem que ninguém percebesse, ele cochichava no meu ouvido o seu veneno. Me ferroava dizendo que eu era uma boba, fraca e feia; que tinha nojo do meu aspecto, das minhas pelancas; que eu dava vexame demais; que tinha vergonha de sair comigo; que eu tinha alma de vagabunda malandra; que eu não prestava; que ele tinha... amor por pena.”

“Senhora, eu...”

De olhos fechados, Luisa esperou pelo toque compensador de comoção.

“Me desculpa.”

Já experimentava um expurgo. Sorria com a possibilidade de um carinho libertador.

“Preciso que faça sua assinatura pra continuar as entregas.”

Com brutalidade, apertou a caneta na mão de Luisa. A vontade de atacá-lo finalmente vidrou.

“Faz um rabisco de qualquer jeito que o dia tá corrido, dona. Se bobear, ainda vou ter que parar no hospital com aquele jegue e dar uma conferida no pé.”

“Assino após mudar a mesa de lugar. Quero na sala.”

Quase bufando de reclamação, ele se conteve. Esfregou a cabeça de um jeito patético. Deu uma rabanada e bateu em marcha pra cumprir a tarefa oriunda de um puro capricho.

Após entregá-lo o papel assinado, Luisa triunfou diante dos olhos arregalados.

“Luis. Você é o...”

Como resposta, bateu aporta na cara do ex-colega de escola.

Logo em seguida, reconheceu o reinado de dor, ao circundar a mesa. Raspou as mãos pelo ferro, pela pedra, pelo acolchoado, pela frieza. Sentou-se na cadeira. Pulou sobre o tampo que balançou bambo.

Decidiu estrear a conquista. Pensou de imediato em colocar o notebook de trabalho. Daria fim às revisões realizadas literalmente nas coxas. Procurou uma toalha sem graça com intuito de dar um ar feminino de esmero. Distinguiu o ímpeto de se cortar, sujar a mesa. No meio da ilusão, definiu o tipo de batismo.

Arremessou uma mácula transgressora em cima do primeiro objeto que adentrava nela e no reduto do lar, virgem de fracasso. Rodopiou no centro do tampo o anel de casada o qual nunca se acoplou a uma mísera pedra. Parou firme em pé.

Por outro lado, Luisa recebeu a continuidade do movimento. Arrebanhou o celular. No grupo das amigas, todas separadas, anunciou uma festa pra celebrar a derradeira aquisição.

“Gente, a mesa chegou.”

Ultimamente

Luís Henrique Leiria Pinheiro (Porto Alegre-RS)

De tanto olhar pela janela, Ana ficou imaginando se algum dia o céu poderia despencar lá de cima e amassar toda a cidade. Ela gostava de pensar que havia uma estrutura além que o sustentava, e que havia pessoas que cuidavam da manutenção. Imaginava elas saindo de suas moradias para cuidar daquela cúpula azul gigante, que encapsulava todos os pequenos serezinhos. Um emprego como qualquer outro. Mas, caso fizessem algo de errado, poderiam provocar o acidente o qual Ana, agora, considerava não ser tão trágico assim.

Ela olhou para baixo.

As ruas estavam vazias. Vez por outra, um carro solitário vagava pelos arredores. Não enxergou nenhuma pessoa, mesmo que desse para vê-las muito bem do décimo andar. No lugar delas, só conseguia ver alguns pássaros voando, despreocupados, pelo centro da cidade.

“Ana, me ajuda aqui um momento”, pediu sua avó, sentada na poltrona puída da sala de estar.

Ela então afastou-se da janela para auxiliar sua vó a se levantar e, enquanto levava a senhora até a cozinha, decidiu logo fazer a pergunta em que estava pensando:

“Vó, quando é que tudo vai voltar ao normal?”

Num primeiro momento, sua vó estranhou o questionamento, não respondendo de imediato. Esperou chegar até o armário da pia para se apoiar.

“Como, querida?”

“É que”, continuou a garota, determinada a sanar a dúvida que ninguém lhe respondia, “tu pode pensar que não, mas eu sei que vocês tão escondendo de mim. Tá acontecendo alguma coisa lá fora e a mãe fica dizendo que não é nada de mais. Que a única coisa com que eu tenho que me preocupar é ficar estudando aqui em casa.”

“E ela tá certa”, concluiu sua avó, começando a pegar os potes da geladeira. “Tu vai querer comer feijão, querida?”

“Não, brigada”, respondeu, insatisfeita por sua vó ter ignorado completamente sua pergunta. Procurou se distrair, direcionando seu olhar de um lado para o outro na cozinha, tentando achar algo com que brincar. Foi quando notou a figura; estava estampada no pano de prato que se estendia sobre o respaldo da cadeira à sua frente.

“Deve ser difícil”, ela falou, impulsiva, enquanto desenvolvia seu raciocínio. “Deve ser difícil pra quele passarinho.”

Como resultado, obteve uma resposta meio distraída: “Que passarinho?”.

Depois de alguns segundos, sua vó se virou para ver que lugar a criança encarava. Nunca tinha reparado no desenho em questão, mas, assim que colocou os olhos sobre, teve asensação de que a ave, dentro de uma gaiola, parecia estar meio triste.

“Ana”, ela começou docemente, enquanto pegava os pratos e os talheres para o almoço, com um pouco de dificuldade em se locomover pela cozinha, “às vezes os passarinhos precisam ficar presos nas gaiolas. É um sacrifício que fazem. Um sacrifício necessário. Agora senta aí, que já vou servir a comida. Jesus, nunca te ouvi falar tanto...”

A menina se sentou, enfezada, na cadeira. Não aparentava estar completamente convencida. Desviou seu olhar para a sala, para a janela em que ficou agarrada durante grande parte da manhã, pensando, pensando... Ao mesmo tempo, parecia não observar coisa alguma.

“Ouvi dizer que os passarinhos ficam loucos quando são colocados tempo demais nas gaiolas”, disse, apertando suas mãos uma na outra.

Sua vó não respondeu. Continuou servindo porções congeladas de cada pote de alimento. Uma colherada de arroz, um pedaço de carne, um pouco de batata doce... concentrava-se na tarefa de servir o almoço para sua neta, enquanto só podia imaginar como estaria sua filha lá fora. Ela tentava afastar suas preocupações durante o dia, como estava fazendo naquele exato momento. Pensava que era melhor lidar com elas à noite. Assim ninguém poderia escutá-la, caso começasse a chorar.

De repente, ouviu Ana falar de novo.

“Mas...”

E a garota parou por aí.

Sua vó, mesmo hesitante, acabou perguntando o que ela ia dizer.

“Mas se”, retomou Ana, receosa de onde iria chegar com aquela conversa, “se o passarinho tivesse voando, se tivesse livre, ele também estaria em perigo... não é?”

Sua vó, parecendo ficar meio perdida, subitamente interrompeu sua atividade. Mordeu o lábio inferior, tentando retomar o fio da meada. Voltou a servir o prato de Ana, em silêncio.

“Vó”, chamou a menina.

“Agora não, Ana.”

“Vó”, repetiu ela.

Então, a velha senhora explodiu em um surto de raiva, largando ruidosamente a colher que segurava, e gritou:

“Agora não, Ana! O que foi, hein? Aonde tu quer chegar com isso? Tu não tá vendo que eu tô ocupada?!”

O ar, não só da cozinha, como de toda a casa, pareceu ficar instantaneamente mais pesado, como se impedisse que qualquer uma das duas se movesse um milímetro que fosse. Uma encarava a outra. Poderia apenas ser sua impressão, mas Ana achava que a expressão de sua vó se aproximava mais da desolação do que da raiva.

“É que eu falei que não queria feijão”, disse Ana finalmente, o que fez sua vó olhar para a bagunça que tinha feito, grãos espalhados por toda a mesa, o caldo escuro manchando a toalha. Depois, voltou seu olhar para o da neta.

“Querida...”, falou, sentindo-se envergonhada. “Querida, me desculpa. Meus Deus, a bagunça que eu fiz!” Enquanto falava, observava sua própria voz trêmula. “Eu vou, eu vou ajeitar isso. Um minuto. Meu Deus, me desculpa, Ana.”

“Tudo bem, vó”, ela tentava tranquilizar, enquanto sua vó agarrava o pano de prato como pássaro costurado para limpar a mesa.

“Eu vou ficar com esse aqui. Já sirvo outro pra ti, Ana, um momento.”

Depois de alguns minutos em silêncio, quando já tinha limpado tudo, ela fez o máximo de esforço que conseguiu para não deixar transparecer nenhuma preocupação. Olhou para a criança.

“Tudo vai ficar bem, querida”, falou, mais para si mesma do que para a menina. E Ana, que tanto se gabava por saber das coisas, não entendia nada do que tinha acontecido. Só conseguiu pensar em uma coisa pra dizer.

“Quando será que a mãe vai chegar?”

“Tu sabe que tua mãe só chega de noite.”

“Mas ela tá demorando demais. E ela tá demorando demais desde que essa coisa começou a acontecer.”

“É difícil trabalhar num hospital no meio de tudo isso... Poderia ser bem pior. E ontem eu vi no jornal que mais um enfermeiro... tá bem. Ontem eu vi no jornal que mais alguém se curou. Tu mãe tá segura.”

“Falaram no jornal que ela tá segura?”

“Sim”, disse sua vó, engolindo em seco.

“Eu posso ver o jornal contigo hoje?”

“Não, tu tem que dormir cedo.”

“Mas, vó, eu não tenho mais escola...”

“Não pode, Ana.”

“Eu posso pelo menos esperar a mãe chegar? Quero ver se ela tá bem.”

“Só se ela vier cedo.”

“O que mais falaram? O que mais falaram no jornal sobre a mãe?”

“Ana, tua mãe tá bem, ela já se testou.”

“Quer dizer que ela não pode pegar mais a praga?”

“Não, não quer dizer isso...”, começou a senhora, desconcertada.
“E não diga ‘praga’!”

Por favor, nunca mais diga isso. Parece que voltamos para os tempos medievais, cruz credo. E fica quietinha, sim? Por favor.”

Colocou o prato de comida da neta no micro-ondas e foi montar o seu. Depois de alguns segundos, olhou de soslaio para a garota na cadeira. Ela parecia chateada, manuseando lentamente o garfo, como se fosse um objeto completamente estranho.

“Não brinca com o garfo, Ana. Pode te machucar.” De repente, ela sentiu uma necessidade tremenda de afirmar em voz alta algo que pensou consigo mesma. “Tem mais chance de tu te machucar com o garfo do que acontecer qualquer coisa com tua mãe.”

O micro-ondas apitou. Só depois de sua vó ter colocado o prato em sua frente é que amenina falou, baixinho, “Mas o garfo dá pra ver...”.

Ao ouvir essas palavras, sua vó paralisou. Acabou perdendo a noção do tempo que permaneceu estagnada no meio da cozinha sem sequer respirar. Tentou afastar o que quer quetivesse pensado e começou a fechar os potes com a comida que sua filha cozinhou ontem à noite, antes de ir dormir. Antes de acordar hoje, bem cedinho pela manhã, e precisar voltar para o mundo lá fora.

No fundo, ela concordava com a garota.

Quando finalmente se sentou para almoçar com sua neta, acabou descarregando todas as suas preocupações em um suspiro ruidoso. Ana reparou. No mesmo momento, ela parou de pensar na tristeza dos passarinhos presos em gaiolas. Parou de pensar no que aconteceria com os que estivessem voando no instante em que o céu desabasse. Começou a pensar em sua vó e em sua mãe.

“O que aconteceu?”, perguntou para a senhora idosa, que parecia preocupada. Ela sempre parecia estar preocupada ultimamente.

“É”, sua vó concordou, limpando algumas lágrimas que começavam a escorrer pelo seu rosto. “O garfo dá pra ver.”

Um Café por dia

Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)

Uma dupla inseparável, um jovem e seu cachorro, que atendia pela alcunha de Café, todo dia, homem e animal acordam cedo para o primeiro passeio matinal, ainda em jejum, ambos caminhavam pelas ruas, sobre a breve escuridão da manhã, pois o Sol vinha para dar o primeiro bom-dia. Após fazer as suas necessidades fisiológicas e seu no dono fazer a limpeza, eles retornam para a casa.

De volta ao lar, eles bebem água para se refrescar e preparam a primeira refeição, um pote de ração com molho sachê é cuidadosamente feito, entretanto, Café vê seu irmão humano na mesa, comendo pão e bebendo chá, ele fica ao seulado olhando, esperando um pedaço, que lhe é dado, uma, duas, três vezes, até que resolve comer a sua comida que estava no pote. Após esta refeição, o jovem vai ao seu quarto e começa a estudar, enquanto o cachorro se dirige à cama para ficar deitado.

Dado um período de estudo, o rapaz, resolveu se levantar e começa a fazer carinho no cachorro, e se divertem com os ursinhos e o osso. Ciumento com seus brinquedos, Café, toda vez que seu irmão lançava algo, ele corria atrás para buscar e não largava por nada, e rosnava se tentassem retirar o objeto de sua boca, mas, chegou a hora do almoço, e mais uma tigela foi preparada em vão, pois o cheiro do bife, aguçava a fome, e fazia com que a ração não fosse algo atrativo, então, lá vai o rapaz, abrindo a geladeira e retirando um pedaço de carne, e preparado no fogão, para que fosse misturado, de forma a fazer o cachorro comer toda sua comida.

Com o término do almoço, recomeçar os estudos que vai até a hora de se preparar para ir à academia, porém, antes é necessário levar o Café para seu último passeio pelas ruas da cidade, agora, sobre o olhar das estrelas e da Lua, empolgado com o momento, o cachorro sai do portão correndo com a coleira e o jovem oacompanha, parando apenas nos sinais vermelhos.

Retornando para casa, Café toma sua água e come, e espera seu irmão retornar do treino. Quando o jovem chega, vai para o banho,

enquanto o cachorro espera na sua cama para dormirem juntos por mais uma noite. E este, foi mais um dia vivido por Café.

Café, é um cachorro que é amado pelo seu irmão, e sempre bem cuidado, por isso viverão muitos anos juntos, com um dando apoio emocional para o outro, pois uma fraternidade entre humano e animal, é composta de afeto, lealdade e companheirismo.

Venceslau Cubas

Schleiden Nunes Pereira (Campo Belo-MG)

“Vences! Ven-ces!” eu chamava o lazarento do Venceslau, do lado de cá da divisória, sussurrando-gritando há vários segundos já. Ele, por sua vez, estava apocalipticamente distraído, abstraído, em seja-lá-o-que-fosse dentro de seus gigantescos fones de ouvido. “Vences, porra!”.

— Que foi, caralho!? – disse, quando finalmente despertou, descendo os fones eincinerando todo o lugar com o olhar à procura de quem estava a lhe chamar.

“Seu celular, maluco”, adverti, fazendo um sinal com a cabeça para trás, donde dezenas de outras cabeças curiosas, e raivosas, espreitavam por cima de seus próprios guichês em busca de quem era o contraventor.

— Como que não ouviu antes, filhão? – ele perguntou reflexivo quando já estávamos na hora do almoço.

A área externa da cantina, inundada por um sol que há meses não permitia uma só gota de chuva, estava vazia perto do fim do expediente. Reuniamo-nos mais tarde, justamente por não haver maiores preocupações com as severas regras de distanciamento social. Do salão de atendimento até ali: quatro portas esterilizadoras, quatro estações de álcool-gel, uma troca de luvas e um medidor de temperatura, sem contar a tela de proteção que separava uma mesa de refeição das demais. Indo um pouco mais tarde, ao menos podia-se conversar sem respeitar esta última medida de segurança.

“Eu tava te chamando há anos!”.

— Ah, se foder, viu... – sussurrou, de um jeito costumeiro que nem de longe seria xingamento, ao qual estávamos ambos habituados porque ele era desbocado mesmo. – Essa máscara aí também é uma bosta, não dá pra ouvir porra nenhuma que os outros falam, tá ligado? Tempo bom era quando não existia nada disso aí...

Mas não tinha nada a ver com as máscaras. Ao menos não neste sentido que ele passou a reclamar recentemente. Dava de longe para sentir a sua *bad vibe*, e isso ficava ainda mais claro quando falava do passado a cada dois minutos de conversa. “Melhor era quando isso... melhor era quando aquilo...”. E a sensação era de que o fone de ouvido não passava de mais uma técnica, de uma medida de segurança... para a sua saúde mental.

Às vezes nos esquecíamos de que nem só de vírus padece o homem...

“Agora o problema é a máscara!? Você que não desligou o celular, cara...É proibido, você sabe! Tá cansado de saber, porra!”.

— Antes não tinha isso aí de proibir celular, né?

“Claro que tinha! Tá doidão?”.

Como sempre, expelia tudo que tinha guardado em suas ideias, e, depois, rendia-se:

— Pior que tinha. Se foder... – em uma confirmação que nada mais era do que cansaço de fato. – Ao menos se nosso governo não tivesse menosprezado isso tudo, feito alguma coisa que prestasse, tá ligado? Se não...

“Ow, ow, ow... pode parar! Não adianta nada isso agora. Já era, o cara já saiu. Vida nova”.

Ele abaixou a cabeça e mordeu um pedaço da sua barra enorme de chocolate branco. Puro açúcar essa caralha, mas fazer o quê...

— Será que essa parada aqui tá higienizada? – perguntou entre mastigadas ferozes de ansiedade.

“Óbvio... Você que não higienizou essa cara de cavalo aí. Parece que nem dormiu. Que que cê tá arrumando que eu não tô sacando?”.

— Tsc...

“Fala aí, brow”.

— Essa porra aqui que... – ele dizia entre uma olhadela e outra para a tela do seu celular apoiado em cima da mesa. Momento em que ele tocou, a tela abriu, e, em um reflexo do sol intenso que não me permitiu muita coisa, li: “Te amo”.

“Esperando ligação de quem?”.

— Velho, se foder! Agora todo mundo cuidando da vida de todo mundo, manolo... Povo chato do caralho...

Rimos, ao que ele fez menção de me socar o braço, mas desistindo logo em seguida talvez por lembrar-se que isso as câmeras da empresa não deixariam de registrar.

— Bom era quando a gente podia bater nos filhos da puta por aí...

Nesta hora, pensei, “O saudosismo de novo...”. Ele nunca nem bateu em ninguém. Bem dizem que a proibição nos impele...

“Só aceita, Vences... agora a vida é assim”.

No fundo, indiretamente, eu tentava me referir à teimosia do Venceslau em admitir que a vida mudara com relação ao que era há... um ano atrás!? Nem tanto por causa da mudança de trabalho, mas por todo o resto. Todo o resto. Foi de atendente de telemarketing de TV a cabo para telemarketing de câmaras e portas higienizadoras.

— Isso mesmo, senhora... Podemos estar instalando no cômodo da frente da casa; na sala... Isso, no corredor. Umn... Facilita... O quê? Não... A vantagem é que não precisa ficar trocando de roupa, lavando compra, produto por produto... Sim, sim, podemos estar parcelando sim.

Ouvia-o enquanto fingia estar em um atendimento também, não que fiscalizando-o porque isso é tosco, mas... cuidando. Não sei outra forma de dizer, de me referir a isso. Como o seu gerundismo treinado, algumas coisas nunca mudam. Já as outras...

O seu próprio reflexo na janela do ônibus trazia-lhe tudo o que fora e não é mais. Sentia que fora vencido, finalmente, no instante em que se viu obrigado a podar a barba.

Não a retirara por emprego algum, por mulher nenhuma, por mais que a sociedade o olhasse torto em todo lugar. Hoje, no seu lugar, uma máscara gigante que só não era pior em vistas da estampa do seu amado Pink Floyd. O raio que entrava em um ouvido e saía colorido do lado de lá, mas que não o fazia parar de dizer, quase todos os dias – e sem notar que quase todos os dias dizia – “Bom era quando podia usar barba até...” o peito, a barriga daquele roqueiro desbocado. O comentário era o mesmo; só mudava a intensidade da indignação.

Esperávamos chegar ao mercado antes que o rodízio do comércio acontecesse. Como trabalhávamos entre os períodos da manhã e da tarde, principalmente ele se via privado de boa parte das opções alimentares, e a grana não estava em tanto de permitir-lhe aventurar-se nas lojas que agora só abrem no período da noite e madrugada adentro.

Haveria de conseguir uma bebida e mais algo para o jantar.

Enxarcado com o vento umedecido, antiviral, expelido desreguladamente da porta de todo lugar sempre que pessoas entram e saem, meu amigo conferiu novamente as notificações de suas redes sociais e puxou o pé na calçada frente a mais uma das modistas lojas de máscaras que tomaram Bauru e o mundo de umas semanas para cá. As transparentes já valem metade do nosso salário. No começo utilizadas para ajudar surdos-mudos, agora tornaram-se peças caríssimas de marca e de ostentação nas baladinhas clandestinas por todo lugar. Relativamente necessárias para quem planeja ingressar em qualquer festa da cidade. Afinal, quem apostaria no relacionamento comum a pessoa que só mostra metade do rosto, de alguém que você não consegue ver o sorriso? Ainda que falsificado... Ante esta situação, Venceslau – que sempre fora rebelde e “do-contrá” em face de tudo e todos – preferia soltar um “Bom era quando a gente podia...” e insistir na solidão.

Separara-se um pouco antes da pandemia. Um assunto do qual ele não gosta de falar e que, por mais que eu o pressionasse, era certo de que não sairia uma só palavra que fosse de verdade. Nem tanto porque ele não queria dar o braço a torcer para mim, mas porque ele não dava o braço a torcer para si mesmo. Desisti porque... como tentar filtrar de uma pessoa alguma coisa, algum sentimento, que nem ele sabe o que é? Ele e sua companheira terminaram assim, por acabado, sem ninguém e talvez nem eles mesmos terem a real noção do que lhes aconteceu. Tenho a sensação de que só não voltaram ainda por Venceslau, em sua onda do-contrá, ter acessado uma pesquisa que falava da tendência a cada dia mais normal de pessoas reatando seus namoros ou casamentos com o passar dessa crise que nunca acaba. Talvez, quando essa moda passar... ele possa até comprar uma máscara transparente da Tech-algo ou da Qualquer soft.

Já gastara metade do seu salário em uma porta esterelizadora que a sua própria empresa não proporcionou aos funcionários e a ajuda do governo vai de mal a pior.

Bom era quando...

— Ô lôco, já fecharam? – Vences, ao chegarmos às portas do mercado, perguntou por baixo da entrada só semiaberta.

O segurança mais próximo fez-lhe um gesto de que havia encerrado.

— Nóia maskers...

Comprendemos o que ele disse. O mais novo negócio do crime, voltado para roubo de comprovantes de imunização. Uma espécie de novo documento de identidade, similar ao antigo cartão de vacinação até hoje guardado no fundo do guarda-roupa de nossos pais, necessário hoje para entrar em grande parte dos estabelecimentos e inclusive sair e deixar o país. Meio à doença, ao tráfico de respiradores, às constantes interferências do Estado na economia para controlar os absurdos de um mercado que não consegue se autorregular, a falsificação e o furto de dados imunizantes têm sido mais uma preocupação com a qual a população precisa lidar.

E ainda havia o Vences... que não estava nada bem. Estava mal, ficou melhor, mas agora parece que piorou. Verdade que eu já não tinha a menor ideia de quais tormentos passavam pela cabeça dele. Ansioso, mas de um modo que não parecia de todo ruim. Às vezes sim, às vezes não. Parecia como o mercado. Inconstante, imprevisível. Como o dólar, que finalmente ensaia qualquer espécie de estabilidade após o nosso presidente ter sido destituído e parado de cuspir nos telejornais uma baboseira à noite e outra pela manhã. No mais...

Vences fixava-se no reflexo da vitrine de alguma loja e às vezes indagava àquele cara estranho de máscara e agora sem barba que ele mesmo:

— Tá olhando o quê, filho de uma égua?

Queria responder-lhe: “Um amigo, que me preocupa, que parece ter desistido de viver, que parece estar vivendo nas memórias de um tempo que não existe mais”.

— Saudade de quando você não me olhava com essa cara de dó...

Ele disse, antes de voltar a caminhar em direção à loja de conveniência mais próxima, e me levar ao pensamento de que realmente ele poderia estar certo. Até quando eu, com todo esse extremo cuidado, não estou causando-lhe mais mal ainda? Ou é só a possibilidade de a *bad vibe* dele estar me invadindo também?

Foda-se. Continuarei pecando pelo excesso sim.

Andamos pelas ruas e máscaras, máscaras e máscaras por todo lugar. Nas pessoas sentadas por trás da vidraça dos bares e cafés, ou reflexivas atrás das janelas sujas dos ônibus remodelados, ou escondidas em seus carros que se tornaram verdadeiras casernas ambulantes nessa guerra invisível, ou nesse moleque idiota que acabou de encostar no meu braço e saiu correndo de medo como se eu fosse um fantasma portador de uma doença que pudesse matá-lo. O que não é de todo uma ilusão...

Já não há pessoas; há máscaras. Máscaras vendendo pão, máscaras nos caixas dos mercados, máscaras deixando de ligar a seta dos carros no trânsito, máscaras de marca dizendo que moram no centro da cidade e máscaras reutilizadas dizendo que são motoboys da periferia, bem como as máscaras dizendo que “poderiam estar fazendo” qualquer coisa nas ligações de telemarketing.

Com alguma sorte, sempre nos desviamos delas no caminho de ida e de volta do trabalho. Cumprimentamos a vizinhança com o olhar, deixamos os calçados na garagem, passamos pela câmara antiviral, e então troca-se de roupa e as põe no cesto de lavar. Bom era quando era só chegar, pegar uma cerveja, cair no sofá...

Hoje já estava pronto o jantar. Faminto, sentou-se à mesa ainda assim, de cuecas, esbaforido, enquanto não parava de olhar para o celular. Vibrou, iluminou, tocou até desligar.

— Quem é, filho?

A mãe do meu amigo acabava de chegar do banheiro; pijamas largos, massageando os cabelos com uma toalha tão velha que era de outra encarnação.

— Ninguém, mãe... Esses telemarketings que...

Ela, em uma piscadela, fitou-o de um jeito que era “Sei...”, mas que significava gratidão. Depois, encontrou e perpassou meus olhos como se pudesse de fato me enxergar. Arrepiei. Perdi a conta de há quantos dias ela já havia me pedido, rezado, implorado, para ficar vinte e quatro horas ao lado dele. No fundo, às vezes tenho a impressão de que ele também se cobrava todos os dias a mesma obrigação com relação à Dona Cida. Uma sensação de que tudo ainda valerá alguma coisa enquanto tivermos alguém para cuidar.

Num sobressalto, deixando um gole do suco descer pelo queixo que agora jazimberbe, Vences correu até sua mãe e abraçou-a fortemente num ato desmascarado.

— Também te amo, mãe.

“Então a mensagem de mais cedo...”, entendi, mas sem chegar a nenhuma conclusão.

— Ô, meu filho...

— Que bom, mãe... Que bom...

... “Bom é esse agora em que a senhora ainda está aqui”. É o que ele quis dizer, mas não disse. Jamais dirá. Esse é o Vences. Lá fora, o herói fantasiado; em casa, nós mesmos sem máscaras quaisquer.

Quando não foi assim?

Foi-se mais um dia.

Enquanto Dona Cida pedir e rezar eu estarei aqui.

PARTE II
ESTAÇÕES BRASIL

CAPÍTULO I
OUTONO

PREFÁCIO

Jean Marcel Oliveira Araújo¹

Se a primavera é a estação das flores, o *outono* é a das folhas que caem, cobrindo o chão como um tapete. As folhas aqui recolhidas são de outra natureza, pois uso o vocábulo folhas para dizer poemas assim como, em um tempo distante, tais discursos eram designados por flores. Não são apenas folhas do engenho e da arte daqueles quem encontraram ânimo de escrever frente à letargia que os imobilizava, mas também “páginas da vida” e “páginas com vida e sentimentos”.

Quatorze folhas outonais encontram-se aqui reunidas, para as quais direciono minhas leituras, deixando-me ler. Neste **folheto**, recolho, do canto de vários eu-líricos, **instantâneos-folhas** para falar daquele *Outono*, cujo reposteiros insistem em não se cerrar.

INSTANTÂNEO 01: Março de 2020. Resultado do movimento de translação da Terra, o *Outono* chegara novamente, mas as folhas não caíram da mesma maneira. As coisas foram bem diferentes. Outros tons matizaram o cinza, tornando-o cada vez mais sombrio. Pandemia: covid, e contágio, e mortes, e *lockdown*.

FOLHA 01: *Que bons foram os outonos passados!*

Na película *Contágio* (2011), retrata-se uma pandemia causada por um vírus que se espalhou, dando corpo a diferentes reações dos vários setores da sociedade. Qualquer semelhança com o momento que ainda

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professor da Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

estamos vivendo não é mera coincidência. No biênio anterior ao lançamento do filme, havíamos sido ameaçados pela circulação do vírus H1N1, que vitimou 284.000 pessoas em todo o mundo. De algum modo, a vivência cinematográfica nos colocava em alerta para o que estava por vir. A realidade superou a ficção, ficamos sem saber como agir. Os dias já não traziam novidades, eram a recorrência da sensação de que algo muito ruim poderia acontecer a cada um de nós, a nossos familiares, a nossos amigos, a nossos conhecidos. O inumerável desconhecido nos trazia um rosto familiar. E o inimigo invisível, sempre à espreita. À medida que caía gradativamente a temperatura, aumentava a taxa de mortalidade. E ela continua aumentando. Oh! *Musa do capital*, por que escolhes a interrupção de milhares de vidas a renunciar a trinta dinheiros?

FOLHA 02: *Distantes sentimentos isolados!*

Jean-Jacques Rousseau, ao escrever o seu *Contrato social*, jamais poderia imaginar que pudéssemos retornar à uma situação semelhante ao isolamento do qual saímos quando celebramos o pacto social. Voltamos a nos isolar, sem abraços, sem beijos, sem carinho, sem calor. *Cenários semelhantes!* Mas, o que estamos vivendo já não é a solidão primordial, fomos forçados pela ameaça viral. Se, no hipotético passado do contratualista francês, a humanidade precisou sair do isolamento para sobreviver, hoje esta mesma humanidade volta ao isolamento para salvar sua pele. O medo e a desesperança nos tomam de assalto. A frialdade do governante agravou ainda mais nosso desespero. Isolados em casa, os dias se iam correndo e continuam a correr no tempo de incertezas. Falta o toque tão característico dos brasileiros. Faltam o abraço e ombro amigos. O contato está proibido.

FOLHA 03: *Irremediáveis doenças da alma!*

Nas redes sociais, internautas esbravejavam. *Mortos por dentro*, vociferam palavras de ódio. Envenenados pelo próprio fel que destilavam, apontavam aos outros suas iniquidades. Indiferença e insensibilidade ao

sofrimento alheio. A Maldade está no meio de nós. Afonso Maria Ligório Soares, em *De volta ao mistério da iniquidade: palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade*, reflete teologicamente sobre o mal e o sofrimento, focalizando a reflexão clássica sobre o mistério da iniquidade. Através de muitas passagens da Bíblia sagrada, tomamos conhecimento sobre o uso do vocábulo, a exemplo daquela encontrada em Isaías 53: 5-6: "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos [...] o castigo que nos traz a paz estava sobre ele". No cenário da pandemia, alguns se arvoram como messias. Um bravejava cruelmente: "E, daí?". O outro se regozijava: "Ainda bem!". Unísono, o coro de sofredores clamava: "Quem poderá nos olhar com empatia?".

FOLHA 04: *Vozes insurgentes, carregadas de amorosidade!*

Lançada no álbum *As quatro estações* da banda brasileira de Rock Legião Urbana, "*Monte Castelo*", composição de Renato Russo, traz o diálogo entre os conselhos do apóstolo Paulo e a poética de Luís de Camões (Soneto 11). O apóstolo escreve aos Coríntios uma epístola de aconselhamentos, dentre estes, o amor. Já o poeta busca no plano da lírica compreender o amor com um sentimento contraditório que causa amizade nos corações humanos. Os discursos religioso e lírico do amor, que encontraram confluência na canção, ressonam e reverberam dialogicamente em outros discursos como palavra de ordem: "Amar o próximo como a ti mesmo". "O amor é a mola propulsora do universo". "Amor: palavra que liberta – Já dizia o profeta!". "*Muito amor!*"

FOLHA 05: *A piada sem graça da palhaça!*

Na tela *Scenas del circo* (*Cenas do circo* - 1891), o pintor venezuelano Arturo Michelena retrata a preparação dos artistas para um espetáculo circense. Quando se fala em circo, não pode faltar a figura do palhaço com seu lirismo, ingenuidade, inocência e fragilidade. Quem nunca riu com o pum de talco do palhaço. Mas daí reduzir toda riqueza e

diversidade que a CULTURA traz a um simples pum de talco é não saber do que se está falando. O discurso nazi-fascista foi escamoteado pelo menosprezo ao trabalho de todo artista, reduzindo-o a uma metonímia. Quem o proferiu foi uma representante dessa classe vilipendiada e, por vezes, vista com maus olhos. Se antes nos fazia rir com sua interpretação como a Viúva Porcina, hoje nos faz chorar com sua medíocre atuação. O Brasil enterrava seus mortos que o governo fingia/finge não ver; a cultura recebeu sua pá de cal. E a namoradinha virou madrasta?

FOLHA 06: “*De repente, não mais que de repente...*”

No soneto “Inconstância das coisas do Mundo”, de Gregório de Mattos Guerra, o eu-lírico tematiza a transitoriedade, seja ela relacionada à efemeridade da vida, seja ela referente à fugacidade do tempo. Ao apresentar diversas situações que se contrapõem, sua visão se intensifica. As coisas do mundo estão fadadas ao fim, esta é a única certeza. Diante desta constatação, só nos resta parafrasear Mário Quintana: esta pandemia que aí está nos aprisionando em quadradinhos, ela passará e nós escaparemos do laço, passarinhos. Para isso, use máscara, beba água, faça exercícios, leia livros e, se preciso, saía de casa apenas em caso de necessidade.

FOLHA 07: *Giving a break...*

Ao tematizar a saudade de sua terra natal em “Canção do exílio”, Gonçalves Dias se inscreve no grande fluxo discursivo, provocando atitudes responsivas em outros interlocutores como Casemiro de Abreu, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, entre outros e assim por diante. Muitos foram os sentidos construídos para a palavra exílio: em outras terras, na própria terra natal e em si mesmo. Impedido literal e legalmente de circular pelo lugar onde se sente pertencido, é preciso mostrar todo sofrido lamento silenciado em terra (des)conhecida. É quarentena ou quaresma?

INSTANTÂNEO 02: Ciência e negacionismo se enfrentam na arena dos discursos. Ao mesmo tempo quando o Brasil se tornava o

segundo país com o maior número de casos confirmados de Covid-19 no planeta com a cifra de 100 mil casos, o governo perdia não somente um, mas dois ministros da saúde em menos de trinta dias. Taxa de mortes supera os 10 mil.

FOLHA 08: *#Sodade*

Quando se vivem situações desagradáveis no momento presente, uma das estratégias é a de escapar para um momento anterior. Essa fuga pode ser realizada através da saudade, a qual, conforme o *Dicionário Aurélio*, pode ser entendida como “lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”. Tempo e sentimento se cruzam dando forma a esta particularidade, que quem vive a língua portuguesa sabe bem o que é. Não que as outras línguas se neguem ao “desejo de um bem do qual se está privado”, mas é preciso toda uma constelação de palavras para dar conta daquilo representado pela combinação e sequenciamento de três sílabas: uma dor que se tem prazer em sentir. Um sentimento nada tem que não seja coletivo, como podemos depreender do discurso de Marcel Mauss no ensaio “A expressão obrigatória dos sentimentos”. Maneva, banda de reggae, nos manda recado em “Saudades do tempo”: “A vida já anda tão pesada. Se desfaça das malas que pesam mais. Se desfaça das mágoas, se desfaça da dor, se desfaça do ódio, se desfaça do rancor. Cultive o amor pra colher as mais belas verdades, cultive o amor pra colher as mais belas saudades”.

FOLHA 09: *Habitue-se...*

Quando a pandemia passar, certos comportamentos poderão se tornar até certo ponto "normais", como fatos de cultura com os quais a sociedade vai se habituar, passando a aceitar e apreciar. Pode-se dizer, portanto, que sofrerão um processo de "rotinização", mais ou menos no sentido em que Max Weber, em *Economia e sociedade*, usou esta palavra para estudar as transformações do carisma, ao assumir um caráter de uma

relação permanente. Um exemplo desses comportamentos a serem rotinizados é o uso da máscara, realidade já incorporada à cultura, como observado na sociedade japonesa há décadas. Para usar as palavras de Weber, o que era uma convenção social, passou a ser uma probabilidade de coação, física ou psíquica, exercida por um quadro de indivíduos instituídos. Mas aqui no Brasil, mesmo sendo de uso obrigatório, a máscara deixa de ser usada ou é usada incorretamente por muitos apesar do aumento dos casos de contágio (11.122.429 confirmados) e da elevação da taxa de mortos (268.370). Quando voltaremos ao “normal” para um baile de máscaras?

FOLHA 10: “*Cousas futuras...*”

A Organização Mundial de Saúde (OMS) já sinalizava que o Brasil era o país com o maior número de pessoas ansiosas do mundo. Com a pandemia, os casos só aumentaram, informam pesquisas. Quem foi aquele que não apresentou, só para citar alguns exemplos, irregularidades do sono, insônia, apatia, dificuldades para se concentrar ou tomar decisões e acordou amedrontado por pesadelos; situações desencadeadas pela distância das pessoas queridas, por problemas financeiros gerados pela crise atual, pela presença constante dos filhos em casa e ainda as aulas on-line, pela falta de interação social, pelo trabalho em *home office*, ou pelo receio da morte. A sensação é a de que fomos lançados para dentro do espaço narrativo de **Ansiedade**, romance de Joaquim Paço D’Arco, vivenciando como as personagens, Carminho, Barradas, Pequenu, as angústias da vida e da existência, com o diferencial de estarmos em isolamento por conta da Pandemia. Falta-nos a paciência de Jó diante das provações, pois a ansiedade significa experimentar antecipadamente o sofrimento por algo que ainda está por vir.

FOLHA 11: *Válvula de escape...*

Durante esta pandemia muitas inquietações nos tomaram de sobressalto. Muitas foram as emoções que precisavam fluir. E a escrita tem

sido o mecanismo que, com diferentes tintas, faz escoar, para o papel, angústias e aflições a serem partilhadas. Na coletânea de artigos *Inquietações que fazem escrever*, Lúcio Alcantara chega à conclusão semelhante. Escrever permite que os sentimentos não nos devorem, que escapemos das armadilhas do fundamentalismo, da intolerância, dos maniqueísmos, das celas que nós criamos em um infinito corredor. Com a escrita, constrói-se a todo tempo aquele que se inquieta, que se angustia e que se permite pensar a respeito de suas práticas, tornando-as mais reflexivas e éticas. Quando a pandemia acabar, seremos seres humanos melhores?

FOLHA 12: *O outro em seu sentido*

Theodore Adorno, em *Problemas de filosofia moral*, critica uma visão negativa da moral em voga entre os intelectuais nos anos 50, como "má consciência da consciência", resultado da procura de uma índole a ser encontrada no homem, seu ser-assim. A ética, para o filósofo do esclarecimento, deve ser uma ação descompromissada, alcançando um sentido mais elevado que confere ao homem humanidade. Assim, "para vocês será óbvio que todas as ideias da moral ou do comportamento ético devem se relacionar a um 'eu' que age". Penso o contrário. Este agir humanizante e humanizado deve estar direcionado para o bem do outro, para o coletivo, mesmo que, para tanto, ocorra a renúncia de desejos, interesses e vontades, sem a exigência de sacrifício, de expiação. Reaproximação com o outro sem anulação da individualidade. Retiremos, deste momento, aprendizados que contribuam com nossa transformação como seres humanos em uma sociedade marcada pela hipocrisia, pelo orgulho e pela imaturidade.

FOLHA 13: *Alvorecer no crepúsculo*

Em meio a pandemia, muitos foram os problemas; muitas, as dificuldades; muitos, os sentimentos aflorados. Há quem encontrou tempo para escrever palavras de esperança. Não apenas substantivos de esperança, mas conjugar um verbo transitivo direto e pronominal, dar e ter esperança. E é esta ação para despertar o sentimento de quem vê como

possível a realização daquilo que deseja que encontramos na coletânea de poemas de Gilmar Belmon, *Esperançar, mais que um verbo, um caminho*. Ao longo de nove seções, a escritora e poetiza amalgama um feixe de sentidos: tecer, saber olhar, voar, ousar, amar, crer, pensar, lutar, sonhar. Ela nos convida a conjugá-los na estrada de nossa vida. Diante das provocações que estamos vivendo, diante de tantas injustiças e desigualdades, diante de tantas incompreensões do ocidente sem cores, ainda é possível crer na *esperança de um alvorecer*?

FOLHA 14: *Tu vens? Tu vens? Eu não esculto teus sinais*.

Ao falar sobre o ensino de Literatura em “Para não Dizer que não Falei de Flores Portuguesa” no I Encontro Norte/Nordeste de Professores/Pesquisadores de Língua Portuguesa (I ENPLP), a professora Maria Theresa Abelha Alves (com quem estou em intenso diálogo desde o princípio deste prefácio), mesmo confessando não saber se seria possível tal empresa (não há fórmulas), trouxe muitos ensinamentos decorrente de suas vivências como leitora, como escritora e, principalmente, como professora de Literatura Portuguesa. Dentre eles, chamou-me a atenção seu relato sobre sua experiência na regência de uma classe de Letras com Espanhol. Uma turma pequena, para a qual ela deveria dar a ler, no preciso sentido da palavra, os textos da matéria programática, mas que, por questões de intolerância religiosa, evangélicas e candomblecista eram para si mesmas livros fechados. O perigo dos fundamentalismos, a precariedade das certezas, a convivência com a diferença exigiam que o uso do texto literário fosse feito de modo instrutivo, de forma alegórica como símbolo das relações sociais que se reproduziam no espaço da sala de aula, inviabilizando o diálogo e o contato. Era preciso ficar perceptível o quão destrutivos são os preconceitos, mas, sobretudo, que os textos da arte ou da vida devem ser lidos na busca de respostas e na proposição de questionamentos. Parafraseando Mikhail Bakhtin (1895-1975), ao ler, o leitor olha para dentro de si mesmo, deixando-se ler enquanto parceiro de diálogos carregados de intencionalidade: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”.

INSTANTÂNEO 03: Junho chega frustrando as expectativas. A curva da montanha russa está a caminho de seu primeiro ápice. Os dias escorrem no remarão agora habitual. As noites serão mais longas...



A flor do capital

Janielson Araújo da Silva (João Pessoa-PB)

A vida invisível, minúscula, poderosa,
Donde vem? Quem é o Criador?
Por qual razão se dá a sua criação?
Tantas interrogações sem precisão!

A resposta ressoa tão visivelmente!
Acenando! Expondo-se! Mostrando-se!
Por que insistimos em não vê-la?
Criamo-la! Fizemo-la de MUSA grega!

Quantas vidas derramadas em vão!
A rosa inodora! Sangrenta!
Batizamo-la de Hiroshima, e de Corona se apelidou.
A musa grega veemente idolatrada,

Mostra uma vez mais a ingratidão.
Envia os pulgões, conflitando-nos,
Fazendo-nos de animais vorazes,
Incitando-nos sangrar a Iluminação.

A volta do vírus

Ivo Antonio Pegoraro (Francisco Beltrão-PR)

O que? Pandemia?
Milhares morriam:
Notícias, notícias...
Beijinhos, carícias...
A vida seguia.

As mãos lave sempre!
Não saia de casa!
Mantenha distância
Não pode juntar!
O impacto mais forte
Só veio c'oa morte
De um entre nós.

O pranto contido
Pois línguas bandidas
Deitaram falar.
Pra elas não conta
Se a História remonta
Cenários iguais.

Tem gente que pensa
“Sou homem moderno,
Passado, jamais!”
Progresso que ilude
Os seres humanos,
Esquecem que somos
Eternos mortais.

Antipatite

Ricardo Luigui Zivko (Capanema-PR)

Outono frio em Capanema.
Essa neblina que envenena,
mas não falo da doença
que essa não é tão urgente.

Falo do que acomete toda gente,
se isolar não acaba com essa chaga.
A oitava praga, o mal do século,
generalizada antipatia.

Nos noticiários corpos empilhados
“E daí?”, piadas e mais piadas,
mas ninguém sorri – quisera eu.

Força! Para todos aqueles que perdem o alento,
ainda mais aqueles que estão mortos por dentro.
Pneumonia da alma.

Amor pela vida

Elcio Alcione Cordeiro (Palmas-PR)

No desenvolvimento da humanidade,
O homem faz, refaz, desenvolve, constrói...
Entre as peripécias da liberdade,
Acontece um acidente que destrói e dói.

E, repentinamente tudo mudou!
As notícias se espalharam rapidamente.
O espanto se instaurou.
O perigo é constante.

Em dias de progresso constante,
Um vírus, por acidente se desenvolveu do outro lado das águas,
Se proliferou e se espalhou rapidamente.
O Covid-19 trouxe aflição, discussões, mágoas...

Para a vida a proteção é essencial,
O inimigo é invisível e mortal.
A união seria o ideal para conter esse mal.
Algumas nações conseguem, outras não agem como tal.

As casas de saúde logo lotam,
Os profissionais de saúde se esgotam.
Quem cuidará das pessoas que mais precisam?
O Estado deveria amenizar a dor que elas passam.

Os cuidados são explicados diariamente,
Quem tem condições cuida-se e se isola em casa,
Quem depende de auxílio se expõe frequentemente.
A pandemia do coronavírus é uma desgraça.

Todos os poderes instituídos precisam agir.
A sociedade necessita ser mais gentil.
É preciso amparo para não cair.
Muito amor pela vida, meu Brasil!

Ditadura

Vinícius de Sousa (Palmas-PR)

Senhora secretária da Cultura,
Que de orgulho tantas vezes nos encheu,
Com seu talento, seu brilho, sua ternura...
E hoje cospe no prato em que comeu,

Preciso lhe dizer, e não me importo
Se vai me ouvir, ou se vai me ignorar:
Não estamos desenterrando os mortos.
Estamos, sim, tentando os enterrar.

Penetra devastador

Richard Zajaczkowski (Francisco Beltrão-PR)

Manhã fria e chuvosa,
Chuvosa como uma sombria cortesã.
Pensei em sair de casa,
De casa saí, tão cedo não voltei.

Mil coisas fiz na rua,
Na rua passeei; não gastei nenhum ceitil.
Observei lojas e visitei parques,
Parques e com tudo isso vibrei.

Dia desses fui à empresa trabalhar,
Trabalhar e amigos rever com alegria.
Serviço rendeu bastante e feliz,
Feliz por não ter mais compromisso.

Fim de semana curti o feriadão,
Feriadão com praia e churrasco; verdadeiro festim.
Cinema, teatro e festas nunca faltavam,
Nunca faltava porque a diversão era suprema.

De repente, da noite para o dia,
Para o dia, surgiu uma pandemia; maligna serpente?
Terrível doença chamada Covid-19 começou,
Começou a matar milhares com velocidade incrível.

Filhos, pais, mães, irmãos morrendo nos hospitais,
Hospitais, em casa ou pelos cantos; uns feito maltrapilhos.
Proibido o velório e o enterro em família,
Em família porque o contágio era certo, não presumido.

Implantaram uma tal de quarentena,
Quarentena, já virando centena; se blindaram!
Ninguém entra ou sai de casa, exceto imperiosa,
Imperiosa necessidade, ou vai para o além.

Empresas fechadas, prejuízos enormes, empregos,
Empregos perdidos: culpa das autoridades chinesas?
Lar virou pandemônio, esposa estressada, crianças,
Crianças tudo bagunçando; como esses distúrbios mitigar?

Esse coronavírus como também é conhecido,
Conhecido pela população, está causando estresse.
Criaturas não mais aguentam ficar em casa,
Em casa feito animal enjaulado; sofrem agruras.

Como tudo na vida é passageiro,
Passageiro como os genes de um cromossomo.
Pandemia, a exemplo de outras no passado,
Passado, cedo ou tarde vai embora sem muita gritaria.

Pausa

Graziela Barduco (São Paulo-SP)

Eu assim, desesperada
Na pausa que o mundo fez
Gritei bem mais de uma vez
Só pra não me ouvir calada
E o silêncio fez morada
Em meu peito foi sutil
Sem saber me ser gentil
Debochou de meu protesto
E hoje entendo que detesto
Este exílio em meu covil.

Saudades não doem

Giordano Salustiano Batista (Teresina-PI)

Há de se percorrer o sinuoso caminho,
Solando as antípodas comorbidades;
Seguindo avante ainda que devagarinho,
Saltando as pedras das dificuldades.

Há de se preencher o espaço vazio...
Cinjam os unidos o laço nos horizontes,
No amanhã, com fé, do inverno ao estio,
E confiantes, dos vales aos montes.

Que a vida singre do choro ao riso
E das noites frias o dia floresça,
E a luz se faça como breve aviso.

Crises passam, por isso não esqueça,
Saudades não doem, isto é nostalgia...
Seremos felizes além da pandemia!

Quartetos

Igor Salomão Monteiro (Rio Claro-SP)

Não vamos dar as mãos
Vamos nos ajudar, usar a razão
Para permanecermos sãos
Lavar bem as mãos

Cobrir a boca na hora de tossir
Evitar aglomeração
Para as ruas pouco sair
Ficar em casa com satisfação

Para achatar a curva de contágio
Suporte-se, seu chato antissocial
Se conheça, sem plágio
Faça distanciamento social

Para o desenvolvimento da ciência
Microbiologia, genética, virulência
Epidemiologia, estudos de prevalência
A universidade é referência

Pode vir medo, angústia e pavor
Incerteza, desconfiança
Ansiedade, insegurança
Mas a base da solução é o amor

Para a saúde mental
Não há segredo, conselho genial
Rotina, manter vínculos, prazer
Novas tarefas, escrever, aprender

Destaco a importância da cultura
Músicas, vídeos, séries, leituras
Digo não à censura
Repúdio à ditadura

Mas não é somente se distrair
É também do noticiário abstrair
A essência do momento; refletir
Buscar a Deus antes de partir

Podem estar dentre as consequências
O consumir com consciência
Redução de salários, falências
Aumento do trabalho e das carências

Venceremos a pandemia de “mãos dadas”
Com solidariedade e desprendimento
Respirando um novo momento
Na corrente do bem, ações continuadas

Uma coisa vai continuar normal
Quando voltarmos ao “normal”
Máscaras nas ruas
Em casa, pessoas nuas e cruas

Quarentenei-me

Claudia Lundgren (Teresópolis-RJ)

Quarentenei-me, no âmago do meu íntimo;
isolei-me, introspectivamente em mim;
afastamento, contato ínfimo,
confinado ao meu próprio jardim.

Mascarado, marginal, por todos evitado;
possível portador, transmissor de males;
Distanciam-se de mim, pobre enjeitado;
reduzo-me, clandestino, a cavernas e vales.

Mucosas protegidas, mãos alcoolizadas;
cidade fantasma, domingo permanente;
histeria coletiva, superfícies desinfetadas;
pandêmico sentimento, pânico iminente.

Assuntos do dia: respirador, cloroquina,
inimigo invisível, risco de morte;
crise política, quebra da economia;
leito disponível, questão de sorte.

Quarentenei-me; minha casa, meu quartel!
Um turbilhão de gris emoções me invade;
não sei o que é mais letal, dúvida cruel:
Covid-19, ou crise de ansiedade.

Prisão sem grades

Rhayssa Isabele Lucietto Dylbas dos Santos (Pérola D'Oeste-PR)

Em isolamento,
De tudo e todos
Sem avanços,
Somos tolos

Do contrário,
Meros prisioneiros
De corpo e consciência
Reféns da própria mente
Reféns da própria natureza

Quem iria imaginar?
Chegamos a um novo patamar
Condenados a uma prisão sem grades
Ficaremos muito tempo por aqui,
Essa é a verdade

Pouco a pouco os sentimentos vão nos consumindo
Não sabemos mais qual o sentido
De estar ali, de esperar
Afinal, depois do isolamento, tudo vai mudar

Para melhor?
Podemos nos perguntar
O que nos resta é esperar
A espera, ó, a espera
O inquietante desconhecer
Quando a pandemia irá acabar?

Precisa-se de calma

Vitória de Lara Trevizan (Capanea-PR)

Em tempo de pandemia
Comemorar o dia do abraço parece hipocrisia
Principalmente em uma sociedade cheia de imaturidade
Que prefere ao orgulho em vez de admitir que sente saudade

Antes aos detalhes ninguém dava valor
E agora, tudo que se precisa é um gesto de amor
Mesmo perto, éramos distantes por opção
Agora, lutamos diariamente por reaproximação
O tempo era curto para refletir
Agora, dos pensamentos a todo custo tentamos fugir

E ironia pode até parecer, mas
Quantos abraços foram evitados
Quando poderiam ser facilitados?
Quantos sentimentos foram aprisionados
Quando poderiam ser libertados?
Quantos toques você deixou de dar
Quando poderia ter escolhido se entregar e transbordar?
Apesar de todas as questões acalme teu coração
Se preciso for, encontre uma forma de expressão
Sua saúde mental deve estar em primeiro lugar
Para que tudo ao seu redor possa se harmonizar

Fique bem, o isolamento social hora ou outra vai acabar
E que ele consiga nos transformar
Até lá quem puder, em casa deve ficar
Pois isso demonstra o que é o ato de amar

É difícil, mas como tudo na vida
Isso também há de passar.

Sentimentos distantes

Agnes Izumi Nagashima (Londrina-PR)

Isolamento, solidão.
Recordações de outrora, se ocultar na escuridão,
lágrimas no mundo afora.

Amanhecer sem cores,
distância, sem nos perder,
pássaros a cantar as dores,
acenos a nos socorrer.

Beijo perdido, sonhado.
Admirar as flores.
Um futuro encantado sem exigir favores.

Tempos de perdão.
Poesia a declamar amores.
Busca de um alento para o coração.
Ilumina a lua os sonhadores.

Seguir o caminho,
procurar sem saber,
cuidados e carinho.
Na esperança de um alvorecer,
refulgir, para a eternidade viver.

Quarentena

Luís Palma Gomes (Amadora-Portugal)

Insone e atento
aos reflexos nas vidraças,
guardo o instante
em que o ribombar do trovão
ou tão só a notificação digital
dar-me-á o sinal que o mundo mudou
e eu não.

CAPÍTULO II
INVERNO

PREFÁCIO

Rodrigo Batista de Almeida¹

Nada tão ilustrativo para sintetizar este período em que estamos existindo que a estação mais temida de todas. Os quatorze poemas das quase quatorze semanas do inverno de uma quase distopia escancararam tudo que eu senti, que eu sinto e que certamente sentirei nessa estação perene e demorada. Nesses tempos labirínticos, esses quatorze poemas vêm nos dizer “Calma, eu sei como você se sente. Você não está sozinho”.

Somente a Literatura para responder às incoerências da vida. De certo, não há nada. Explicar, portanto, não é a finalidade a que se presta a Literatura. Mas, então, por que precisamos dela? Para nos ludibriarmos acreditando que existe alguma coisa que revele o sentido de tudo. Só que não há sentido. Ou ele é múltiplo e constantemente nos escapa. Prova disso (ou “evidência”, para nos adequarmos ao palavreado científico dos tempos pandêmicos) é a desordem em que nos encontramos. Ninguém poderia prever (pelo menos, não com exatidão) que passaríamos mais de um ano às voltas com um vírus idiota que insiste em permanecer. Um vírus indigno, que nos tira também a nossa dignidade, tanto na vida quanto na morte.

¹ Professor Me. EBTT do colegiado de Farmácia do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas.

Nos altos e baixos, acompanhando os gráficos divulgados diariamente, fomos alternando estados de espírito. Quando quase éramos tomados por uma sensação de grande confiança, vinha o medo. Isso é o inverno, ainda mais em Palmas, em que ano após ano passamos meses discutindo se o inverno será mais ou menos rigoroso. Previsões não faltam. Tudo devidamente justificado. É a chuva que veio pouca. É o calor que veio forte. Cada elemento tem um peso na equação final que determinará a intensidade do próximo inverno. Mas frequentemente somos surpreendidos. Às vezes, surpresas boas. Às vezes, surpresas não tão boas, embora, em certa medida, esperadas. Essa é a estação da resistência, a estação que mais testa a nossa paciência.

Isso foi a pandemia. Isso está sendo a pandemia. Previsões sobre previsões, todas nos orientando nos minuciosos planejamentos para depois percebermos que teremos que jogar no lixo todos os planejamentos. Se há os momentos de uma aparente tranquilidade, é porque na sequência vem o receio, que às vezes evolui para medo, que às vezes evolui para pânico.

Só a Literatura, portanto, para dar conta de todas essas coisas e é por isso que eu respondo aos quatorze poemas com outro poema, distorcido na forma, mais parecendo uma prosa. Mas isso é só uma questão de perspectiva. O mundo está bagunçado e não é a minha escrita que arrumaria toda essa desordem em que vivemos.

Não pise na grama

Aquele sujeito que sempre é projetado no outro, mas que sempre insiste em nos informar que somos nós. Aquele sujeito “*quebrado, parado, ocioso*” que se moveu na inércia desses tempos peculiares, de “*hora de chegada incerta*”, assim como incerta é a chegada do inesperado, que ninguém sabe se vem, se veio, se virá.

Eis o inverno! Temido por muitos, esperado por alguns, desejado por outros. Muitos dos quais de “*nomes desnomeados*” que esperam pela “*hora de chegada incerta*”.

Para não surtar, para encurtar, para exortar, para suportar, eis que alguém ousou “*acoplar cuidado à assepsia*”. Cuidado é bom. É quente. Assepsia é frio. Dá medo. Mas assepsia com cuidado é bom, dá segurança.

Passamos como passamos todos os outros invernos de nossas vidas como um “*rito de passagem*”. Se, por um lado, tememos e não sabemos exatamente o que nos aguarda, depois que superarmos esse período saberemos exatamente quem somos.

“*Quem será o próximo*”? “*Nessa alguém vida*”, é sempre o próximo, que depois vem o próximo, depois o próximo, e mais o próximo. Próximo?! Sobreviver passou a ser “*viver sobre*” e esse apoio que sustenta o viver precisa estar bem fortalecido, ao menos na expectativa, nesses tempos de tudo longe. O ângulo não nos favorece. Recém-chegados, os raios logo se dispersam. Não há muito com quem contar. Não há muito a contar. Nessa “*lua de adversidade*”, o frio é cada vez mais intenso.

A estação avança, oscilando entre dias conflitantes entre si. Nem parece inverno. Eu inverno. Vocês verão. “*Um rio de luto em mim deságua*”. Não acomodo mais meus monstros. Falta calor até para mim. A “*imaginação de mãe é sempre mais otimista do que a imaginação de filho*”. O problema é que eu sou o filho.

Busco me aquecer. Aquecer os meus. E aí esse movimento me aquece, me empolga. Vejo gente. Converso. Mas “*há palavras tão frias*”. Estaca zero. Sem gente. Sem movimento. Sem calor. Frio.

Eu tenho que pensar. Eu tenho que pensar. Eu sou bom para pensar. Eu sempre penso algumas coisas bem elaboradas. Bem engendradas. Pensar. Pensar. Pensar. “*No banco onde esperei em vão*” as ideias não vieram me encontrar. Eu que era bom de pensamento não consigo mais pensar.

E se uma ideia me ocorresse agora? Uma ideia fantástica! Uma ideia bombástica! Uma ideia que mudaria toda a vida no planeta! Mas eu não tenho ideia. E a última coisa que mudou toda a vida no planeta não foi uma boa ideia. E por que me preocupar com a vida se “*a vida que terminou sem passar*” terminou sem passar?

Agora está quase acabando. Quase acabando. Calma. Aguenta. Quase acabando. Quase. Eu só tenho alguns medos. Um deles é saber que “*o som mais triste vai ainda ecoar*”.

Quatorze semanas. Quatorze poemas. Quase quatorze semanas. Quase poema. “*Minha noite enfim chegou*”.



(Anti)Locomoção

Soeli Tiegs (Curitiba-PR)

Ônibus quebrado
Nem uma folha se move
Fria madrugada

Ônibus parado
Hora de chegada incerta
Tal qual tempestade

Ônibus ocioso
Fumegam e irrompem mentes
Em bailar estático!

À sua saúde

Nestor Lampros (Atibaia-SP)

A doença caminha leve e solta
nas ruas e praças, nos olhos das crianças
nas mãos apertadas pela amizade- quase
esquecida pelas massas em alguma lembrança.
Ela, doença, está determinada
em ser exímia em mandar os homens
ao exílio da vida. A saúde
por sua vez, está calada,
fica assim, parada, vendo toda a realidade
ao redor cobrando da doença
uma pausa para ela, saúde, respirar melhor.
A doença se ri e ri da saúde
e anuncia que tudo deverá melhorar,
quando ela crescer e se expandir
e se enraizar na terra dos homens
e fizer o seu trono dentro dos batimentos cardíacos
convulsos do coração humano obtuso e cego.
E a saúde vai se sentir melhor
quando não sentir mais nada, vai ser correto
ela fugir para o além – para o Nihil, Elysium
Vellhala, Éter e álcool gel.
Lugares estes de que nunca deveria ter saído,
para trazer a vida e a maravilha do bem-estar ao mundo,
que lhe retribuiu com inventos macabros,
puras pústulas inventadas para se propagar
a doença nas vias respiratórias e terrestres,
na fugaz mansidão em tudo que era são
e bom e bem-aventurado.
Para legar ao mundo, para trazer a paz—é que a doença

sabe ser eficaz, fazer e criar a descrença
que inaugurará o nosso novo mundo de solidão.
E a morte, irmã da doença, virá pestilenta,
com seu perfume de moscas e estrume e podridão,
vem para propor o final de tudo.
Vem inaugurar o que deixou a saúde
na essência dos seus rios absurdos e da doença
nos seus ritos desnudos, nesta morte a galope,
para de vez destruir a saúde e a vida e o que ela julga
trazendo do fundo de seus arcaibouços,
inumeráveis caixões abarrotados de nomes desnomeados,
daqueles que nunca souberam o que aconteceria,
e que agora jazem na terra informe
na profundidade de todas suas novas pandemias.

Atmosfera

Elieni Caputo (São Paulo-SP)

a atmosfera reverbera novo tempo
não mais o mesmo invólucro de toque sutil
agora tem a forma de redoma tomada de temores
a respiração não mais entregue sem reservas
a atmosfera outrora amor incondicional manto de proteção e calor maternal
escurece e esfria cinza como as vidas perdidas

o toque imperceptível do ar as batidas involuntárias do coração
tomam a configuração do cálculo-proporção a probabilidade de contaminação
não mais a entrega total ao abraço, não mais o compasso esquecido das horas
mas a lembrança, a percepção de que nada é assim tão fortuito, tão gratuito

o luto é inexorável
nova realidade, novo modo de vida que acopla o cuidado à assepsia
o arrebatamento agora só diante da escuridão da própria impotência
a ciência ao lado do reconhecimento do próprio tamanho diminuto
diante do mundo o abandono da onipotência
um novo caminho de percepção de relação, nova forma de sensibilidade
não se sabe o dia de amanhã, não se sabe que humanidade se precipita
em modo de espera, em modo suspenso, a atmosfera

Corona vírus – A grande implosão

Celso Lopes (São Paulo-SP)

SOBRE ISSO, O QUE SE HÁ DE DIZER?
UM DEVORADOR QUE EMANA
(QUE NOS ROUBA O AR E NOS DEIXA NO “COMA”)
OU UMA EPIFANIA DA NATUREZA
NUMA EXPLOSÃO CRUEL E PROFANA
ANUNCIANDO A EXTINÇÃO
DA PRÓPRIA ESPÉCIE HUMANA?
IRMÃOS DE SANGUE, A PESTE NEGRA E O CORONA
CADA QUAL NUM BANCO DE CARONA....
ENFIM, CREMOS, CRUZAMOS OS DEDOS,
SERÃO AMBOS TRANCAFIADOS NUM CARRO DE LUZ
QUE ULTRAPASSA VELOZMENTE OS SÉCULOS E SÉCULOS...
UM EXCELENTE MODELO DE CARRO, DIZEM...E A COR?
COR DE *FUMO-NAVARINO-COM-CHAMA**, DESCOBERTA
EM GUERRAS SANGRENTAS D'OUTRORA.
SEGUEM AMBOS, QUE SIGAM, A PESTE E O VÍRUS,
JUNTOS EM SEU „*RITO DE PASSAGEM*’...

(*) Ref. “Navarino” – Batalha famosa na guerra da independência grega.
(cor de tecido – fumoe fogo). In: Almas Mortas- pg. 410 – Nicolai Gógol.

Coronavítimas

Ricardo Mainieri (Porto Alegre-RS)

anônimos

eles seguem
o rumo
de Aruanda

estampam
pela manhã
páginas de jornais

telas
de milhões
de megapixels

se vão como aves abatidas

sem direito
a pompa
e aglomeração

finda-se um ciclo

inicia-se
um tempo
de trevas e preocupações

quem será o próximo?

Do micro ao macro, do macro ao micro

Alan Santos (Palmas-PR)

Sob o olhar microscópico atual,
Fita-se um universo micro e vívido,
Que nada, nem ninguém, mesmo o mais rígido,
Pode negar-lhe o aspecto factual.

Nessa aquém vida, tão funcional,
Quando pelo Sars-CoV-2 atacada,
Anticorpos trabalham atracada
E bravamente contra esse mal.

Norte a ser seguido no nível macro,
No qual outro é o elemento sacro:
Patriotismo deturpado pelo ódio,

Que separa e desfigura mais que ópio.
Reger a nação, linfócito-B,
Não é gerar resposta autoimunê!

Feliz Ano Novo!

Marilha Barreto Caldas (Cruz das Almas-BA)

Feliz Ano Novo! Feliz 2020!

expressões que nos remetem a novos sonhos,

novas posturas, novas metas,

sem ao menos refletirmos que Agora,

a nossa maior meta é SOBREVIVER!

VIVER SOBRE estatísticas de mortes

em meio a uma pandemia!

As inovações nos asfixiam

as ideologias são soterradas

as mídias potencializam o terror

numa sensação de eternidade infernal...

A violência aumenta silenciosa

a privacidade é devassada

a convivência é a exibição da intolerância

as relações afetivas criam desafeto

a distância valoriza a afetividade

intensifica a importância do toque

agrega resplendor a ações simplórias

traz saudade do desinteressante, do trivial

transporta de dentro de si,

sentimentos jamais perceptíveis.

O virtual era o auge!

Apenas um instrumento de diálogo,

frio e corriqueiro...

passou a ser o real!

Em sùmula: a era é a de adversidade...

o povo não podia sair, mas inventava para onde ir

Não gostavam de praia, mas queriam sentir sua brisa, seu sol, seu som...

Não valorizavam as companhias, mas passaram a juntarem-se

Não acreditavam e nem investiam na ciência,
Mas os cientistas tornaram-se essenciais...
Falavam mal dos profissionais de saúde, mas aplaudiam as equipes...
Queriam morrer... suicidar-se, mas agora usavam máscaras para
manterem-se vivos!
Por fim, iam todos para o Norte ou Sul hibernar,
Mas voltaram-se todos para o vento leste em busca de verem o outono
chegar
Trazendo consigo a esperança de dias melhores!

(Iso)lamentos

Evilásio Júnior (Santa Inês-MA)

não penso, estou no modo automático
minha mente vaga pela casa vazia
confinado no lar e no meu mundo
não consigo saber se noite ou dia

ligo a tv, meus olhos estão fora do ar
no horário nobre são covas cavadas
sepulto todas as notícias dos mortos
um rio de luto em mim deságua

tento não pensar, deixo a vida fluir
o tempo parece um rio parado
o silêncio sussurra em meus ouvidos
o meu ser está no silêncio exilado

sozinho, distante de tudo e de todos
a tristeza abre suas asas e me sobrevoa
fazendo-me companhia, no (iso)lamento
a sólida solidão sobre mim repousa.

Máscaras mortuárias

Ricardo França de Gusmão (Rio de Janeiro-RJ)

Novamente acordo em meio ao colapso da democracia.
Parece que o meu despertar é febre com hora marcada.
Sempre por volta de 2h30min da madrugada, e estou sob três cobertores pois faz frio. E a chuva bate nas janelas de vidro do meu quarto, como se quisesse entrar para chover sobre mim.
Mas já chove em mim.

Tenho uma máquina de respirar com uma traqueia de plástico acoplada a uma máscara de ar. São 50 paradas respiratórias a cada hora de sono.
Mas eu não durmo em meus sonhos. É um estado de sentinela constante e neles escrevo crônicas para ridicularizar o vírus. Meus sonhos tentam subtrair a empáfia do Hitler e a arrogância 'arrotônica' do Covid.

Reconheço Hitler pelo bigode, ele está vivo.
O Sindicato dos Jornalistas está repleto de reacionários, patronais, pelegos neoliberais, entreguistas. Não posso confiar neles pois estou com as mensalidades atrasadas.

Em um dos meus sonhos ou pesadelos inseridos neles, culpas e medos intracelulares, estou escavando uma sala de aula, com uma enxada, para voltar a ser professor de jornalismo.
As paredes estão de pé, há uma porta e janelas, mas há um buraco no chão de terra, como uma grande cova.

Tenho a ajuda de futuros alunos e de professores ex-amigos que me abraçam em período de isolamento social.
O trabalho é árduo, mas não é ruim, pois é uma sala de aula e me chamam de professor. Mas é uma cova. Estou incomodado nela, pois não consigo terminá-la.

E encontro objetos de arte sob a terra, às vezes barro.
São esculturas, objetos extremamente lindos e originais, pois nunca os vi quando acordado. Estou com sudorese e o frio aumenta, meus casacos estão molhados. Visto três também, além dos cobertores.
Parece uma febre fria, congênita, congelada.
Tenho dores fracionadas.

Me vem a certeza de que não posso ajudar a salvar o mundo, meus amigos, minha família e o desconhecido, pois tenho cirrose, diabetes, e um estado de permanente bipolaridade, como um pote de nitroglicerina dentro de um liquidificador.
Seu batismo químico é $C_3H_5N_3O_9$ e o meu sangue é A+ positivo.
Não posso doar sangue durante a epidemia devido à glicose e estou fadado — ou esgotado — à explosão.

Ouçõ barulhos na cozinha e portas se abrindo.
Louça sendo lavada. Alguém urina no vaso sanitário.
Comprei um teaser elétrico para me defender do infortúnio.
Todas as noites, antes de dormir, eu o carrego na tomada.
Mas também tenho uma caneta e uma agenda ainda dos tempos de jornalista,
e um computador que me obedece às vezes.

A perturbação vem de um mundo em exílio, do noticiário que diariamente me avisa em tom de ameaça:
"os hospitais estão fechados", "médicos estão contaminados", o gerente do supermercado morreu, três taxistas morreram, o pai perdeu a mãe que perdeu os filhos, que perderam os pais, que não puderam ir aos enterros dos vizinhos. O jornalismo 24 horas repete a notícia das primeiras horas da manhã durante 24 horas, e o pico da doença será no dia 11 de maio, data do meu aniversário por 24 horas.

Minha irmã veio na minha casa e deixou massa pronta de um bolo de chocolate.

Ela estava com máscara hospitalar e chegou em seu apartamento infectada.

Tive que ir mais cedo ao banco e todos estavam mascarados.

Havia medo, desconfiança e violência em seus olhos, na fila do banco.

O meu benefício da aposentadoria é necessário para os remédios e para os livros que venho comprando sobre a Gripe Espanhola, a Peste Negra, a Varíola, o Sarampo, a História do Hospital da idade média até os dias atuais, a mutação dos vírus das gripes, a história da anatomia humana e os romances de terror psicológico e sobrenaturais de Stephen King.

Mas não consigo ler. Minha concentração parece um bloco de carnaval numa reunião de condomínio dentro de um salão de beleza.

E os observo, meio servo, quase cego, sobre a mesa.

Esperam que eles me falem dele como eu falo de mim para a psicóloga por telefone, mas deveria ser online se ela soubesse ativar a transmissão ao vivo.

Mas não importa. O Plano de Saúde aceita, pois são apenas trinta minutos semanais de conversas banais sobre tempos difíceis.

O motorista do Uber é mais eficiente. Mas não lhe é permitido emitir laudos de tratamento para o INSS.

Do lado de fora da janela há muitos morcegos.

Elas têm que ficar fechadas pois eles entram e defecam nas paredes e no chão. Os morcegos transmitem raiva, mas eu também transmito raiva.

E sei que eles também têm medo de mim.

Sei que há desesperança em meus sonhos arqueológicos.

Pois a falta de chão, a cova, os objetos enterrados são coisas do passado que eu, desesperado, tento descobrir e colocar no lugar onde estavam.

Mas é impossível, pois quando estou próximo desse momento sempre acordo às 2h30 da madrugada à beira de uma estrada. Sempre há uma estrada.

Hoje eu comprei uma revista sobre os 50 anos da idade homem à Lua:
Scientific American Brasil.

Estava enalhada na banca de jornal.

Como se a Lua não fosse mais uma alternativa para a Humanidade.

Mas ela ainda é uma bola de esperança para mim que não tenho foguete,
Apollo 11, nave espacial, roupa especial com sapatos de chumbo frente ao
antigravitacional do desestamento.

Sou apenas um lunático.

Contudo, a Lua, em si é desapego e os astronautas
desempregados viraram ministros de Estado.

Porém, a vida ainda insiste aqui, na Terra.

Nas fontes de água que brotam do chão.

Na eterna discussão entre as ondas e os rochedos.

Na sociedade firmada em cartório pelos microempreendedores.

Na rotina do absoluto do nada na vida dos moradores de rua.

Na rotina da minha mãe que há quatro anos faz curativos nas minhas pernas
duas vezes ao dia. E não cansa.

E imagina que as ulcerações irão melhorar.

A imaginação de mãe é sempre mais otimizada que a imaginação de filho.

Então me resta torcer para eu entrar no quarto e apagar a luz.

Apertar a imagem de Nossa Senhora nas mãos e chorar e pedir à ela pelos
meus, pelos próximos e por todosos que já se foram.

Então percebo-me ainda no 'período durante'.

Acorrentado ao aqui e no agora com quebras rítmicas de lapsos de
memórias sobre momentos que vivi.

De que adianta o fingimento do bolo de aniversário sem o doce do açúcar?

De que adianta a vida iludida que nos impõe os anúncios comerciais das
multinacionais em tempos que elas não podem vender pois as lojas estão
fechadas?

Mas essa é a vingança da vida em brisa.

Um grão invisível de RNA codificado que entra em atividade de granada ao mínimo contato.

É uma inteligência absurdamente adaptável às ideologias sociais-democratas e neoliberais.

Uma forma de não-vida altamente tecnológica de alto potencial necrológico

que se dana para qualquer legado.

Pois não deseja nada além do não ad eternum.

Hoje eu sei como os peixes morrem nos anzóis os quais mordem em busca atroz do oxigênio desoxigenado.

É assim que se arranca a vida: afogando-se os brônquios e os bronquíolos. Somos astronautas da soberania do ar, isso é um fator tão cotidiano que só sentimos falta, quando sentimos falta de ar.

É a oportunidade que aguarda a licitação fraudada das 'máquinas de respirar'.

Além dos vermes a morte alimenta as contas bancárias dos parasitas da vida.

E para esquecer tudo isso, compro brinquedos.

Na falta de amigos presenciais tento brincar comigo, mas percebo-me não mais criança aos 52 anos, às vésperas do dia 11 de maio, pico da pandemia.

Nunca tive um auditório provisoriamente lotado a cada doze meses a partir do meu nascimento.

Mas conheço gente que necessita de auditórios lotados para tentar exercer as dicas dos livros que ensinam a manipular as multidões, ou as mínimas massas do escritório ou da repartição pública.

Por isso descreditei dos sorrisos excessivos dos músculos das faces e dos disfarces dos apertos de mão.

Vocês não puderam ver. Mas o Hitler estava ali, agora mesmo, atrás da cortina, em vulto. Senti seu cheiro de enxofre.

Mas hoje não é necessário ter a oratória hitleriana para impregnar de suásticas as células do corpo humano.

Basta ser humano e quebrar a quarentena.

Hoje qualquer um tem o poder de destruir o mundo sem precisar apertar os botões das bombas atômicas.

A morte obedece à peste e ao grão em forma de Planeta.

O pesadelo veste-se de cordeiro e cava salas de aulas em cemitérios.

Assim passaram a ser os meus sonhos.

E quando acordo percebo que o sonho era a realidade da realidade.

Academia ardilosa.

O mal aprendeu a usar a carapuça do cinismo e o disfarçado Cavalo de Tróia. Abriu uma página no LinkedIn, esperto e vivo, fingindo-se de morto, passou a fazer parte das nossas vidas.

Quando acordarmos veremos que estaremos mortos nesse pesadelo, ossos sobre a cama.

Caveira sobre o travesseiro.

Mas alguns permanecerão com seus sorrisos de plástico intactos. Eles são suas máscaras mortuárias.

Morte

Esmeralda Nóbrega da Silva (Conde-PB)

De pensamentos a palavras
De palavras à escrita
Na escrita tão singela
Há palavras tão frias.

Diante do sentimento congelante
Da dor excruciante
Um coração perdido
Clama por alívio.

Nos vales das profundezas
Um ser que vagueia
Lembranças tão queridas
De um tempo passado.

Um coração achado
Um ser quebrantado
Um escritor encontrado
A dor agora reina.

Um destino selado
O vírus diagnosticado
Um destino inesperado
A morte ceifeira.

**No banco onde eu esperei em vão
(Ou Conversa de Sombras)**

Ítalo Rafael Lima Dourado (Sobral-CE)

No banco onde eu esperei em vão.
Plácida, triste e calma, a outra alma
chegou então.

- Foste pouca conquista o nosso enlevo?

- Sim.

- Deixou-me com o nome mais triste. A tua vida és meu único consolo, a
minha não ésou foste p'ra ti?

- Não.

- Lembrei mesmo não querendo, da saúde que possuíam os nossos
projetos.

- Tudo adocece e morre.

- Só em não estar mais ao teu lado, todo o bem passado me foste um
sonho?

- Então deixa-o permanecer adormecido.

- Ah... O céu contigo era azul!

- Esse céu vestiu-se de luto. Bem... parece que é aqui que nos separamos.

Plácida, triste e calma, nem alcançamos
do outro a palma. Continuei no banco em vão
enquanto chorava meu coração.

Reconstrução

Carlos Carvalho Cavalheiro (Sorocaba-SP)

Tristes máscaras de carnaval sabotado
As pessoas caminham inseguras pelas ruas
Com a fantasia tirada da caixa de Pandora!
As sacadas dos apartamentos viraram camarotes
Ou palcos compartimentados, fechados, isolados
Somos como passarinhos dentro de gaiolas
Conformados com a água, o sol e o alpiste.
Abraços à distância, amores virtuais, saudades
Que navegam pelas ondas violentas da web
Explodindo na arrebentação de nossos desejos.
A vida que passou sem terminar...
A vida que terminou sem passar...
Dezenas, centenas, milhares, dezenas de milhares...
Cidades engolidas pela cova da ignorância
E da falta de estrutura do sistema de saúde.
Sirenes ecoam na avenida, tudo é urgente
Na emergência dessa pandemia!
É preciso reconstruir o mundo e a vida.
E enquanto clamamos pela misericórdia
Um mosquito voa displicente pelo espaço:
A paz da vida na alienação.

26.05.2020

Um único som

Cleusa Piovesan (Capanema-PR)

Na pandemia o som é um só
A marcha fúnebre dos cortejos
Com caminhões de corpos enfileirados
Com um único e fatal destino
Sem velório nem direito às exéquias
Ou ao choro de quem os viu meninos

No Brasil não há mais o alegre Samba
Na Escócia fecharam-se os Foles
A Tarantella não é ouvida na Itália
Em Portugal o Fado perdeu o encanto
No Caribe o Reggae perdeu a ginga
Na Argentina não se dança o Tango

Na América o Blues foi sufocado
O Mariachi se calou no México
As Castanholas já não batem na Espanha
Sem shows de Rock na Inglaterra
E na África os Tambores se calaram
Só há silêncio nos confins da Terra

O som mais triste vai ainda ecoar
Por dias... meses... ou talvez por anos...
Porque a voz da razão está calada
Sufocada pela ganância de abrir portas
Por quem não está mais se importando
De haver Gentes vivas ou mortas

Da escravidão à luz

Teresinha Nóbrega da Silva (Conde-PB)

Vou contar uma tragédia
Que se deu em todo mundo
Não quero assustar ninguém
Pois é coisa do momento
Este fato ocorrido
Deixa todos tremendo

O mundo entro em crise
É grande a tribulação
O corona vírus trouxe
Muita inquietação
Prejuízo para todo lado
Da política a nação.

Dizem que surgiu da China
Uma potência mundial
De pobre subiu no ranking
Hegemonia colossal
Pois dizem será em breve
A primeira sem igual.

A pandemia no mundo
Causou agitação
Trazendo muita fome
A toda população
Crise na economia
Ciência e educação.

Esta tal de quarentena
Está ruim de aguentar
O tal do corona vírus
A todos nós quer matar
Seja pobre, rico ou branco
Para o inferno quer levar.

É doença perigosa
De fácil contaminação
Diz que entra pela boca
Vai direto ao pulmão
Se você não tiver cuidado
Até num aperto de mão.

É uma praga mortal
Que trouxe o dissabor
De prender no calabouço
Faz você um sofredor
E só mesmo Jesus Cristo
Que te salva do horror.

Não quero ser negativa
Estou em comoção
Pois esta peste deixou-me
Com medo e aflição
Hoje presa eu só vejo
A luz em aparição.

O covid é temeroso
Assustador e voraz
É sensível a sabão
Pois no fogo se desfaz
Nunca no mundo se viu
Uma praga tão mordaz

Corrói o homem por dentro
Destrói vira um esqueleto
O ar falta ao moribundo
Do mais jovem ao mais velho
Do rico ao pobre faminto
Do mais nobre a um flagelo

Até nas grandes famílias
Trouxe a separação
O covid causa estrago
Fazendo desunião
Até mesmo o presidente
Não escapa do povão.

É crise pra todo lado
Uma guerra de terror
Pois o grande inimigo
Avança e não sente dor
Há mortes de ponta a ponta
Pois é grande o pavor.

O inimigo é estranho
Forte e muito voraz
Usa máscara, se disfarça
Até mesmo em satanás
Um covarde vil, perverso,
Pérfido, fonte do caz.

Até o mais corajoso
Teme o grande opressor
Seja reis ou potestades
Esse vírus é um furor
Seja sábio meu amigo
Se poupe desse amargo.

Os dias de isolamento
Trazem tensão e temor
Exilado em meu recinto
Um vazio assustador
No peito emana um clarão
A salvação vem do senhor.

A ciência se aprofunda
E avança na pesquisa
Já se fala na vacina
Para vencer a maldita
Lute corra triunfante
E derrote essa maldita

Do presidente ao congresso
Das cidades aos estados
Das vilas aos municípios
Do gestor ao professorado
O Covid mudou tudo
Do docente ao alunado.

Hoje sala de aula
É plataforma digital
Também a consulta médica
É um papo virtual
Dos amantes o afastamento
O beijo só no final.

Porém trouxe inovação
Pois não é de todo mal
A tecnologia avançou
Na interação virtual
A solidão foi vencida
Em conferência nacional.

Na ciência há esperança
Da cura encontrar
No mundo da incerteza
Uma centelha a brilhar
No coração a vida em chama
Faz no peito trocar.

Esse terrível acontecido
Uma lição veio nos dar
Que o homem no mundo
É um ser singular
E não é uma pandemia
Que vai nos derrotar

Não pense, caro leitor,
Oração é sem poder
Basta acreditar em Deus
Reaja, não queira sofrer
Esperança mantém vivo
Glorioso e ressurgido
Abraço até nos ver.

CAPÍTULO III
PRIMAVERA

PREFÁCIO

Érica Azevedo¹

A

primavera nos brinda com a exuberância das flores nos vergéis, nos canteiros, nas sacadas. É a natureza nos ensinando que sempre haverá renovação. Num momento em que a liberdade de ir e vir precisou deixar de ser exercitada para a segurança de todos, a arte e a beleza tornaram-se ainda mais necessárias para que pudéssemos ultrapassar a dor e a solidão do isolamento social sem perder a esperança na vida e no ser humano. Antônio Candido considera a literatura indispensável para a humanização. Para o crítico, é por meio dela que se desenvolve nos indivíduos a cota de humanidade, na medida em que os tornam mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade e para o semelhante. Isso ocorre porque o texto literário possibilita, entre outras coisas, o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a percepção da complexidade do mundo.

Primavera reúne poemas que cantam as dores e as expectativas vivenciadas durante o isolamento social. São catorze olhares sobre a pandemia, o ser humano e a vida. Assim, como cada flor, os poemas que compõem esta seção possuem características singulares e revelam diversificadas formas de apreender o universo e expressar experiências.

Neles cada face de um sujeito poético, forjado pelo canto de diferentes eu-líricos, nos deixa evidente o despertar para uma nova forma de olhar e vivenciar as experiências com a sociedade, com os familiares e com a natureza, que o momento pandêmico possibilitou. Não se trata de negar as dores deste tempo, mas sim de buscar vivê-las com o mínimo de leveza possível, haja vista que *foi necessário um isolamento social, / para que pudéssemos perceber que o calor humano / no inverno, ou verão, nos é fundamental.*

¹ Professora. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Ficcionista.

O momento pandêmico também é metaforizado por esse sujeito através da ausência da primavera: *Hoje em dia não aprecio mais as orquídeas/ no Horto Municipal*. O círculo de incertezas e de ausências cria uma atmosfera cinzenta, mas a crença no retorno da alegria não se perde com a rotina de incertezas: *Sim, quando essa onda dissonante partir / juro que subirei no ponto mais alto do meu regozijo / & direi em alto & bom tom: / – vejam, senhores / a primavera procrastinou [entretanto] chegou / (repleta de alamedas coloridas / & girassóis a enfeitar alpendres de amor)*.

A atmosfera agônica que a doença causada pelo novo Coronavírus trouxe para a sociedade permeia alguns de seus versos, como uma flor roubada do nosso jardim: *Há um monstro solto lá fora / invisível e suspenso no ar / que assalta o oxigênio que assedia as trancas do lar*. O sujeito lírico, tal qual o flâneur de Baudelaire, descreve a cidade, os seus moradores e os perigos que a cerca: *A cidade segue cercada / o predador rastreia as presas / snipers a postos pro tiro / minam vulneráveis defesas*. É o isolamento e o medo da invisível ameaça, num momento de batalha, *cantos risos e desespero*. Contudo, não somos envolvidos somente numa atmosfera de medo, mas também de esperança de vivenciarmos um [...] *tempo de abrir as portas / emperradas do coração / despido de máscaras / da cegueira e da iniquidade / de derrubar muros hasteados*.

Consciente da dor que a humanidade vivencia, o sujeito lírico nos leva a refletir acerca das ações e dos sentimentos que serão necessários depois que este momento passar, espalhando-nos um canto de esperança: amor, solidariedade, humildade, gratidão, alegria, empatia e caridade. Assim, *das cinzas renascerá uma nova humanidade*.

Em meio à insegurança, as dúvidas são intensificadas e, por isso, o sujeito lírico lança-nos alguns questionamentos: *Como será daqui para frente? Quem de nós vai sobreviver?* Consciente de que não existem respostas, ele alimenta a única certeza que acredita carregar: *Nós sempre iremos nos encontrar*.

Costurado pelo ritmo da repetição e do jogo de palavras, o uso da anáfora cria uma cadência muito semelhante à rotina de casa, a qual leva o leitor a repensar as suas necessidades, seus conceitos e suas ações: *Não é preciso supurar para poder suturar e superar / Não é preciso sempre*

correr para nunca se atrasar / Não é preciso a cegueira da faca para a fé se amolar / Não é preciso esperar infiltrar para filtrar / Não é preciso jaleco e diploma para ser herói / Não é preciso pandemia para praticar / o si em ti, em nós, em vós, neles.

Também há poema construído com o balanço da melodia e com a astúcia da metáfora, no qual o sujeito poético descreve o medo que nos habita, ou os nossos dias de medo em tempos de máscaras e os sonhos emparedados: *esconderam os sorrisos por trás de máscaras, / Proibiram o abraço e a carícia, / fecharam-se as portas.* Contudo, a crença em dias de esperança também habita o sujeito lírico que nos ensina a manter o coração aberto para *quando o vento bulir com as cortinas, / o horizonte entrará com o sol na sala, / e os cantos dos pássaros nos emprestarão suas asas.*

Outra face do sujeito lírico nos convida a ouvir as necessidades do planeta, pois tem consciência de que os sofrimentos da Terra também pertencem aos seres humanos: *Se dorme o mundo, sofre a gente / É com pesar que confessamos / Muito tempo não ouvir / Os suplícios dessa mãe / Que sempre nos alimenta / E está em decomposição.* Trata-se também de uma evocação à Mãe Terra para que Ela reaja aos nossos descuidados e nos ensine um caminho melhor: *Respire, mundo, e livre a gente / Despolua a nossa mente / E plante em nosso coração / Árvore forte, em campo fértil, / Que dê-nos alma de união.*

Não poderiam deixar de fazer parte desta seção alguns versos ansiosos para quem a vida volte a ser como antes, nos quais, mesmo com os olhos lacrimejados na dor do presente, o eu-lírico espera alcançar dias diferentes e nos convida a alimentar a mesma crença: *Sigamos rumo ao amanhã / Na incerteza do ontem / Forjamos o nosso dia / na grande esperança / do retorno da alegria...*

Só, entediado, isolado e triste, como muitos de nós, o sujeito poético, em outros versos, expressa que ainda acredita *na potência positiva do caos.* E, mesmo sem entender, ele descortina a rotina de todos e nos convida a [...] *sentir-se mais gente / manter-se prudente e transpor as dunas / pois quando de fato surgir a cura / e soerguer a vida, sorridente, uma a uma, / olharemos para o poente em paz e fortaleza/ cochichando na breve brisa nova estação ao / tempo que nos espera.*

Ao traçar um panorama social do país, há versos em que ele nos revela como a sociedade brasileira vivencia o momento de pandemia: *Políticos, aos brados, todos estressados; / Emissões de decretos, nem sempre corretos; / Sermões de pastores, em tom de louvores; / Empresas, falências – judiciário, audiências; / Protestos, com ira, produzem mentiras.*

O mau tempo, metaforizado pela chuva, representa os dias difíceis que a pandemia nos legou. O isolamento é marcado pelo cachorro que não passa, pela criança que não brinca no jardim e pelo sol que não aparece. E, mesmo na predominância do céu nebuloso, o sujeito poético, assim como o cachorro e a criança, segue esperando o fim do temporal: *Preparo-me para outras tardes vindouras / Preparo-me para tardes de sol.*

Ainda temos a leveza da natureza, revelando os sonhos escondidos e expandindo os sentimentos que o isolamento nos obriga a conter. *Então o muro se abre / Sinto o beijo da brisa.* É o afago da natureza auxiliando a suportar as distâncias impostas pelos muros do isolamento.

Os sonhos também são mortais. / Mas às vezes sobrevivem ao inferno ou ressuscitam. Tais palavras nos levam a pensar na primavera, no sol, nas flores e em tantos outros elementos da natureza que metaforizam a esperança. Os versos desta coletânea nos sugerem que, mesmo em momentos infernais, a natureza e a arte nos auxiliam a acreditar que um paraíso é mais que possível. Basta ouvir a beleza das flores e acreditar na potência da poesia.



A necessidade de uma pandemia

Amanda Paloma da Cruz (Mangueirinha-PR)

Foi necessária uma pandemia,
Para apreciarmos melhor as cores do dia.
Para o planeta voltar a respirar,
E nossa casa mais cheia ficar.

Foi necessária uma pandemia,
Para que filhos e pais,
Descobrissem o que era viver em família.

E, no lar, o amor ser mais.
Foi necessária uma pandemia,
Para a humanidade distinguir
Entre quanto cada vida valia,
E qual a necessidade de tanto dinheiro possuir.

Foi necessário um isolamento social,
Para que pudéssemos perceber que o calor humano
No inverno, ou verão, nos é fundamental.

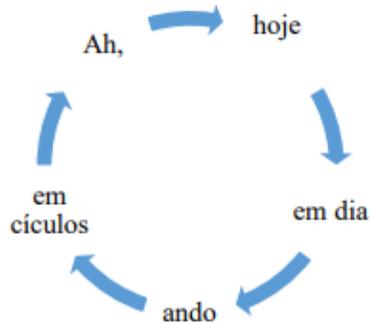
Acortinado gris

Marven Junios da Costa Franklin (Tartarugalzinho-AP)

Hoje em dia
não aprecio mais as orquídeas
no Horto Municipal
& nem reclamo o preço do pão francês
na padaria da esquina

(observar o pôr do sol
no cais de arrimo – ah! nem pensar).

Hoje em dia
eu não vou mais no barzinho da esquina
& nem debato futebol
com o mecânico de aeronaves – meu vizinho.



a esperar pelos próximos tsunamis

(garimpando esperanças
& perdas irreparáveis).

Ah, mas quando esse acortinado gris abrir

vou pintar uma nova tela

(assistirei da janela do Solar da Beira
a lua em apresentação de gala).

Sim, quando essa onda dissonante partir
juro que subirei no ponto mais alto do meu regozijo
& direi em alto & bom tom:

– vejam, senhores
a primavera procrastinou [entretanto] chegou

(repleta de alamedas coloridas
& girassóis a enfeitar alpendres de amor).

COVID-99

Jair Lisboa dos Santos (Rio de Janeiro-RJ)

Há um monstro solto lá fora
invisível e suspenso no ar
que assalta o oxigênio
que assedia as trancas do lar

Bombardeios seguem há horas
flutuando sobre as cabeças
cadentes bombas atônitas
cuspidas a todo lugar

A cidade segue cercada
o predador rastreia as presas
snipers a postos pro tiro
minam vulneráveis defesas

Trama em sigilo os destinos
sem pátria fé ou casta social
o inofensivo amigo ao teu lado
mutante ameaça viral

Tropas em heroicas batalhas
sem tanques ou artilharia
no uniforme cores de sangue da paz
perante lágrimas da alegria

Sob um teto a ausência de chão
confinados em cativeiro
nas janelas engasga-se o grito
cantos risos e desespero

Existirá um tempo de resistência
tempo para se esconder
existirá um tempo de reticências
tempo para deixar de viver

E tempo de abrir as portas
emperradas do coração
despido de máscaras
da cegueira e da iniquidade
de derrubar muros hasteados
resgatar o tempo extraviado
e julgando-nos mais vivos
um dia sermos absolvidos

Depois da pandemia

Mônica da Silva Costa (Jacarezinho-PR)

Não se sabe quanto tempo esta crise vai durar,
mas não perca a esperança de que um dia, vai passar!
E, quando isso acontecer, deseje sinceramente
que o amor tenha chegado à casa de toda a gente.

Para quem sobreviver à severa pandemia,
restarão a humildade, gratidão e alegria.
Fortalecida na fé e na solidariedade,
das cinzas renascerá uma nova humanidade.

Depois do isolamento, transformadas pela dor,
as pessoas saberão dar e receber amor.
Que dinheiro não é tudo elas vão compreender,
e que nada está acima do direito de viver!

Esta cruel pandemia veio para ensinar:
compaixão e empatia jamais podem nos faltar.
Vamos, logo, amolecer a pedra do coração
e entender que a caridade será a nossa salvação!...

Incerteza

Laize Almeida de Oliveira (Bom Jesus do Tocantins-PA)

Gostaria de lembrar
Aos meus velhos amigos
Que nós sempre iremos nos encontrar
Eu não sei bem quando tudo isso vai passar
Mas não sabemos quanto tempo nos resta para ficar
Pontanto, caso me veja
Venha correndo me abraçar
Embora a distância é que se deseja
Não ouse da minha vida se afastar
Aos meus velhos amigos
Nós sempre iremos nos encontrar
Talvez eu não consiga dizer adeus
Nem mais olhar nos olhos seus
Mas lembre-se
Em meus braços sempre encontrará lugar
A minha impotência é clara
Quando eu procuro imaginar
Como será daqui para frente?
Uma ansiedade que sinto
Será quando isso tudo vai passar?
E sempre me vem a dúvida
Quem de nós vai sobreviver?
Para essa história contar
Aos meus velhos amigos
Se agora nada eu puder fazer
Me perdoe se um dia
Eu não consegui falar
Tampouco me expressar
É porque eu me sinto

Como um espírito perdido a vagar
É a minha impotência
Diante de tamanha clemência
Que não me deixa desabrochar
Então aos meus velhos amigos
Só fica a certeza
Nós sempre iremos nos encontrar.

Nem sempre

Jefferson Reis (Salvador-BA)

Não é preciso supurar para poder suturar e superar
Não é preciso sempre correr para nunca se atrasar
Não é preciso a cegueira da faca para a fé se amolar
Não é preciso esperar infiltrar para filtrar
Não é preciso jaleco e diploma para ser herói
Não é preciso pandemia para praticar o si em ti, em nós, em vós, neles.

Não é preciso precisar para providenciar
Não é preciso Covid para convidar
Não é preciso controle para controlar
Não é preciso esperar o canalha falar
Não é preciso contar corpos para cuidar
Não é preciso guerra para poder levar
a bandeira da paz consigo
e ter maior precisão no tiro (ou facada).

Nem sempre é preciso
Nem tudo é possível
Eu posso! Eu preciso?
Ser sempre o impossível
quando só me basta ser possível.

Onde o medo habita

André Telucao Kondo (Taubaté-SP)

Quando os horizontes se tornaram verticais,
Delimitaram a vida em quadrados,
Emparedaram sonhos, desejos.

Esconderam os sorrisos por trás de máscaras,
Proibiram o abraço e a carícia,
Fecharam-se as portas.

O medo é invisível,
Mas a esperança também.
O coração há de permanecer aberto!

Quando o vento bulir com as cortinas,
O horizonte entrará com o sol na sala,
E os cantos dos pássaros nos emprestarão suas asas.

A solidão me faz companhia,
Em uma segunda-feira com cara de domingo.
Trabalho para moldar mais um tijolo do amanhã.

Hei de construir um novo lugar para morar,
Mas levarei todos os medos vividos,
E sorriremos juntos, como velhos amigos.

Ora o Mundo

Schleiden Nunes Pereira (Campo Belo-MG)

Se dorme o mundo, sofre a gente.
É com pesar que confessamos
Muito tempo não ouvir
Os suplícios dessa mãe
Que sempre nos alimenta
E está em decomposição.

Ouçã, mundo: salve a gente!
Não foste, um dia, intenso,
Fraco, e imaturo e quente?
Não via lava em sua face
E envolto em dúvida estava
Ao decorrer de toda a gênese?

Eis-nos, mundo; perdoe a gente.
A humanidade, pior que seja,
Igual a ti também merece
Abrandar-se, e, em oração,
Compreender-se e dessa lava
Florescer a gratidão.

Nosso, mundo, sua gente.
Não abandone, não desista,
Dessa espécie agora em prece,
Pobre, egóica, ignorante,
Ainda medrosa e tão descrente.

Viva, mundo, apesar da gente.
É nossa culpa essa sina,

De querer de toda forma,
Em vias tortas e imprecisas
Á sua imagem e semelhança
Exercitar a criação?

Respire, mundo, e livre a gente.
Despolua a nossa mente
E plante em nosso coração
Árvore forte, em campo fértil,
Que dê-nos alma de união.

Mãe que é o mundo, acolha a gente.
Nos dê a mão e nos contemple,
Ontem, hoje, todo o sempre,
Com a graça da alta cura
E o dom do bem e evolução.

Os novos dias

Carlos Eduardo Pereira Theobaldo (Rio de Janeiro-RJ)

Somos reféns do medo
Apavorados com os acontecimentos
O mundo chora
Perdas e perdas
A alma implora

A vida como era antes
Sem feridas da humanidade
Doença, mortes, miséria
em busca da felicidade
Há vida? Como era antes?

Reflexões de um passado
recente
Alma, gesto, corpo
Numa só estação
levados sem saber, sopro
Desta única emoção

Uns desesperam, outros negam
A falta de sintonia
Humana profissão
Nessa nova agonia
o novo coração?

Sigamos rumo ao amanhã
Na incerteza do ontem
Forjamos o nosso dia
na grande esperança
do retorno da alegria...

PAN

Flávio Theodósio Junkes (Biguaçu-SC)

então só eu num quarto
só eu atendido e eu bem rápido
é... só eu e um fardo
sem toques, sem abraços
empacotado

isolado

só eu e este fato demorado
agonia, tristeza, dor, calor furor,
haustos e haustos...
o corpo em pausa...
chumbado
só eu e a VIDA
sutilezas
a sua quintessência
um soco encostado no queixo
escorado no braço
que apoiado na perna me flagra na
dissolução dos conceitos
só eu e este mundo
um tudo de pessoas que me leem na palavra espelho
que vibram para que a vida vença o caos
o corpo vença a matéria
e a verdade o invisível
...
agora mais calmo
uma gota, um respaldo
os olhos...

é dia, é alto
entoam pássaros no varal elétrico
o sol invade a janela
borboleta em minha face

...

“ACHOU SUA FLOR, PEQUENINA?”
de minha gota compartilha
tão visível, tão linda

de repente eu, que era só
simples aventureiro de idas e vindas
descobri, lá no fundo da experiência
lá no âmago da sapiência
bem no plexo das emoções
o motivo de uma vida brevemente isolada:
olhar o mundo do avesso e aceitar,
ainda que sem entender,
a potência positiva do caos

agora é olhar para frente
ter mais ciência futura
tanto mais consciência da luta
aperfeiçoar a arte do cuidado
e lembrar, com gratidão, todos os sacrifícios

agora é sentir-se mais gente
manter-se prudente e transpor as dunas
pois quando de fato surgir a cura
e soerguer a vida, sorridente, uma a uma,
olharemos para o poente em paz e fortaleza
cochichando na breve brisa nova estação ao
tempo que nos espera.

PANDEMIA – Sem medo

Getúlio Soares Pereira (Vitória-ES)

Cidadão desesperado, espera pelo Estado;
Sociedade isolada, aturdida, atordoada;
Até mesmo prisões, como se fossem ladrões;
Vitimado, o cidadão, pela corrupção;
Cruéis sem clemência, promovem violência;

Políticos, aos brados, todos estressados;
Emissões de decretos, nem sempre corretos;
Sermões de pastores, em tom de louvores;
Empresas, falências – judiciário, audiências;
Protestos, com ira, produzem mentiras;

Pandemia, que retira toda a alegria;
Nem a enciclopédia, previu tal tragédia;
Brasileiros nós somos, não nos entregamos;
Com a paz de consciência, busquemos paciência,
Entre o trigo e o joio, o ponto de apoio;

Talvez no perdão e na compreensão;
Quem sabe a empatia, recupere a alegria;
Evitando a discórdia, com misericórdia;
Contornando a maldade, com muita humildade;
Ficando na raia e não “morrer na praia”;

Só assim meu Brasil, sempre mui varonil,
Irá persistir pra saber onde ir;
Decisão diligente que o faz resiliente;
Impoluta regência, com inteligência;
Saberá suportar, pra vencer e cantar.

Passagem da chuva

Fernando Henrique Franco de Aquino (Recife-PE)

A chuva está próxima
O cachorro não passa
A criança não brinca no jardim
E o sol se esconde

O céu nebuloso predomina

Sinto o cheiro da terra molhada
As gotas de chuva se esparramam na palhoça
As roupas estendidas já transmitem o clima denso
O tecido branco, leve
e naturalmente esvoaçante
encontra-se imóvel.

Tudo está mais calmo

A luz ambiente se faz amena
Concentro-me nas gotas incoerentes
arremessadas ao chão.

Preparo-me para outras tardes vindouras.
Preparo-me para tardes de sol.

Brisa

Renato José de Oliveira (Rio de Janeiro-RJ)

Quando o dia é pesado,
Sonhos se escondem
E deixam calado
O ânimo que traz
Todo o encanto de ser.

Brisa,
Eu sempre a procuro.
Do outro lado do muro,
Você não me vê
Nem explica por que
Devo ter calma,
Se tudo na alma
É um imenso sofrer.

Com a rotina medida,
A liberdade contida,
Preciso, no isolamento,
Expandir sentimentos
Que alegrem o viver
Então o muro se abre.

Sinto o beijo da brisa
Que vem e avisa:
Pense na chama,
Ela ainda clama,
Invente a vontade
De dar, de achar, de querer.

Poema real

Robervânio Luciano (Belo Jardim-PE)

Os sonhos eternos são feitos de tempo perdido.
Perdido.

Os sonhos são de carne e osso,
também se alimentam.
Que mera impressão!

Os sonhos também são mortais.
Mas às vezes sobrevivem ao inferno ou ressuscitam.

Sobre a impossibilidade,
concluí que impossível é não sonhar.

Ainda há muito que descobrir sobre os sonhos
nas cavernas e abismos do homem.
Estou agora investigando se os sonhos bons, quando morrem,
vão para o céu.

CAPÍTULO IV
VERÃO

PREFÁCIO

Josemeire dos Santos Brazil¹

Eis, o que me aquece os olhos! As larvas que brotam de memórias recentes transformam a dor em vida. Vejo o sol, sigo a águia que transmuta os ares de minha prisão. Quero sair! Entrar no espaço e sentir o queimar da liberdade. Quero flutuar pelos raios solares submersos em meu corpo. Quero a brisa quente envolta dos desertos.

É verão! Por meses, senti as cinzas inebriantes do tempo percorrerem as entranhas de uma figurante. São trevas que entoam um rito fúnebre de novos tempos. Mesclas de passos ruídos e de silêncios forçados. É verão. Tem o sol, as estrelas, a águia, as gaivotas da tarde.

A vida acontece no calor!

Os microrganismos batucam as lágrimas de risos que se aprazem do olhar. Chegou, enfim, a boa nova! Sem prisão, quero ar! Sem prisão... lanço-me em ardores por caminhos conhecidos, tudo é tão familiar. A arquejante água das pedras brota de dentro de mim. E mergulho.

Do céu, desponta um brilho tórrido e me envolvo no bailar do tempo. Entre o dia quente e a noite voluptuosa. Eu, um corpo no tempo. Um corpo que se arrasta para além dos meus semelhantes. Um corpo à procura da fervura da vida, encontro no outro um elo fomentado pela distância dos corpos. Apreendo o meu verão através de uma tela na presença longínqua e remanescente de estrelas. Entro em colapsos de ânimos e fervo ao som dos atabaques da minha alma.

Eu, um corpo vazio que se estende em estações. Fulguro entre folhas abismais no encontro com cores que anelam um sonho perdido. As folhas, deixei-as para trás. Todo seu despetalar era uma rasura de mim. Meu corpo é a árvore que espetala e perde lâminas, segue meus outonos

¹ Professora, Mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS) e poeta.

envolto em paisagens sublimes e me empurra para o interior dos pensamentos: Eu e a solidão. Eu e o poema.

Metamorphoseio-me ao som dos versos que entoei nas segadas outonais, nos abismos invernais e nos vergéis primaveris. Choro intempéries de horas marcadas pelo desconhecido. No horizonte, numa nova era, há de existir o sol, o astro que impulsiona meu corpo ao sarar.

Espero o findar dos ciclos para que o calor me devolva os passos e me entregue o ar.

No alento das máscaras, há deleites de um baile apocalíptico e o novo ciclo trará a alma ao corpo. E o alinhamento dos céus devolverá ao centro a luminosidade. Desse modo, nada além de um delírio solar. A embriaguez de vida transforma as quatorze faces. Estas, amontoadas de versos, cruzam o caminho de seus pares. São quatorze Eras entrelaçadas da poesia. A poesia é a condutora de passos atentos, passos rítmicos. Sublimes passos que transformam a escrita do eu e do outro.

O outro toma-me o corpo e pelo olhar entendo em qual estação repousarei. Não cabe prisão em meus verões. Minha alma é livre em delírios, mas sinto as dores dos meus pares. Em catorze dias subjugo o olhar do verso, encaminho a poesia e a prendo no laço do espelho.

Quero voar por infinitos reluzentes. Então ofereço-me a quatorze poemas. Neles há o encontro: o papel, a caneta e a poesia. Não, não é apenas um concurso. Jamais seria apenas o relato vadio de dias de verão, é sim, a poesia que brota do acúmulo de vida.

E assim seguem nossos 14 poetas, ávidos de sol, de luz e de poesia, são 14 marcas cronológicas que traduzem a beleza em versos. De tal modo, ordinariamente:

Primeiro: “No caderno em branco/a narrativa do tempo”. *Caderno em Branco*

Segundo: “Avistei na superfície celeste/demasiada luminosidade”. *Na Escuridão*

Terceiro: “Olhe da janela ou da varanda”. *O Essencial*

Quarto: “E trazes no peito /um sol aberto”. *O Estandarte Encarnado do Jaguar*.

Quinto: “De olho para as estrelas”. *Outro Mundo*

Sexto: “Eu fui tranquilidade, mas, assisti tensões /Mas, também chorei e escondi a luz do sol”. *Relatos de um porto seguro*.

Sétimo: “Eis que um raio de clareza”. *Renúncia*

Oitavo: “E lá se andava cavalgando nos trilhos”. *Vai-se o bonde*

Nono: “A Rainha da Inglaterra não saiu para te homenagear / Porque uma pandemia sufocava o planeta inteiro”. *A Santa Florence Nightingale, Mãe Da Enfermagem*

Décimo: “Senti a falta de seu ar / A falta de te abraçar”. *In Memoriam covid 19*

Décimo primeiro: “Para você que é minha luz”. *Titular do amor*

Décimo segundo: “Da sagrada escritura / É transcendente poesia”.
Leitura: alimento pra mente no isolamento social

Décimo terceiro: “Serenos tranquilos, orvalhados no chão”. *O Brasil na palma da mão*

Décimo quarto: “É tempo de dar a mão/compor poesia, tocar coração”.
Tempos Depois

Não direi apenas da cronologia das estações, direi sim, de um tempo em retalhos carentes de chuleado que o infinito recuperará pela ótica da poesia. Aqui, poesia em quarentena. Aqui, Poesia-verão.

Quatorze

No caderno em branco

a narrativa do tempo.

Avistei na superfície celeste

demasiada luminosidade

Olhe da janela ou da varanda

E trazes no peito

um sol aberto.

De olho para as estrelas

Eu fui tranquilidade

Assisti tensões

Mas, também chorei e escondi a luz do sol

Eis que um raio de clareza

E lá se andava cavalgando nos trilhos
A Rainha da Inglaterra não saiu para te homenagear
Porque uma pandemia sufocava o planeta inteiro
Senti a falta de seu ar
A falta de te abraçar
Para você que é minha luz.
Da sagrada escritura
É transcendente a poesia
Serenos tranquilos, orvalhados no chão
É tempo de dar a mão
Compor poesia, tocar coração.

P.S.: A poesia que finaliza o presente prefácio pertence a versos retirados dos 14 poemas dos poetas selecionados para a estação verão do livro.



Caderno em branco

Sérgio Bernardo (Sérgio Corrêa Miranda Filho-Nova Friburgo-RJ)

Meu pai me ensinou a ver
dentro de cada cenário
com todos os sentidos:
vi os objetos junto ao berço
o cão no pátio
a pedra como obstáculo do rio
o trem que tremia
as paredes
a ilha quando fui ao mar
e o outro
que caminha a meu lado.

Cada um mostrou ofícios novos:
uma tesoura ensinou
o corte o cachorro a inocência
o rochedo o dom de resistir
o trem a ver paisagens
a ilha a estar só
e o outro a conjugação
do verbo amar.

O que mais me ensinaria meu pai
com sua ignorância em didática
a não ser permanecer inteiro
apesar das partes infinitas?

Quase analfabeto
foi ele o mestre
que me fez capaz de reescrever

no caderno em branco dos dias
a narrativa do tempo.

Na escuridão

Jeane Tertuliano da Silva (Campo Alegre-AL)

Avistei na superfície celeste demasiada
luminosidade a movimentar-se.
Encarei-a com aflição,
receando ser um cometa
que, em meio a vasta escuridão,
vislumbrara a minha feição ensimesmada
e sucumbira, sem demora,
ao fervoroso anseio de colidir
ao meu ser repleto de ais.
O dito cujo locomovia-se depressa
enquanto eu, lacrimosa,
atirava-me avidamente ao infinito soturno
que era o meu temor ao ignoto.
Sem fornecer-me uma prévia,
o fulgor penetrara minh'alma
e aniquilara o meu prejuízo,
lenta e dolorosamente...
Nada mais fora como antes;
O desconhecido já não me assombra.

O essencial

Juna Maria Costa Guimarães (Contagem-MG)

Cante uma canção de amor
para aquele brasileiro:
o balconista da farmácia,
o bancário, o padeiro,
o médico, o enfermeiro,
o gari, o frentista ou o porteiro...

Olhe da janela ou da varanda,
mas encare o mal que nos ronda.
Use sua mão direita e a esquerda
para fazer o bem, uma caridade.
Desfrute de sua carteira gorda e pense
que muitos nas ruas estão por necessidade.

Faça isolamento social,
Mas não julgue quem busca o sustento.
Faça uma oração em pensamento.
Fique confinado com sua alma e pense
No Deus invisível que acalma.
Não apedreja quem busca o pão de cada dia.

O estandarte encarnado do Jaguar

Rafael Augusto Costa de Oliveira (Vitória de Santo Antão-PE)

e montas
na sela do vento
e trazes no peito
um sol aberto

teu galope
de crinas e mãos
rasto de faca
por sobre o rincão

e debulhas
nos dedos as contas
que desvelam
acauãs e golas

tua peleja
de cordas e unhas
tessituras do pó
que canoro, aprumas

e segues
a coluna ardente
invertebrada
e sempre adrede

tua estrofe
de olhos e rima
cálice de dores
e lamparina

e hasteias
o pano encarnado
sem verbo e sem rogo
sem risco e sem traço

teu estandarte
de febre e estio
língua de fogo
que queima o pavio.

Outro mundo

Roque Aloísio Weeschenfelder (Santa Rosa-RS)

De olho para as estrelas,
Face de aspecto ansioso,
Pelo passado glorioso
Ou o futuro duvidoso...

Ver o mundo recém-formado
Pela força do infinito,
Um grande amor bendito
Ao homem ainda nos planos...

Encontrar Homero na Grécia
Um faraó no Egito
Virado múmia tipo asteca,
Não tem preço em Roma,

Onde Júlio César encontrou o Brutus
E São Pedro virou o papa primeiro.
Passar por Genghis Khan na Mongólia
Faz tremer as asas da nave-lava...

Nas cidades do mundo futuro,
As ruas ficarão sem nomes;
Apenas números nos telefones
Podem acessar as estações de chegada...

Na bélica metamorfose
Não sobrevivem as lembranças
Da história dos vencedores,
Mas restam lendários clamores...

No céu profundo tempo,
As distâncias se diluem em focos;
E os primeiros gélidos flocos
Apagam a vontade de cada momento...

Então não haverá mais o tudo
De um nada que não vale a pena,
Porque a raça humana
Nunca soube respeitar a si mesma...

Todas as tristezas das guerras
Ainda perduram em livros
Na biblioteca do Vaticano
E na internética farsa deixada

À posteridade sem nexos,
Indecisa quanto ao sexo,
Até que se farte de detalhes
Em cirúrgicos meros atalhos...

Alice ficou no País das Maravilhas
Porque Peter Pan não queria crescer
E Robin Hood, em combate,
Nunca encontrou Ali Babá e seus ladrões...

Na corruptela futura,
Não restará pedra sobre pedra,
Porque o tempo apagará
Até a história dos quarenta ladrões.

Enquanto a nave-lava
Viaja a todos os confins,
Morrerão todos os pinguins
E as árvores tão tropicais...

A vergonha se perde demais
Nos humanos animais,
Penando nas lavas canibais
Das ganâncias cabais...

Os medos dos anônimos
De todos os tempos passados
Sobrevivem ao futuro marcado
Pelas tragédias temporais...

A duração da viagem no tempo
Segue o destino da imaginação
Até a aterrissagem da nave-lava
Em que embarcaram os terráqueos.

Um mundo de antes
Precede um mundo depois;
E ninguém escapa da sina
Chamada de coronavírus.

Relatos de um porto seguro

Ana Luiza Santos Sena (Salvador-BA)

Assisti quieto, calado, porém solícito
As pessoas deixando, aos poucos, o meu abrigo
Aguardei que inventassem de se reinventar
E aproveitassem mais a vida entre os meus cômodos

Eu fui tranquilidade
Mas assisti tensões,
Ouvi as vozes silenciarem
Senti quando elas estavam ativas

Ah, eu vi as melhores risadas
Testemunhei as descobertas e os aprendizados mais banais
Ri junto,
Enquanto eles descobriam como rir junto, aqui

Mas também chorei, e escondi a luz do Sol
Quando não havia motivos para vê-la
Eu sabia, bastava chegava o dia seguinte
E mesmo que demorasse,
Alguém voltaria a abrir as janelas

Vi mais bagunças no meu chão
Mais lápis de cor nas minhas paredes
Mais receitas na minha cozinha
Mais pulos, mais danças, mais carinho

Eu fui porto seguro
Acumulei uma multidão de sentimentos
Uma arena estreando o espetáculo do amor

Tudo dentro dos meus singelos cômodos

E continuarei sendo porto seguro
Porque, para sempre,
Eles descobriram, ao proteger a vida,
Que felicidade achou de morar aqui.

Renúncia

Nívea Pimenta Braga (Brasília-DF)

No início, veio o susto
Fiz da casa meu abrigo
Jamais poderia imaginar
Meu medo isolado comigo.

Achei que estava seguro
Do vírus e da multidão
De forma alguma enxerguei
Que estava numa prisão.

Comigo seguia dormente
Consciência assaz salutar
Enquanto arrastavam correntes
Meus fantasmas sempre a clamar:

“Cuidado, é perigoso!
Esqueça o quão valoroso
Foi seu tino até aqui.

Prepare-se para o caos
Encare o cenário fatal
Que aguarda a mim a ti.”

Eis que um raio de clareza
Me fez então perceber
Se só existe espaço pra um
É a mente que deve ceder.

Assumi estranho destino
Virei de novo menino
Banhado de pura emoção.

Passei a comer mais fruta
Fiz rima barata com truta
Escrevi adivinhação.

Deixei que o outro julgasse
Deixei que a vida passasse
Deixando seu rastro de amor.

Liguei pra amigo e parente
Amei cada tipo de gente
Que vi pelo televisor.

Estava morando sozinho
Mas logo encontrei o caminho
Do prazer e do entendimento.

Então alargada a história
Fui trazendo à minha memória
Cada sofrido sentimento.

Vi gente ressuscitando
Pessoas fui libertando
Ao conhecer o perdão.

Virei gente e a mesa
Virei o pó e a certeza
Da força na palma da mão.

Passou o tempo e o medo
E agora conto o segredo
Que me faz mais leve assim.

Não quero mais outro arranjo
Eu quero mesmo é ser anjo
Arcanjo e até serafim.

Renuncio a toda astúcia
Da glória e de cada minúcia
Do ensimesmar racional.

Quero mesmo é ser brincante
Quero mesmo é ser gritante
Quero acolhida total.

Que venham vacinas e cura
Que seja doce a loucura
Desse Amor a perseguir.

Não basta estar informado
Não basta afastar o passado
Com medo do que ainda há de vir.

Se nada mais faz sentido
Peguemos de novo o apito
E ordenemos à intuição:

Afaste os enganos da mente
Que brote a divina semente
No centro do coração.

Vai-se o bonde

Fernando Machado dos Santos (São Paulo-SP)

"Corre menino,
Tu vais perder o bonde!"
E como andava bem o bonde pelas ruas do centro.
Quem tomava,
ia.
Quem lesmava,
calma.
E lá se andava cavalgando nos trilhos.

"Este é o meu ou o seu?"
E perdia.
"Será que viu o sinal?"
E não via.
Só ia o bonde,
Mecânico bonde,
Ao ponto final.

E camuflado nos chapéus sérios,
Ia rindo e tornando em sorriso,
Tomando couros e louros quando passava,
Ia seguindo e andando distraído.
Despercebeu o menino que deu sinal.

Perdeu,
Calma.

A Santa Florence Nightingale, Mãe da Enfermagem

Edson Amaro de Souza (São Gonçalo-RJ)

Madame,

Quando o mundo lembrava o bicentenário de teu nascimento

A Rainha da Inglaterra não saiu para te homenagear

Porque uma pandemia sufocava o planeta inteiro.

No Brasil, demônios sequestraram as cores verde e amarela

Para fantasiar de patriotismo o ódio à ciência

E afrontar o pacífico branco de tuas filhas

Que, mesmo extenuadas, homenageavam nossos mortos.

Sabemos que, quando uma enfermeira caminha

Ou afronta muda o rugido insano das bestas fascistas,

À sua esquerda estão teus ensinamentos humanistas

E à direita dela o teu exemplo heroico e cristão.

És a mãe das irmãs que nos amparam.

Quantas vezes contei tua história nas salas de aula

E só não o fiz neste ano porque as escolas estão fechadas.

Uma aluna ouviu e seguiu teu exemplo.

Santa Florence, não deito flores brancas em teu jazigo

Porque meu salário não me permite ir até tua ilha

Mas te escrevo estes versos numa língua que não conhecestes

Para afirmar a gratidão que a humanidade te deve.

In memoriam COVID-19

Glauber Santiago (Goiânia-GO)

Dos idos daquele ano
a minha dor não foi só
em todas as direções
a terra ferida
desesperada e perdida,
não há alegria
em meio a pandemia
e, nem paciência
se dias de UTI
a esperar.

Querido filho,
senti, a falta de seu ar
a falta de abraçar
e do contato com seu olhar.

Nos campos Elísios
de tantos heróis
e de muitos mitos
a felicidade te espera.

Pelo meu orar
sem cessar
sei que está bem
e que a dor
de sua partida
sem despedida
não me esquecerei
de peitos abertos
sempre te amarei!!

Titular do Amor

Valmir Paulino Benício (Guaxupé-MG)

A meu favor tenho que te priorizo
Não abro mão de com você ficar
Aos amores secretos o esconderijo
O meu relacionamento não vão abalar

Amor secreto é amor clandestino,
Que, por azar, chegou atrasado.
Amor verdadeiro é o amor matutino
Que está sempre socialmente alçado

Quantas vezes eu te deixei
Para com a outra me aventurar
Muitas vezes me esperou eu sei
Em outros braços eu estava a ficar

Foi loucura te abandonar
A aventura nos seduz
Sempre foi importante voltar
Para você que é minha luz

Em momentos com meu amor secreto
Sinto por não estar por perto
É por ti que tenho verdadeiro afeto
Já não sei mais o que é certo...

Vivo perdido nesta incerteza
O meu coração em aperto
Quero mesmo é voltar pra ti
Quanto a isto há total clareza.

Leitura: alimento pra mente no isolamento social

Reginaldo de Sousa Venâncio (Altaneira-CE)

Viaje nessa aventura
No isolamento social
é um licor tão divinal,
Da sagrada escritura.
É transcendente poesia,
num mundo de magia
terreno fértil pra plantação,
é semente germinante
em solo tão fascinante
que é pura transformação.

A leitura é fascinante
É saber sempre transborda
e a vida ganha forma
pra um futuro brilhante.
Amplia a sabedoria
é mergulhar na alegria
de um mundo fascinante.
Te amplia horizontes,
Mergulha em várias fontes,
Que te faz um ser gigante.

A leitura é libertação
é saber que faz nobres,
quebra preconceito pobres
que aflige o cidadão.
Liberta da solidão oprime
é força mais que sublime,
do agregado e do patrão.

Pra você rara grandeza,
É base é fortaleza,
Que te dar sustentação.

Ler dar sentido à vida
te transporta com destino,
te faz rei, guerreiro e menino
poderoso e com guarida.
É sentimento que aflora
transforma tua história
é bem que vale ouro.
Liberta o mal imponente
quebra algemas e a corrente
leitura é real tesouro.

A leitura te faz gigante,
é caminho pra felicidade,
liberta toda a humanidade,
desse mundo escravizante.
Diminui as desigualdades
amplia momentos de felicidades,
Acende no peito a chama,
torna um mundo mais sensível,
é sonho mais que possível
é inspiração pra quem ama.

É fonte inesgotável de amor
é um bem que te faz forte,
pra vida dar um norte,
extingue sempre a dor.
Combatente dos vilões
liberta das opressões
é vida com mais valor.
Um caminho que seduz

é força que te conduz,
pra vida com mais sabor.

É mente fértil que aflora
a leitura é envolvente
um prazer tão atraente
pra seguir sua trajetória.
É um amor que contagia
astro rei que irradia,
É caminho pra vitória.
é um aprender sempre ditoso
te faz forte e grandioso
construindo sua história.

Quem ler tem mais visão
tem sempre bons argumentos,
tem respeito e faz fomentos
ao fim da corrupção.
A leitura acaba engodos
é liberdade pra todos,
extingue a deturpação.
ler te faz forte e esclarecido,
Caminha mais fortalecido
Te livra da escravidão.

Quem ler tem conhecimento,
não se acomoda, questiona
não teme não se aprisiona
tem mais discernimento.
Tem sabedoria e alma
é tenro tem muita calma
pra bons sonhos semear.
É embaixador da cultura de paz,
com prazer que satisfaz

pra tudo se transformar...

Viaje nessa magia,
Faça em ti revolução,
Viva com emoção,
Isso te contagia.
Ler é viajar com alegria,
É prazer em retornar,
Ter encanto em cada canto,
É viver alegre sem pranto,
Um sentimento fascínio,
Leitura te faz regenerar.

O Brasil na palma da mão

Marcos Antonio Campos (Natal-RN)

São verdes, Verdes.
Verdes fechados, verdes abertos.
Como são abertos os rios do Amazonas
São líquidos, como são líquidos,
Os sentimentos que escorrem
Pelos olhos verdes da floresta

São serenos, serenos.
Serenos tranquilos, orvalhados no chão.
Como são tranquilos os rios do Pantanal
São líquidos, como são líquidos.
Os espelhos que refletem
Nos olhos a festa do céu

São abertos, abertos.
Como os vales e as colinas
Do impetuoso rio Paraná
São líquidos, como são fluentes.
As correntes claras do minuano
Nos olhos alumbrados de um manezinho.

São secas, secas.
Secas tão rudes. O Rio Grande sem açudes.
Do velho Chico que não corre para cá
São líquidos quentes sem afluentes
As correntes da brisa do mar
Que ressecam os olhos na luz de um lampião

São altas, altas.

Como são altas, as alterosas.
No caminho de pedras e rosas
No rio que desce Drummond
São doces, doces, como a corrente do rio Doce.
Que eleva para o céu o Pão de Açúcar.

Tempos depois

Giovani Gugiel (Fraiburgo-SC)

É tempo de dar a mão
Compor poesia, tocar coração

Finalmente mudamos o alvo da espada
Não é contra as pessoas que ela deve ser apontada
Agora sentimos a importância do abraço
E poderemos correr para os amassos

Novamente estamos a sonhar
Para como uma flor desabrochar

As mãos unidas estão
Assim como o coração

O vírus nos mostrou a dor
Agora devemos abraçar
Deixando ao lado o pudor
A vaidade não pode nos afastar

Através do nosso grande amor
Vencemos qualquer tipo de dor
Ficaram os aprendizados
Que todos devem estar abraçados

Somos os mais fortes, desde que haja em nós amor e união
Sempre sendo cortês, a humanidade tem de resplandecer paixão

Mostramos a pandemia o poder da humanidade
E mal nenhum nos fará perder o combate

Pelo Brasil inteiro o amor floresce e damos as mãos
Somos todos um e nossos corações unidos sempre estarão.

CAPÍTULO V
OUTRAS ESTAÇÕES

PREFÁCIO

Karen S. S. Conceição²
Rafaela Viana Sêrpa³

“O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto – que antes não era nada senão o sujeito por vir – se coagula em significante.”
(LACAN, 1988)

Na incumbência de colaborar com mais uma produção do Projeto NEPLLI estamos aqui refletindo sobre os poemas que estão neste capítulo. É importante pontuar que no momento em que escrevemos este prefácio o calendário marca um ano que estamos vivendo em isolamento, alguns mais que outros, mas com certeza todos marcados por esse período histórico.

Então, após um ano em que todas as atividades ditas normais estiveram em suspenso, ainda é preciso ser um pouco mais resiliente, pois a pandemia não terminou. É possível dizer que em nosso país estamos em um dos momentos mais críticos, perdendo mais de 2 mil vidas por dia. Em qualquer outro momento da história isso seria uma catástrofe, mas há quem diga que o isolamento não é necessário.

Estão reunidos neste capítulo aquelas produções que passaram pelo outono, inverno, primavera e verão e ainda insistem em evidenciar o luto, a tristeza e a monotonia diante às extensas perdas deste ano, mas que ainda insistem em perseverar a esperança e a vontade de não silenciar todo o misto de sentimento que transborda entre as quatro paredes.

² Mestranda em Estudos Discursivos pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2022).

³ Mestranda em Estudos Discursivos pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2022).

Sendo assim, temos a tarefa de prefaciá-lo o que resta, que para Lacan, estudioso da psicanálise, é o “objeto a”, objeto causa do desejo. Para o autor, o sujeito se constitui na relação com o outro, por isso, por um bom tempo, nos vemos no outro, imitamos o outro e até mesmo desejamos o que o outro deseja. E ainda, por causa desse contato com o outro satisfazemos o nosso primeiro desejo, ainda bebês, mas a sensação de satisfação com este primeiro objeto de desejo jamais se repete, tornando-se o objeto perdido, culminando em uma busca incessante.

Mas por que estamos pensando na psicanálise para desenvolver este texto? Aqui vai uma resposta simples: se pensarmos pela perspectiva da psicanálise, o que nos move é um desejo, não somente nosso, mas que se molda no outro, nas ações do outro, e, também, o desejo por um objeto que não alcançamos, desta forma, o que nos move é a falta.

Portanto, quando observamos os poemas aqui reunidos e pensamos sobre o que é a falta para cada um, podemos dizer que cada sujeito aqui tem seu “objeto a”, forjado no desejo do outro e, por isso, estabelece e evidencia as relações de (co)existência atual.

Por mais que queiramos que tudo isso passe, é necessário aguardar o tempo encaminhar os desfechos, não há muito o que se fazer, além daquilo que já sabemos. Mas o que podemos fazer neste momento é nos utilizar da linguagem para tentar fazer emergir a busca de cada um, tentar, pela via da linguagem, amenizar todo o caos do nosso “eu”, assim como cada “Eu” lírico adiante propõe.



A arrebatadora vontade de estar junto

Gabrieli Ribeiro de Lima (Palmas-PR)

Quero abraçar qualquer pessoa
Beijar na boca porque pode
Quero o carnaval de estar viva
E lamber o corrimão mais próximo

Quero um outro corpo humano
Troca daquele afeto infindável
Um beijo no recém-chegado
Não, seis beijos no recém-chegado

Comissão do abraçódromo
Dê dois leve quatro
Dar, porque dar pode

Uma mesa para todos
Por favor, é um jantar de mil convidados
E todos se abraçam, porque pode.

Aldravia

Francisco Carlos Rocha (São José dos Campo-SP)

sozinho
garimpo
rimas
encontro
lamento
isolamento

A lição do corona

Josafá de Orós (Campina Grande-PB)

Aproveito o verso nesse instante
E informo a todos de antemão
Lavar as mãos com água e sabão
Na certa é medida consoante
Pois encara o vírus de rompante
Não requer esmero ou aflição
Quem assim faz, cumpre a sua missão
Torna o drama ensino edificante
A lição do corona é tão gigante
Que é marcante pra toda geração!

Alegorias do novo mundo

Augusto Barioni Gaspar (Ribeirão Preto-SP)

Hoje vejo o que já não via,
à distância,
a distância que vivia.
O descaso, falta de empatia.

Enfim jaz esse viver.
É triste, tal desgraça ter de acontecer...
para a gente aprender...
que o que falta não são abraços.
Mas sim os laços
que há muito, foram desatados

A presença, o afeto...
os afagos,
outrora ignorados
por uma tela de um celular qualquer.
Que nos fazia esquecer
todo bem me quer,
todo o bem querer...
que agora sentimos, pela ausência,
se perder.
Enquanto gritamos, suplicando,
contando as horas para fugir desse mundo
tão mudo,
e se esbaldar de vida real,
sem abraço ou beijo virtual.
Cheio de vivência,
transbordante em empatia e benevolência.
A tormenta nos trouxe tamanha consciência...

que bem sei:
no novo mundo resplandece,
aquilo que sempre sonhei.

Cerca

Tainã do Nascimento Rosa (Alvorada-RS)

O sussurro é de que no tempo
presente ambos estão cercados
Há que assumir que um dos lados
Enclausurado continuamente esteve

A cerca intocável entre eles
Desnuda-se ao ser invisível
Visivelmente espectral se consolida no viver
No morrer

23 minutos entre uma vida e outra
Definem possíveis destinos
Entre ruas asfaltadas
E sem saída

Lhes perguntem onde estão as saídas permitidas
A quem pertencem
Questionamentos replicados cotidianamente
E sem respostas audíveis

Continue

Maria Fernanda Socovski Ferragem (Realeza-PR)

Temos objetivos, mas não sabemos se são prioridades.
Temos medo, mas dizem que não é recomendável.
Vemos mortes, mas não sabemos quem morreu.
Estamos em um funeral, mas não sabemos por quem rezar primeiro.
Estamos submersos.
Em um mar de pânico
De dor
De empatia
De compaixão
De realidade.
Se desistirmos, quem rezará para as almas que estão se despedindo?
Precisamos sobreviver.
Dia após dia.
É mais que preciso, é necessário.
É necessário continuar.
Continuar, para que nenhuma vida perdida tenha sido em vão...

Contrário

Guilherme Palmeiras Brasil (São Paulo-SP)

Estes versos eu fiz ao contrário
Como um Sol que caminha pro Leste
Porque a vida vivida na peste
Requer algo de extraordinário
Ter Destino como adversário
É ter medo da fúria celeste
É querer a quem já maldisseste
É cruzar o teu próprio calvário
Mas se o mundo põe-se a noitecer
Como estrelas também posso ver
O luzir do Amor e a Verdade
E o sol de um futuro nascer
Pois no fim desta
Noite há de ser
A Aurora da Humanidade

Escalada

Luiz Renato de Souza Pinto (Cuiabá-MT)

escalada da noite
na esquina
tem ruído na notícia
cloroquina
açoite!

Escuridão

Valter Garcia Chanes Junior (Sorocaba-SP)

*Murro na boca do estômago, tiro certo
Sombras invisíveis cercam os dias
Um trago apresenta um caminho veloz, feroz
Da fumaça do cigarro, as imagens vagas de um tempo que não me
lembro mais
A alternância da luz Solar é alegria e angústia
Queima e alivia
Mais um trago!
As entranhas conflitam com a mente em desequilíbrio
O ser sangra como água descendo pela rachadura de uma montanha
Um vale imundo se desenha para os pés descalços
Dor, Amor
Tudo em um arranjo orquestrado pelo inconsciente, Eu
Nudez total
Passado e futuro fritam o presente
Alma viva, indolente*

Hoje é o último dia de carnaval

Rodinei Vilela (Palmas-PR)

Hoje é o último dia de carnaval
Não fui no bloco
Não dancei na avenida
Nem joguei confetes para o alto
Nem mesmo me fantasiei

Fiquei em casa
De cara limpa
Só assim me senti vulnerável
Nesse mundo só de cara limpa não dá
Fiquei comigo mesmo

Troquei a cerveja
Tomei só angústia a pequenas doses
Traguei a solidão
Maços e maços durante o dia
Não existe nenhum canto desta casa que o vazio tenha preenchido

Não quis ver televisão
As notícias de ontem que parecem às de 64 não me fascinam
O jornal de dez semanas atrás não me anima
Golpes me consomem

Fico olhando as moscas ao redor da lâmpada
O barulho que o meu relógio faz nos movimentos das horas é gritante
Me atento em não delirar
Mas meus fantasmas me fazem companhia
Todo carnaval tem o seu fim
Amanhã é quarta feira de cinzas

Imagine a equação ginásial

Eduardo Aleixo Monteiro (Recife-PE)

Imagine a equação ginásial
De um modo que ninguém resolveria
Imagine o teatro e o carnaval
Resistindo inclusive à pandemia
Imagine viver a sós em casa
Mas quase sempre aos olhos de um vizinho
Imagine na tábua mais rasa
A noção brasileira de jeitinho
Imagine qualquer carro vermelho
Contanto que não lembre uma
Ferrari Imagine fitar-se em um espelho
Tão verdadeiro quanto Portinari
Imagine se um reles *n'est-ce pas*
For tudo que você queira escutar

Intensidade

Gerson Rossi (Bueno Brandão-MG)

Para viver a vida é preciso uma paixão,
Revelada, não contida.
Nem que seja só por ela, paixão pela própria vida.
Não basta água e comida, não basta sangue e oração,
Para viver a vida preciso de uma paixão.
Que me tire da inércia, que me tire do chão,
que mostre que viver é bom, que o amor é um incentivo.
Como disse Drummond: “quando morrer quero estar vivo”.
Para viver a vida, não vou esperar pela sorte
De passar ileso tão perto da morte, de suportar seu peso, sem carregá-la.
Não vou esperar que uma bala me atinja de raspão.
Não vou esperar outra pandemia,
Nem o décimo terceiro, nem minha tomografia,
Uma mudança ou minha parte na herança.
Não vou esperar que eu passe do meio,
Um tropeço, um gesso, um caroço no seio,
Alguém que até hoje não veio.
Para viver a vida não preciso do pó, da erva, do copo, da pedra,
Nem de qualquer incremento.
Não preciso de um megaevento,
De um super herói, de uma metrópole,
De um hipermercado ou de alguém menos notado,
Para eu me achar relevante.
Para viver a vida
Não preciso pular o muro, antever o futuro,
Não preciso das cartas, de uma visão,
Ou qualquer outro motivo que não seja uma paixão.
Pra morrer basta estar vivo,
Mas pra viver, não.

Iso-lamento

Thiago Henrique Fernandes (Uberlândia-MG)

Trancados em casa, em meio a pandemia
Saudade do abraço do filho, que lhe dava alegria
Segue a velha senhora
Esperando essa hora

Faz uma chamada de vídeo pelo celular
Mas não supera a vontade de abraçar
Vivendo sozinha em uma casa, em meio a solidão
Saudades da casa cheia, com aquela multidão

Não pode visitar os vizinhos
Andar pelo bairro, por todos aqueles caminhos
Ir ao supermercado
Conversar com alguém lado a lado

Saudades da ginástica na pracinha
Ir à missa de manhãzinha
Buscar os pães na padaria
Quantas pessoas ela via

Conversar no portão
Está chegando as quermesses de São João
Saudades daquela vida
Estar junto, se sentir querida

Usar máscara para na rua sair
Lavar as mãos, cuidado ao tossir
Não sair de casa, viver em isolamento
Acompanhada pelas lembranças no pensamento

Um dia tudo vai passar
A família vamos reencontrar
Bem que podia ter um aprendizado
Um novo mundo, transformado

Que as pessoas tenham compaixão
Ajudem o próximo, mais amor no coração
Viver é mais que acumular
Talvez o mais importante seja o próximo ajudar

Não precisamos de muito para sobreviver
Tem tanta gente a sofrer
Vamos ajudar quem passa necessidade
Menos ganância, mas solidariedade

Foi a conclusão que a senhora chegou
A lâmpada apagou
Deitou na sua cama, se cobriu com o cobertor
Quantos no mundo essa noite passariam frio, meu senhor

Livres para pensar

Silvana da Silva Spíndola (Porto Alegre-RS)

Lembre dos fatos quando tudo se tornar passado
Não esqueça nenhum detalhe
Do que foi um dia acordar
E o mundo estar adoentado

Observar a vida da janela, assim isolado
Se você é do grupo de risco, idosos e adoentados
Diz lá no noticiário, o vírus pode ser mortal
Então álcool em gel, máscara facial
É para todos os cuidados, e o isolamento social

Vem o dia e cai a noite
Quase sempre tudo igual
Mudou quem sabe a tua consciência
Que algo invisível provou que tu humano
Não passa de um simples mortal

Se o isolamento é social, altera a rotina
Vídeochamada, teleconferência
Mais solidariedade, mais humanidade
E àqueles que permanecem na ignorância

Daqueles que mesmo diante dos fatos
Dos que choram pelos seus mortos
Só pensam no mundo capital
E lá de cima dos seus pedestais
Ironizam com sarcasmo uma pandemia
Classificando como uma simples “gripezinha”

Maligno

Patrícia Cacia Vieira (Palmas-PR)

Ele chegou...
Louco, cruel e desacreditado
E tomou conta de nossas vidas
Ditou regras e, sem medidas,
Ceifou vidas...

Sorrateiro e matreiro
Levou consigo muitas alegrias
Tantos sonhos e desejos
Esperanças de um mundo melhor
Ficou apenas temor e agonia...

E ele... continua aqui
Escolhendo quem vai...
E para quem fica, só resta o tormento
Não há o que fazer
Ninguém sabe o que dizer...

Esperança, hoje não há
O que se apresenta é só lamento
Rotineiro e derradeiro
Momentos de medo e aflição
Clamar... em vão!

E ele... continuará aqui
Até quando, meu Deus?!
Dizimando seu povo
Sem dó nem piedade
Absoluto, espalhando maldade
Louco, cruel e escrachado!

Nós

Jéssica Ione dos Santos Oliveira (Brumado-BA)

Não estamos sós
O abraço vem da palavra
Logo estaremos nós
Fora de casa.

O vírus não será maior
Que a vontade de viver
Faremos nós,
Iremos vencer.

Hoje é passado de amanhã
E amanhã é futuro melhor
Fique em casa, faça o certo,
Por amor.

O velho e o novo

Fábio Machado de Almeida (Rio de Janeiro-RJ)

O mesmo lugar, a mesma cela
A mesma vista, a mesma janela
Nada novo para ver
Nada novo para esquecer

A mesma preocupação
Nenhuma movimentação
O tédio e mais o tédio do tédio
Sem cura e sem remédio

Muda a brisa ao menos
Prova que tempo temos
Mais espaço, afinal
Para a fauna animal

Um cheiro mais puro no ar
A água mais clara do mar
Novas formas de amar
Outro jeito de se olhar

Mais vontade de se encontrar
Novas formas de pensar
Talvez o que restará
É melhor que o pior de já

Pandemia reflexiva

Alex Alexandre da Rosa (Jundiaí-SP)

Ai de nós, que saímos de casa
Ai de nós, que ficamos
Ai de nós, que não levamos a sério
Ai de nós, que não nos preparamos
Ai de nós, que sofremos por tudo
Ai de nós, que contaminamos o mundo
Ai de nós, preocupados com a economia
Ai de nós, que ignoramos a medicina
Ai de nós, que brincamos com tudo
Ai de nós, carrancudos
Ai de nós, que não temos trabalhos
Ai de nós, que, trabalhando, somos infectados
Ai de nós, em aglomerações
Ai de nós, presos em casas – sozinhos
Ai de nós, que, se mesmo separados
não nos unirmos!

Quando dias melhores irão chegar?

Ana Luiza Silva Nunes (Birigui-SP)

É um grande isolamento
Me pego sozinha a todo momento
Eu que sempre curti minha própria companhia
Quem diria que ficar só me incomodaria
Sinto falta dos sorrisos
Como será que estão os meus amigos?
A saudade vem apertando
Junto com ela minha angústia só aumentando
Essa carência de afeto virou um vazio
Que dentro do meu peito não soa tão bonito
O contato virtual já não me agrada mais
A conexão pessoal parece que ficou para trás
Como vai ser quando tudo isso acabar?
Será que as pessoas ainda irão se lembrar?
Dos olhares penetrantes
Dos sorrisos radiantes
E os amores flamejantes
Assim começamos a perceber
O valor que as pessoas merecem ter
Com o medo do nosso tempo acabar
Eu queria atrás poder voltar
Para assim as coisas que fiz conseguir mudar
Dizer aos meus pais que os amo todos os dias
Abraçar um amigo que precisa de um pouco mais de alegria
Apenas viver e não perder se quer um segundo
Espero que esse poema seja mesmo tão profundo
Que nele eu possa expressar meus sentimentos que guardei bem lá no fundo
E que a solidão que hoje sinto

Seja a esperança de que o amanhã será bem-vindo
Que possamos este momento superar
Para que novamente voltemos a nos encontrar

Quarentena

Antonio Archangelo (Rio Claro-SP)

Já não me recordo como era, dizia
Amnésia de hábitos, jeitos, convívios...

Quarentena que cobrou as duras penas
dos pecadores que aguardam ansiosos pelo juízo final!

Pelo Coronavírus, fortaleceu o elo com o smartphone,
Enclausurou-se entre futilidades, fugindo do Covid
Propagando fake news e falsos afagos,
aceitou convite por convite...

Tudo como era antes?

E se perguntavam:

-Quanto tempo ainda resta?

Enquanto quarava as roupas nos virtuais varais...

Teclando socrócios,
quarando os minutos,
Que não voltam mais!

Questão da fome

Júlio Corcino Rodrigues Mota Júnior (Curitiba-PR)

A fome está no meu mundo
A fome está no meu país
A fome está no meu estado
A fome está no meu lado

Ela está em todos os lugares
Ela está em lugares com desperdício de comida
Ela está em lugares sem acesso à comida

As pessoas fazem de tudo para não morrer de fome
As pessoas trabalham em locais análogos à escravidão
As pessoas fazem isso para ter o que comer
As pessoas trabalham no chão quente para conseguir um pedaço de pão

E como podemos resolver?
Podemos resolver não desperdiçando comida
Podemos resolver com políticas públicas adequadas
Podemos resolver com educação alimentar eficiente
Podemos resolver com a união e as forças dos povos

Combater a fome no mundo
É um dever de todo cidadão
É um dever de toda nação

Combater a fome no mundo
É uma questão de solidariedade
É uma questão de humanidade

Aquele que contribui neste combate
Salva muitas vidas Salva o futuro do mundo
Salva a si mesmo

Se fosse como antes de ontem

Lucas D' Bruno Ancini (Palmas-PR)

Todo dia parecia como ontem
desintegrando no próprio lar
todo dia se forçando a trabalhar
em uma falsa realização de empresário

Todo dia sem dinheiro
enquanto continuo vivendo nesse mundo
logo, estarei sem alma nesse viveiro
logo, me tornarei apenas um número

Como você consegue engolir tanto sono
e esperar a luz chegar?
mesmo assim não há chuva para se banhar
nós costumávamos ser como um, oh
que bons tempos eram!

Todo dia a mesma história
e a memória se tornou apenas uma velha senhora
que eu queria que me embalasse pra levar
e ir antes de me tornar só um número

Eu sei, todo dia sem números
sem um bom montante de números
pra trocar pela minha dignidade
agora tenho certeza da saudade de sermos um

Nós continuamos engolindo muito sono
para enganar nossos sentidos e não cair
não cair em entorpecimento

nós temos saudade de ser como um, oh
que bons tempos eram!

Que bons tempos eram...

Sobre o mundo no depois

Renata de Castro Strino (Rio de Janeiro-RJ)

Acabou. As portas do mundo se abriram!
E os abraços nunca foram tão apertados
Os beijos, tão longos. Os toques, tão caros.

Os olharem nunca foram tão sinceros e molhados
As saudades tão reais. A realidade tão sonhada.
E os sonhos tão incontáveis quanto os dias que esperamos até aqui.
Nós estamos aqui. Outros, não mais.
E mais saudades... e mais reais...

Mas a vida continua e há que ser diferente!
Ninguém mais será o mesmo!
Estamos melhores. Mais unidos. (Estamos?)
E seremos um mundo diferente. (Seremos?)

Algo foi aprendido:
Que somos muitos e vivíamos sozinhos.
Nunca os grupos se reconheceram tanto!
E se fortaleceram, se precisaram
E desejaram que esses dias não se tornem lembranças
Apenas
Mas que sejam eternos, até o fim dos tempos.

Tempos de Pandemia

Janielson Araújo da Silva (João Pessoa-PB)

MORTE (João)		CAPÍTULO I EMPIRISMO				MORTE	
E	H					(Maria)	T
S	I	(Tereza)	(Seu Chalita morreu de desgosto.)			N	O
P	S	C				Â	S
I	Hidroxiclороquina	O	(Raimundo)			O	S
R	T	V	N			GRIPÉZINHA!	E
R	E	RESFRIADINHO	ACREDITARÁS?			N	E
A	R	D	S			A	M
E	I	1	S			D	M
MMIM!	A	9	O?			A!	AQUI!MI

CAPÍTULO II

.....

CAPÍTULO III

DIALÉTICA

Há certos pontos da vida humana que se faz necessário calar, refletir e ir além das aparências; tal é a matéria do capítulo anterior e a continuidade deste:

Letalidade nos EUA: 1,7%

Letalidade no Brasil: 2,5%

Contaminados nos EUA: 19.968.087¹

Contaminados no Brasil: 7.700.578²

H
I
S
T
C Ó M
I R A
Ê I T
N C E
C O R
A O A
L C P
I I R
S T Á
M É X
O L I
A S
I
D

Mortos por Covid19: 345.737

Mortos por Covid19: 195.411

Conclusão da análise:

O vírus é letal. A ratificação de que se trata de uma "histeria", "gripezinha" ou de um "resfriadinho", não passa de uma afirmação enganosa e sem base científica.

Brasil, 01 de janeiro de 2021.

1 Fonte: <https://coronavirus.jhu.edu/data/mortality> (Acesso em: 01/01/2021 às 13h:02min).

2 <https://covid.saude.gov.br/> (Acesso em: 01/01/2021 às 19h:07min).

Uma estação sem fim?

Kátia e Kennedy Conceição (Palmas-PR)

Com um ano de atraso
Alguns descobrem a pandemia
A dor por mais de 300 mil mortos
Motivo de tantos desgostos
Como fingir que não sabia?

Será fato ou ficção?
Mas causa muita indignação
Remédios e tratamentos precoces
Ignorando a ciência
Com tanta falsa solução

Quantas vítimas mais?
Quantas dores mais?
Hoje eles e elas
Amanhã eu ou você
Sem previsão de paz

Quem sabe daqui pra frente
Com o foco na vacina
E menos paliativos
Consigamos vencer o medo
E a tão temida sina.

Não é pra causar alarde
Mas não cabe mais negar
O mundo todo avisa
É preciso responsabilidade
E preservar toda e qualquer vida!

POSFÁCIO – Remate

Kátia Cilene Silva Santos Conceição

Realizar os pontos finais de uma costura, eliminar sobras e aparar arestas de uma peça com fins a dar-lhes um acabamento, não cabe aqui nesta fala que se pretende de conclusão de um longo e extenuante ano de trabalho.

A pós-escrita que se pretende nesse breve espaço-tempo consiste não em esconder vãos que possam ter sobressaído na feitura desta obra, nem tentar alterar sua aparência frente a olhos sagazes que possam perceber as fragilidades do material que entregamos finalizado.

O nosso remate também não se utilizará de nenhum material específico além de palavras que buscam mostrar ainda aos leitores e às leitoras o desafio e prazer que foi planejar, executar e finalizar esta obra. Além disso, o uso das palavras não visa maquiagem as imperfeições estéticas frente aos olhos detalhistas de especialistas que procuram perfeição.

Nosso remate, usando a metáfora de todo tipo de construção, seja ela manual ou industrial, de maiores ou menores portes, é no sentido de um diálogo com leitores e leitoras, principalmente com aqueles e aquelas que iniciam sua leitura pelo fim do livro, instigando que se aventurem em todos os ambientes da obra finalizada.

Para um emolduramento da peça que entregamos a quem fará uso dela, dividimos as extensas páginas em 2 compartimentos não simétricos. Um primeiro, com dois espaços que alocam a prosa, ambiente ideal para uma boa conversa. Um espaço com 42 crônicas e outro com 44 contos. No segundo compartimento, os/as visitantes irão encontrar 4 breves divisões organizadas por temáticas das estações do ano. Quem adentrar esses ambientes, poderá interagir com a poesia: 14 poemas em cada espaço, seguidos ainda de um último espaço poético, com subjetividades diversas. Intercalando estas divisões, os leitores e leitoras poderão viajar na decoração, com pinturas que foram selecionadas com a função de ampliar

as possibilidades de sentidos verbo-visuais a gosto de quem as visualizam na passagem por elas.

As cores, que geralmente são utilizadas para tornar os ambientes ou a peça mais bonita, elegante ou aprazível, ganham outra conotação na nossa peça, ou seja, a tonalidade do preto e branco, com a sobriedade que desejarem aqueles que entrarem em contato com elas. Ainda, estas podem servir de motivo para se pensar as cores que faltaram nestas estações ou a que foi exacerbada, e por isso não utilizada aqui explicitamente.

Todas as divisões feitas na peça não têm o intuito de separar os ambientes internos de cada uma, mas dar uma estética de conjunto de sentidos, de desejos, experiências e convivências comuns, expressos de maneiras diferentes por aqueles que as habitam, desde sua porta de entrada principal.

Para maior conforto, cada ambiente conta com a amigável presença de um anfitrião ou uma anfitriã, que conduzirá os/as visitantes pelos espaços, não para explicar a construção, mas apresentando os ambientes de maneira que os que neles adentrarem sintam-se curiosos e estimulados a conhecer seus detalhes.

Por fim, não se trata de uma peça para ostentar, estimular o bom humor, tampouco promover divertimento. Todavia, os que desbravarem esses ambientes podem encontrar muito espaço para a reflexão, algum reconforto, refúgio e, por que não, catarse, no diálogo com todos os habitantes desses espaços construídos para compartilhar as sensações, emoções e expectativas de tristes tempos de pandemia, tema que une todos os presentes nestes espaços criados.

Assim, fizemos desta obra final moradia personalizada de muitos que queriam dizer algo em comum, e só conseguimos isso porque estávamos juntos em uma única voz, mas em heterodiscurso.

Para quem já entrou nesta casa, agradecemos sua passagem por aqui esperando que volte sempre. Para quem ficou apenas olhando suas instalações de fora dela, fique à vontade para uma visita: esta casa também é sua!

SOBRE OS ORGANIZADORES



Kátia Cilene Silva Santos Conceição

Natural do Pará, professora de Língua Inglesa no Colegiado de Letras do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. Mestre em História da Literatura (FURG), Doutora em Letras (UFF) e Pós-doutorada em Estudos da Linguagem (UTFPR-Pato Branco). Idealizadora e coordenadora do projeto Núcleo de Ensino e Pesquisa em Língua e Literatura (NEPLLI), do IFPR-Palmas. Membro do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – e do NAC – Núcleo de Arte e Cultura, do IFPR-Palmas. Dedicada aos estudos do discurso, com base na linha russa, de M. Bakhtin. Escritora de ficção nas horas vagas e amante da leitura em tempo integral. Eis algumas definições de uma identidade sempre em construção.



Jean Marcel Oliveira Araújo

Natural da cidade de Santo Estevão, Bahia, doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Autor do livro **Negra, mas limpinha: urbanização e controle social em Salvador-Bahia-Brasil** (2015). Coorganizador do livro **Poéticas de SerTão: diálogos literários em sala de aula** (2020). Atualmente é professor da Educação Básica, atuando no Ensino Fundamental II e Ensino Médio em Santo Estêvão/BA.

SOBRE OS COLABORADORES



Janaina Camargo Roncen

Palmense (PR). Formada em Letras Português-Inglês pelo Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas. Participou como autora e Ilustradora nos livros do projeto NEPLLI: “Como um pássaro a esvoaçar: a literatura de autoria feminina como prática teórica e na sala de aula”, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição e Jacob dos Santos Biziak, (2017); Diásporas do Imaginário: deslocamentos em verso e prosa, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição (2019); e Poéticas do SerTão: diálogos literários em sala de aula, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição e Jean Marcel Oliveira de Araújo. (2020). Participou também como autora no livro Nós (em) Butler”, organizado por: Jacob dos Santos Biziak, Douglas Colombelli Parra Sanches (curadoria artística) em 2020, com um manifesto artístico intitulado "Fome"



Flávia Aniger

Mineira radicada na Bahia, tem doutorado em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (2009), e mestrado em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2002). É professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de Guimarães Rosa, intertextualidade, amor na literatura, leitura literária.

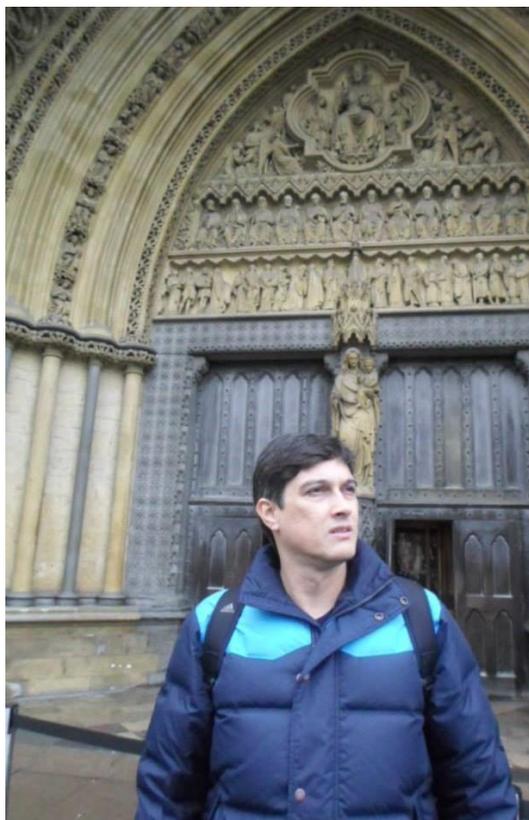


Aline de Oliveira, como prefere ser chamada, é natural de uma cidadezinha no interior de São Paulo, onde, de fato, nunca morou. Passou muito tempo de sua vida em Assis, também interior de São Paulo, com a qual se identifica e presta homenagem por ser a cidade que possibilitou seu ingresso na Universidade. Depois de 13 anos na UNESP de Assis, estudando literatura no curso de Letras, passou a atuar na rede de ensino Federal do IFPR, onde leciona sua paixão: literatura brasileira!



Alana de Oliveira Freitas El Fahl

Professora Titular de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade Estadual de Feira de Santana. Atua na Graduação em Letras e nos Mestrados em Estudos Literários e Profletras. Pós-Doutorado na Universidade Federal da Bahia sobre as relações entre Telenovela e Literatura do século XIX (2019). Doutora em Teorias e Críticas da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (2009), Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2003), Especialista em Metodologia e Ensino da Língua Portuguesa (1999) e Graduada em Letras Vernáculas (1997). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Portuguesa e Brasileira, Prosa, Conto, Crônica, Eça de Queirós, Machado de Assis, Relações intertextuais e Ensino de Literatura. É coordenadora do projeto de pesquisa Janela de Tomar: Matrizes Culturais na Literatura Portuguesa e Brasileira. Autora do livro Singularidades narrativas: uma leitura dos contos de Eça de Queirós (2012) e do livro de crônicas “Nós que apagamos a lua” (2018). É membro do Grupo Eça. Criadora do blog Entretelas.blog.br e do [@entretelasblog](https://www.instagram.com/entretelasblog).

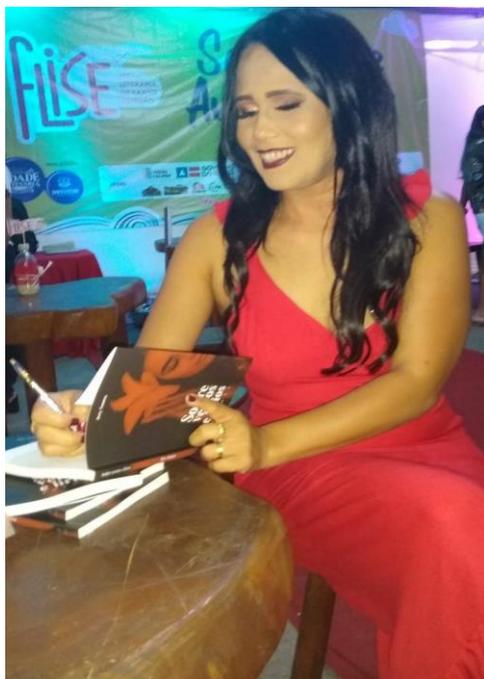


Rodrigo Batista de Almeida

Natural de Ponta Grossa (PR). Farmacêutico pela UEPG (1997) e Mestre em Ciências Farmacêuticas pela UFRGS (2003). Graduado e Letras Português/Inglês (IFPR). É professor do Curso de Farmácia do Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus Palmas, desde agosto de 2010.



Érica Azevedo encontrou abrigo nas palavras ainda criança. É graduada em Letras Vernáculas e Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É escritora e professora. Participou de diversas coletâneas. Autora de *Vida em poesias* (Edições MAC/ Feira de Santana, 2002), *Outros eus* (Kalango, 2013), *A chuva e o labirinto* (Mondrongo, 2017), *Cata-vento de Sonhos* (Mondrongo, 2019).



Josimeire dos Santos Brazil nasceu em Santo Estêvão, em 13 de maio de 1978. Graduada em Letras pela UEFS, Mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). É Professora e Poeta. Josy Santos, (como assina em seus escritos) não entende outro modo de ver o mundo além dos óculos da poesia. Expõe inquietudes e levezas de um olhar atento. Admira o universo das artes e ama a palavra, o verbo, o verso. Tem publicações nas Antologias, *Confraria Poética Feminina* (2016), *Mapa da Palavra - BA*, (2016), *Imagens Imaginários Movimentos* (2016), *Confraria Poética - Além da Estampa* (2017), *Agenda Poética* (2017), *Gotas Poéticas* (2017), *Confraria Poética Feminina* (2018), *O Sarau* (Doze Poetas Viscerais Recitando na Boca da Noite), (2018), *Literarte Celebra O Nordeste Brasileiro* (2019). Publicou pela Editora Penalux seu livro de poesias, intitulado *Sobre Versos e Lírios* (2019).



Karen S. S. Conceição

Natural do Rio de Janeiro (RJ), formada em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas (2018), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pelo Centro Universitário Internacional (2019), Mestranda em Estudos Discursivos pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2022). Atuou como professora de Língua Inglesa na rede privada e como professora de Língua Portuguesa/Inglesa e Literatura no Instituto Federal do Paraná – Campus Capanema. É tradutora e ficcionista.



Rafaela Viana Sêrpa

Nascida em uma cidadezinha no interior do Paraná, formada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pelo Instituto Federal do Paraná – Campus Palmas, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa Pelo Centro Universitário Internacional. Atualmente, mestranda em Estudos Discursivos pela Universidade do Oeste do Paraná – Cascavel. cursou Técnico em Formação de Docente no Colégio Estadual João XXIII e foi professora da rede pública e privada de Educação Infantil e Ano Iniciais, também atuou como professora de Língua Portuguesa/Inglesa e Literatura no Instituto Federal do Paraná – Campus Capanema. Também é ficcionista.



Luciano Barfknecht

Nascido em Palmas, Paraná, é graduado em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, e em Letras, habilitação em Português, Inglês e suas respectivas literaturas. É especialista em Comunicação Estratégica e Redes Sociais. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Empresarial. Lecionou Língua Inglesa no Ensino Fundamental II entre 2014 e 2015, quando então passou a fazer parte do quadro efetivo de servidores públicos do Instituto Federal do Paraná (IFPR), como Técnico-administrativo em Educação. Foi bolsista do Programa Rede e-Tec Brasil/Bolsa-Formação/Pronatec, no âmbito do IFPR – *Campus* Palmas, de 2018 a 2019, na função de Professor Mediador Presencial no curso Técnico em Vendas, na Modalidade EaD. Participou, dentre outras obras, da produção fotográfica do livro *Histórias de um universitário* (Editora Fragmentos) e da organização de capítulo fotográfico na produção *Poéticas de SerTão: diálogos literários em sala de aula* (Pedro & João Editores).



Mariana Cazella Maciel

Escritora homenageada no II Concurso Literário do projeto NEPLLI do IFPR-Palmas. Nascida em Palmas-PR, onde atualmente vive. Formada em Licenciatura em Teatro, mestre em educação, atuo como professora e palestrante, sobre assuntos referentes à educação, leitura e escrita literária. Sou autora das obras “Emanuel e seus brinquedos”, “Aimê e Seus fios de cachos” e “Inhos e Inhas”, publicados pela editora InVerso. Acredito que a importância de um projeto em meio a uma pandemia faz ver o quanto a nossa literatura salva vidas, e esse é um projeto que não trouxe a desistência e sim a insistência! Nunca podemos esquecer de que a leitura e a literatura transformam sonhos! Somos feitos de leitura, somos antes de tudo leitores!

O projeto NEPLLI – Núcleo de Ensino e Pesquisa em Língua e Literatura do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas – criado e coordenado pela professora Kátia Cilene Silva Santos Conceição, desde 2013 promove ações e atividades com o objetivo de estimular práticas de leituras e incentivar a escrita acadêmica e ficcional. O projeto tem como público-alvo a comunidade acadêmica e geral do IFPR-Palmas, a comunidade Palmense e região. O Núcleo periodicamente organiza eventos culturais com fins a promover a literatura e outras artes, entre eles Cine-fórums: Letras em debate, Sarau Literário, Programa de TV Online “Diálogos IFPR-Palmas, oficinas de escrita criativa, minicursos e palestras sobre leitura, escrita criativa e estudos do discurso. O Núcleo produziu três coletâneas sobre escrita criativa a partir dos trabalhos realizados com estudantes, servidores e parceiros que integram o projeto: “Como um pássaro a esvoaçar: a literatura de autoria feminina como prática teórica e na sala de aula”, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição e Jacob dos Santos Biziak, (2017); Diásporas do Imaginário: deslocamentos em verso e prosa, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição (2019); e Poéticas do SerTão: diálogos literários em sala de aula, organizado por: Kátia Cilene S.S. Conceição e Jean Marcel Oliveira de Araújo. (2020), todos publicados por Pedro & João editores.



ISBN 978-65-5869-284-3



9 786558 692843 >